

OSHO

AQUI E AGORA

**Sobre a Morte, o Morrer
e as Vidas Anteriores**

**AnDre
Advaita Samtusti
a_r_z_@terra.com.br**

Índice

CAPÍTULO 1. NÃO HÁ MAIOR MENTIRA QUE A MORTE

CAPÍTULO 2. VER A VIDA COMO UM SONHO

1^a. Pergunta: Podemos morrer plenamente consciente, mas como podemos ter uma consciência plena ao nascer?

- 2ª Pergunta: Que relação há entre a meditação e o jati-smaran, a lembrança das vidas anteriores?
- 3ª Pergunta: meu amigo, que é iogue, afirma que na vida anterior foi um pardal. É possível isso?

CAPÍTULO 3. TODO O UNIVERSO É UM TEMPLO

- 1ª Pergunta: Mostraste-nos o método da negação para conhecer a verdade ou o divino: o método de excluir todo o resto para conhecer o eu. É possível conseguir o mesmo resultado fazendo o contrário? Não podemos tentar ver deus em tudo? Não podemos senti-lo em tudo?
- 2ª Pergunta: Se a meditação conduzir ao samadhi e o samadhi conduz a Deus, que necessidade há então de ir aos templos? Não deveríamos suprimi-los?
- 3ª Pergunta: Vaga algumas vezes o atman (a alma ou a consciência) depois de abandonar o corpo?
- 4ª Pergunta: Esses seres que esperam nascer podem entrar no corpo de alguém e incomodar a esta pessoa?

CAPÍTULO 4. VOLTAR Para A FONTE

- 1ª Pergunta: Segundo o que há dito, podemos triunfar sobre a morte por meio da meditação ou do sadhana. Mas acaso não se produz o mesmo estado quando estamos dormidos? E em tal caso, por que não se pode vencer à morte por meio do sonho?
- 2ª Pergunta: No que se diferencia o que você chama meditação da autohipnósis?
- 3ª Pergunta: encontrei a Deus?
- 4ª Pergunta: O que significa "a liberação do ciclo da morte?"

CAPÍTULO 5. ENCONTREM SEU PRÓPRIO CAMINHO

- 1ª Pergunta: Há dito que não há verdade maior que a morte. Também há dito alguma vez que chamamos morte não existe. Qual das afirmações é verdadeira?
- 2ª Pergunta: As coisas que queremos suprimir, tais como as cadeias de a fé cega ou da superstição, ficam confirmadas ainda mais em seus bate-papos. Segundo o que diz parece ser que há vida depois da morte, que há deuses e fantasmas, que existe a transmigração do da alma. Nesse caso, será difícil livrar-se das superstições. Não se reforçarão ainda mais?
- 3ª Pergunta: Existe Deus? O que é a jivatman, a alma individual? Onde está o moksha? Quem criou o céu? Existe o inferno? por que apareceu o homem sobre a Terra? Qual é o objetivo da vida?

CAPÍTULO 6. O AMOR É PERIGOSO

- 1ª Pergunta: por que pensar na morte? Temos a vida: vamos viver a. Vivamos o presente. por que nos pôr a pensar na morte?
- 2ª Pergunta: Algumas pessoas se suicidam. O que pode dizer delas? Não têm medo à estas morte pessoas?

CAPÍTULO 7. EU ENSINO A VIDA PELA MORTE

- 1^a Pergunta: Está ensinando às pessoas a morrer? Está ensinando a morte?
Deveria ensinar, mas bem, a vida
- 2^a. Pergunta: vais ensinar nos a rejuvenescer nossos corpos? Vai a nos mostrar algum meio alquímico para nos voltar jovens de novo?
Então valeria a pena gastar o dinheiro para ir ali
- 3^a. Pergunta: O que é uma mente cheia de ilusões? O que é uma mente muito confusa? O que é a claridade mental?
- 4^a Pergunta: Que diferença há entre estar em meditação e praticar a meditação?

O AUTOR

CAPÍTULO 1

Não há maior mentira que a morte

A

MADOS:

Quando o homem conheceu algo, libera-se disso. E quando o homem chegou a conhecer algo, é capaz de triunfar sobre isso. Nosso fracasso e nossa derrota só se devem a nossa ignorância. A derrota se deve à escuridão: quando há luz, a derrota é impossível: a luz se converte em vitória.

O primeiro que queria lhes dizer da morte é que não há maior mentira que a morte. Mas, contudo, a morte parece verdadeira. Não só parece verdadeira, mas também parece, inclusive, que é a verdade cardeal da vida: parece que toda a vida está ordenada pela morte. Embora a esqueçamos, ou embora não a tenhamos em conta, a morte segue estando perto de nós por toda parte. A morte está até mais perto de nós que nossa sombra.

estruturamos nossas mesmas vistas a partir de nosso medo à morte. O medo à morte criou a sociedade, a nação, a família e os amigos. O medo à morte tem feito perseguir o dinheiro e nos tem feito ambicionar posições sociais mais elevadas. E o mais surpreendente é que nossos deuses e nossos templos também surgiram que medo à morte. Por medo à morte, há pessoas que rezam de joelhos. Por medo à morte, há pessoas que rezam a Deus com as mãos unidas e elevadas para o céu. E nada mais falso que a morte. Por isso, qualquer sistema de vida que tenhamos criado acreditando que a morte é verdadeira se converteu em falso.

Como conhecemos a falsidade da morte? Como podemos saber que não há morte? Enquanto não saibamos, não perderemos o medo à morte, nossas vidas seguirão sendo falsas. Enquanto exista o medo à morte, não poderá haver vida autêntica. Enquanto tremamos de medo para a morte, não poderemos aprovisionar a capacidade de viver nossas vidas. Só podem viver aqueles para os que a sombra da morte desapareceu para sempre. Como poderá viver uma mente assustada e tremente? E Como é possível viver quando parece que a morte se aproxima de cada instante? Como podemos viver?

Por muito que deixemos de ter em conta a morte, nunca a esquecemos de tudo. Não importa que levemos o cemitério aos subúrbios da cidade: a morte segue nos mostrando seu rosto. Todos os dias morre alguém; todos os dias se apresenta em alguma parte a morte e faz tremer os alicerces mesmos de nossas vidas.

Quando vemos que se produz a morte, somos conscientes de nossa própria morte. Quando choramos a morte de alguém, não só nos faz chorar a morte dessa pessoa, mas também também a lembrança renovada da nossa própria. Não só sentimos dor e pena pela morte de outra pessoa, mas sim pela possibilidade aparente da nossa própria. Toda morte que acontece é, ao mesmo tempo, nossa própria morte. E Como podemos viver, enquanto sigamos rodeados da morte? Viver desta forma é impossível. Assim não podemos conhecer o que é a vida: nem sua alegria, nem sua beleza, nem sua bênção. Assim não podemos alcançar o templo de Deus, a verdade suprema da vida.

Os templos que se criaram por medo à morte não são os templos de Deus. As orações que se composto por medo à morte tampouco são orações dirigidas a Deus. Só o que está cheio da alegria da vida alcança o templo de Deus. O reino de Deus está cheio de alegria e de beleza, e os sinos do templo de Deus só repicam para os que estão liberados dos temores de todo tipo, para os que se tiraram de cima todos os medos.

Isto faz parecer difícil, dado que nós gostamos de viver com medo. Mas isto não é possível: só pode ser verdadeira uma das duas coisas. Recordem: se a vida for verdadeira, então a morte não pode ser verdadeira; e se a morte é verdadeira, então a vida não será mais que um sonho, uma mentira: então a vida não pode ser verdadeira. As duas coisas não podem existir simultaneamente. Mas aferramos às duas coisas de uma vez. Temos a sensação de que estamos vivos e temos além disso a sensação de que estamos mortos. ouvi falar de um faquir que vivia em um vale longinquo. Muita gente ia visitar o para lhe fazer perguntas. Uma vez, um homem chegou ante ele e lhe pediu que lhe explicasse algo a respeito da vida e da morte. O faquir disse:

-Convido-te a aprender sobre a vida: minha porta está aberta. Mas se quer aprender sobre a morte deve ir a outra parte, porque eu não morri nem morrerei nunca. Não tenho experiência com a morte. Se quer aprender sobre a morte, pergunta aos que morreram, pergunta aos que já estão mortos.

O faquir riu e seguiu dizendo:

-Mas como poderá perguntar aos que já estão mortos? E se me pede a direção de um morto, não lhe posso dar isso Pois desde que cheguei ou seja que não posso morrer, também sei que ninguém morre, que ninguém morreu jamais.

Mas como podemos acreditar neste faquir? Todos os dias vêem morrer a alguém; a morte se apresenta diariamente. A morte é a verdade suprema; faz-se visível penetrando até o centro de nosso ser. Podemos fechar os olhos, mas, por longe que dela estejamos, segue visível. Por muito que nos dela separemos, por muito que dela fuçamos, segue nos rodeando. Como podemos demonstrar a falsidade desta verdade?

É obvio, algumas pessoas tentam demonstrar sua falsidade. Solo por seu medo à morte, a gente acredita na imortalidade da alma: por puro medo. Não sabem: limitam-se a acreditar. Todas as manhãs, algumas pessoas se sintam em um templo ou em uma mesquita e repetem: "Ninguém morre: a alma é imortal." equivocam-se ao acreditar que a alma se fará imortal pelo mero feito de repetir as palavras "a alma é imortal". A morte nunca se volta falsa por estas repetições: só conhecendo a morte é possível demonstrar sua falsidade.

Recordemos que isto é muito estranho: sempre aceitamos o oposto ao que não deixamos de repetir. Quando alguém diz que é imortal, que a alma é imortal; quando repete isto, não faz mais que indicar que sabe, muito dentro de si, que morrerá, que terá que morrer. Se soubesse que não tem que morrer, não teria que falar tanto da imortalidade; só os que têm medo seguem repetindo-o. E verão que a gente teme à morte naqueles países, naquelas sociedades que mais falam da imortalidade. Em nosso país se fala incansavelmente da imortalidade da alma; mas há alguém na Terra que tema à morte mais que nós? Ninguém teme à morte mais que nós! Como podemos reconciliar estes dois extremos?

É possível que um povo que acredita na imortalidade da alma caia na escravidão? Preferiria a morte; estaria disposto a morrer, pois saberia que não há morte. Os que sabem que a vida é eterna, que a alma é imortal, seriam os primeiros que chegariam à Lua! Seriam os primeiros que escalariam o Everest! Seriam os primeiros que explorariam as profundidades do oceano Pacifico! Mas não: nós não somos desses. Nem escalamos o Everest, nem chegamos à Lua nem exploramos as profundidades do oceano Índico. E nós somos o povo que acredita na imortalidade da alma! Em realidade, dá-nos tanto medo a morte que, por medo a ela, não deixamos de repetir: "A alma é imortal". E

nos fazemos a ilusão de que, à força de repeti-lo, possivelmente se faça realidade. Nada se faz realidade à força de repeti-lo.

Não é possível negar a morte a apóie de repetir que a morte não existe. Teremos que conhecer a morte, teremos que nos encontrar com ela, teremos que vivê-la. Terão que lhes familiarizar com ela. Mas, em vez disso, não deixamos de fugir da morte. Como podemos vê-la? Quando vemos a morte, fechamos os olhos.

Quando passa um funeral pela rua, a mãe encerra em casa a seu filho e lhe diz: "Não saia: morreu alguém". Incineramos os cadáveres nos subúrbios dos povos para que ninguém o veja, para que não tenhamos a morte ali mesmo, ante nossos olhos. E se falarmos com alguém da morte, a outra pessoa nos proíbe que toquemos esse tema.

Uma vez convivi com um sannyasin. Ele falava todos os dias da imortalidade da alma. Eu lhe perguntei:

-Dá-te conta de que te está aproximando da morte?

Ele me respondeu:

-Não diga coisas de mau agouro. Não é bom falar dessas coisas.

Eu lhe disse:

-Se uma pessoa disser, por uma parte, que a alma é imortal, mas por outro lado lhe parece de mau agouro falar da morte, então está confundindo-o tudo. Não deve encontrar nada temível, nenhum mau augúrio, nada mau, em falar da morte: pois, para ele, não há morte.

-Embora a alma é imortal, eu prefiro não falar da morte para nada –me disse ele-. Não devemos falar de coisas tão carentes de significado e tão ameaçadoras.

Todos fazemos o mesmo: damos as costas à morte e fugimos dela.

H

E OUVIDO CONTAR O SEGUINTE: Certo dia, em um povo, um homem se voltou louco. Era uma tarde calorosa e o homem andava sozinho por um caminho afastado. Andava com bastante pressa, tentando não assustar-se: é possível assustar-se quando há alguém, mas como pode assustar-se alguém quando não há ninguém? Mas nos assustamos quando não há ninguém. Em realidade, temo-nos medo a nós mesmos, e quando estamos sozinhos o medo é ainda maior. A ninguém tememos mais que a nós mesmos. Temos menos medo quando nos acompanha alguém, e mais medo quando ficamos sozinhos.

Aquele homem estava sozinho. assustou-se e pôs-se a correr. Tudo estava tranqüilo e silencioso: era pela tarde; não havia ninguém. Quando começou a correr mais depressa, percebeu o som de uns pés que corriam detrás dele. Invadiu-o o pânico: pensou que alguém o seguia. Cheio de temor, olhou atrás de reajo e viu que o perseguia uma larga sombra. Era sua própria sombra; mas, quando viu que o perseguia uma sombra larga seguiu correndo mais depressa ainda. Aquele homem não podia deter-se, porque, quanto mais corria, mais depressa corria a sombra detrás dele. Por último, o homem se voltou louco. Mas há pessoas que veneram inclusive aos loucos.

Quando a gente o via passar correndo pelos povos, acreditavam que seguia alguma grande prática ascética. Jamais se detinha, salvo na escuridão da noite, quando desaparecia a sombra e ele acreditava que não tinha a ninguém detrás. Mais tarde, não se detinha sequer de noite, pois pensava que apesar de tudo o que tinha deslocado pelo dia a sombra o alcançava enquanto ele descansava de noite, para persegui-lo de novo à manhã seguinte. De modo que seguia correndo até de noite.

Ao fim se voltou completamente louco; não comia nem bebia. Milhares de pessoas o viam correr e lhe arrojavam flores; alguns entregavam um pedaço de pão ou um pouco de água. A gente o venerava cada vez mais; milhares de pessoas lhe apresentavam seus respeitos. Mas o homem estava cada vez mais enlouquecido, até que, um dia, caiu ao chão e morreu. Os habitantes do povo onde tinham morrido cavaram sua tumba sob a sombra de uma árvore e pediram a um velho faquir do povo que gravasse na lápide uma inscrição. O faquir escreveu uma linha na lápide.

Ali segue a tumba, em um povo, em alguma parte. É possível que a vejam algum dia. Leiam a linha. O faquir escreveu na lápide: "Jaz aqui um homem que fugiu de sua sombra toda sua vida; que esbanjou toda sua vida fugindo de uma sombra. E esse

homem não sabia sequer tanto como sabe sua lápide. Pois a lápide está na sombra e não corre, assim não faz sombra.”

Nós corremos também. Podemos nos assombrar de que um homem fuja de sua própria sombra; mas também nós fugimos de sombras. E aquilo do que fugimos também fica a nos perseguir. Quanto mais corremos, mais depressa nos segue, pois é nossa própria sombra.

A morte é nossa própria sombra. Se fugirmos dela, não seremos capazes de nos plantar ante ela e de reconhecer o que é. Se aquele homem se deteve e tivesse visto o que tinha detrás, possivelmente se tivesse posto-se a rir e houvesse dito: “Quem sou eu, que fujo de uma sombra?” Ninguém pode escapar de uma sombra; ninguém pode, sequer, lutar com uma sombra e vencê-la. Mas isto não quer dizer que a sombra seja mais forte que nós, nem que não possamos vencer nunca; quão único quer dizer é que não há sombra, que não é uma questão de vencer. Não podemos triunfar sobre o que não existe. Por isso se segue deixando derrotar a gente pela morte: porque a morte não é mais que uma sombra da morte.

Enquanto a vida avança, sua sombra a segue também. A morte é a sombra que se forma detrás da vida, e nós não queremos nunca voltar a vista atrás para ver o que é. Temos cansado esgotados muitas vezes, depois de ter realizado esta carreira uma e outra vez. Não é que tenham chegado a esta arremata pela primeira vez: podem ter estado aqui antes; possivelmente não fora esta borda; seria alguma outra borda. Possivelmente não fora este corpo: seria algum outro corpo. Mas a carreira deveu ser a mesma. As pernas deveram ser as mesmas; a carreira deveu ser a mesma.

Vivemos muitas vidas carregando com o medo à morte, mas não somos capazes de reconhecê-la nem de vê-la. Estamos tão assustados e tão cheios de medo que, quando se aproxima a morte, quando sua sombra total se abate sobre nós o medo nos deixa inconscientes. Em geral, ninguém se mantém consciente no momento da morte. Se nos mantivéramos conscientes por uma vez, o medo à morte desapareceria para sempre. Se uma pessoa visse, embora só fora uma vez, o que é morrer, o que acontece na morte, a seguinte vez não teria medo à morte porque não haveria morte. Isto não quer dizer que triunfaria sobre a morte: só podemos triunfar sobre as coisas que existem. Pelo simples feito de conhecer a morte, esta desaparece. Então não fica nada sobre o que triunfar.

morremos muitas vezes, mas cada vez que se produziu a morte nos ficamos inconscientes. Isto se parece com quando o médico ou o cirurgião nos anestesia antes de nos operar para que não sintamos a dor. Temos tanto medo a morrer que no momento da morte ficamos inconscientes voluntariamente. Ficamos inconscientes um pouco antes de morrer. Morremos inconscientes, e depois renascemos em um estado de inconsciência. Não vemos a morte nem vemos o nascimento; por isso, nunca somos capazes de compreender que a vida é eterna. O nascimento e a morte não são mais que paradas onde nos trocamos de roupa ou trocamos de cavalos.

Antigamente, quando não havia ferrovias, a gente viajava de diligências de cavalos. Passavam pelos povos e, quando os cavalos estavam cansados, trocavam-nos na posta por cavalos de refresco. Quando chegavam ao povo seguinte voltavam a trocar de cavalos. Mas os que trocavam de cavalos não advertiam nunca que o que faziam era como morrer e voltar a nascer, porque quando trocavam de cavalos estavam plenamente conscientes.

Algumas vezes acontecia que um cavaleiro viajava depois de ter bebido. Quando olhava a seu redor nesse estado, perguntava-se como tinha trocado tudo, como era que tudo parecia tão diferente. ouvi dizer que certo cavaleiro bêbado chegou a dizer-se: “É possível que eu tenha trocado também? Nem sequer me parece que este seja o mesmo cavalo que levava antes. É possível que me tenha convertido em um homem diferente?”

O nascimento e a morte não são mais que postas onde se troca de veículo: onde se deixam atrás os veículos velhos, onde se abandonam os cavalos cansados e se tomam outros de refresco. Mas ambos os atos têm lugar em nosso estado de inconsciência. E a pessoa cujo nascimento e cuja morte se produzem neste estado de inconsciência não pode viver uma vida consciente: realiza sua vida quase em um estado semiconsciente, quase em um estado de semivigília.

O que quero dizer é que é fundamental ver a morte, compreendê-la, reconhecê-la. Mas isto só é possível quando morremos; só podemos vê-lo quando estamos

morrendo. Então, o que faremos agora? E se só vemos a morte quando estamos morrendo, então não temos maneira de compreendê-la, pois no momento da morte estaremos inconscientes.

Sim: podemos fazer algo agora. Podemos realizar o experimento de entrar na morte por vontade própria. E posso dizer que a meditação ou samadhi não é nada mais que isso. A experiência de entrar voluntariamente na morte é a meditação, o samadhi. O fenômeno que se produzirá automaticamente um dia ao deixar o corpo podemos produzi-lo voluntariamente criando um distanciamento, dentro de nós, entre o eu e o corpo. Assim, deixando o corpo de dentro, podemos conhecer o sucesso da morte, podemos conhecer o acontecimento da morte. Podemos conhecer a morte hoje, esta tarde, porque o acontecimento da morte significa simplesmente que nossa alma e nosso corpo conhecerão, nessa viagem, a mesma distinção entre ambos que se produzem quando o viajante deixa atrás seu veículo e prossegue sua viagem.

H

E OUVIDO CONTAR que um homem foi visitar um faquir muçulmano, o xeque Farid, e lhe disse:

-ouvimos dizer que quando cortaram ao Mansoor as mãos e as pernas ele não sentiu dor.

É difícil de acreditar. Até um espinho dói quando nos cravamos isso no pé. Como não vai doer que a um cortem as mãos e as pernas? Parece que todos esses relatos são umas fantasias. diz-se –acrescentou também o homem- que quando cravaram ao Jesus na cruz ele não sentiu nenhuma dor. E pôde dizer suas últimas orações. É difícil de acreditar o que disse Jesus em seus últimos momentos, sangrando e nu, ferido de espinheiros, com as mãos cravadas!

Jesus disse: “Perdoa-os, porque não sabem o que fazem.” Devem ter ouvido esta frase. E todas as gente de todo o mundo que acreditam em Cristo a repetem continuamente. A frase é muito singela. Jesus disse: “Senhor, perdoa-os, porque não sabem o que fazem”. As pessoas que lêem esta frase revistam entender que Jesus diz que aquelas pobres gente não sabiam que estavam matando a um homem bom como era ele.

Não: aquilo não era o que queria dizer Jesus. O que queria dizer Jesus era o seguinte: “Estas gente insensíveis não sabem que a pessoa a que estão matando não pode morrer. Perdoa-os, porque não sabem o que fazem. Fazem algo impossível: estão cometendo o ato de matar, que é impossível.”

-É difícil acreditar que uma pessoa a que estão a ponto de matar manifestasse tanta compreensão –disse aquele homem- Em realidade, estaria cheio de ira.

Farid soltou uma gargalhada e disse:

-expuseste uma boa pergunta, mas te responderei mais tarde. Primeiro, me faça um pequeno favor.

Tomou um coco que estava no chão perto dele, o entregou e lhe pediu que rompesse a casca com cuidado de não danificar a polpa.

Mas o coco estava verde, e o homem disse:

-Perdoa: não posso fazê-lo. O coco está completamente verde, e se romper a casca se danificará também a polpa.

Farid lhe pediu que deixasse a um lado o coco. Depois lhe entregou outro coco, que estava amadurecido, e lhe pediu que rompesse a casca.

-Pode salvar a polpa? –perguntou-lhe.

E o homem respondeu:

-Sim: posso salvar a polpa.

-Dei-te uma resposta –disse Farid- Compreendeste-me?

-Não compreendi nada –respondeu o homem-. O que tem que ver um coco com sua resposta? O que tem que ver o coco com minha pergunta?

-Deixa também este coco –disse Farid-. Não faz falta rompê-lo, nem nenhum outro. O que te estou indicando é que há um coco verde que tem a casca unidas e a polpa: se se golpear a casca, danifica-se também a polpa. E também há um coco amadurecido. No que se diferencia o coco amadurecido do coco verde? Há uma ligeira diferença: a polpa do coco amadurecido se encolheu no interior e se separou que a

casca: a casca se separou da polpa. Agora, como você diz, pode-se romper a casca salvando a polpa. Assim respondi a sua pergunta!

-Sigo sem entendê-lo –disse o homem.

-Vê, morre e compreende –disse o faquir-; de outro modo não poderá seguir o que estou dizendo. Mas nem sequer então será capaz de seguir minhas palavras, porque no momento da morte ficará inconsciente. Um dia se separará a casca da polpa, mas nesse momento ficará inconsciente. Se quer compreender, começa agora a separar a polpa da casca: agora, enquanto está vivo.

Se a casca (o corpo) e a polpa (a consciência) separam-se neste mesmo instante, acaba-se a morte. Com a criação deste distanciamento chegarão ou seja que a casca e a polpa são duas coisas independentes: que sobrevivem embora se rompa a casca, que não há possibilidade de que lhes desagreguem, de que desapareçam. Nesse estado, embora aconteça a morte, não poderá penetrar dentro de vós: acontecerá fora de vós. O que são vós sobreviverá.

Este é o significado mesmo da meditação ou samadhi: aprender a separar a casca da polpa. podem-se separar porque são coisas independentes. podem-se conhecer por separado porque são coisas independentes. Por isso chamo eu à meditação uma entrada voluntária na morte, encontra-se com ela e chega ou seja que “a morte está ali, mas eu sigo aqui”.

S

ÓCRATES ESTAVA A ponto de morrer. aproximavam-se os últimos momentos: já estavam preparando o veneno para matá-lo. Ele perguntava uma e outra vez:

-Faz-se tarde, quando terminarão de preparar o veneno? Seus amigos choravam e lhe diziam:

-Está louco? Queremos que vivas um pouco mais. subornamos ao que tem que preparar o veneno: persuadimo-lo para que trabalhe devagar.

Sócrates saiu e disse ao que preparava o veneno:

-Está demorando muito. Parece que não sabe fazê-lo. É novo no ofício? Alguma vez tinha preparado veneno? Alguma vez tinha administrado veneno a um condenado?

-Levo administrando veneno toda minha vida –disse o homem-, mas nunca tinha visto um louco como você. por que tem tanta pressa? Estou-o preparando devagar para que possa respirar um pouco mais, para que vivas um pouco mais, para que conserve a vida um pouco mais. E você não deixa de dizer loucuras, de dizer que se faz tarde. por que tem tanta pressa por morrer?

Tenho muita pressa porque quero ver a morte –disse Sócrates- Quero ver como é a morte. E também quero ver, mesmo que se tenha produzido a morte, se eu sobreviver ou não. Se não sobreviver, acabou-se toda a questão; e se sobreviver, então se acabou a morte. Em realidade, quero ver quem morrerá com a morte: morrerá a morte, ou morrerei eu? Quero ver se sobreviverá a morte ou se serei eu o que sobreviva. Mas como poderei ver isto se não ser estando vivo?

Entregaram ao Sócrates o veneno. Seus amigos começaram a chorar por ele: não estavam em seu são julgamento. E que fazia Sócrates? Dizia-lhes:

-O veneno chegou aos joelhos. Tenho as pernas completamente mortas até os joelhos: se me cortassem isso, não me inteiraria. Mas, meus amigos, direi-lhes que embora tenha mortas as pernas sigo vivo. Isto significa que uma coisa é segura: eu não era minhas pernas. Sigo aqui; estou aqui completamente. Nada em mim se há dissolvido ainda. Agora perdi as duas pernas –seguiu dizendo Sócrates-; tudo terminou até minhas pantorrilhas. Se me cortassem as pernas pelas pantorrilhas não sentiria nada. Mas eu sigo aqui! E aqui estão meus amigos, que seguem chorando!

-Não chorem –diz Sócrates- Olhem! Hei aqui uma oportunidade para vós: um homem se está morrendo e lhes está informando que segue vivo. Podem me cortar as pernas inteiras, e nem sequer assim estarei morto; mesmo assim seguirei aqui. Também me estão insensibilizando as mãos; minhas mãos também morrerão. Ah! Quantas vezes me identifiquei com estas mãos, com estas mesmas mãos que agora me estão deixando! Mas eu sigo aqui.

E Sócrates segue falando assim enquanto morre.

-Lentamente, tudo se pacifica –diz-; tudo se afunda, mas eu sigo intacto. dentro de um momento possivelmente não seja capaz de seguir lhes informando, mas não criei por isso que já não estou. Pois se eu estiver aqui depois de perder tanto de meu corpo, como poderia me chegar o fim por perder um pouco mais do corpo? Possivelmente não seja capaz de lhes informar (pois isso só é possível através do corpo), mas eu permaneceréi.

No último momento, diz:

-Agora, possivelmente lhes digo o último: falha-me a língua. Não poderei lhes dizer uma só palavra mais, mas ainda lhes digo que existo.

Até o último momento da morte seguiu dizendo: "Sigo vivo".

T

AMBIÉN NA MEDITAÇÃO devemos entrar lentamente no interior. E as coisas começam a desprender-se gradualmente, uma atrás de outra. cria-se um distanciamento com todas e cada uma das coisas, e chega um momento em que se sente que tudo está longe, afastado. Alguém se sente que o cadáver de outra pessoa está tendido na borda, mas a gente existe. O corpo está ali tendido, mas não existe: separado, totalmente independente e diferenciado.

Quando conhecemos em vida a experiência de ver a morte cara a cara, já não temos nada que ver com a morte. A morte seguirá vindo, mas será como fazer uma parada; será como trocar-se de roupa, será como tomar cavalos de refresco, como ficar um corpo novo e empreender uma nova viagem, por novos caminhos, para mundos novos. Mas a morte nunca será capaz de nos destruir. Isto só se pode saber encontrando-se com a morte. Teremos que conhecê-la; teremos que passar por ela.

Como temos tanto medo à morte, nem sequer somos capazes de meditar. Muitas pessoas vêm para mim e me dizem que são incapazes de meditar. Como posso lhes dizer que seu problema verdadeiro é outro? Seu problema verdadeiro é o medo à morte... e a meditação é um processo de morte. Em estado de meditação total chegamos ao mesmo ponto ao que chega um morto. A única diferença é que o morto chega ali em estado de inconsciência, enquanto que nós chegamos ali conscientemente. Esta é a única diferença. O morto não tem conhecimento do que passou, de como se rompeu a casca e sobreviveu a polpa. O buscador que pratica a meditação sabe que a casca e a polpa se separaram.

O motivo fundamental que impede às pessoas praticar a meditação é o medo à morte: não há outro motivo. Os que temem à morte não podem entrar nunca no samadhi. O samadhi é um convite voluntário à morte. convida-se à morte: "Vêem: estou preparado para morrer. Quero saber se sobreviveréi ou não depois da morte. E é melhor que saiba estando consciente, porque não poderei saber nada se o fato se produz estando inconsciente."

assim, o primeiro que lhes digo é que enquanto sigam fugindo da morte esta lhes seguirá vencendo; e que o dia em que lhes plantem e saiam ao encontro da morte, nesse mesmo dia lhes deixará a morte, mas vós permaneceréis.

Nestes três dias só lhes falarei das técnicas por meio das quais podem lhes encontrar com a morte. Espero que nestes três dias muitos cheguem ou seja morrer, muitos serão capazes de morrer. E se sabem morrer aqui, nesta borda... E estamos em uma praia incrível. Krishna caminhou um dia por estas areias: o mesmo Krishna que disse a Arjuna, durante certa guerra: "Não se preocupe; não tema. Não tenha medo a matar ou a ser matado, pois te digo que ninguém morre nem ninguém arbusto". Tampouco morreu ninguém nunca nem pode morrer ninguém jamais morrer ninguém jamais; e tudo o que morre, tudo o que pode morrer, já está morto. E o que não morre nem pode ser matado não tem maneira de morrer. E isso é a vida mesma.

Esta noite nos reunimos inesperadamente nesta praia pela que caminhou uma vez o mesmo Krishna. Estas areias viram caminhar a Krishna. A gente deveu acreditar que Krishna tinha morrido verdadeiramente, pois conhecemos a morte como a única verdade: para nós, todo mundo morre. Este mar, estas areias, nunca acreditaram que Krishna muriesse; este céu, estas estrelas e a Lua nunca acreditaram na morte da Krishna.

Em concreto, na vida não há lugar em nenhuma parte para a morte, mas todos acreditamos que Krishna tinha morrido. Acreditam- porque sempre nos persegue o pensamento de nossa própria morte. por que nos preocupa tanto o pensamento de nossa morte? Estamos vivos agora mesmo; portanto, por que temos tanto medo à morte? por que nos assusta tanto morrer? Em realidade, detrás deste medo há um segredo que devemos compreender.

detrás disso há uma certa aritmética, e esta aritmética é muito interessante. Nunca nos vimos morrer a nós mesmos. Vimos morrer a outros, e isso reforça a idéia de que também nós teremos que morrer. Por exemplo, uma gota de chuva vive no mar com outros milhares de gotas, e um dia os raios do sol caem sobre ela e se converte em vapor, desaparece. As demais gotas acreditam que morreu, e têm razão, porque viram à gota recentemente e agora desapareceu. Mas a gota existe ainda nas nuvens. Mas como vão ou seja o as demais gotas até que elas mesmas se convertam na nuvem? Para então, aquela primeira gota terá cansado ao mar e se converteu em gota de novo. Mas como podem saber isto as demais gotas até que elas mesmas empreendam essa viagem?

Quando vemos morrer a alguém de nosso entorno acreditam que as pessoas já não existem, que morreu uma pessoa mais. Não nos damos conta de que essa pessoa, simplesmente, evaporou-se, entrou no sutil e, continuando, empreendeu uma nova viagem: é uma gota que se evaporou para converter-se de novo em gota. Como vamos ver o? O único que nos parece é que se perdeu uma pessoa mais, que uma pessoa mais está morta. Assim, todos os dias morre alguém; todos os dias se perde alguma gota. E pouco a pouco nos invade a certeza de que também nós teremos que morrer, de que "também eu morrerei". Depois nos domina um temor: "Morrerei". Este temor nos domina porque estamos olhando a outros. Vivemos observando a outros, e este é nosso problema.

Ontem à noite contei a uns amigos um relato. Uma vez, um faquir judeu se alterou muito por seus problemas. Quem não se altera? A todos incomodam nossos infortúnios, e o que mais nos incomoda é ver felizes a outros. Também isto tem sua aritmética, a mesma aritmética de que falei em relação com a morte. Vemos nossa tristeza e vemos as caras de outros. Não vemos a tristeza em outros; vemos seus olhos alegres, os sorrisos em seus lábios. Se olharmos a nós mesmos, vemos que, apesar de ter problemas interiores, mantemos o sorriso exterior. Em realidade, o sorriso é uma maneira de ocultar a tristeza.

Ninguém quer dar amostras de que é infeliz. Se a pessoa não pode ser verdadeiramente feliz, ao menos quer dar amostras de que chegou a ser feliz, porque dar amostras de ser infeliz provoca grandes sentimentos de humilhação, de perda e de derrota. Por isso mantemos externamente um sorriso, e internamente ficamos como estamos. Interiormente se seguem acumulando as lágrimas; exteriormente praticamos nossos sorrisos. Assim, quando alguém nos olhe do exterior, encontra-nos sorridentes; mas quando essa pessoa olhe dentro de si mesmo encontra ali tristeza. E isso se converte em um problema para ele. Acredita que todo mundo é feliz, que solo ele é infeliz.

O mesmo acontecia a este faquir. Uma noite, em suas orações a Deus, disse:

-Não te peço que não me envie infelicidade, porque se merecer a infelicidade então devo recebê-la, sem dúvida; mas ao menos posso te pedir que não me envie tantos sofrimentos. Vejo que a gente ri no mundo e que eu sou o único que chora. Todo mundo parece feliz, e eu sou o único infeliz. Todo mundo parece alegre; eu sou o único triste, perdido na escuridão. Ao fim e ao cabo, que mal te tenho feito? me faça o favor, rogo-lhe isso: me entregue a infelicidade de alguma outra pessoa em troca da minha. Troca minha infelicidade pela de qualquer outro que queira, e a aceitarei.

Aquela noite, enquanto dormia, teve um sonho estranho. Viu uma mansão enorme em que havia milhões de ganchos. Entravam ali milhões de pessoas, e cada uma levava às costas um fardo de infelicidade. Ao ver tantos fardos de infelicidade se assustou muito e se desconcertou. Os fardos que levavam as demais pessoas eram muito semelhantes ao dele. Todos os fardos tinham exatamente o mesmo tamanho e forma. Sentiu uma grande confusão. Sempre tinha visto sorrir a seu vizinho; e todas as manhãs, quando o faquir lhe perguntava como partiam as coisas, este lhe dizia: "Tudo vai bem". E aquele homem carregava então com a mesma quantidade de infelicidade.

Viu políticos com seus seguidores, a gurús com seus discípulos, e todos chegavam com uma carga do mesmo tamanho. Os sábios e os ignorantes, os ricos e os pobres, os sãos e os doentes: todos levavam uma mesma carga em seus fardos. O faquir estava atônito. Via pela primeira vez os fardos: até então, só tinha visto as caras da gente.

de repente, uma forte voz encheu a sala: "Pendurem seus fardos!" Todos, até o faquir, fizeram o que lhes mandavam e penduraram seus fardos nos ganchos. Todos se apressaram a tirar-se de cima seus problemas; ninguém queria carregar com suas desgraças nem um segundo mais, e se nos brindasse essa mesma oportunidade, também os penduraríamos em seguida.

Depois se ouviu outra voz que dizia: "Agora, cada um de vós deve tomar o fardo que prefira." Podemos suspeitar que o faquir tomo imediatamente o fardo de outra pessoa. Mas não cometeu tal engano. Aterrorizado, apressou-se a tomar seu próprio fardo antes de que tomasse outra pessoa: do contrário, teria um problema, pois todos os fardos pareciam iguais. Pensou que era melhor carregar com seu próprio fardo: ao menos, o que havia em lhe resultava familiar. Quem sabe que desgraças havia nos fardos de outros? A desgraça que nos resulta familiar é um tipo menor de desgraça: é uma desgraça conhecida, uma desgraça reconhecível.

Assim, presa de pânico, correu a tomar seu próprio fardo antes de que ninguém mais pudesse lhe pôr as mãos em cima. Mas quando olhou a seu redor descobriu que todos outros tinham deslocado também a tomar seus próprios fardos; ninguém tinha eleito um fardo que não fora o seu. Perguntou:

-por que têm tanta pressa por tomar seus próprios fardos?

-Assustamo-nos –lhe responderam-. até agora, tínhamos acreditado que todos outros eram felizes, que só nós fomos desgraçados.

A todos os que interrogava o faquir naquela casa lhe respondiam que sempre tinham acreditado que todos outros eram felizes.

-Inclusive acreditávamos que você também foi feliz –lhe disseram-. Também você andava pela rua com um sorriso. Nunca imaginamos que também você levava dentro um fardo de desgraças.

O faquir perguntou, cheio de curiosidade:

-por que recolheram seus próprios fardos? por que não os trocaram por outros?

-Hoje, cada um de nós rezou a Deus lhe dizendo que queríamos trocar nossos fardos de desgraça –lhe responderam-. Mas quando vimos que as desgraças de outros eram iguais, tivemos medo: nunca nos tínhamos imaginado tal coisa. De modo que supusemos que era melhor recolher nosso próprio fardo. É familiar e conhecido. por que cair em desgraças novas? Com o tempo, também acostumamos às desgraças velhas.

Aquela noite ninguém recolheu um fardo que pertencesse a outra pessoa. O faquir despertou e deu graças a Deus misericordioso por lhe haver permitido recuperar suas velhas desgraças, e decidiu não pedir nunca mais uma coisa assim em suas orações.

Em realidade, isto se apóia na mesma aritmética. Quando olhamos as caras de outros e observamos nossa própria realidade, então é quando cometemos um grande engano. E em nossa visão da vida e da morte intervém a mesma aritmética errônea. Viram morrer a outros, mas nunca lhes viram morrer a vós mesmos. Vemos as mortes de outras pessoas, mas nunca chegamos ou seja se algo dessas pessoas sobrevive. Como ficamos inconscientes nesses momentos, a morte segue sendo uma estranha para nós. portanto, é importante que entremos voluntariamente na morte. Quando uma pessoa vê a morte uma só vez, libera-se dela, triunfa sobre a morte. Em realidade, não tem sentido dizer que venceu, porque não há nada que vencer. Então a morte se volta falsa; então a morte, simplesmente, não existe.

Se uma pessoa tiver que somar dois e dois e escreve "cinco" como resposta, ao dia seguinte descobre que dois e dois são quatro, poderia dizer que triunfou sobre o cinco e o converteu no quatro? Diria, mas bem, que não se tratava de triunfar: não havia cinco! O cinco era um engano dele, uma ilusão dela; seu cálculo era errôneo; o total era quatro: ele o tinha entendido como cinco, e aquele era seu engano. Quando a gente aprecia o engano, ali termina a questão. Aquela pessoa não poderia dizer-se: "Como posso me tirar de cima o cinco? Agora vejo que dois e dois são quatro, mas antes tinha obtido um cinco como soma. Como posso me liberar do cinco?" A pessoa

não pediria essa liberação, porque assim que a gente descobre que dois e dois são quatro, ali termina a questão. Já não há nenhum cinco. portanto, do que terá que liberar-se?

Não temos que nos liberar da morte nem temos que triunfar sobre ela. O que precisamos é conhecer a morte. O mesmo feito de conhecê-la-se converte em liberdade; o conhecimento mesmo se converte na vitória. Por isso pinjente antes que conhecer é poder, que conhecer é liberdade, que conhecer é vitória. O fato de conhecer a morte faz que se dissolva; então, de repente e pela primeira vez, conectamo-nos com a vida.

Por isso vos pinjente que o primeiro que devem saber da meditação é que é uma entrada voluntária na morte. O segundo que quero dizer ao respeito é que o que entra voluntariamente na morte se encontra, repentinamente, com a entrada na vida. Embora vá em busca da morte, em lugar de encontrar-se com a morte descobre em realidade a vida definitiva. Embora o propósito de sua busca o leve a entrar na mansão da morte, acaba em realidade no templo da vida.

Deixem que lhes indique que nos muros do templo da vida estão gravadas as sombras da morte. me permitam também que lhes indique que os mapas da morte estão desenhados nos muros do templo da vida, e que, como fugimos da morte, na prática estamos fugindo também do templo da vida. Só quando aceitarmos a morte seremos capazes de aceitar estes muros. A deidade da vida reside entre os muros da morte; as imagens da morte estão gravadas por toda a superfície do templo da vida. Simplesmente, estivemos fugindo de sua imagem mesma.

Se tiverem visitado Khajuraho, terão visto uma coisa estranha: em todos seus muros se esculpam relevos de cenas sexuais. As imagens parecem nuas e obscenas. Se o que a vê põe-se a correr, não será capaz de chegar à deidade que está no templo interior. Dentro está a imagem de Deus, e fora há relevos com imagens de sexo, de paixão e de cópulas. Os que construíram os templos do Khajuraho deviam ser um povo maravilhoso. Representaram uma profunda realidade da vida: deram a entender que o sexo está ali, no muro exterior, e que se fugirmos dali nunca seremos capazes de alcançar o brahmacharya, a castidade, porque o brahmacharya está dentro. Se forem capazes de passar desses muros, também vós alcançarão o brahmacharya. Nos muros aparece representado o samsara, o mundo mortal, e se fugirem dele nunca chegarão a Deus, porque o que está sentado dentro dos muros do samsara é o mesmo Deus.

Eu lhes digo exatamente o mesmo. Em alguma parte, em algum lugar, devemos construir um templo em cujos muros apareça representada a morte e em cujo interior esteja a deidade da vida. Assim é a verdade. Mas, como não deixamos de fugir da morte, perdemo-nos também a divindade da vida.

Digo ambas as coisas de uma vez: a meditação é entrar voluntariamente na morte, e o que entra voluntariamente na morte alcança a vida. Isto significa que o que se encontra com a morte descobre em último extremo que a morte desapareceu e que ele está abraçado pela vida. Isto parece bastante contraditório; ir em busca da morte para encontrar-se com a vida; mas não o é.

Por exemplo, eu estou vestido com roupas. Agora bem, se vierem em minha busca, encontrarão-lhes em primeiro lugar com minhas roupas, apesar de que eu não sou as roupas. E se lhes assustam de minhas roupas e saem correndo, então não poderão me conhecer jamais. Mas se lhes aproximam de mim cada vez mais, sem lhes assustar de minhas roupas, então encontrarão debaixo de minhas roupas meu corpo. Mas o corpo, em um sentido mais profundo, também é uma vestimenta, e se fugissem de meu corpo não encontraria ao que está dentro de mim. Se não lhes assustassem do corpo e prosseguissem sua viagem para o interior, sabendo que também o corpo é uma vestimenta, então lhes contraria sem dúvida com o que está dentro, com aquele ao que todos desejam conhecer.

Que interessante é que o muro esteja composto pelo corpo e que o divino esteja dentro, cheio de graça! O muro é feito de matéria, e dentro está o divino, a consciência assentada na glória. São coisas bem opostas: o muro de matéria e a divindade de vida. Se o entenderem bem, saberão que o muro é feito de morte e que o divino é feito de vida.

Quando um pintor pinta um quadro, se deseja fazer ressaltar a cor branca o situa sobre um fundo escuro. As linhas brancas resultam claramente visíveis sobre o fundo

escuro. Se alguém se assustasse do negro, não seria capaz de chegar ao branco. Mas é que não saberia que é o negro o que faz ressaltar o branco.

De mesmo modo, as rosas em flor estão rodeadas de espinhos. Se alguém se assustasse dos espinhos, também ficaria privado das flores. Mas o que aceita os espinhos e se aproxima delas sem temor descobre com assombro que os espinhos só servem para proteger a flor, que seu único fim é servir de muro exterior para a flor: são o muro protetor. A flor brota entre os espinhos; os espinhos não são inimizadas da flor. As flores formam parte dos espinhos, e os espinhos formam parte das flores: ambas surgiram que uma mesma força vivificadora da planta.

O que chamamos vida e o que chamamos morte formam parte, ambas as coisas, de uma vida mais ampla. Eu estou respirando. Sai uma baforada de ar; entra uma baforada de ar. A mesma baforada de ar que sai volta a entrar ao cabo de um tempo, e a mesma baforada de ar que entra volta a sair ao cabo de um tempo. Inspirar é a vida, exaltar é a morte. Mas ambos os são passos de uma vida mais ampla: da vida e a morte que caminham juntas. O nascimento é um passo, a morte é outro passo. Mas se pudéssemos ver, sim pudéssemos penetrar, alcançaríamos a visão da vida mais ampla.

Nestes três dias praticaremos a meditação de entrar na morte. E eu lhes falarei de muitas de suas dimensões. Hoje praticaremos a meditação do primeiro dia. me permitam que lhes explique algumas costure sobre ela.

Já devem ter compreendido meu ponto de vista: temos que alcançar um ponto interior, muito dentro de nós, onde não há possibilidade de morrer. Temos que soltar toda a circunferência exterior, tal como acontece na morte. Na morte, o corpo se solta, os sentimentos se soltam, os pensamentos se soltam, a amizade se solta, a inimizada se solta: todo se solta. Todo mundo exterior parte; só ficamos nós, só fica o eu, só fica em alto a consciência.

Também na meditação devemos soltá-lo tudo e morrer deixando unicamente ao observador, à testemunha interior. E esta morte se produzirá. Nestes três dias de meditação, se tiverem o valor de morrer e de soltar a seu eu, pode produzir um fenômeno que se chama samadhi.

Recordem: "samadhi" é uma palavra maravilhosa. O estado de meditação total se chama "samadhi", e também chamamos "samadhi" à tumba que se constrói depois da morte de uma pessoa. Tinha-o pensado alguma vez? Ambos se chamam "samadhi". Em realidade, ambos compartilham um segredo, ambos têm um ponto comum de coincidência.

Em realidade, para a pessoa que alcança o estado de samadhi, seu corpo é como uma tumba: nada mais. Depois, chega a advertir que há alguém mais dentro; fora, não há mais que escuridão.

Depois da morte de uma pessoa cavamos uma tumba e a chamamos "samadhi". Mas este samadhi o constróem outros. Se formos capazes de criar nosso próprio samadhi antes de que o construam outros, então criamos o fenômeno que estamos desejando. Sem dúvida, outros terão ocasião de cavar nossa tumba, mas é possível que nós percamos a oportunidade de criar nosso próprio samadhi. Se formos capazes de criar nosso próprio samadhi, então nesse estado só morrerá o corpo, e não haverá possibilidade de que mora nossa consciência. Nunca morremos nem podemos morrer jamais. Ninguém morreu nunca, nem ninguém pode morrer jamais. Mas, para sabê-lo, teremos que percorrer todos os passos que levam até o fundo da morte.

Quero lhes mostrar três passos que daremos. E quem sabe? Possivelmente se produza este fenômeno nesta mesma praia e possam ter seu samadhi: não o samadhi que constróem outros, a não ser o que alguém cria com sua própria vontade.

Há três passos. O primeiro passo é relaxar o corpo. Têm que relaxar o corpo até tal ponto que comecem a sentir que seu corpo está a certa distância de vós. Têm que recolher toda a energia de seu corpo e levá-la dentro. Toda a energia que tem o corpo a entregamos nós. O corpo recebe tanta energia como nós lhe entreguemos; o corpo perde tanta energia como nós lhe recolhemos.

notastes uma coisa? Quando brigam com outra pessoa, de onde recebe o corpo toda essa energia acrescentada? Nesse estado de ira, podem levantar uma pedra tão grande que não seria capazes nem de movê-la em estado de calma. Embora seja obra de seu corpo, não lhes perguntastes de onde saiu a energia? Vós introduziram a energia: necessitava-se; estavam em apuros; havia perigo: estavam cara a cara com o

inimigo. Sabiam que sua vida estava em perigo se não levantavam a pedra, e introduziram toda sua energia no corpo.

Ou

NA VEZ PASSOU O SEGUINTE. Um homem levava dois anos paralisado, prostrado na cama. Não podia levantar-se; não podia mover-se. Os médicos o despejaram, lhe anunciando que estaria paralisado durante o resto de sua vida. Uma noite, sua casa se acendeu e todos saíram correndo. Quando estiveram fora, deram-se conta de que o cabeça de família estava apanhado dentro da casa e de que não podia correr. O que ia ser dele? Alguns levavam tochas, e viram sua luz que o velho já tinha saído. Perguntaram-lhe se tinha saído da casa por seu pé. O homem disse: “Como pude andar? O que passou?” Mas tinha andado, sem dúvida: não cabia outra explicação.

A casa estava em chamas; todos fugiam, e ele esqueceu por um momento sua paralisia e voltou a introduzir em seu corpo toda sua energia. Mas quando a gente o viu à luz das tochas e lhe perguntaram como tinha conseguido sair, ele exclamou: “Ai, sou um paralítico!”, e caiu ao chão. Tinha perdido a energia. Não estava a seu alcance compreender como se produziu esse fenômeno. Todos ficaram a lhe explicar que não era um verdadeiro paralítico, que se tinha caminhado até ali podia seguir caminhando o resto de sua vida. O homem não deixava de repetir: “Não podia levantar a mão. Não podia levantar nem um pé. Então, como aconteceu?” Não sabia. Não sabia sequer quem o tinha tirado.

Ninguém o tinha tirado: ele tinha saído por seu pé. Mas não sabia que, ante o perigo, sua alma tinha vertido toda sua energia sobre seu corpo. E depois, por sua sensação de estar paralisado, a alma tinha recolhido em seu interior sua energia, e o homem ficou paralítico uma vez mais.

E

STE INCIDENTE não passou a uma pessoa nem a dois: produziram-se centenares de casos no mundo em que uma pessoa prostrada pela paralisia saiu que sua enfermidade, esqueceu sua enfermidade em caso de incêndio ou ante outra situação de perigo.

O que quero dizer é que introduzimos energia em nosso corpo, mas não temos idéia de como recolhê-la. De noite nos sentimos descansados porque a energia se recolhe no interior e o corpo jaz em um estado depravado, e pela manhã voltamos a nos sentir frescos. Mas algumas pessoas não são capazes sequer de recolher interiormente sua energia de noite. A energia segue encerrada no corpo, e lhes resulta difícil dormir. A insônia indica que a energia que se introduziu anteriormente no corpo não encontra o caminho de volta a sua fonte. Na primeira etapa desta meditação terá que retirar do corpo toda a energia.

Agora bem, o interessante é que, pelo simples feito de sentir a energia, esta se translada para o interior. Se uma pessoa for capaz de sentir que sua energia se está recolhendo para dentro e que seu corpo se está relaxando, descobrirá que seu corpo segue relaxando-se mais e mais. O corpo chegará a um ponto em que a pessoa não será capaz de levantar a mão embora o desejo: tudo estará depravado. Assim, sentindo-o, podemos retirar do corpo nossa energia.

De modo que o primeiro é retirar o prana, a energia vital, fazendo que volte para sua fonte. Desta maneira, o corpo ficará imóvel, como uma casca, e se observará que se produziu um distanciamento entre a casca e a polpa do coco, que nos tornamos duas coisas independentes e que o corpo jaz fora de nós como uma casca, como uma roupa que nos despojamos.

O seguinte é relaxar a respiração. Muito dentro, a respiração contém a energia vital, o prana, e por isso morre a pessoa quando se interrompe a respiração. Muito dentro, a respiração nos mantém conectados com o corpo. A respiração é a ponte entre o atman, a alma, e o corpo: ali é onde se encontra o vínculo. Por isso chamamos prana à respiração. Assim que cessa a respiração parte o prana. Neste sentido se aplicam várias técnicas.

O que acontece quando uma pessoa relaxa por completo sua respiração, deixa que fique imóvel e tranqüila? A respiração chega pouco a pouco a um ponto em que a pessoa não sabe se está respirando ou não. É normal que comece a perguntar-se se estiver viva ou morta, se se está produzindo a respiração ou não. A respiração se volta tão tranqüila que a pessoa não sabe sequer se está atuando.

Não faz falta que controlem a respiração. Se o tentarem, não controlarão nunca o fôlego: tentará sair à força, e se tentam controlá-lo desde fora, tentará entrar na força. Por isso lhes digo que não faz falta que façam nada por sua parte: deixem, simplesmente, que se relaxe cada vez mais, que se tranqüilize mais e mais. A respiração chega, pouco a pouco, até um ponto de repouso. Embora esse ponto de repouso só dure um momento, nesse momento podemos apreciar uma distância infinita entre a consciência e o corpo: nesse mesmo momento se vê a distância. É como se caísse agora mesmo um raio e eu visse nesse momento as caras de todos vós. Depois, o raio já não estaria, mas eu teria visto suas caras.

Quando a respiração se detém durante um momento, exatamente no centro, nesse momento mesmo cai um raio dentro de todo nosso ser e apreciamos claramente que o corpo é independente e de que nós somos independentes: de que se produziu a morte. Assim, na segunda etapa devem relaxar a respiração.

Na terceira etapa terá que relaxar a mente. Embora não esteja relaxada a mente, se o estiver a respiração, o raio cairá, é obvio, mas não saberão o que aconteceu porque a mente estará ocupada com seus pensamentos. Se caísse agora mesmo um raio e eu estivesse perdido entre meus pensamentos, só saberia depois de que tivesse passado. Mas, enquanto isso, sobreveio o raio e eu estava perdido em meus pensamentos. O raio cairá, é obvio, assim que se detenha a respiração; mas só o advertiremos se tiverem cessado os pensamentos; do contrário, não o advertiremos e teremos perdido a oportunidade. Por isso, a terceira etapa é relaxar a mente.

Percorreremos estas três etapas e depois, na quarta etapa, ficaremos dez minutos em silêncio. Nestes três dias, durante este silêncio, esforçarão-lhes por ver a morte, por deixá-la descender. Eu lhes darei indicações para que sintam que o corpo se está relaxando, que a respiração se está relaxando, que a mente se está relaxando. Depois me calarei, apagaremos as luzes e ficarão dez minutos tendidos em silêncio. Ficarão quietos, em silêncio, observando o que acontecer seu interior.

Lhes separe uns de outros para que, se o corpo cair, não caiam sobre outro. Os que queiram lhes jogar devem deixar um espaço a seu redor. Seria melhor que lhes jogassem tranqüilamente na areia. Ninguém deve falar... ninguém deve partir na metade da sessão.

Sim: sentem-se. Sentem-se onde estão ou lhes jogue. Fechem os olhos... fechem os olhos e relaxem o corpo. Depois, quando eu faça indicações, comecem a sentir comigo. Enquanto sentem, seu corpo se relaxará cada vez mais: então, o corpo ficará tendido, totalmente depravado, como se não houvesse vida nele.

Comecem a sentir. O corpo se está relaxando... siga relaxando-o... Siga relaxando seu corpo e sentindo que se relaxa. O corpo se está relaxando... sinta... relaxem cada parte de seu corpo. E sintam dentro... o corpo se está relaxando. Sua energia volta dentro... a energia de seu corpo se recolhe, retira-se... a energia se recolhe. O corpo se está relaxando... o corpo se está relaxando... o corpo se está relaxando... o corpo se está relaxando. Soltem completamente, como se já não estivessem vivos. Deixem cair o corpo tal como está... deixe completamente solto. O corpo se relaxou... o corpo se relaxou... o corpo se relaxou. Soltem... soltem.

O corpo se relaxou. O corpo se relaxou completamente, como se não tivesse vida. Toda a energia do corpo se recolheu dentro. O corpo se relaxou... o corpo se relaxou... o corpo se relaxou... o corpo se relaxou... o corpo se relaxou. Soltem, soltem completamente, como se já não estivesse aqui o corpo.

Transladamo-nos dentro. O corpo se relaxou... o corpo se relaxou... o corpo se relaxou. A respiração se está tranqüilizando... relaxe também a respiração... relaxem completamente. Deixem que vá e venha por si mesmo... deixem solta. Não faz falta detê-la nem fazê-la mais lenta; simplesmente, deixem que se relaxe. Que entre ao fôlego tanto como possa... que saia tanto como possa. A respiração se está relaxando... a respiração se está acalmando.

Sintam assim: a respiração se está acalmando... a respiração se está acalmando e se está relaxando... a respiração se está relaxando... a respiração se está acalmando. A respiração se acalmou... a respiração se acalmou... a respiração se acalmou. Agora, deixem que a mente se relaxe e sintam que os pensamentos se estão acalmando...os pensamentos se estão acalmando... a mente se acalmou... a mente se acalmou...

CAPÍTULO 2

Ver a vida como um sonho

A

MADOS:

formularam-se algumas pergunta sobre o bate-papo de ontem à noite. Um amigo perguntou:

Podemos morrer plenamente conscientes, mas como podemos ter uma consciência plena ao nascer?

E

N REALIDADE A MORTE o nascimento não são dois sucessos: são dois lados de um mesmo fenômeno, como as duas caras de uma moeda. Se um homem tiver na mão uma cara de uma moeda, também terá automaticamente a outra. Não posso ter na mão uma cara de uma moeda e me perguntar onde posso encontrar a outra: disponho da outra automaticamente.

A morte e o nascimento são duas caras de um mesmo fenômeno. Se a morte se produzir em um estado consciente, a morte tem lugar indevidamente em um estado consciente. Se a morte se produzir em um estado inconsciente, o nascimento se produz também em estado de inconsciência. Se a pessoa morrer plenamente consciente no momento de sua morte, também estará cheia de consciência no momento de seu nascimento seguinte.

Como todos morremos em estado de inconsciência e nascemos em estado de inconsciência, não recordamos nada de nossas vidas anteriores. Mas a lembrança de nossas vidas anteriores sempre fica presente em algum rincão de nossas mentes, e podemos reviver esta lembrança se o desejarmos.

Não podemos fazer nada diretamente em relação com o nascimento: tudo o que possamos fazer estará relacionado unicamente com a morte. Não podemos fazer nada depois da morte: tudo o que possamos fazer devemos fazê-lo antes da morte. A pessoa que mora em estado inconsciente não poderá fazer nada até que volte a nascer. Não há remédio: seguirá inconsciente. Assim, se vós morrestes em estado inconsciente, terão que nascer de novo em estado inconsciente. O que terei que fazer terá que fazer-se antes da morte, pois dispomos de muitas oportunidades antes da morte: a oportunidade de toda uma vida. Com esta oportunidade podemos fazer um esforço por despertar. Seria, pois, um grande engano esperar até o momento da morte para despertar. Não podemos despertar no momento da morte. O sadhana, a viagem para o despertar, terá que começar muito antes da morte: terá que preparar-se para ela. Se não lhes prepararem, é seguro que ficarão inconscientes na morte. Embora este estado inconsciente é bom para vós, em certo modo, se ainda não estão preparados para nascer em estado consciente.

Por volta de 1915, o rei de Quase foi operado do abdômen. Foi a primeira operação deste tipo que se realizou no mundo sem anestesia. Estavam pressentem três médicos britânicos, que se negavam a realizar a operação sem administrar anestesia, pois diziam que era impossível abrir o estômago a uma pessoa durante uma hora e meia

ou duas horas para realizar uma operação importante sem que o paciente estivesse inconsciente. Era perigoso, pois o paciente podia gritar, mover-se, saltar ou cair a causa da dor insuportável. Podia acontecer algo. Por isso, os médicos não estavam dispostos a realizar a operação.

Mas o rei insistiu em que não tinha que o que preocupar-se, sempre que ele estivesse em estado de meditação, e afirmava que era capaz de passar de uma hora e meia a duas horas em estado de meditação sem dificuldade. Não estava disposto a tomar anestesia; dizia que queria que o operassem estando consciente. Mas os médicos desconfiavam: acreditavam que era perigoso fazer sofrer tal dor a uma pessoa consciente. Por fim, como não encontravam outra alternativa, os médicos lhe pediram em primeiro lugar, a modo de experimento, que entrasse em estado de meditação. Quando ele esteve nesse estado, fizeram-lhe um corte na mão. Ele nem sequer tremeu. Só duas horas mais tarde se queixou de que lhe doía a mão. Mais tarde, realizaram a operação.

Foi a primeira vez no mundo que uns médicos abriram o estômago de um paciente durante uma hora e meia sem lhe administrar anestesia. E o rei permaneceu plenamente consciente durante toda a operação. Para alcançar tal estado de consciência é preciso praticar uma meditação profunda. A meditação tem que ser tão profunda que alguém conheça plenamente, sem sombra de dúvida, que o eu e o corpo são independentes. A mais mínima identificação com o corpo pode ser perigosa.

A morte é a maior operação cirúrgica de todas. Nenhum médico realizou uma operação tão grande. Pois na morte existe um mecanismo que transplanta toda a energia vital, o prana, de um corpo físico a outro corpo físico. Ninguém realizou uma operação tão espetacular, nem ninguém a realizará jamais. Podemos amputar uma parte do corpo ou outra, ou transplantar uma parte em outra, mas no caso da morte terá que tomar toda a energia vital de um corpo e introduzi-la em outro.

A natureza procurou bondosamente que fiquemos plenamente inconscientes quando se produz este fenômeno. É por nosso próprio bem: possivelmente não fôssemos capazes de suportar tanto dor. É possível que o motivo pelo que ficamos inconscientes é que a dor da morte é insuportável. Interessa-nos ficar inconscientes; a natureza não nos permite recordar o passo pela morte.

Em todas as vistas repetimos quase os mesmos enganos que repetimos em nossas vidas anteriores. Se fôssemos capazes de recordar o que fizemos nas vidas anteriores, possivelmente não tropeçaríamos com as mesmas pedras. E se fôssemos capazes de recordar o que fizemos em nossas vidas anteriores, já não seríamos como somos agora. É impossível que seguíssemos sendo os mesmos, pois amontoamos riquezas uma e outra vez e em todas as ocasiões a morte despojou que sentido a essas riquezas. Se fôssemos capazes de recordá-lo, possivelmente não levaríamos dentro a mesma mania pelo dinheiro que levamos até agora. Apaixonamo-nos mil vezes, e vimos uma e outra vez que, à larga, não tinha sentido. Se fôssemos capazes de recordá-lo, desapareceria nossa mania de nos apaixonar e de procurar que se apaixonem por nós. fomos milhares e milhares de vezes ambiciosos, egoístas; alcançamos o êxito, o alto nível social, e ao final todo resultou inútil, tudo ficou reduzido a pó. Se fôssemos capazes de recordá-lo, é possível que nossa ambição perdesse força, e então não seríamos quão mesmos somos agora.

Como não recordamos nossas vidas anteriores, seguimos nos movendo quase por um mesmo círculo. O homem não se dá conta de que já percorreu o mesmo círculo muitas vezes nem de que o está voltando a percorrer com a mesma esperança que o impulsionou antes. Depois, a morte frustra todas as esperanças e volta a começar o círculo. O homem se move em círculo, como o boi em uma noria.

Podemos nos salvar deste dano, mas necessitamos um grande nível de consciência e devemos experimentar continuamente. Não podemos nos pôr a esperar a morte diretamente, porque não é possível nos fazer conscientes de repente, no transcurso de uma operação tão importante, de um trauma tão grande. Teremos que fazer experimentos pouco a pouco, com desgraças pequenas, para descobrir como podemos ser conscientes enquanto as passamos.

Por exemplo, temos uma dor de cabeça. Ao mesmo tempo nos voltamos conscientes e começamos a sentir que temos uma dor de cabeça, não que a cabeça tem

uma dor. De modo que teremos que experimentar com a pequena dor de cabeça e teremos que aprender a sentir que “a dor está na cabeça e eu sou consciente dele”.

Quando o Swami RAM visitou a América, às pessoas lhe custava muito entendê-lo ao princípio. Quando o presidente dos Estados Unidos lhe fez uma visita, também se sentiu confuso. Perguntou: “Que língua é essa?”; porque RAM estava acostumada falar em terceira pessoa. Não dizia “Tenho fome”, mas sim dizia: “RAM tem fome.” Não dizia: “Dói-me a cabeça”, a não ser “A RAM dói muito a cabeça.”

Ao princípio, às pessoas lhe custava muito entendê-lo. Por exemplo, uma vez disse: “Ontem à noite, RAM se estava gelando.” Quando lhe perguntaram de quem falava, respondeu que falava de RAM. Quando lhe perguntaram: “De que RAM?”, disse, destacando-se a si mesmo: “De este RAM: o pobre se estava gelando de frio ontem à noite. Ríamo-nos e lhe perguntávamos: “Como vai o frio, RAM?”

Dizia: “RAM estava passeando pela rua e algumas pessoas ficaram a insultá-lo. Rimos a gargalhadas e dissemos: “O que lhe parecem os insultos, RAM? Se buscas honrar, é fácil que te encontre com insultos”. Quando lhe perguntavam: “De quem fala? Quem é esse RAM?”, destacava-se a si mesmo.

Terão que começar por fazer experimentos com desgraças de tipo menor. Encontrarão-lhes isso todos os dias da vida; estão pressentem todos os dias. Não só as desgraças: terão que incluir também a felicidade no experimento, porque é mais difícil ser conscientes na felicidade que na desgraça. Não é tão difícil conhecer que nossa cabeça e a dor que há nela são duas coisas independentes, mas é mais difícil conhecer que “o corpo é independente, e a alegria de estar são também é independente de mim; eu tampouco sou isso”. É difícil manter este distanciamento quando estamos sãs, pois nos momentos de felicidade nós gostamos de estar próximos a esta. Nos momentos de desgraça é evidente que nós gostamos de nos sentir independentes, separado-se dela. Se chegasse a ficar claro que a dor é independente de nós, quereríamos que seguisse assim para estar liberados da dor.

Terão que experimentar o modo de lhes manter conscientes tanto na desgraça como na felicidade. que realiza tais experimentos está acostumado a provocar-se desgraças para as viver. Este é, em essência, o segredo de todo ascetismo: é um experimento no qual se sofre uma dor voluntária. Por exemplo, uma pessoa realiza um jejum. A apóie de passar fome, tenta descobrir o efeito da fome sobre sua consciência. Em geral, a pessoa que realiza um jejum não tem a menor ideia do que faz: quão único sabe é que tem fome, e espera com avidez sua comida do dia seguinte.

O propósito fundamental do jejum é sentir que “a fome está aqui, mas está longe de mim. O corpo tem fome, eu não.” assim, induzindo voluntariamente a fome, a gente tenta saber, de dentro, se a fome estiver ali. “RAM tem fome; eu não tenho fome. Sei que a fome está ali, e este deverá ser um conhecimento contínuo até que eu chegue a um ponto em que se produza um distanciamento entre a fome e eu, no que eu já não tenha fome: até dentro da fome eu já não tenho fome. Só o corpo segue tendo fome, e eu sei. Eu já não sou mais que um que sabe.” Então, o significado do jejum se volta muito profundo; portanto, já não significa simplesmente passar fome.

Normalmente, que empreende um jejum se repete as vinte e quatro horas do dia que tem fome, que não comeu nada aquele dia. Sua mente não deixa de albergar fantasias e planos sobre o que comerá ao dia seguinte. Os jejuns deste tipo não têm sentido. Por conseguinte, não são mais que abster-se de comer. A diferença entre abster-se de comer e praticar o jejum, o upavas, é a seguinte: o jejum significa residir cada vez mais perto. Mais perto do que? Significa aproximar-se do eu produzindo um distanciamento do corpo.

A palavra “upavas” não significa abster-se de comer. “Upavas” significa residir cada vez mais perto. Mais perto do que? Significa residir mais perto do eu, residir mais perto do eu e mais longe do corpo. Também é possível que uma pessoa coma mas se mantenha no estado de jejum. Se, enquanto come, sabe dentro de si que o ato de comer tem lugar em outra parte e que a consciência é totalmente independente do ato, então é upavas. E também é possível que uma pessoa não esteja jejuando de verdade. Embora se tenha privado da comida; pois pode acontecer que esteja muito consciente de ter fome, que se esteja morrendo de fome. Upavas é uma consciência psicológica da separação do eu e o estado físico da fome.

Também se podem provocar voluntariamente outros dores similares, mas a provocação destes dores é um experimento muito profundo. Um homem pode tombar-se sobre um leito de espinheiros só para sentir que os espinheiros só cravam o corpo, e não seu eu. Assim, é possível provocar uma desgraça para sentir a dissociação da consciência com respeito ao plano físico.

Mas no mundo já aparecem muitas desgraças sem que as provoquemos: não faz falta que provoquemos nenhuma mais. Já dispomos de muitas desgraças: devemos começar a experimentar com elas. As desgraças aparecem sem ser provocadas, em todo caso. Se podemos manter a consciência de que "sou independente de minha dor" durante a desgraça que vem sem ser provocada, então o sofrimento se converte em um sadhana, em uma disciplina espiritual.

Teremos que seguir praticando este sadhana até com a felicidade que se apresentou por si mesmo. Com o sofrimento, é possível que consigamos nos enganar a nós mesmos, porque nós gostaríamos de acreditar que "eu não sou a dor". Peri, por isso respeita à felicidade, o homem quer identificar-se com ela, porque já acredita que "sou feliz". Por isso, o sadhana é mais difícil ainda de praticar com a felicidade.

Em realidade, nada é mais difícil que sentir que somos independentes de nossa felicidade. Na prática, ao homem gosta de inundar-se por completo na felicidade e esquecer-se que é independente dela. A felicidade nos alaga; a desgraça nos desconecta e nos separa do eu. Chegamos a acreditar, de algum modo, que nossa identificação com o sofrimento se deve unicamente a que não fica nenhuma outra eleição, mas damos a bem-vinda à felicidade com todo nosso ser.

Sede conscientes na dor que lhes chegue; sede conscientes na realidade que lhes chegue; e, de vez em quando, a modo de experimento, sede conscientes também na dor provocada, porque nele as coisas são um pouco diferentes. Nunca podemos nos identificar plenamente com nada que nos provoquemos voluntariamente. O conhecimento mesmo de que é um pouco provocado gera um distanciamento. O hóspede que se apresenta em sua casa não é da casa: é um hóspede. Do mesmo modo, quando provocamos o sofrimento como hóspede, já é algo que está afastado de nós.

Caminhando descalços, e a dor nos crava um espinho no pé. É um acidente, e a dor será entristecedora. Este acidente desgraçado é diferente do que se produz quando tomamos voluntariamente um espinho e nos cravamos isso no pé, sabendo em cada momento que nos estamos atravessando o pé com o espinho e que estamos observando a dor. Não lhes digo que façam tal coisa, que lhes torturem a vós mesmos: já existem muitos sofrimentos. O que quero dizer é o seguinte: em primeiro lugar, estejam atentos, tanto no sofrimento como na felicidade; mais tarde, algum dia, lhes provoque alguma desgraça e vejam quanto podem distanciar dela sua consciência.

Recordem: o experimento de provocar a desgraça é muito significativo, porque todo mundo quer provocar a felicidade, mas ninguém quer provocar a desgraça. E o interessante é que a desgraça que não desejamos vem por si mesmo, e que a felicidade que procuramos não chega nunca. Mesmo que chega por acaso, fica fora de nossa porta. A felicidade a que chamamos não chega nunca, enquanto que a felicidade que não pedimos nunca entra em casa por si só. Quando uma pessoa faz provisão da força suficiente para provocá-la desgraça, isso quer dizer que é tão feliz que pode provocar uma desgraça. É tão bem-aventurado que não lhe resulta difícil provocar uma desgraça. Agora pode pedir à desgraça que venha e que fique.

Mas este não é um experimento muito profundo. Enquanto não estejamos preparados para empreender tal experimento, devemos tentar ser conscientes de todo sofrimento que nos chegue por si mesmo. Se nos fizermos mais e mais conscientes cada vez que nos cruzemos com a desgraça, faremos provisão da capacidade suficiente para nos manter conscientes inclusive quando nos chegar a morte. Nesse momento a natureza nos permitirá que permaneçamos acordados também na morte. A natureza sabe que se o homem for capaz de permanecer consciente na dor, também pode manter-se consciente na morte. Ninguém é capaz de manter-se consciente na morte sem preparação, sem ter vivido uma experiência prévia desse tipo.

Faz alguns anos morreu um homem chamado P.D. Ouspensky. Era um grande matemático russo. É a única pessoa que realizou neste século uma ampla série de experimentos relacionados com a morte. Três meses antes de morrer caiu gravemente doente. Os médicos lhe recomendaram que guardasse cama, mas, apesar disso, realizou

um trabalho tão incrível que resulta inimaginável. Não dormia pelas noites, viajava, caminhava, corria, sempre estava movendo-se. Os médicos estavam escandalizados: diziam-lhe que necessitava descanso absoluto. Ouspensky reuniu a seu lado a todos seus amigos íntimos, mas não lhes disse nada.

Os amigos que conviveram com ele em seus três últimos meses de vida, disseram mais tarde que tinham visto pela primeira vez, ante seus próprios olhos, a um homem que aceitava a morte em estado consciente. Perguntaram-lhe por que não seguia os conselhos dos médicos. Ouspensky respondeu: "Quero conhecer a dor de todo tipo, não seja que a dor da morte seja tão grande que me deixe inconsciente. Quero passar por todos os dores antes da morte, para adquirir uma resistência que me permita estar completamente consciente quando chegar a morte." De modo que, durante três meses, realizou um esforço exemplar por passar todo tipo de dores.

Seus amigos deixaram escrito que quando os mais sãs e fortes se cansavam, Ouspensky seguia em atividade. Os médicos insistiam em que necessitava repouso absoluto, pois do contrário podia sofrer grandes danos, mas ele não fazia caso. A noite em que morreu Ouspensky, não deixava de passear-se por sua habitação. Quão médicos o examinaram anunciaram que suas pernas já não tinham a força necessária para andar; mas ele seguiu caminhando toda a noite.

Dizia: "Quero morrer caminhando, pois se morro sentado posso ficar inconsciente, ou se morro dormido posso ficar inconsciente." Enquanto caminhava, dizia a seus amigos: "um pouco mais: dez passos mais, e tudo terá terminado. Estou-me afundando, mas seguirei caminhando até que tenha dado meu último passo. Quero seguir fazendo algo até o final; do contrário, a morte poderá me encontrar despreparado. Poderia lhe relaxar e ficar dormido, e não quero que me passe isto no momento da morte."

Ouspensky morreu enquanto dava seu último passo. Muito poucas pessoas no mundo morreram assim, andando. Caiu andando, quer dizer, que só caiu ao chão quando se produziu sua morte. Enquanto dava seu último passo, dizia: "Isto é: este é meu último passo. Agora estou a ponto de cair. Mas antes de partir quero lhes dizer que soltei meu corpo faz muito tempo. Agora verã a liberação de meu corpo, mas eu vi faz muito tempo que o corpo tem cansado e eu sigo existindo. Agora só cairá o corpo: eu não posso cair de maneira nenhuma."

No momento de sua morte, seus amigos viram uma espécie de luz em seus olhos. fez-se visível uma paz, uma alegria e um resplendor que se deixam ver quando alguém está na soleira do outro mundo. Mas um deve preparar-se para isto, deve praticar uma preparação contínua. Quando uma pessoa se prepara plenamente, a morte se converte em uma experiência maravilhosa. Não existe outro fenômeno tão valioso como este, pois o que se revela no momento da morte não se pode conhecer de nenhuma outra maneira. Então, a morte parece uma amiga, pois só quando acontece a morte, e não antes, podemos conhecer que somos um organismo vivo.

Recordem: quanto mais escura é a noite, mais brilham as estrelas. Quando as nuvens são escuras, o raio destaca sobre elas como um fio de prata. Do mesmo modo, o centro mesmo da vida se manifesta com toda sua glória quando a morte em sua plenitude nos rodeia por toda parte, e não antes. A morte nos rodeia como a escuridão, e dentro dela, o centro mesmo da vida, ao que podemos chamar atman, a alma, brilha com seu esplendor pleno; a escuridão que o rodeia o faz luminoso. Mas nesse momento ficamos inconscientes. No momento mesmo da morte, que podia ser de outro modo o momento em que conhecêssemos nosso ser, ficamos inconscientes. Por isso, teremos que nos preparar para elevar nossa consciência. A meditação é essa preparação.

A meditação é um experimento sobre o modo em que alguém alcança uma morte gradual, voluntária. É um experimento sobre o modo em que alguém se translada a seu interior e abandona depois o corpo. Se uma pessoa praticar a meditação ao longo da vida, alcançará a meditação total no momento da morte.

Quando se produz a morte em estado pleno de consciência, a alma da pessoa realiza seu nascimento seguinte em estado pleno de consciência. portanto, o primeiro dia de sua nova vida não é um dia de ignorância, mas sim de conhecimento pleno. Inclusive no ventre de sua mãe está plenamente consciente. que morreu em estado de consciência só pode nascer uma vez mais, porque o que conheceu o que é o nascimento, o que é a morte e o que é a vida, alcança o balanço.

Ao que nasceu em estado de consciência o chamamos avatara, tirthankara, Buda, Jesus, Krishna. E o que distingue a estes do resto de nós é a consciência. Eles estão acordados e nós estamos dormidos. Por ter nascido conscientemente, este se converte em sua última viagem sobre a terra. Têm algo que nós não temos; têm algo que eles procuram incansavelmente nos trazer para nós. A diferença entre os acordados e nós é, simplesmente, a seguinte: sua última morte e o nascimento posterior teve lugar em um estado de consciência: por isso vivem toda sua vida em estado de consciência.

As gente do Tíbet praticam um pequeno experimento chamado "o Bardo." É um experimento muito valioso que só se realiza no momento da morte. Quando alguém está a ponto de morrer, seus conhecidos se reúnem a seu redor e lhe fazem praticar o Bardo. Mas só ao que praticou a meditação durante toda sua vida lhe pode fazer seguir o Bardo; do contrário, é impossível. No experimento do Bardo, assim que morre a pessoa, lhe indica do exterior que deve manter-se plenamente acordada. Lhe diz que siga observando o que passa a seguir, pois muitas vezes passam nesse estado coisas que a pessoa que está morrendo não é capaz de compreender. Não é fácil entender a primeira vista os fenômenos novos.

Se uma pessoa for capaz de manter-se consciente depois da morte, durante certo tempo não saberá que está morta. Só chegará ou seja com segurança que está morta quando outros se levem seu cadáver e se disponham a incinerá-lo na pira funerária; pois, em realidade, nada morre dentro: só se produz um distanciamento. Este distanciamento não se conheceu nunca em vida. A experiência é tão nova que não é possível compreendê-la por uma definição convencional. A pessoa sente, simplesmente, que algo se separou. Mas morreu algo, e isso só o compreende quando todos os que a rodeiam ficam a chorar e a lamentar-se, inclinam-se sobre seu cadáver cheios de dor e se dispõem a levar o cadáver para incinerá-lo.

Se incinerarmos o cadáver tão logo, é por um motivo. Queimamos ou incineramos o cadáver assim que podemos para nos assegurar de que o corpo está morto, de que se reduz a cinzas. Mas a pessoa só pode sabê-lo se tiver morrido em estado consciente; a pessoa que morre em estado inconsciente não pode sabê-lo. Assim, para que a pessoa que pratica o Bardo veja queimar-se seu corpo, lhe indica: "Olhe bem como arde seu corpo. Não fuja nem te aparte apressadamente. Quando a gente se leve seu corpo para incinerá-lo, não deixe de acompanhá-los e de estar ali presente. Contempla com perfeita atenção a cremação de seu corpo, para que a próxima vez não te apegue ao corpo físico."

Quando vemos que algo se queima e se reduz a cinzas, nosso apego para isso desaparece. Naturalmente, outros verão a cremação de seu corpo, mas se vós a vêem também, perderão todo apego para ele. Normalmente, em novecentos e noventa e nove casos de cada mil, a pessoa está inconsciente no momento da morte: não tem nenhum conhecimento dela. No caso restante, de cada mil no que está consciente, evita ver como se queima seu corpo; foge do lugar da cremação. Por isso, no Bardo lhe diz: "Olhe: não te perca a oportunidade. Observa a cremação de seu corpo; contempla a de uma vez por todas. Olhe como se destrói por completo aquilo com o que estiveste identificado seu eu. Olhe como se reduz completamente a cinzas, para que em seu próximo nascimento recorde quem é."

Assim que a pessoa morre, entra em um mundo novo do que não sabemos nada. Esse mundo pode nos parecer temível e terrorífico porque não é semelhante nem distinto de nenhuma de nossas vivências. Em realidade, não tem relação alguma com a vida na Terra. Enfrentar-se a este mundo novo é mais temível que o que teria que passar um homem que se encontrasse em um país desconhecido, onde não conhecesse ninguém, nem entendesse a língua nem os costumes. Evidentemente, sentirá-se muito perturbado e confuso.

O mundo no que vivemos é um mundo de corpos físicos. Quando deixamos este mundo começa o mundo imaterial, um mundo que não conhecemos nunca. E este mundo pode nos dar medo, porque é diferente de qualquer de nossas vivências. Em nosso mundo, por estranho que seja o lugar onde estejamos, por diferentes que sejam de nós os habitantes e seus modos de vida, sempre existirá um vínculo entre eles e nós: é um mundo de seres humanos. Entrar no mundo dos espíritos imateriais pode ser uma experiência incrivelmente terrorífica.

Normalmente, passamo-la em um estado inconsciente, pelo qual não a advertimos. Mas o que acontece ela em estado consciente sofre grandes dificuldades. Por isso, no Bardo se tenta explicar à pessoa que tipo de mundo será, o que passará ali, com que seres se encontrará. Só os que praticaram a meditação profunda podem ser guiados ao longo deste experimento; de outro modo, é impossível.

Ultimamente tive freqüentemente a impressão de que podemos realizar o experimento do Bardo, em uma maneira ou outra, com nossos amigos que praticam a meditação. Mas isto só é possível quando entraram na meditação profunda; do contrário, nem sequer seriam capazes de ouvir o que lhes diz. Não seriam capazes de ouvir o que lhes diz no momento da morte, nem de seguir o que lhes explica. Para seguir o que se diz se necessita uma mente muito silenciosa e muito vazia. Quando a consciência começa a desvanecer-se e a desaparecer, e quando começam a desatar-se todos os vínculos terrestres, só uma mente muito silenciosa é capaz de ouvir as mensagens que se transmitem desde este mundo; se não ser muito silenciosa, não será capaz de ouvi-los.

Recordá-lo: isto só se pode fazer com respeito à morte; nada pode fazer-se com respeito ao nascimento. Mas algo que façamos com respeito à morte afetará também, em conseqüência, a nosso nascimento. Nascemos no mesmo estado em que morremos.

que despertou escolhe livremente um ventre. Isto demonstra que nunca escolhe nada cega e inconscientemente. Escolhe a seus pais, do mesmo modo que o homem rico escolhe a casa onde vive. O pobre não pode escolher casa a seu gosto. Necessitamos de certa capacidade para poder escolher. Necessitamos de certa capacidade para comprar uma casa. O pobre nunca escolhe sua casa. Poderíamos dizer; em realidade, que a casa escolhe ao pobre: uma casa pobre escolhe a um inquilino pobre. O milionário decide onde quer residir, como tem que ser o jardim, onde têm que estar situadas as portas as janelas, se a luz do sol tiver que entrar pelo este ou pelo oeste, como deve estar disposta a ventilação, que amplitude tem que ter a casa... o decide tudo.

que despertou escolhe um ventre para si mesmo: essa é sua decisão. Os personagens como Mahavira ou Buda não nascem em qualquer parte nem em qualquer momento. Nascem depois de considerar todas as possibilidades: como será o corpo e que pais o conceberão; como será a energia e o que poder terá esta; de que facilidades disporá. Nascem depois de estudar tudo isto. Têm claro o que têm que escolher, onde devem ir. Desde dia em que nascem vivem a vida que escolheram.

A alegria de viver uma vida escolhida pela gente mesmo é completamente diferente, pois a liberdade começa por ter uma vida escolhida por nós mesmos. Não pode haver uma alegria do mesmo tipo em uma vida que nos entrega, pois então se converte em servidão. Nestes casos, simplesmente somos empurrados à vida, e então o que aconteça, acontece: a pessoa não influi para nada a respeito.

Se se fizer possível tal despertar, então se pode fazer, decididamente, essa eleição. Se o nascimento mesmo acontecer por nossa eleição, então podemos viver o resto de nossas vidas a nossa eleição. assim, podemos viver como um jivan-mukta. que morre em estado acordado nasce em estado acordado, e então vive sua vida em estado de liberação.

Ouvimos com freqüência a palavra "jivan-mukta", embora possivelmente não saibamos o que quer dizer: "Jivan-mukta" é o que nasce em estado acordado: só essa pessoa pode ser um jivan-mukta. A pessoa que não o é pode trabalhar toda sua vida por conseguir a liberação, mas só pode alcançar a liberação em sua vida seguinte: não será livre nesta vida. Para ser jivan-mukta nesta vida, a pessoa deve dispor da liberdade de escolher desde dia mesmo de seu nascimento. E isto só é possível quando a pessoa alcançou a consciência plena no momento da morte ao final de sua vida anterior.

Mas isto não é o que nos ocupa de momento. A vida está aqui; ainda não chegou a morte, de momento. Tem que chegar com segurança: nada é mais seguro que a morte. Podemos duvidar de outras coisas, mas não cabe dúvida alguma com respeito à morte. Algumas pessoas duvidam de Deus; outras duvidam da alma, mas jamais terão conhecido a ninguém que duvide da morte. É inevitável; tem que vir com toda segurança; já está em caminho. aproxima-se mais e mais a cada instante. Podemos aproveitar os momentos que ficam antes da morte para despertar. A meditação é uma técnica que conduz a esse fim. Nestes três dias tentarei lhes ajudar a compreender que a meditação é a técnica que conduz a esse mesmo despertar.

Um amigo perguntou: Que relação há entre a meditação e o jati-smaran, a lembrança das vidas anteriores?

“ J

ATI-SMARAN” SIGNIFICA: “O método para recordar as vistas anteriores.” É uma maneira de recordar nossos estoques passadas. É uma forma de meditação. É uma aplicação concreta da meditação. Por exemplo, alguém poderia nos perguntar: “No que se diferencia um rio de um canal?” Responderíamos-lhe que o canal é uma aplicação concreta do rio: bem planejado, controlado e sistematizado. O rio é caótico, incontrolado. Também chegará a alguma parte, mas seu destino é incerto. O destino do canal está garantido.

A meditação é como um rio grande; chegará ao mar; é seguro que tem que chegar ao mar. A meditação com toda segurança lhes levará até Deus. Mas também existem outras aplicações intermédias da meditação. Estas aplicações intermédias podem levar-se, como pequenos afluentes, aos canais da meditação. O jati-smaran é um destes métodos auxiliares de meditação. Também podemos canalizar o poder da meditação para nossas vidas anteriores; a meditação não é mais que centrar a atenção. Podem existir aplicações nas que alguém centra sua atenção sobre um objeto dado, e uma destas aplicações é o jati-smaran: centrar-se nas lembranças, em estado latente, das vidas anteriores.

Recordem: as lembranças não se apagam jamais; uma lembrança sempre fica em estado latente, ou sai à luz. Mas a lembrança em estado latente parece apagado. Se eu lhes perguntar o que fizeram em 1° de janeiro do ano 1950, não serão capazes de me responder. Isso não quer dizer que não tenham feito nada nesse dia. Mas, de repente, no primeiro dia de janeiro de 1950 parece um vazio total. Não pôde estar vazio: esteve cheio de atividade. Mas hoje parece um vazio. Do mesmo modo, o dia de hoje se converterá também em um vazio amanhã. dentro de dez anos não ficará nenhum rastro do dia de hoje.

assim, não é que no primeiro dia de janeiro de 1950 não tenha existido, nem que vós não existierais aquele dia: o que quero dar a entender é que, dado que são incapazes de recordar aquele dia, como podem acreditar que existiu verdadeiramente? Mas sim existiu, e há uma maneira se soubesse. A meditação também pode centrar-se nessa direção. Descobrirão com surpresa que assim que a luz da meditação recaia sobre esse dia, este lhes parecerá mais vivo que nunca.

Imaginem, por exemplo, que uma pessoa está em um quarto escuro dirigindo de um lado a outro a luz de um foco. Quando dirige a luz para a esquerda, a parte direita fica às escuras, mas não desaparece nada à direita. Quando dirige a luz para a direita, a parte direita cobra vida de novo, mas a parte esquerda fica oculta na escuridão.

A meditação tem um centro de enfoque, e se queremos canalizá-la em uma direção concreta devemos utilizá-la como um foco. Mas se queremos dirigir a meditação para o divino, então devemos aplicar a meditação como um abajur. Procurem entender bem isto.

O abajur não tem centro de enfoque próprio: não está enfocada. O abajur se limita a arrojar uma luz que se difunde a seu redor. Ao abajur não interessa iluminar em uma direção ou em outra: tudo o que caia dentro do rádio de sua luz se ilumina. Mas um foco é como um abajur enfocado.

Com o foco dispomos de toda a luz para dirigi-la em uma direção determinada. assim, é possível que com um abajur os objetos se façam visíveis mas difusos, e que para vê-los claramente tenham que concentrar toda a luz em um só ponto; converte-se em um foco. Então o objeto se volta claramente visível, mas outros objetos se perdem de vista. Na prática, se uma pessoa quer ver claramente um objeto, terá que focar sua meditação total em uma só direção e deixar às escuras o resto.

que queira conhecer diretamente a verdade da vida desenvolverá sua meditação como um abajur: esse será seu propósito único. E, em realidade, o único propósito do abajur é ver-se a gente mesmo; basta com que brilhe o bastante para isto, e não faz falta nada mais. Mas se devemos dar uma aplicação especial ao abajur, tal como

recordar as vistas passadas, então será preciso canalizar a meditação em uma direção determinada.

vou compartilhar com vós duas ou três indicações sobre o modo de canalizar a meditação nessa direção. Não lhes darei todas as indicações porque o mais provável é que a muito poucos de lhes interesse as aplicar, e se a algum interessa pode falar pessoalmente comigo. Citarei, pois, duas ou três indicações que em realidade não lhes permitirão experimentar com a lembrança das vidas anteriores, mas que lhes darão certas noções. Não o expor tudo porque não é recomendável para todos experimentar com esta idéia. Por outra parte, este experimento pode lhes pôr em perigo em muitos casos.

vou contar lhes um incidente para que fique claro o que lhes digo. Uma professora esteve praticando a meditação comigo durante dois ou três anos. Ela insistia muito em experimentar com o jati-smaran, em conhecer sua vida anterior. Eu a ajudei a realizar o experimento; mas também lhe adverti de que seria melhor que não o realizasse até que não tivesse desenvolvido plenamente sua meditação, do contrário podia ser perigoso.

As lembranças de uma só vida já são difíceis de suportar por si só. Se as lembranças das três ou quatro vistas anteriores salvam a barreira e alagam à pessoa, esta pode voltar-se louca. Por isso, a natureza dispôs as coisas de tal maneira que sempre esquecemos o passado. A natureza nos há provido da capacidade de esquecer mais do que recordamos, para que nossa mente não tenha uma carga maior da que pode suportar. A carga maior só se pode suportar quando aumentou a capacidade de nossa mente, e se o peso destas lembranças recai sobre nós antes de ter aumentado esta capacidade, então começam os problemas. Mas ela insistia. Não tinha em conta meus conselhos e empreendeu o experimento.

Quando a invadiu por fim a inundação das lembranças de sua vida anterior, veio correndo a ver-me por volta das duas da madrugada. Parecia uma confusão; estava muito angustiada. Disse-me: "Isto tem que parar de algum jeito. Não quero ver nunca esse aspecto das coisas." Mas não é tão fácil deter a maré das lembranças quando se transbordou. Em muito difícil fechar a porta quando a atiraram abaixo: a porta não só se abre, mas também se rompe. Aquilo durou uns quinze dias: só ao cabo desse tempo cessou a quebra de onda de lembranças. Qual era o problema?

Aquela senhora estava acostumada afirmar que era muito piedosa, que era uma mulher de virtude impecável. Quando se encontrou com a lembrança de sua vida anterior, em que tinha sido uma prostituta, e quando começaram a sair à luz as cenas de sua prostituição, todo seu ser se estremeceu. Toda sua moralidade sobre sua vida presente se transtornou.

Nas revelações deste tipo, não é como se as visões pertencessem a outro: a mesma mulher que passava por casta se via si mesmo como uma prostituta. Está acostumado a acontecer que as pessoas que se prostituíram em uma vida anterior se voltam profundamente virtuosas na vida seguinte: é uma reação ante o sofrimento da vida anterior. É a lembrança da dor e do dano da vida anterior o que a converte em uma mulher muito casta.

Está acostumado a acontecer que as pessoas que foram pecadores em vistas anteriores se voltam religiosas nesta vida. Por isso, existe uma relação bastante profunda entre os pecadores e os religiosos. Está acostumado a produzir uma reação deste tipo, e isso se deve a que o que chegamos a conhecer nos faz mal e, por isso, passamo-nos ao extremo oposto.

O pêndulo de nossa mente não deixa de mover-se para o lado oposto. Assim que o pêndulo chega à esquerda oscila de novo para a direita. Logo que há meio doido a direita quando volta a oscilar para a esquerda. Quando virem que o pêndulo de um relógio se move para a esquerda, não duvidem de que está a provisionando a energia suficiente para voltar a dirigir-se para a direita: chegará a deslocar-se para a direita tanto como se deslocou para a esquerda. Do mesmo modo está acostumado a acontecer na vida: a pessoa virtuosa se converte em pecadora, e o pecador se volta virtuoso.

Isto é muito corrente: está oscilações se produzem nas vidas de todos. Não criam que é regra geral que o que chegou à santidade nesta vida deveu que ser também um santo em sua vida anterior. Não necessariamente é assim. O que se cumpre

necessariamente é exatamente o contrário: está carregado da dor do que teve que acontecer sua vida anterior e girou no sentido oposto.

ouvi contar o seguinte:

Ou

NA VEZ VIVIA UM RELIGIOSO ante a casa de uma prostituta. Ambos morreram o mesmo dia. Mas a alma da prostituta tinha que subir ao céu, e a do religioso tinha que baixar ao inferno. Os emissários que tinham chegado para levar os estavam muito desconcertados. Não deixavam de perguntar-se: “O que passou? É um engano? por que devemos levar a religioso ao inferno? Não era um religioso?”

O mais sábio deles disse: “Era um religioso, em efeito, mas invejava à prostituta. Sempre pensava nas festas que organizava em sua casa e nos prazeres que se desfrutavam ali. As notas da música que chegavam até sua casa o afetavam no mais fundo. Nenhum admirador da prostituta que a contemplasse sentado ante ela se comovia tanto como ele, que escutava os sons que saíam da casa dela, as notas das cascavéis que ela ficava nos tornozelos para dançar. Toda sua atenção estava centrada naquele lugar. Mesmo que adorava a Deus, tinha atentos os ouvidos aos sons que saíam de casa dela.

“E a prostituta? Enquanto adoecia no poço da desgraça, sempre se perguntava pelas bem-aventuranças desconhecidas em que vivia o religioso. Quando o via carregado de flores para o culto da manhã, ela se perguntava: “Quando serei digna de levar flores para o culto do templo? Sou tão impura que logo que tenho valor para entrar sequer no templo.” A fumaça do incenso, o brilho dos abajures, os sons do culto, arrebatavam à prostituta e a faziam cair em uma espécie de meditação, pelo que não era capaz o religioso. A prostituta sempre sonhava com a vida do religioso, e o religioso sempre desejava os prazeres da prostituta.”

S

US INTERESSE E SUAS ATITUDES, tão diferente, tão opostos entre si, tinham trocado por completo. Isto está acostumado a acontecer; e estes fatos seguem certas leis.

assim, quando a aquela professora chegou a lembrança de sua vida anterior, doeu-lhe muito. Doeu-lhe porque lhe destroçou seu amor próprio. O que soube de sua vida anterior a estremeceu, e depois queria esquecê-lo. Eu já lhe tinha advertido de antemão que não devia recordar sua vida anterior sem preparar-se a fundo.

Como me perguntastes isso, darei-lhes algumas noções básicas para que possam compreender o significado do jati-smaran. Mas não lhes servirão para experimentar com isso. Os que queiram experimentar terão que estudá-lo por sua conta.

A primeira noção é que o propósito do jati-smaran é, simplesmente, conhecer a vida anterior de um; para isso, devemos apartar nossa mente do futuro. Nossa mente está orientada ao futuro e não ao passado. Normalmente, nossa mente está centrada no futuro; desagrada-se para o futuro. A corrente de nossos pensamentos está orientada para o futuro, e se nossa mente está orientada para o futuro e não para o passado é pelo bem da vida. por que preocupar do passado? foi; acabou-se; e o que nos interessa é o que tem que vir. Por isso perguntamos constantemente aos astrólogos o que nos reserva o futuro. Interessa-nos descobrir o que vai passar no futuro. que quer recordar o passado tem que renunciar, por completo, a todo interesse pelo futuro. Pois assim que o foco da mente se centra no futuro, assim que a corrente dos pensamentos começou a dirigir-se para o futuro, já não é possível fazê-la voltar para o passado.

assim, o primeiro que terá que fazer é romper por completo com o futuro durante alguns meses, durante um período de tempo determinado. A pessoa tem que decidir-se a não pensar no futuro durante seis meses. Se lhe apresenta um pensamento relacionado com o futuro, limitará-se a saudá-lo e a soltá-lo; não se identificará com nenhuma idéia de futuro nem se deixará levar por ela. O primeiro é, pois, pensar durante seis meses que não há futuro e fluir para o passado. E assim, assim que se solta o futuro, a corrente dos pensamentos flui para o passado.

Para começar tem que retroceder nesta vida; não é possível retornar em seguida a uma vida anterior. E existem técnicas para retroceder nesta vida. Por exemplo, como pinjente antes, não recordam o que fizeram-nos dia 1º de janeiro de 1950.

Existe uma técnica para descobri-lo. Se entrarem na meditação que lhes indiquei, ao cabo de dez minutos (quando a meditação se feito mais profunda, quando o corpo esteja depravado, a respiração esteja relaxada, a mente esteja tranqüila), então deixem que o único que fique na mente seja a pergunta: "O que aconteceu 1º de janeiro de 1950?" Deixem que toda sua mente se centre nisso. Se essa for a única nota que ressona em sua mente, ao cabo de vários dias verão de repente que se levanta um pano de fundo: aparece-nos primeiro dia de janeiro, e começam a viver de novo todos e cada um dos fatos daquele dia, da saída do sol até a noite. E verão em primeiro de janeiro com muito mais detalhe de que puderam ver realmente naquele dia concreto, porque aquele dia possivelmente não estavam tão conscientes. De modo que devem começar por fazer experimentos de regressão nesta vida atual.

É muito fácil fazer regressões até a idade de cinco anos; volta-se muito difícil chegar antes desta idade. E, em geral, não podemos recordar o que aconteceu antes dos cinco anos de idade; é o limite máximo que podemos alcançar. Algumas pessoas podem recordar até seu terceiro ano de vida. Mas mais à frente se volta extremamente difícil: levanta-se como uma barreira ante a entrada e todo se bloqueia. A pessoa que adquire a capacidade de evocar será capaz de despertar plenamente a lembrança de qualquer dia a partir de seus cinco anos de idade. A lembrança começa a reviver por completo.

Depois, terá que pô-lo a prova. Por exemplo, anotem em um papel os fatos de hoje e guardem sob chave. Vos anos mais tarde, recordem o dia; leiam a nota e comparem com ela sua lembrança. Descobrirão com assombro que fostes capazes de evocar mais coisas das que tinha cotado no papel. Os sucessos voltarão para sua memória com toda segurança.

O Buda chamou a isto alaya-vigyan. Há um rincão de nossas mentes ao que o Buda chamou alaya-vigyan. "Alaya-vigyan" significa "o armazém da consciência". Assim como nós guardamos todos nossos trastes no porão da casa, existe um armazém da consciência onde se recolhem as lembranças. Tudo se guarda nele, nascimento detrás nascimento. Nada se retira nunca dali, porque o homem não sabe nunca quando pode necessitar essas coisas. O corpo físico troca, mas em nossa existência continuada esse armazém segue existindo, segue conosco. Nunca sabemos quando podemos necessitá-lo. E seja o que seja o que tenhamos feito em nossas vidas, o que tenhamos visto, conhecido, vivido, todo isso se armazena ali.

Ele que é capaz de recordar até a idade de cinco anos pode chegar além de tal idade: não é muito difícil. A natureza do experimento será a mesma. além dos cinco anos há outra porta que lhes conduzirá até o ponto de seu nascimento, até o momento em que apareceram sobre a Terra. Então nos encontramos com outra dificuldade, porque as lembranças de nossa estadia no ventre materno tampouco desaparecem nunca. Podemos nos introduzir também nestas lembranças, chegando até o instante da concepção, até o momento em que se unem os gens da mãe e do pai e entra a alma. O homem só pode entrar em suas vidas anteriores depois de ter chegado a este ponto; não é capaz de entrar nelas diretamente. Devemos realizar toda esta viagem de volta: só então é possível passar também à vida anterior.

depois de ter entrado na vida anterior, a primeira lembrança que nos chegue será do último sucesso que teve lugar naquela vida. Recordem, não obstante, que isto provocará certas dificuldades e que não terá muito sentido. É como se projetamos um filme parte atrás ou como se lemos uma novela começando pela última página: sentimo-nos perdidos. Nossa primeira entrada em nossa vida anterior, confundirá-nos, porque a seqüência dos fatos estará em ordem inversa.

Quando voltarem a sua vida anterior, encontrarão-lhes em primeiro lugar com a morte; depois, com a vexe, com a juventude, com a infância, e, por último, com o nascimento. Estará em ordem inversa, e nessa ordem lhes resultará muito difícil entender as coisas. assim, quando sair à luz a lembrança pela primeira vez lhes sentirão tremendamente inquietos e agitados, porque é difícil entender as coisas; é como se vissem um filme ou como se lessem uma novela ao reverso. Possivelmente só sejam capazes de desentranhar um fato depois de reordená-lo várias vezes. De modo que o

maior esforço que terá que realizar ao voltar para as lembranças de nossa vida anterior é o de ver em ordem inversa uns fatos que normalmente transcorrem em ordem normal. Mas, ao fim e ao cabo, qual é a ordem normal, e qual é o inverso? É simplesmente uma questão de como entramos no mundo e de como saímos dele.

Ao princípio semeamos uma semente, e a flor aparece ao final. Mas se observarmos este fenômeno ao reverso viria em primeiro lugar a flor, seguida do casulo, da planta, das folhas e do broto, e o último seria a semente. Como não temos um conhecimento prévio desta ordem inversa, necessitamos muito tempo para reordenar coerentemente as lembranças e para determinar claramente a natureza dos fatos. O mais estranho é que virá em primeiro lugar a morte, seguida da velhice e da enfermidade, e depois virá a juventude: as coisas acontecerão em ordem inversa. Ou, se lhes casaram e lhes divorciaram, quando repassarem o baú das lembranças verão em primeiro lugar o divórcio, seguido do amor e, depois, do matrimônio.

Será extremamente difícil seguir os sucessos desta maneira regressiva, porque normalmente compreendemos as coisas de uma maneira unidimensional. Nossas mentes são unidimensionais. É muito difícil ver as coisas na ordem contrária: não estamos acostumados a tal experiência; estamos acostumados a nos mover de maneira linear. Fazendo um esforço, não obstante, podemos compreender os sucessos de uma vida passada seguindo, sequencialmente, a ordem inversa. Sem dúvida, será uma experiência incrível.

Repassar as lembranças seguindo esta ordem inversa será uma experiência surpreendente, porque ao ver em primeiro lugar o divórcio, depois o amor e depois o matrimônio ficará claro imediatamente que o divórcio era inevitável: o divórcio era inerente ao tipo de amor que se produziu: o divórcio era o único resultado possível do matrimônio que teve lugar. Mas no momento daquele matrimônio da vida anterior não tínhamos a menor ideia de que acabaria em divórcio; e o divórcio foi consequência desse matrimônio. Se víssemos tudo isto em sua integridade, então o amor de hoje seria algo completamente diferente, porque agora poderíamos ver de antemão o divórcio que tinha aparelhado; agora poderíamos ver a inimizade que se mora, antes inclusive de estabelecer a amizade.

A lembrança da vida anterior dará a volta por completo a nossa vida atual, porque já não serão capazes de viver como viveram em sua vida anterior. Em sua vida anterior tinha a opinião (e inclusive agora persiste essa opinião) de que o êxito e a felicidade grande se conseguiam a apóie de lavrar uma fortuna. O que verão primeiro em sua vida anterior será sua estado de infelicidade, antes de que vejam como ganharam essa fortuna. Assim verão claramente que o fato de ganhar uma fortuna, em lugar de ser uma fonte de felicidade, conduziu-lhes em realidade à infelicidade; e verão que a amizade lhes conduziu à inimizade; que o que tomavam por amor se converteu em ódio, e que o que acreditava que era uma união se converteu em separação. Então verão pela primeira vez as coisas em sua perspectiva correta, com seu transcendência completa. E estas consequências trocarão sua vida, trocarão por completo o modo em que vivem agora. Será uma situação completamente diferente.

H

E OUVIDO CONTAR QUE UM HOMEM foi visitar um monge e lhe disse:

-Agradeceria-lhe muito que me aceitasse como discípulo.

O monge se negou. O homem lhe perguntou por que não queria tomá-lo como discípulo.

O monge respondeu:

-Em meu nascimento anterior tive discípulos que se converteram mais tarde em inimigos meus. Vi-o tudo, e agora sei que ter discípulos é ganhar inimigo, que fazer amigos é semear as sementes da inimizade. Agora não quero ganhar inimigos, para o qual não tenho nenhum amigo. Sei que basta estando sozinho. nos aproximar de uma pessoa equivale, em certo modo, a afastar a de nós.

E

L BUDA HÁ DITO QUE O ENCONTRO com o que nos agrada produz alegria, e que a despedida do que não nos agrada também produz dor; e que a despedida do ser querido que nos amamos produz dor; e que o encontro com o ser não querido também nos produz dor. Assim se acreditava e assim se entendia. Mas mais tarde chegamos a compreender que aquele ao que chamamos o ser querido pode converter-se no ser não querido, e que aquele ao que considerávamos o ser não querido pode converter-se no ser querido. Assim, com a evocação das lembranças passadas, as situações existentes trocam radicalmente; vêem-se de um ponto de vista completamente diferente.

Estas evocações são possíveis, embora não são nem necessárias nem inevitáveis; e em algumas ocasiões estas lembranças também podem aparecer de improviso quando praticamos a meditação. Se as lembranças das vidas passadas chegam a apresentar-se de repente (sem estar praticando nenhum experimento; simplesmente, em sua meditação normal), não lhes interessem muito por eles. Lhes limite a olhá-los, a ser testemunha deles; pois, normalmente, a mente é incapaz de suportar de repente uma turbulência tão grande. Se a gente tenta agüentá-la, corre o claro perigo de voltar-se louco.

Uma vez me trouxeram para uma menina que tinha uns onze anos e que, inesperadamente, tinha recordado três de suas vidas anteriores. Não tinha experiente com nada: mas às vezes se produzem enganços. Este foi um engano por parte da natureza, e não uma bênção que esta outorgasse à menina: de algum modo, a natureza se equivocou em seu caso. É como se alguém tivesse três olhos ou quatro braços: é um engano. Quatro braços seriam muito mais fracos que dois braços; quatro braços não poderiam funcionar tão bem como dois. O corpo com quatro braços seria mais débil, não mais forte.

De modo que a menina, de onze anos, recordava três vistas anteriores, e seu caso se estudou muito. Em sua última vida anterior tinha vivido a uns cento e trinta quilômetros de onde eu vivo agora, e naquela vida tinha morrido aos sessenta anos de idade. As pessoas com as que viveu então vivem agora em minha cidade, e ela os reconhecia a todos. Entre uma multidão de milhares de pessoas foi capaz de reconhecer a seus antigos parentes: a seu próprio irmão, a suas filhas, a seus netos, a suas filhas e a seus genros. Foi capaz de reconhecer a seus parentes longínquos e a contar muitas coisas deles que eles mesmos tinham esquecido.

Seu irmão maior vive ainda. Tem na frente a cicatriz de uma ferida pequena. Eu perguntei à menina se sabia algo a respeito daquela cicatriz. A menina riu e disse: "Nem sequer meu irmão sabe. Que ele te diga quando e como se fez aquela ferida." O irmão não era capaz de recordar quando se fez a ferida. Disse que não tinha a menor ideia.

A menina disse: "O dia de suas bodas, meu irmão caiu do cavalo do cortejo nupcial. Tinha então dez anos." Os anciões do povo confirmaram o relato, pois recordavam que, em efeito, o irmão se cansou do cavalo. E o homem não recordava aquele sucesso. A menina mostrou também um tesouro que tinha enterrado na casa em que tinha vivido em sua vida anterior.

Naquela vida anterior tinha morrido aos sessenta anos de idade, e na vida anterior a aquela tinha nascido em um povo da região do Assam. Naquela vida tinha morrido aos sete anos. Não sabia o nome do povo nem sua direção, mas conhecia a língua do Assam, tal como a podia falar uma menina de sete anos. Também sabia dançar e cantar como uma menina de sete anos. fizeram-se muitas pesquisas, mas não foi possível localizar a que foi sua família naquela vida.

A menina tem uma experiência vital de um total de sessenta e sete anos, além de seus onze anos nesta vida. Tem os olhos de uma mulher de sessenta e cinco a setenta e oito anos, embora em realidade só tem onze anos. Não pode jogar com as meninas de sua idade, porque se sente muito velha. Leva consigo as lembranças de setenta e oito anos; vá a si mesmo como uma mulher de setenta e oito anos. Não pode ir à escola porque, apesar de que tem onze anos, parece-lhe que o professor poderia ser seu filho. assim, embora seu corpo só tem onze anos, sua mente e sua personalidade são os de uma mulher de setenta e oito anos. Não é capaz de jogar nem de divertir-se como fazem as meninas; só lhe interessam as coisas sérias das que revistam falar as anciãs. Sofre muito; está cheia de tensão. Seu corpo e sua mente não estão em harmonia. acha-se em uma situação muito triste e dolorosa.

Eu recomendei a seus pais que me trouxessem para a menina e que me permitissem ajudá-la a esquecer as lembranças de suas vidas anteriores. Assim como existe um método para recuperar as lembranças, também existe uma maneira de esquecê-los. Mas todo aquele assunto encantava a seus pais! Acudiam multidões a ver a menina; começavam a venerá-la. Aos pais não interessava que ela se esquecesse do passado. Adverti-lhes que a menina se voltaria louca, mas eles não fizeram conta. Hoje está ao bordo da loucura, pois não é capaz de suportar a carga de tantas lembranças. Outro problema é que não há maneira de casá-la. Resulta-lhe difícil pensar em casar-se quando, em realidade, sente-se como uma anciã de setenta e oito anos. Nela não há harmonia de nenhuma classe: seu corpo é jovem, mas sua mente é velha. É uma situação muito difícil.

Mas isto foi um acidente. Também vós podem atravessar esta fronteira com um experimento. Mas não é necessário viajar nesta direção, embora os que o desejem podem experimentar. Mas antes de passar ao experimento é essencial que pratiquem a meditação profunda para que suas mentes possam voltar-se tão silenciosas e tão fortes que, quando as alagar a maré das lembranças, possam aceitá-los como simples testemunhas. Quando uma pessoa é capaz de presenciar as coisas como uma simples testemunha, suas vidas anteriores não lhe parecem mais que sonhos. Então não o atormentam as lembranças: não significam para ele nada mais que os sonhos.

Quando a gente consegue evocar as vistas anteriores e lhe começam a parecer como sonhos, também sua vida atual começa a lhe parecer imediatamente um sonho. Os que chamaram maia a este mundo não o têm feito simplesmente para defender uma doutrina filosófica. detrás disso se encontra o jati-smaran, a lembrança das vidas anteriores. Para o que recordou suas vidas anteriores, tudo se converteu de repente em um sonho, em uma ilusão. Onde estão seus amigos das vidas anteriores? Onde estão seus parentes, sua mulher e seus filhos, as casas nas que viveu? Onde está aquele mundo? Onde está tudo o que lhe parecia tão real? Onde estão aquelas preocupações que lhe tiravam o sonho? Onde estão aqueles dores e sofrimentos que lhe pareciam tão insuperáveis, que levava como um peso às costas? E o que foi da felicidade que desejava? O que foi de todo aquilo pelo que trabalhou e pelo que se esforçou? Se forem capazes de recordar sua vida anterior, e se viveram setenta anos, o que vissem nesses setenta anos lhes pareceria um sonho, ou uma realidade? Na verdade, pareceria-lhes um sonho que veio e se murchou.

ouvi contar o seguinte:

Ou

NA VEZ O FILHO DE UM REI jazia em seu leito de morte. Levava oito dias em vírgula: não podiam salvá-lo, mas a morte tampouco devia levar se o O rei rezava pedindo por sua vida, por uma parte, mas era consciente, ao mesmo tempo, de que tudo está cheio de dor e de sofrimento e advertia a futilidade da vida. O rei passou oito noites sem dormir, mas na novena noite, por volta das quatro da madrugada, venceu-o o sonho e começou a sonhar.

Estamos acostumados a sonhar com as coisas que não conseguimos na vida; por isso, o rei, sentado junto a seu único filho, que morria, sonhou que tinha doze filhos fortes e formosos. viu-se como imperador de ou grande reino, como rei de toda a Terra, dono de palácios grandes e belos. E se viu enormemente feliz. E, enquanto sonhava todo isso...

O tempo transcorre mais depressa nos sonhos; o tempo dos sonhos é completamente diferente do tempo de nossa vida diária. Em um sonho se pode saltar em um momento um intervalo de muitos anos, e quando despertamos parece difícil entender como havemos talher tantos anos em um sonho que só durou uns momentos. Em realidade, o tempo transcorre muito depressa nos sonhos; podemos cobrir muitos anos em um momento.

assim, enquanto o rei sonhava com seus doze filhos e com as lindas esposas destes, com seus palácios e com seu grande reino, o príncipe doente, que tinha doze anos, morreu. Reina-a deu um grito, e o sonho do rei ficou interrompido bruscamente.

O rei despertou, assustado. Reina-a, entristecida, perguntou-lhe:

-por que parece tão assustado? por que não tem lágrimas nos olhos? por que não diz nada?

O rei respondeu:

-Não, não estou assustado: estou confuso. Enfrento a um grande dilema. Pergunto a quem devo chorar. Devo chorar aos doze filhos que tinha faz um momento, ou a este filho que acabo de perder? O que me inquieta é que não sei quem morreu. E o mais estranho é que, quando eu estava com aqueles doze filhos, não sabia nada deste filho. Não estava em nenhuma parte: não havia rastro dele, nem de ti. Agora que saí que sonho, este palácio está aqui, você está aqui, meu filho está aqui; mas aqueles palácios e aqueles filhos desapareceram. O que é o verdadeiro? É verdadeiro isto, ou o era aquilo? Não sou capaz de determiná-lo.

C

UANDO RECORDEM SUAS VIDAS anteriores, resultará-lhes difícil determinar se o que vêem nesta vida é verdadeiro ou não. Darão-lhes conta de que já viram as mesmas coisas muitas vezes e de que nada durou para sempre: tudo se perdeu. Então lhes perguntarão: "É o que vejo agora tão verdadeiro como o que vi antes? Porque também isto passará e se desvanecerá, como todos os sonhos anteriores."

Quando vemos um filme, parece-nos verdade. Quando termina o filme, demoramos alguns momentos em voltar para nossa realidade, em reconhecer que o que vimos no cinema não era mais que uma ilusão. Em concreto, muitas pessoas que revistam ser incapazes de manifestar seus sentimentos chegam a chorar quando vêem um filme. sentem-se muito aliviadas, porque do contrário teriam que procurar algum outro pretexto para liberar seus sentimentos. permitem-se chorar ou rir no cinema. Quando saímos de ver o filme, o primeiro que nos ocorre é o muito que nos identificamos com o que acontecia na tela. Se vírmos o mesmo filme cada dia, a ilusão se desvanece pouco a pouco. Mas também nos esquece o que nos passou no último filme. E quando vamos ver um filme novo, começamos de novo a nos acreditar o que acontece ela.

Se pudéssemos recuperar as lembranças de nossas vidas anteriores, nossa vida atual também começaria a nos parecer um sonho. Quantas vezes sopraram estes ventos! Quantas vezes aconteceram estas nuvens pelo céu! Apareceram e desapareceram, e o mesmo passará a estas que estão aqui: já estão desaparecendo! Se chegarmos a nos dar conta disto, conheceremos o que se chama maia. Também conheceremos que todas as circunstâncias, todos os sucessos, são irreais: nunca são idênticos, mas são transitivos. Chega um sonho: a este segue outro, e a este outro mais. O peregrino parte de um momento dado e passa ao seguinte. Os momentos desaparecem um após o outro, mas o peregrino segue avançando.

assim, conhecem-se de uma vez duas coisas: em primeiro lugar, que o mundo objetivo é uma ilusão, maia: só o observador é real; em segundo lugar, que as aparências são falsas: só o espectador, só a testemunha é verdadeira. As aparências trocam cada dia, sempre trocaram: só a testemunha, o observador, é o mesmo que antes e não troca. E recordem que enquanto as aparências pareçam reais, sua atenção não se centrará no espectador, na testemunha. Só quando as aparências resultam irreais nos fazemos conscientes da testemunha.

Por isso lhes digo, pois, que recordar as vistas acontecidas é útil, mas só depois de que tenham aprofundado na meditação. Aprofundem na meditação para que alcancem a capacidade de ver a vida como um sonho. Converter-se em mahatma, em homem de vida Santa, tem tanto de sonho como converter-se em ladrão: podem ter sonhos bons e sonhos maus. E o mais interessante é que o sonho de ser um mahatma demora algum tempo mais em desaparecer, porque parece muito agradável. Assim, o sonho de ser um mahatma é mais perigoso que o sonho de ser um ladrão. Queremos prolongar nossos sonhos agradáveis, enquanto que os dolorosos se dissolvem por si só. Por isso está acostumado a acontecer que o pecador consegue alcançar a Deus enquanto que o religioso não o consegue.

Hei-lhes dito algumas costure sobre a lembrança de suas vidas anteriores, mas terão que praticar a meditação para isso. vamos começar a entrar dentro de nós

mesmos desde hoje mesmo: só então podemos estar preparados para o seguinte. Sem esta preparação é difícil entrar nas vidas anteriores.

Imagine, por exemplo, uma casa grande com adegas subterrâneas. Se um homem que estiver fora da casa quer entrar na adega, terá que entrar na primeira casa, pois à adega se acessa desde dentro da casa. Nossas vidas anteriores são como adegas. Em certa época vivemos ali, e depois as abandonamos: agora vivemos em outra parte. Mas agora estamos no exterior da casa. Para desvelar as lembranças das vidas anteriores têm que entrar na casa. Isto não tem nada de difícil, de incômodo nem de perigoso.

Outro amigo perguntou: meu amigo, que é iogue, afirma que em sua vida anterior foi um pardal. É possível isto?

E

S POSSÍVEL QUE EM TRANSCURSO de sua evolução uma pessoa tenha sido um animal em uma ocasião, mas não pode nascer de novo como animal. No processo da evolução não podemos retroceder: é impossível o retrocesso. É possível avançar da forma do nascimento anterior, mas não é possível retroceder de uma forma avançada de nascimento. Neste mundo não se volta atrás: não há possibilidade disso. Só há dois caminhos: ou avançamos, ou ficamos onde estamos; não podemos retroceder.

É como quando um escolar aprova o primeiro grau e passa ao segundo grau; mas, se suspender, fica no primeiro grau. Do mesmo modo, se suspender o segundo grau podemos deixá-lo ali, mas de maneira nenhuma podemos levá-lo de novo ao primeiro grau. Nós podemos ficar em uma espécie durante muito tempo ou avançar à espécie seguinte, mas não podemos retroceder a uma espécie inferior a que estávamos.

É possível, verdadeiramente, que uma pessoa tenha sido antes um animal ou um pássaro: deve havê-lo sido. Mas é outra coisa saber quanto tempo passou naquela espécie. Se aprofundarmos em nossas vidas anteriores, seremos capazes de evocar as espécies pela que passamos até agora. Podemos ter sido um animal, um pássaro, um pequeno pardal... espécies cada vez inferiores. Alguma vez teremos sido seres tão inertes que resultaria difícil encontrar em nós algum indício de consciência.

Também as montanhas estão vivas, mas logo que têm consciência. São inertes em um noventa e nove por cento e só têm um por cento de consciência. Quando vai evoluindo a vida, cresce a consciência e decresce o componente inerte. A divindade é um cem por cem de consciência. A diferença entre divindade e matéria é uma questão de percentagens. A diferença entre a divindade e a matéria é uma questão de quantidade e não de qualidade. Por isso, a matéria pode chegar a converter-se em Deus.

Não é estranho nem difícil aceitar que um ser humano tenha podido ser um animal em sua vida anterior. O verdadeiramente surpreendente é que, apesar de ser humano, comportemo-nos como animais! Não tem nada de surpreendente que em alguma vida anterior todos tenhamos sido animais, mas até sendo humano nosso nível de consciência pode ser tão baixo que podemos parecer humanos só a nível físico. Se observarmos nossas tendências parece que, embora já não somos animais, tampouco nos convertemos ainda em seres humanos: parece que nos ficamos entupidos em um ponto intermédio. Assim que se apresenta a oportunidade, não perdemos tempo em voltar de novo para nível dos animais.

Imaginem, por exemplo, que vão caminhando pela rua como cavalheiros e que chega um tipo e lhes dá de murros e lhes insulta. Imediatamente, o cavalheiro que há em vós se retira e lhes encontram manifestando ao mesmo animal interior que devem ter sido em alguma vida anterior. Se escavarem um pouco por debaixo da superfície, aparece a besta que há dentro; e sai a reluzir com tanta violência que alguém se pergunta se aquela pessoa foi alguma vez um ser humano.

Nosso estado de ser atual contém tudo o que fomos antes. Existem estratos e estratos de todos os estados que atravessamos no passado. Se escavarmos um pouco dentro, podemos chegar aos estratos interiores de nosso ser. Podemos chegar, inclusive, ao estado em que fomos uma pedra: também este constitui um estrato

interior. Muito dentro de nós somos ainda pedras; por isso, quando alguém nos leva a força até esse estrato, comportamo-nos como pedras, podemos obrar como pedras. Também podemos nos comportar como animais: de fato, assim o fazemos. O que temos por diante não são mais que nossas potencialidades: não são estratos. Embora algumas vezes damos um salto e tocamos estas potencialidades, voltamos a cair ao chão.

Podemos ser deuses algum dia, mas de momento não o somos. Temos a potencialidade de nos voltar divinos, mas o que somos agora está composto do que fomos no passado.

Há, pois, duas coisas: se escavarmos dentro de nós, encontramos-nos com nossos diversos estados passados do ser; e se somos arrastados para diante na cadeia dos nascimentos, conhecemos os estados que temos por diante. Mas, do mesmo modo que quando damos um salto)separamos do chão por um segundo, mas voltamos a cair a terra ao cabo de um momento, algumas vezes saltamos de nosso estado animal e nos convertemos em seres humanos, mas depois voltamos a cair naquele mesmo estado. Se o observarem com cuidado, verão que em um período de vinte e quatro horas só somos verdadeiros seres humanos de vez em quando e em momentos determinados. E tudo isto sabemos muito bem.

Devem ter observado aos mendigos. Sempre vão pedir pela manhã. Nunca vão cair a tarde, porque é quase impossível que ao cair a tarde alguém siga sendo um ser humano. O mendigo espera que a pessoa seja um pouco humana pela manhã, quando se tiver levantado descansada depois de um bom sonho, fresca e alegre. Não espera nenhuma caridade ao cair a tarde, porque sabe o que teve que passar a pessoa com o passar do dia: o escritório, o mercado, os tumultos e as manifestações, os periódicos e os políticos: todo isso o transtornou, necessariamente. Tudo deveu agravar e ativar os estratos animais que tem dentro. Ao cair a tarde, o homem está cansado; converteu-se em uma besta. Por isso, nos cabarés vêem bestas que manifestas tendências bestiais. O homem, cansado de ser humano durante todo o dia, tem ânsia de álcool, de ruído, de jogo, de bailes, de espetáculos eróticos: quer estar entre outras bestas. Os cabarés emprestam seus serviços ao animal que há dentro do homem. Por isso, as manhãs são mais adequadas para praticar a oração; por isso, a tarde é menos propícia para isso. Em todos os templos soam os sinos pela manhã; de noite se abrem as portas dos cabarés, dos cassino, dos espetáculos. As prostitutas não podem receber clientes pela manhã: só recebem a seus clientes de noite.

depois de um duro dia de trabalho, o homem se converte em animal; por isso, o mundo da noite é diferente ao mundo do dia. A mesquita chama à oração pela manhã, e o templo faz soar seus sinos pela manhã. Existe certa esperança de que o homem, recém acordado pela manhã, volte-se para Deus; há menos esperança de que lhe aconteça isto a um homem que está cansado, ao anoitecer.

Pelo mesmo motivo, existem grandes esperança de que os meninos se voltem para Deus, mas há menos esperança para os velhos: estão no crepúsculo de suas vidas; a vida já deveu que lhes tirar tudo. Por isso, devemos empreender a viagem assim que possamos, tão de amanhã como podemos. Já cairá a tarde por si mesmo. Mas se já empreendemos a viagem pela manhã, é mais provável que, ao cair a tarde, também nos encontremos no templo.

Nosso amigo tem razão, pois, ao perguntar-se se for possível que uma pessoa tenha podido ser um animal ou um ave em sua vida anterior. Mas o que devemos procurar é não seguir sendo pássaros nem bestas nesta vida.

A

NTES DE PASSAR À MEDITAÇÃO, vamos compreender algumas costure. Em primeiro lugar, devem lhes deixar levar completamente. Se lhes retraírem embora só seja um pouco, isso será um obstáculo para a meditação. Lhes deixe levar como se estivessem mortos, como se lhes tivessem morrido de verdade. Terá que aceitar a morte como se já tivesse chegado, como se tivesse morrido todo o resto e nos estivéssemos afundando cada vez mais fundo, dentro de nós. Agora só sobreviverá o que sobrevive sempre: Soltaremos todo o resto que possa morrer. Por isso hei dito que este é um experimento com a morte.

Este experimento tem três partes. A primeira é a relaxação do corpo; a segunda é a relaxação da respiração; a terceira é a relaxação do pensamento. O corpo, a respiração e o pensamento: terá que soltar lentamente os três.

Vos rogo que lhes separem os uns dos outros. É possível que alguém caia; por isso, lhes separe um pouco uns de outros. Lhes atrase um pouco ou avancem um pouco, mas procurem não lhes sentar muito perto uns de outros; do contrário, teria que estar sempre pendentes de não cair em cima de alguém.

Quando o corpo fica solto, pode cair para diante ou para trás: nunca se sabe. Só podem estar seguros disso enquanto o sujeitam. Quando deixarem de sujeitar seu corpo, este cairá automaticamente. Quando afrouxarem sua sujeição de dentro, quem sujeitará o corpo? O normal é que caia. E se não deixarem de lhes preocupar de evitar que caia, ficarão onde estão: não serão capazes de entrar na meditação. Assim, quando seu corpo esteja a ponto de cair, considerem como uma bênção. Deixem em seguida. Não o sujeitem, pois se o sujeitam lhes impedirão a vós mesmos passar para dentro. E não lhes zanguem se alguém cai sobre vós: deixem. Se alguém recostar sua cabeça sobre seu regaço durante algum tempo, deixem: não lhes incomodem.

Agora, fechem os olhos. Fechem brandamente. Relaxem o corpo. Deixem completamente solto, como se não houvesse vida nele. Retirem toda a energia de seu corpo; levem dentro. Quando a energia se retire dentro, o corpo ficará solto.

Agora começarei a lhes fazer sugestões de que o corpo se está ficando solto, de que nos estamos ficando em silêncio... Sintam como fica solto o corpo. Soltem. Passem dentro, como uma pessoa que entra em sua casa. Passem dentro, entrem. O corpo se está relaxando... Solte por completo... deixem sem vida, como se estivesse morto. O corpo se está relaxando, o corpo se relaxou, o corpo se relaxou por completo...

Dou é obvio que relaxastes por completo seu corpo, que soltastes a sujeição a que o tinha submetido. Se o corpo cair, que assim seja; se se inclinar para diante, deixem que se incline. Que o que tenha que acontecer, aconteça: vós, lhes relaxe. Comproven que não estão sujeitando nada. Apareça dentro de vós para lhes assegurar de que não estão sujeitando seu corpo. Devem ser capazes de lhes dizer: "Não estou sujeitando nada. Deixei-me levar por completo."

O corpo está depravado, o corpo está solto. A respiração se está acalmando, a respiração se está fazendo mais lenta. Sintam respiração se feito mais lenta... soltem por completo. Deixem também sua respiração, renunciem por completo à sujeição a que a têm submetida. A respiração se está fazendo mais lenta, a respiração se está acalmando... A respiração se acalmou, a respiração se feito mais lenta.

A respiração se acalmou... os pensamentos também se estão acalmando. Sintam. Os pensamentos se estão ficando em silêncio... soltem. soltastes o corpo, soltastes a respiração; agora, soltem também os pensamentos. Lhes aparte... passem por completo ao interior, lhes aparte também dos pensamentos.

Tudo ficou em silêncio, como se tudo o que há fora estivesse morto. Tudo está morto... todo se ficou em silêncio... só fica dentro a consciência... um abajur aceso de consciência: o resto está morto. Soltem por completo... como seu seu corpo estivesse morto, como se seu corpo já não existisse. Sua respiração está imóvel, seus pensamentos estão imóveis, como se se tivesse produzido a morte. E passem dentro, passem completamente dentro. Soltem... soltem tudo. Soltem tudo por completo, não lhes guardem nada. Estão mortos.

Sintam como se tudo estivesse morto, que tudo está morto: só fica dentro um abajur aceso; todo o resto está morto. Todo o resto está morto, eliminado. Lhes perca na vacuidade durante dez minutos. Sede testemunhas. Observem esta morte. Todo o resto que lhes rodeia desapareceu. Também fica atrás o corpo, ficou muito atrás, muito longe: não fazemos mais que observá-lo. Sigam observando; lhes mantenha como testemunhas. Sigam olhando por volta de dentro durante dez minutos.

Sigam olhando dentro... todo o resto estará morto no exterior. Soltem... estejam completamente mortos. Sigam observando, lhes mantenha como testemunhas. Soltem tudo como se estivessem mortos e como se o corpo, no exterior, estivesse morto. O corpo está imóvel; os pensamentos estão imóveis; só fica observando o abajur da consciência; só fica o espectador; só fica a testemunha. Soltem... soltem... soltem por completo.

Aconteça o que acontecer, deixem que passe. Soltem por completo; lhes limite a observem o interior e soltem o resto. Renunciem por completo a sua sujeição.

A mente se ficou em silêncio e vazia, a mente se ficou completamente vazia... a mente se ficou vazia, a mente se ficou completamente vazia. Se ainda estão sujeitando um pouco, soltem também esse pouco. Soltem por completo, desapareçam, como se já não existierais. A mente se ficou vazia... a mente se ficou em silêncio e vazia... a mente se ficou completamente vazia.

Sigam olhando dentro, sigam olhando dentro com atenção: tudo se ficou em silêncio. O corpo fica atrás, fica muito atrás; a mente fica muito atrás; só arde um abajur, um abajur de consciência; só fica acesa a luz...

Agora, respirem devagar várias vezes. Não deixem de observar sua respiração... Com cada respiração, o silêncio se fará mais profundo. Respirem devagar várias vezes e sigam olhando dentro; lhes mantenha também como testemunhas da respiração. A mente ficará ainda mais em silêncio... respirem devagar várias vezes, e depois abram os olhos brandamente. Se alguém se tiver cansado, que respire fundo primeiro e se levante devagar depois. Não lhes apressem se forem incapazes de lhes levantar; não lhes apressem se lhes resulta difícil abrir os olhos... Respirem fundo primeiro, e depois abram os olhos devagar... lhes levante muito brandamente. Não façam nenhum movimento brusco: nem ao lhes levantar nem ao abrir os olhos...

Nossa sessão matutina de meditação terminou.

CAPÍTULO 3

Todo o universo É um templo

A

MADOS:

Um amigo perguntou: Mostraste-nos o método da negação para conhecer a verdade ou o divino: o método de excluir todo o resto para conhecer o eu. É possível conseguir o mesmo resultado fazendo o contrário? Não podemos tentar ver deus em tudo? Não podemos senti-lo em tudo?

C

ISTO OMPRENDER SERÁ benéfico para vós.

que não é capaz de conhecer deus dentro de seu próprio eu nunca pode conhecer o de nenhum modo. que não reconheceu ainda a Deus dentro de seu próprio eu não é capaz de reconhecê-lo em outros. O eu é o mais próximo que têm; qualquer que esteja a certa distância de vós estará mais longe de vós que o eu. E se não serem capazes de ver deus em seu próprio eu, que é o que têm mais próximo, tampouco poderão vê-lo de maneira nenhuma nos que estejam longe de vós. Devem conhecer deus em primeiro lugar em seu próprio eu; que conhece terá que conhecer, primeiro, o divino: é a porta mais próxima.

Mas, recordem: é muito interessante que o indivíduo que entra de repente em seu eu encontra de repente a entrada de tudo. A porta que conduz ao próprio eu é a porta que conduz a tudo. Assim que uma pessoa entra em seu eu, descobre que entrou em tudo, porque, embora sejamos diferentes externamente, internamente não o somos.

Externamente, todas as folhas são diferentes entre si. Mas se uma pessoa fora capaz de penetrar em uma só folha, chegaria à fonte da árvore, onde todas as folhas estão em harmonia. Cada folha, vista por separado, é diferente; mas quando tiverem conhecido uma folha em sua interioridade terão chegado à fonte da que emanam todas

as folhas e em que se dissolvem todas as folhas. que entra em seu eu entra, simultaneamente em tudo.

A diferença entre “você” e “eu” só se mantém enquanto não tenhamos entrado em nosso próprio eu. O dia em que entremos em nosso eu, desaparece o eu, e também o você. O que fica então é o tudo.

Em realidade, “o tudo” não significa a soma do você e o eu. O tudo é onde nos havemos dissolvido você e eu, e o que fica depois é o tudo. Se o eu não se houver dissolvido ainda, então podemos somar “eus” e “vocês”, mas o total não será igual à verdade. Embora somemos todas as folhas, não aparece uma árvore, embora lhe tenham somado todas as folhas. A árvore é algo mais que a soma de todas as folhas. Quando somamos uma folha a outra, estamos caso que cada uma é independente. Mas uma árvore não está composta de folhas independentes, absolutamente.

assim, assim que entramos no eu, este deixa de existir. O primeiro que desaparece quando entramos no interior é a sensação de ser uma entidade independente. E quando desaparece essa “eu-idade”, também desaparecem a “você-idade” e a “otridade”. O que fica então é o tudo.

Nem sequer é correto chamá-lo “o tudo”, porque “o tudo” tem também a conotação do velho “eu”. Por isso, os que sabem não querem sequer chamá-lo “o todo”. Eles diriam: “Do que é soma esse tudo? O que é o que estamos somando?” Além disso, eles afirmariam que só fica o um. Embora possivelmente duvidassem em dizer isso sequer, porque a afirmação do um dá a impressão de que há dois: dá a entender que o “um” não tem significado por si só, sem a noção correspondente do dois. Um só existe no contexto do dois. portanto, os que têm uma compreensão mais profunda não dizem sequer que fica o um; dizem que fica o advaita, a não dualidade.

Isto é muito interessante. Estas pessoas dizem: “Não ficam dois”. Não dizem: “Fica o um”, mas sim dizem: “Não ficam dois”. Advaita significa que não há dois.

Poderíamos lhes perguntar: “por que falam com tantos rodeios? Digam, simplesmente, que só há um!” O perigo de dizer “um” é que faz surgir a idéia do dois. E quando dizemos que não há dois, deduz-se que tampouco há três: dá-se a entender que não há um, nem muitos, nem todos. Em realidade, esta diferenciação n foi mais que uma consequência da visão apoiada na existência do eu. Assim, com a cessação do eu, fica o que é inteiro, o indivisível.

Mas, para conhecer isto, podemos fazer o que nos sugere nosso amigo?, não podemos visualizar a Deus em todos? Fazê-lo assim não seria mais que ter fantasias, e ter fantasias não é o mesmo que perceber a verdade.

Faz muito tempo algumas pessoas apresentaram a um homem religioso. Disseram-me que aquele homem via deus em todas partes, que desde fazia trinta anos tinha visto deus em tudo: nas flores, nas novelo, nas pedras, em tudo. Eu perguntei ao homem se via deus em tudo por uma questão de prática; pois, se era assim, suas visões eram falsas. Não me entendia. Voltei a lhe perguntar:

-Teve alguma vez fantasias ou desejos de ver deus em tudo?

Ele me respondeu:

-Sim, em efeito. Faz trinta anos comecei a praticar um sadhana no que eu tentava ver deus nas pedras, nas novelo, nos Montes, em tudo. E comecei a ver deus em todas partes.

Eu lhe pedi que passasse três dias comigo e que, durante esse tempo, deixasse de ver deus em tudo.

Acessou. Mas ao dia seguinte me disse:

-Tem-me feito muito dano. Só passaram, doze horas desde que abandonei minha prática habitual e já comecei a ver as rochas como rochas e os Montes como Montes: Arrancaste a meu Deus! Que classe de pessoa é?

-Se pode perder a Deus com apenas doze horas que deixa de praticar –disse eu-, então é que o que via não era Deus: não era mais que uma consequência de seu exercício habitual.

É como quando uma pessoa se repete algo sem cessar e se forja uma ilusão. Não: não é preciso ver deus em uma pedra; é preciso, mas bem, alcançar um estado no qual na pedra não fica nada mais que ver a não ser Deus. São duas coisas diferentes.

Começarão a ver deus em uma pedra por meio de seus esforços por vê-lo ali, mas esse Deus não será mais que uma projeção mental. Esse será um Deus que terão

projetado sobre a pedra: será fruto de sua imaginação. Esse Deus será puramente sua criação: será um produto de sua imaginação. Esse Deus não é mais que seu sonho, um sonho que consolidastes reforçando-o uma e outra vez. Não há nenhum problema em ver assim a Deus, mas é viver uma ilusão, não é entrar na verdade.

Um dia acontece, é obvio, que o indivíduo mesmo desaparece e que, em consequência, não vê nada mais que a Deus. portanto, a gente não sente que Deus está na pedra; o que sente é: "Onde está a pedra? Só está Deus!" Compreendem a diferença que estou estabelecido? portanto, a gente não sente que Deus existe na planta nem que existe na pedra; que a planta existe e que, na planta, também existe Deus. Não, nada disso. O que alguém chega a sentir é: "Onde está a planta? Onde está a pedra? Onde está o monte?"... porque, em tudo o que nos rodeia, em tudo o que vemos, quão único existe é Deus. Assim, ver deus não depende de um exercício de sua parte, depende de sua experiência pessoal.

O maior perigo no terreno do sadhana, da prática espiritual, é o perigo da imaginação. Podemos fantasiar verdades que, de outro modo, deviam converter-se em experiências pessoais nossas. Conhecer por experiência pessoal é diferente de ter fantasias. Uma pessoa que aconteceu fome todo o dia como em sonhos de noite e se sente muito satisfeito. Possivelmente não lhe agrade tanto comer quando está acordado como comer quando está sonhando: no sonho pode comer o prato que deseje. Mas à manhã seguinte segue tendo o estômago vazio, e a comida que consumou em seu sonho não o alimenta. Se um homem decide viver só dos mantimentos que come em sonhos, não cabe dúvida de que morrerá cedo ou tarde. Por muito satisfatória que seja a comida que come no sonho, em realidade não é comida. Não pode passar a formar parte de seu sangue, nem de sua carne, nem de seus ossos, nem de sua medula. Um sonho não pode causar mais que enganos.

Não só comeu feitas de sonhos. Também há um Deus feito de sonhos. E, do mesmo modo, há uma moksha, uma liberação, feita de sonhos. Há um silêncio feito de sonhos, e há verdades feitas de sonhos. A maior capacidade da mente humana é sua capacidade para enganar-se a si mesmo. Mas ninguém pode alcançar a alegria e a liberação caindo no engano deste tipo.

Não lhes peço, pois, que comecem a ver deus em tudo. Só lhes peço que comecem a olhar dentro e a ver o que há ali, a primeira pessoa que desaparecerá será vós mesmos: deixarão de existir em seu interior. Descobrirão pela primeira vez que seu eu era uma ilusão e que desapareceu, que se desvaneceu. Assim que jogam uma olhada ao interior, o primeiro que desaparece é o eu, o ego. Em realidade, a sensação de que "eu sou", só persiste até que olhamos dentro de nós mesmos. E se não olharmos dentro é, possivelmente, por medo de que, se o fizéssemos, poderíamos nos perder.

Terão visto um homem que faz girar uma tocha que tem na mão até que esta forma um círculo de fogo. Em realidade, não há tal círculo; quão único acontece é que quando a tocha gira com grande velocidade produz, vista de longe, a aparência de um círculo. Se a virem de perto, descobrirão que não é mais que uma tocha que se move rapidamente, que o círculo de fogo é falso. Do mesmo modo, se passarmos ao interior e olhamos com cuidado, descobriremos que o eu é absolutamente falso. Assim como a tocha que se move rapidamente produz a ilusão do eu. Esta é uma verdade científica, e devem compreendê-la.

Possivelmente não o tenham advertido, mas todas as ilusões da vida estão provocadas por coisas que giram a grande velocidade. A parede parece muito sólida, a pedra que pisam parece claramente sólida, mas, segundo os cientistas, as pedras não são sólidas. Agora é bem sabido que quanto mais de perto observaram os cientistas a matéria, mais desapareceu esta. Enquanto o cientista estava afastado da matéria, acreditava nela. Estava acostumado a ser o cientista o que dizia que a matéria era a única verdade, mas agora é esse mesmo cientista o que diz que não existe o que chamamos matéria. Os cientistas dizem que o movimento rápido das partículas elétricas produz a ilusão de densidade. A densidade, como tal, não existe em nenhuma parte.

Por exemplo, quando um ventilador elétrico gira rapidamente não podemos ver os três sinais de multiplicação que se movem; não podemos contar quantas sinais de multiplicação há. Se excursão mais depressa ainda, parecerá que se move uma peça circular de metal. pode-se fazer girar tão depressa que, embora um se sentasse sobre

ele, não sentiria o vazio entre os sinais de multiplicação: pareceria-lhe que está sentado sobre uma peça de metal sólido.

As partículas da matéria se movem a uma velocidade semelhante; e as partículas não são matéria, são energia elétrica que se move rapidamente. A matéria parece densa pelas partículas de eletricidade que se movem rapidamente. Toda a matéria é um produto da energia que se move rapidamente: embora pareça que existe, em realidade não existe. Do mesmo modo, a energia da consciência se move muito depressa e, por isso, cria-se a ilusão do eu.

Existem dois tipos de ilusões no mundo: a primeira é a ilusão da matéria; a segunda é a ilusão do eu, do ego. Ambas as som basicamente falsas, mas só aproximando-se delas se faz um consciente de que não existem. Quando a ciência se vai aproximando da matéria, a matéria desaparece; quando a religião nos aproxima do eu, o eu desaparece. A religião tem descoberto que o eu não existe, e a ciência tem descoberto que a matéria não existe. Quando mais nos aproximamos, mais nos desenganamos.

Por isso digo: passem dentro; olhem de perto: há algum eu dentro? Não lhes peço que criem que vós não são o eu. Se o criem, converterá-se em uma crença falsa. Eu sou atman, eu sou Brâmane; o ego é falso", então cairão na confusão. Se isto se converter em uma mera coisa repetitiva, então não estarão fazendo mais que repetir uma falsidade. Não lhes peço que pratiquem uma repetição deste tipo. O que lhes digo é que passem dentro, que olhem, que reconheçam quem são. que olhe dentro e se reconhece a si mesmo descobre: "Eu não estou" Em tal caso, quem está dentro? Se eu não estiver, então deve estar ali algum outro. O fato de que "eu não estou" não significa que ali não esteja ninguém, porque tem que haver alguém ali, embora solo seja para que reconheça a ilusão.

Se eu não estiver, quem está ali? A experiência do que fica depois do desaparecimento do eu é a experiência de Deus. A experiência se volta expansiva imediatamente: ao deixar cair ao eu, também cai o "você", também cai o "ele", e só fica um oceano de conhecimento. Neste estado verá que só Deus é. portanto, pode parecer errôneo afirmar que Deus é, porque resulta redundante.

É redundante dizer: "Deus é", porque Deus é o nome que damos ao que é". A qualidade de ser é Deus; por isso, a afirmação "Deus é" é uma tautologia, não é correta. O que significa que "Deus é"? Dizemos que algo "é" quando também pode converter-se em "não é". Dizemos: "A mesa é", porque é muito possível que a mesa não exista amanhã ou que a mesa não existisse ontem. Algo que antes não existiu pode deixar de existir de novo. Logo, que sentido tem dizer "isso é"? Deus não é algo que não tenha existido antes, nem é possível que deixe de existir. Por isso, não tem sentido dizer que "Deus é". É. Em realidade, também chamamos deus "o que é". "Deus" Significa: "existência".

Em minha opinião, se impusermos a nosso Deus sobre "o que nos é estamos precipitando na falsidade e no engano. E recordem que os deuses que criamos são feitos de diferentes maneiras; cada um tem sua própria marca de fábrica. O hinduista tem feito a seu próprio Deus; o muçulmano tem ao dele. O cristão, o jainista, o budista: cada um tem a seu próprio Deus. Todos cunharam seus próprios términos respectivos; todos se criaram a seus respectivos deuses. Floresce toda uma grande indústria de fabricação de deuses! Em suas casas respectivas, as gente fabricam a seu Deus; produzem a seu próprio Deus. E todos estes fabricantes de deuses competem entre si no mercado, do mesmo modo que os artesãos que elaboram objetos em suas casas. O Deus de cada um é diferente do de todos outros.

Em realidade, enquanto aconteça que "eu sou", tudo o que eu crie será diferente do seu. Enquanto aconteça que "eu sou", minha religião, meu Deus, será diferente do de outros, porque terá sido criado pelo eu, pelo ego. Como consideramos a nós mesmos entidades independentes, tudo o que acreditam terá um caráter independente. Se houvesse liberdade para criar religiões, haveria no mundo tantas religiões como pessoas: nenhuma menos. Se no mundo há tão poucas religiões é porque falta uma liberdade adequada para isso.

O pai hinduista procura fazer hinduista a seu filho antes de que este chegue a ser independente. O pai muçulmano volta muçulmano a seu filho antes de que este tenha uso de razão; pois uma pessoa que tivesse uso de razão não quereria fazer-se hinduista

nem muçulmana. assim, existe a necessidade de encher ao menino de todas estas estupidezes antes de que alcance o uso de razão.

Todos os pais se preocupam de ensinar sua religião a seus filhos da infância, pois quando o menino se faça maior começará a pensar e a causar problemas. Formulará perguntas de todo tipo; e, como não encontrará respostas satisfatórias, expor situações difíceis a seus pais. Por isso, os pais procuram ensinar sua religião a seus filhos desde a primeira infância destes: quando o menino não é consciente de muitas coisas, quando está disposto a aprender qualquer estupidez. Assim é como as pessoas se voltam muçulmanas, hinduistas, jainistas, budistas, cristãs: algo que lhes ensine.

Por isso, as pessoas às que chamamos religiosas resultam ser muitas vezes pouco inteligentes. Falta-lhes inteligência, porque o que chamamos religião é algo que nos envenenou antes de que tenha surto em nós a inteligência; e inclusive depois de surgir esta mantém sua presa interior. Não é de sentir saudades que os hinduistas e os muçulmanos lutem entre si em nome de Deus, em nome de seus templos e de suas mesquitas.

Acaso há muitas variedades de Deus? É uma variedade o Deus que adoram os hinduistas e de outra o Deus que adoram os muçulmanos? Por isso lhes parece com os hinduistas que seu Deus foi profanado quando tira o chapéu um ídolo, ou aos muçulmanos parece que seu Deus foi desonrado quando se destrói ou se incendeia uma mesquita?

Em realidade, Deus é "o que é". Existe tanto em uma mesquita como em um templo. Existe tanto em um matadouro como em um lugar de culto. Existe tanto em um botequim como em uma mesquita. Está tão presente em um ladrão como em um religioso: não é possível que esteja presente um ápice menos. Quem vai residir em um ladrão a não ser o divino? Está tão presente em Ramo como na Ravana: não está um ápice menos na Ravana. Existe tanto dentro de um hinduista como de um muçulmano.

Mas o problema é que se chegássemos a acreditar que a mesma divindade existe em todos, nossa indústria de fabricação de deuses se ressentiria muito. Para evitar que aconteça isto, seguimos impondo a nossos deuses respectivos. Se um hinduista olhe uma flor, projetará sobre ela seu próprio Deus, verá seu Deus nela, enquanto que um muçulmano projetará e visualizará ao dele. São capazes, inclusive, de brigar por isso, embora possivelmente vamos muito longe ao supor um conflito entre hinduistas e muçulmanos por tal coisa.

Seus estabelecimentos estão a certa distância uns de outros, mas existem, inclusive, disputas, disputa entre as "lojas de divindade" que são parentes próximas. Por exemplo, Varanasi está bastante longe da Balance, mas no Varanasi os templos de Ramo e da Krishna estão próximos entre si. E ali existem problemas do mesmo calibre.

ouvi falar de um grande santo... Eu o chamo grande porque a gente estava acostumada chamá-lo grande, e o chamo santo porque a gente estava acostumada chamá-lo santo.

Era devoto de Ramo. Uma vez o levaram a templo da Krishna. Quando viu o ídolo da Krishna com uma flauta na mão se negou a prostrar-se ante a imagem. De pé ante a imagem, disse: "Só se tomasse o arco e a flecha poderia me prostrar ante ti, pois então seria meu Senhor". Que estranho! Também impomos condições a Deus: como e de que maneira ou em que postura deve apresentar-se. Estabelecemos o entorno; marcamos nossos requisitos, e só então estamos dispostos a venerá-lo.

É muito estranho: somos nós os que determinamos as coisas sempre. O que identificamos até agora como "Deus" é um produto apoiado em nossas próprias especificações. Enquanto este Deus artificial se interponha em nosso caminho não seremos capazes de conhecer esse Deus que não foi determinado por nós. Não seremos capazes de conhecer que nos determina. Assim, precisamos nos liberar do Deus artificial se queremos conhecer deus que é. Mas isso é duro; inclusive à pessoa de coração mais benévolo lhe resulta difícil. Até ao homem ao que temos por pormenorizado lhe resulta duro livrar-se deste Deus artificial, tanto como o homem estúpido. Podemos perdoar ao homem estúpido, mas é difícil perdoar ao homem pormenorizado.

Recentemente chegou à Índia Khan Abduk Gaffar Khan. Prega por todo o país a unidade dos hinduistas e os muçulmanos, mas ele pessoalmente, é um muçulmano convencido. Não lhe importa rezar na mesquita como bom muçulmano, e depois prega

por toda parte a unidade dos hinduístas e os muçulmanos. Gandhi era um hinduista convencido, e também ele estava acostumado a pregar a unidade dos hinduístas e os muçulmanos. A tal gurú, tal discípulo: o gurú era um hinduista convencido, o discípulo é um muçulmano convencido. E como pode chegar tal unidade enquanto existam no mundo hinduístas convencidos e muçulmanos convencidos? Devem relaxar-se um pouco: só então será possível a unidade. Estes ciumentos hinduístas e muçulmanos estão na raiz de todos os problemas entre as duas religiões, embora em realidade não são visíveis as raízes destes problemas. Os que pregam a unidade dos hinduístas e os muçulmanos não têm a menor ideia de como conseguir essa unidade.

Enquanto Deus signifique coisas diferentes para as diferentes pessoas, enquanto existam lugares de culto diferentes para as diferentes pessoas, enquanto sejam diferentes as orações e as escrituras (enquanto o Corán seja um pai para uns e o Gita seja uma mãe para outros), nunca chegarão a seu fim os duros enfrentamentos entre as religiões. Agarramo-nos ao Corán e à Gita. Dizemos: "Leiam o Corán e ensinar às pessoas a deixar a inimizade e a unir-se. Leiam o Gita e ensinem às pessoas a deixar a inimizade e a unir-se". Mas não nos damos conta de que as palavras mesmas do Corán e do Gita são a primeira causa de todos os problemas.

Se alguém lhe cortar a cauda a uma vaca, desencadeiam-se distúrbios entre os hinduístas e os muçulmanos, e dizemos que as lutas as provocaram uns bagunceiros. E o mais gracioso é que nenhum bagunceiro pregou nunca que a vaca é nossa mãe sagrada. Em realidade, isto o ensinam nossos mahatmas, nossos religiosos, que acusam aos "bagunceiros" de provocar os distúrbios. Porque, quando alguém lhe corta a cauda à vaca, então, para as intenções dos mahatmas, não é a cauda da vaca, a não ser a cauda da Santa mãe. Quando fazem ver isto às pessoas, começam os distúrbios, nos que participam os bagunceiros, aos que logo se acusa de havê-los provocado.

Assim, aquelas pessoas às que chamamos mahatmas estão, em realidade, na raiz do problema. Se se apartassem, os bagunceiros seriam inofensivos, não teriam força para lutar. Recebem sua força dos mahatmas. Mas os mahatmas se ocultam tão bem, que não nos damos conta nunca de que eles poderiam estar na raiz do problema.

Qual é, em realidade, a raiz do problema? A causa radical de todo o problema é seu Deus: o Deus que fabricam em suas casas. Tentem lhes salvar dos deuses que criam em suas casas respectivas. Não podem fabricar a Deus em suas casas: a existência de um Deus assim seria um puro engano.

Não lhes peço que projetem a Deus. Ao fim e ao cabo, o que projetarão no nome de Deus? Um devoto da Krishna dirá que vá a Deus oculto depois de um arbusto e com uma flauta na mão, enquanto que um devoto de Ramo verá Deus com um arco e uma flecha na mão. Todos verão Deus de maneira diferente. Esta maneira de ver não é mais que uma projeção de nossos desejos e de nossos conceitos. Deus não é assim. Não podemos encontrá-lo projetando nossos desejos e nossos conceitos: para encontrá-lo, teremos que desaparecer por completo. Teremos que desaparecer, junto com todos nossos conceitos e todas nossas projeções. Ambas as coisas não podem existir de uma vez. Enquanto vós existam como um ego; só então é possível conhecê-lo. Eu não posso franquear a porta do divino enquanto não exista meu eu, meu ego.

H

E OUVIDO CONTAR QUE UM HOMEM renunciou a tudo e chegou à porta do divino. Tinha renunciado a sua riqueza, a sua esposa, a sua casa, a seus filhos, à sociedade, a tudo; e, depois de ter renunciado a tudo, aproximou-se da porta do divino. Mas o porteiro o deteve e lhe disse:

-Ainda não pode entrar: Primeiro, vê e deixa-o tudo atrás.

-Mas o deixei tudo! –aduziu o homem.

-É evidente que te trouxeste para seu eu –lhe explicou o porteiro-. Não nos interessa o resto; só nos interessa seu eu. Não nos importa o resto: só nos interessa seu eu. Não nos importa o resto: só nos interessa seu eu. Não nos importa o que diz que deixaste atrás: o que nos interessa é seu eu. Vete, solta-o e volta.

-Não tenho dinheiro, nem esposa, nem filhos. Não possuo nada.

-Ainda tem a seu eu em sua bolsa –disse o porteiro- Vete e solta-o. Estas portas estão fechadas para os que trazem para seu eu: as portas estiveram fechadas sempre para eles.

P

ERO COMO SOLTAR O EU? Nunca soltaremos o eu a apóie de tentar deixá-lo. Como posso soltar o mesmo eu? Isto é impossível. Seria como se alguém tentasse levantar-se si mesmo atirando-se dos cordões dos sapatos. Como posso soltar o eu? Até depois de soltá-lo tudo, ainda ficarei eu. Como muito, alguém poderia dizer-se: “soltei o ego”; mas isso demonstraria que ainda leva em cima seu eu. Alguém se volta egocêntrico inclusive no que se refere a soltar seu ego. Então, o que deve fazer um? É uma situação bastante difícil.

Eu lhes digo que esta situação não tem nada de difícil, porque não lhes peço que soltem nada. Em realidade, não lhes peço que façam nada. O eu, o ego, reforça-se com tudo o que se faz. O único que lhes peço é que passem dentro e que procurem o eu. Se o encontrarem, não podem soltá-lo de maneira nenhuma. Se sempre existir ali, o que é o que fica que possam soltar? E se não o encontram, então tampouco há maneira de soltá-lo. Como podem soltar algo que não existe?

assim, passem dentro e vejam se o eu está ali ou não. O único que lhes digo é que o que olhe dentro de si mesmo ri a gargalhadas, porque não é capaz de encontrar a seu eu em nenhuma parte dentro de si mesmo. portanto, o que fica? O que fica então é Deus. O que fica depois de desaparecer o eu, pode estar separado de vós? Quando deixa de existir o mesmo eu, quem vai estabelecer essa separação? Só o eu me separa de ti e a ti de mim.

Hei aqui a parede desta casa. As paredes produzem a ilusão de que dividem em dois o espaço, embora o espaço nunca se parte pela metade: o espaço é indivisível. Por muito grossa que seja a parede que levantam, o espaço interior da casa e o espaço exterior não são dois espaços diferentes: são um sozinho. Por muito alta que seja a parede que levantem, o espaço interior da casa e o exterior não se separam nunca. Mas o homem que vive dentro da casa tem a impressão de que dividiu em dois o espaço: um espaço no interior de sua casa e outro no exterior. Mas se se derrubasse a parede, como diferenciaria o homem o espaço interior da casa do espaço exterior? Como o determinaria? Só ficaria espaço.

Do mesmo modo, dividimos a consciência em fragmentos levantando as paredes do eu. Não se trata de que, quando se derrubar a parede do eu, eu começarei a ver deus em ti. Não: então não te verei ti; só verei deus. Vos rogo que entendam com cuidado esta distinção tão sutil.

Seria errôneo dizer que eu começarei a ver deus em ti: eu não te verei mais a ti; só verei o divino: Não se trata de que eu verei o divino. Quando alguém diz que Deus existe em todos e cada um dos átomos, equivoca-se totalmente, porque está vendo o mesmo tempo ao átomo e a Deus. Não é possível ver os dois de uma vez. A verdade da questão é que todos e cada um dos átomos são Deus, e não é que Deus exista em todos e cada um dos átomos. Não é que haja algum Deus dentro de cada átomo; tudo o que é, é Deus.

Deus é o nome que damos, por amor, ao que é”. “O que é” é verdadeiro; chamamo-lo Deus por amor. Mas o nome que lhe atribuímos não tem importância. Não lhes peço, portanto, que comecem a ver deus em todas as pessoas. O que lhes digo é que comecem a olhar dentro. Assim que olhem dentro, desaparecerão. E, ao desaparecer, o que verão será Deus.

Outro amigo perguntou: Se a meditação conduzir ao samadhi e o samadhi conduz a Deus, que necessidade há então de ir aos templos? Não deveríamos suprimi-los?

E

S INÚTIL IR Aos TEMPLOS, mas é igualmente inútil suprimi-los. por que nos incomodar em suprimir algo no que Deus não existe, em qualquer caso? Deixem os templos onde estão. Para que suprimi-los? Mas este problema surge cada certo tempo.

Por exemplo, Mahoma disse que a Deus não lhe encontra nos ídolos, e os muçulmanos acreditaram que queria dizer que havia a que destruir os ídolos. E então começou a acontecer no mundo uma coisa muito curiosa; já havia gente com a loucura de construir os ídolos. Agora, os construtores de ídolos se ocupam celosamente de construir ídolos, enquanto que os destruidores de ídolos se ocupam dia e noite de encontrar modos de destruir os ídolos. Alguém devia lhes perguntar quando disse Mahoma que se encontraria a Deus destruindo os ídolos. É possível que Deus não esteja presente em um ídolo, mas quem há dito que Deus esteja presente no fato de destruir os ídolos? E se Deus está presente no fato de destruir os ídolos, que dificuldade há em que Deus esteja presente no ídolo? Deus também pode estar presente no ídolo. E se não estar presente no ídolo, como pode estar presente em sua destruição?

Não digo que devemos suprimir os templos. O que digo é que devemos nos dar conta da verdade de que Deus está em todas partes. Quando nos demos conta desta verdade, tudo se converte em seu templo: portanto, é difícil distinguir o templo do que não é templo. Em tal caso, qualquer lugar onde estejamos será seu templo; algo que olhemos será seu templo; qualquer lugar onde repousemos será seu templo. Já não haverá mais lugares sagrados de peregrinações: todo mundo será um lugar sagrado. Então não terá sentido criar ídolos concretos, porque tudo o que exista será imagem dela.

Não pretendo que lhes dediquem a suprimir os templos nem que dissuadam às pessoas de que vá a eles. Eu não hei dito nunca que Deus não esteja presente no templo. Quão único digo é que o que só vá a Deus no templo e não o vê em nenhuma outra parte não tem o menor conhecimento de Deus.

que chegou a conhecer a divindade sentirá a presença de Deus em todas partes: tanto no templo como em um lugar alheio ao templo. Como distinguirá, pois, o que é um templo do que não é um templo? Identificamos o templo como um lugar onde está a presença de Deus, mas se a gente sentir sua presença em todas partes, então todo lugar é seu templo. Já não será necessário construir templos concretos, nem tampouco suprimir os templos.

observei que a gente está acostumada cometer com muita freqüência o engano de compreender algo completamente oposto ao que hei dito, em lugar de entender minhas palavras. As pessoas lhe interessa mais o que terá que suprimir, o que terá que destruir, o que terá que eliminar, não tentam compreender o que é. Estes enganos se produzem continuamente.

Um dos enganos fundamentais que comete a pessoa é ouvir algo completamente diferente do que lhe diz. Agora, alguns de vós poderia tomar por um inimigo dos templos, mas lhes custaria trabalho encontrar a um pessoa que aprecie os templos mais que eu. por que lhes digo isto? Pela singela razão de que eu gostaria que toda a Terra se visse como um templo; o que me interessa é que todo se converta em um templo. Mas alguns, depois de me escutar, podem entender que as coisas estariam melhor se suprimíssemos os templos. Não serviria de nada livrar-se destes templos. As coisas só funcionam bem quando toda a vida se converte em um templo.

Ambos os grupos estão equivocados: os que vêem deus nos templos e o que destroem os templos. que só vá a Deus no templo comete um engano. Este é seu engano: A quem vê fora do templo? Evidentemente, seu engano é que não vá a Deus mais que no templo. Seu templo é muito insignificante: o definitivo é muito vasto: não pode confinar a Deus em seus templos minúsculos e insignificantes. O engano da outra pessoa é este: quer suprimir os templos, destrui-los. Acredita que só então poderá ver deus. Seus templos são muito pequenos para que sirvam de moradas de Deus ou para impedir a ninguém ver deus. Recordem: seus templos são tão ridiculamente pequenos que não podem converter-se na morada de Deus, nem tampouco podem ser um cárcere onde esteja encerrado Deus, que supostamente ficaria livre ao destrui-los. Devem compreender exatamente o que lhes digo.

O que lhes digo é isto: só quando entramos na meditação entramos verdadeiramente em um templo. A meditação é o único templo que não tem paredes; a meditação é o único templo em que, assim que se entra nele, entra-se verdadeiramente

em um templo. E o que começa a viver em meditação começa a viver no templo vinte e quatro horas ao dia.

Do que serve a uma pessoa visitar o templo se não viver em meditação? Que sentido tem que vá a um lugar que estamos acostumados a chamar "templo"? Não é fácil que, sentados em seu lugar de trabalho, encontrem de repente o caminho que conduz ao templo. Naturalmente, é fácil que levem o corpo ao templo: o corpo é tão pouca coisa que podem levá-lo com vós aonde desejem. A mente não é tão singela. Um lojista que conta dinheiro em sua loja pode levantar-se de repente, se assim o desejar, e levar seu corpo ao templo. Pelo mero feito de que seu corpo está no templo, o homem pode acreditar neciamente que ele está no templo. Mas se aparecer um pouco a sua própria mente, descobriria com assombro que ainda estava sentado em sua loja contando dinheiro.

ouvi contar o seguinte:

A

UM HOMEM O FAZIA SOFRER muito sua mulher. A todos os homens passa, mas a este sua mulher o fazia sofrer muito. Ele era homem religioso, mas a mulher não tinha nada de religiosa. Normalmente acontece o contrário, (a mulher é religiosa e o marido não o é), mas tudo pode acontecer! Eu entendo que só um dos dois pode voltar-se religioso. O marido e a mulher não se podem voltar religiosos juntos: um sempre será oposto ao outro. Neste caso, o marido se tornou primeiro religioso, e a mulher não se preocupou disso; mas o marido tentava cada dia voltá-la religiosa.

As pessoas religiosas têm uma debilidade essencial: querem voltar para outros como elas. Isto é muito perigoso; é uma conduta violenta. Não está bem tentar voltar para outros como somos nós. Basta expondo a outros nosso ponto de vista; mas encurralar a alguém e obrigá-lo a acreditar o que acreditam nós é um ato de repressão, de tortura: é uma espécie de violência espiritual.

Todos os gurús praticam atividades deste tipo. Estranha vez se encontra a uma pessoa mais violenta que um gurú. O gurú tem ao discípulo agarrado pelo pescoço e tenta lhe impor as roupas que deve ficar, como deve levar o cabelo, o que deve comer, quando deve dormir, quando deve levantar... lhe impõe isto, aquilo e o de mais à frente, coisas de todo tipo. A base de imposições como estas, os gurús virtualmente matam às pessoas.

De modo que o marido estava muito desejoso de voltar religiosa a sua mulher. Em efeito: às pessoas lhe agrada muito voltar religiosos a outros. Voltar-se religioso a gente mesmo é uma mudança muito radical, mas às pessoas lhe satisfaz tremendamente acossar a outros para que se voltem religiosos, porque, fazê-lo-a, dão é obvio que eles mesmos são pessoas religiosas. Mas a mulher não fazia caso a seu marido. O marido, desesperado, foi a seu gurú e lhe suplicou que fora a sua casa e que convencesse a sua esposa.

O gurú chegou um dia, muito cedo, por volta das cinco da manhã. O marido já estava na sala de culto. A mulher varria o pátio. O gurú a abordou ali mesmo e lhe disse:

-Seu marido me diz que não é uma pessoa religiosa. Nunca adora a Deus, nunca reza, nunca entra no templo que construiu seu marido em sua casa. Olhe a seu marido: são as cinco da manhã e já está no templo.

A mulher respondeu:

-Não recordo ter visto meu marido ir nunca ao templo.

O marido, que estava em seu templo, ouviu o que havia dito sua mulher e ficou vermelho da ira. As pessoas religiosas se enfurecem com facilidade, e mais ainda as que estão em um templo. Não lhes podem imaginar quão fácil é avivar sua ira; só o céu sabe se a gente vai aos templos para ocultar ali as chamas de sua ira ou por algum outro motivo. Quando uma pessoa se volta religiosa, converte em um inferno a vida do resto de sua família.

O marido estava completamente indignado. Ia pela metade de suas orações quando ouviu o que havia dito sua mulher. Não dava crédito a seus ouvidos: o que havia dito ela era uma mentira absoluta. Ele no templo, e sua mulher dizendo ao gurú que não

sabia se tinha entrado ali alguma vez! apressou-se a terminar suas orações para poder sair e desmentir tamaña mentira.

O gurú começou a brigar à mulher:

-O que diz? Você marido vai ao templo com regularidade.

O marido, que ouvia isto, ficou a recitar suas orações com voz ainda mais forte.

O gurú disse:

-Olhe com quanto vigor reza!

A mulher riu e respondeu:

-Custa-me acreditar que te engane também essa recitação! É verdade que esta repetindo o nome de Deus em voz alta; mas, por isso eu vejo, não está no templo: está na loja do sapateiro, regateando com ele.

Aquilo foi muito! O marido não pôde conter-se mais. Interrompeu sua oração e saiu correndo do templo.

-A que vêm todas essas mentiras? -gritou- Não via que estava rezando no templo?

-Olhe dentro de ti com um pouco mais de atenção –disse a mulher- Acaso não estava regateando com o sapateiro? E não tiveste uma discussão com ele?

O marido ficou confuso, pois o que dizia ela era verdade.

-Mas como o soubeste? –perguntou-lhe.

-Ontem à noite, antes de te deitar, disse-me que o primeiro que faria esta manhã seria ir comprar te um par de sapatos, que lhe fazem falta –respondeu a mulher- Disse-me também que te parecia que o sapateiro pedia muito pelos sapatos. Sei por experiência que quão último a gente pensa antes de deitar-se de noite é o primeiro que pensa à manhã seguinte. Por isso, supus que devia estar na sapataria.

-Não posso dizer nada, pois tem razão –disse o marido- Eu estava, em efeito, na sapataria, e discutimos o preço dos sapatos. E quanto mais nos acalorávamos em nossa discussão, mais alto repetia eu o nome de Deus. Possivelmente estivesse repetindo exteriormente o nome de Deus, mas em meu interior estava discutindo com o sapateiro. Tem razão: é possível que eu não tenha estado nunca verdadeiramente no templo.

N

Ou É TÃO FÁCIL ENTRAR EM UM TEMPLO: não é questão de entrar em um lugar qualquer e dizer que está em um templo. Seu corpo pode ter entrado no templo, mas e sua mente? Como podem confiar de onde estará sua mente? Como podem confiar de onde estará sua mente dentro de um momento?

E sua mente tenha entrado no templo, por que lhes preocupar de se o corpo for o templo ou não? A mente que encontrou a entrada ao templo descobre de repente que está rodeado por toda parte pelo vasto templo: agora é impossível sair do templo. Vão onde vão, ainda estarão em seu templo. Podem ir à Lua... Recentemente tempo que Armstrong alunissou nela. Quer isso dizer que deixou o templo de Deus? Não podem sair do templo de Deus, de maneira nenhuma. Imaginam que fica algum lugar onde a gente possa estar fora de seu templo?

Assim, os que acreditam que o templo que construíram é o único templo de Deus e que não fica nenhum templo de Deus fora dele, equivocam-se. E os que acreditam que é preciso destruir este templo porque Deus não está presente nele, equivocam-se igualmente.

por que jogar a culpa aos pobres templos? Se pudéssemos deixar atrás nossa ilusão de que Deus só existe nos templos, nossos templos poderiam ser muito formosos, muito cheios de amor; muito ditosos. Em realidade, a um povo que não tem templo parece que lhe falta algo. Pode dar muita alegria ter um templo. Mas um templo hinduista nunca pode ser uma fonte de alegria, como tampouco pode ser fonte de alegria um templo muçulmano nem um templo cristão. Só o templo de Deus pode ser fonte de alegria.

Mas a política hinduista, a muçulmana e a cristã som tão profundas que não permitem nunca que um templo represente ao ser divino. Por isso parece tão feios os santuários hinduistas e as mesquitas muçulmanas. Uma pessoa que seja sincera não quer sequer lhes pôr a vista em cima. converteram-se em focos de descarados: ali se

urde todo tipo de maldades. E os que urdem estas maldades não sempre entendem o que fazem. Eu entendo que ninguém urde maldades entendendo do tudo o que faz: as maldades sempre se urdem sem consciência plena. E toda a Terra está apanhada nesta trama.

Se alguma vez desaparecerem os templos da superfície da Terra, não será obra dos ateus, mas sim dos chamados teístas. Já estão desaparecendo os templos: quase desapareceram de tudo. Se queremos salvar os templos da Terra, devemos ver primeiro o vasto templo que nos rodeia: a própria existência. Depois, salvarão-se automaticamente os templos menores: sobreviverão como símbolos da presença divina. É como se eu lhes entregasse um lenço como presente: o presente pode valer uns poucos paisa, mas vós o conservam a boa cobrança em um cofre.

Uma vez visitei um povo. A gente me acompanhou até a estação para me despedir e alguém me pôs ao pescoço uma grinalda de flores. Eu me tirei isso e a entreguei a uma menina que estava a meu lado. Seis anos mais tarde voltei a visitar aquele mesmo povo, e a mesma menina deveu falar comigo e me disse:

-conservei a grinalda que me entregou a última vez. Embora as flores se murcharam e a gente diz que já não fica aroma, estão tão frescas e fragrantas como o primeiro dia. Ao fim e ao cabo, deu-me isso você.

Visitei sua casa e ela tirou uma preciosa caixa de madeira em que estava depositada cuidadosamente a grinalda. As flores se murcharam e estavam secas; tinham perdido sua fragrância. Qualquer que as visse podia lhe perguntar: "por que guardaste esses desperdícios em uma caixa tão bonita? Que necessidade tinha? A caixa é valiosa mas esses desperdícios não valem nada". A menina podia atirar a caixa, mas não os desperdícios. Ela via algo mais nos desperdícios: para ela eram um símbolo. Podiam ser desperdícios para o resto do mundo, mas não para ela.

Se os templos, as mesquitas, as Iglesias, pudessem manter-se como lembranças do desejo do homem de subir para Deus... E esta é a verdade. Olhem a alta agulha de uma igreja, o alto minarete de uma mesquita, a cúpula de um templo que sobe até o céu. Não são mais que símbolos do desejo do homem de elevar-se, símbolos de sua viagem em busca de Deus. São símbolos do fato de que o homem não se contente com uma casa, mas sim quer construir também um templo. O homem não se contente estando só na Terra, mas sim quer ascender também para o céu.

Viram alguma vez os abajures de cerâmica que ardem nos templos? Perguntaste-lhes alguma vez por que se acendem nos templos estes abajures que contêm ghee, manteiga desencardida? advertistes alguma vez que estes abajures são as únicas coisas da Terra cuja chama alguma vez se dirige para baixo? Sempre se dirige para cima. Embora invistam o abajur, chama-a segue subindo. Chama-a, que sempre sobe, é um símbolo das aspirações humanas. Vivemos na Terra, mas também nós gostaríamos de fixar nossa residência no céu. Estamos atados à Terra, mas também desejamos nos mover livremente pelo céu aberto.

E advertistes alguma vez a rapidez com que uma chama se eleva e desaparece? E advertistes que quando uma chama se eleva e desaparece já não podemos encontrar nenhum rastro dela? Isto também é simbólico: simboliza o fato de que o que ascende, desaparece. O abajur de cerâmica é de matéria sólida, enquanto que a chama é muito fluida: assim que se eleva, desaparece. Assim, a chama do abajur contém a mensagem. É um símbolo do fato de que o que se eleva por cima do vulgar desaparece.

Quando uma pessoa decide queimar ghee em seu abajur, faz-o puramente por amor. Embora não tem nada de mau utilizar querosene em um abajur (Deus não lhes impedirá isso), parece-nos que só o que se tornou puro como o ghee pode subir. A chama de um abajur de querosene também subirá (o querosene não é inferior ao ghee), mas o ghee é um símbolo de nosso sentimento de que o que se desencardiu será capaz de subir mais alto.

Os templos, as mesquitas e as Iglesias também são uns símbolos semelhantes a este. Podem ser preciosos: umas ilustrações incríveis criadas pelo homem. Mas se tornaram feios porque entraram neles muitas coisas absurdas. Agora, o templo já não é um templo: converteu-se no templo dos hinduistas. E não só dos hinduistas, mas também dos vaishnavas, dos devotos do deus Visnú. E não só é o templo dos vaishnavas, mas também o templo de fulano ou de beltrano. Assim, com esta desintegração contínua, todos os templos se converteram em focos de política.

Alimentam o sectarismo e o fanatismo que levam a todos ao desastre. Com o tempo, converteram-se em uns estabelecimentos oficiais que se dedicam constantemente a explorar e a conservar seus interesses criados.

Não lhes peço que suprimam os templos. O que lhes peço é que lhes liberem de tudo quão inútil passou a formar parte dos templos. Terá que destruir seus interesses criados. Terá que salvar aos templos de que se convertam em estabelecimento oficiais; terá que salvá-los do sectarismo e do fanatismo. Um templo é um lugar muito formoso se não deixar de ser um aviso do divino, de Deus, se não deixar de ser um símbolo dele, se refletir um fenômeno que sobe para o céu.

Quão único quero dizer é que, enquanto os templos sigam sendo a mola principal da política, seguirão provocando desgraças. E agora, em efeito, os templos não são a não ser a mola principal da política. Quando se constrói um templo para os hinduístas, converte-se automaticamente em um foco de política, pois a política significa sectarismo. E a religião não tem absolutamente nada que ver com o sectarismo. A religião significa um sadhana, um compromisso pessoal com a espiritualidade, e a política significa sectarismo. Sede conscientes sempre de que a religião se pode relacionar com um sadhana, mas não pode relacionar-se nunca com o sectarismo. A política se alimenta do sectarismo, o sectarismo se alimenta do ódio e o ódio se alimenta de sangue; e todas estas maldades seguem adiante.

O templo se tornou impuro como símbolo de Deus. Terá que eliminar essa impureza; portanto, o templo será um símbolo de grande beleza. Se um povo tiver um templo que não pertença nem aos hinduístas nem aos muçulmanos nem aos cristãos, o povo parecerá formoso. O templo se converterá em um adorno do povo. O templo se converterá em uma lembrança do infinito. Aos que entrem no templo não lhes parecerá que, por fazê-lo, aproximaram-se de Deus, nem que fora do templo estavam longe dele; a gente sentirá, simplesmente, que o templo é um lugar onde lhes resulta mais fácil entrar em si mesmos, que o templo só tem que ser um lugar onde a gente conhece a beleza, a paz e a solidão. Em tal caso, o templo será simplesmente um lugar adequado para praticar a meditação. E a meditação é o caminho que conduz ao divino.

Não tudo encontram facilmente em suas casas a paz necessária para praticar a meditação; mas todos os habitantes de um povo, juntos, podem construir facilmente uma casa tão pacífica. Não todos podem permitir-se contratar a um professor particular para seus filhos e oferecer a estes uma escola própria com jardim e pátio de jogos. Se cada pessoa se dedicasse a fazer isto, surgiria um problema: só uns poucos meninos teriam estudos. Por isso construímos uma escola no povo e proporcionamos todo o necessário para todos os meninos do povo. Do mesmo modo, cada povo deve ter um lugar para praticar o sadhana, para praticar a meditação. Isso é tudo o que significam o templo e a mesquita: nada mais. Na atualidade, já não são lugares para praticar o sadhana: converteram-se em centros para difundir agitações e maldades.

assim, não temos necessidade de suprimir os templos. Mas devemos procurar que o templo não siga sendo um centro de agitação. Também devemos procurar que o templo volte para mãos da religião e que não siga em mãos dos hinduístas nem dos muçulmanos.

Se os meninos de um povo podem ir à mesquita com tanta liberdade como ao templo, se podem ir à igreja com tanta liberdade como ao templo da Shiva, em tal caso, isso denota que esse é um povo verdadeiramente religioso. Logo é que as gente desse povo são boas gente. Então é que os pais desse povo não são inimigos de seus filhos. Por conseguinte, adverte-se que os pais deste povo amam a seus filhos, e que estão sentando as bases para que seus filhos não lutem entre eles. Os pais deste povo dirão a seus filhos: "A mesquita é sua casa, tanto como o templo. Vão ali onde encontrem a paz. Passem aqui: procurem deus lá. Todas as casas são de Deus, mas o que importa é vê-lo. E, para isso, entrem em vós mesmos. Ou vão onde lhes pareça". O dia em que isto se faça realidade, criará-se no mundo o templo tal como deve ser. Ainda não fomos capazes de construí-lo.

Eu não me conto entre os que querem suprimir os templos. Pelo contrário, digo que nossos templos já foram destruídos por quão mesmos afirmam ser seus vigilantes. Mas é difícil determinar quando seremos capazes de nos dar conta disso. E, além disso, a gente me entende mau, pensa que sou um dos destruidores de templos. O que ganharia eu destruindo um templo? Naturalmente, terá que eliminar tudo o que chegou

a rodear o templo e que não é próprio de um templo. Não tem nada de mau dedicar-se a este trabalho.

Responderei a uma última pergunta, e depois daremos começo a nossa meditação. Um amigo perguntou depois do bate-papo da manhã: Vaga algumas vezes o atman (a alma ou a consciência) depois de abandonar o corpo?

A

ALGUMAS ALMAS, A ALGUNS SERES, resulta-lhes difícil, em efeito, tomar um corpo novo imediatamente depois da morte. Isto tem uma causa, e possivelmente não lhes tenha ocorrido qual é esta causa. Podemos dividir a todas as almas em três categorias. Alguém é a inferior: a das pessoas com a consciência do tipo mais baixo; outra é o tipo mais alto de todos, a consciência muito superior e mais pura; e a terceira é a da gente intermédia, que têm algo de cada uma das duas primeiras.

Tomemos como exemplo a damroo, um tambor pequeno. É largo pelos extremos e estreito no centro. Se o investíssemos de tal modo que fora largo no centro e estreito nos extremos, compreenderíamos a situação dos seres imateriais. Nos extremos estreitos há muito poucos seres. Aos seres mais baixos resulta difícil tomar um corpo novo, tanto como aos seres superiores. Os intermédios não se atrasam absolutamente: alcançam um corpo novo assim que deixam o anterior. O motivo é que sempre há um ventre disponível para almas medíocres, para as medianas.

Em conto morre uma pessoa a alma, o ser, vá a centenares de pessoas, a centenares de casais, que copulam. E quando se sente atraída por um casal, entra no ventre. Mas muitas almas superiores não podem entrar em ventres correntes: necessitam ventres extraordinários. A alma superiora necessita a união de um casal com um nível excepcional elevado de consciência, para que esteja disponível o nível mais elevado de possibilidades para o nascimento. Assim, uma alma elevada tem que esperar o ventre adequado. Do mesmo modo, os seres inferiores também têm que esperar, porque tampouco podem encontrar facilmente a um casal: não lhes resulta fácil encontrar um ventre de tipo inferior. Desta forma, os tipos mais elevados e os inferiores não nascem com facilidade, enquanto que os medíocres não têm dificuldades. Sempre há ventres disponíveis para recebê-los: a alma medíocre se sente atraída imediatamente por um deles.

Esta manhã lhes falei do Bardo. Quando se pratica este método, diz-se ao moribundo: “Verá centenares de casais que copulam. Não tenha pressa. pense-lhe isso um pouco; espera um pouco, passa ali algum tempo antes de entrar em um ventre. Não entre imediatamente no primeiro ventre que te atraia”. É como se uma pessoa fora ao bairro comercial e comprasse o primeiro que lhe chamasse a atenção em uma cristaleira. A primeira loja que vê o atrai: entra imediatamente na loja. Mas o comprador inteligente visita várias lojas, comprova uma e outra vez os artigos, informa-se, compara os preços e, depois, decide.

portanto, no método Bardo se adverte ao moribundo: “Cuidado! Não te precipite, não tenha pressa, segue procurando: pense-lhe isso ten todo em conta”. Lhe diz isto porque sempre há centenares de pessoas copulando. A pessoa vê claramente a centenares de casais fazendo o amor, e entre elas só se sente atraído pelo casal que é capaz de lhe oferecer um ventre adequado.

Tanto as almas superiores como as inferiores devem esperar até que encontram um ventre adequado. As almas inferiores não encontram facilmente um ventre de caráter tão baixo que, através dele, possam alcançar suas possibilidades. As almas superiores tampouco encontram facilmente um ventre de caráter superior. As almas inferiores que estão faltas de corpos são os que chamamos maus espíritos, e as almas superiores que esperam nascer são os que chamamos devatas, deuses. Os seres superiores que esperam ao ventre adequado são deuses. Os fantasmas e os maus espíritos são as almas mais baixas, que estão faltas de corpos por sua qualidade inferior. Para o ser corrente sempre há disponível um ventre. Assim que se produz a morte, a alma entra instantaneamente em um ventre.

O mesmo amigo perguntou também: Esses seres que esperam nascer podem entrar no corpo de alguém e incomodar a essa pessoa?

T

ISTO AMBIÉN É POSSÍVEL, porque as almas inferiores, as que não encontraram ainda um corpo, estão muito atormentadas, enquanto que as almas superiores são felizes sem corpos. Devem ter presente esta diferença. As almas superiores sempre consideram o corpo como uma espécie de atadura de um tipo ou outro: querem manter-se tão ligeiros que preferem, inclusive, não carregar com o peso de um corpo. E, em último extremo, querem livrar do corpo, pois lhes parece que o corpo não é mais que uma prisão. Chegam a sentir que o corpo lhes obriga a fazer certas coisas que não merecem a pena; por isso, suas almas não estão muita apegadas ao corpo. As almas inferiores não são capazes de viver nem um momento sem o corpo: seus interesses e sua felicidade estão atados ao corpo.

Alguns prazeres se podem alcançar sem estar em um corpo. Por exemplo, tomemos o caso da alma de um pensador. Pois bem, a gente pode desfrutar de do prazer de pensar sem estar em um corpo, porque o pensamento não tem nada que ver com o corpo. Assim, se a alma de um pensador começa a vagar e não alcança um corpo, nunca dá amostras de nenhuma pressa por estar de novo no corpo, porque pode desfrutar de do prazer de pensar inclusive no estado em que se encontra. Mas suponhamos, por exemplo, que uma pessoa desfruta com paixão da comida. Não é possível apreciar esse pastar sem estar em um corpo, de modo que em tal caso a alma se volta tremendamente inquieta pelo desejo de entrar de algum modo em um corpo. E se não conseguir encontrar um ventre adequado, então pode entrar em um corpo que tem uma alma débil. Alma débil é aquela que não é proprietária de seu corpo. E isto acontece quando a alma débil se encontra em estado de medo.

Recordem que o medo tem um significado muito profundo. O medo é aquilo que lhes faz lhes contrair. Quando têm medo, contraem-lhes; quando são felizes, dilatam-lhes. Quando uma pessoa se encontra em estado de medo, sua alma se contrai, e em conseqüência fica livre em seu corpo um grande espaço vazio para que entre outra alma e o ocupe. Não só uma alma mas também muitas podem entrar de uma vez nesse espaço e ocupá-lo. portanto, quando uma pessoa se encontra em estado de medo, pode entrar uma alma em seu corpo. E o único motivo pelo que uma alma quereria fazer tal coisa é porque todos seus desejos estão ligados ao corpo: tenta saciar seus desejos entrando no corpo de alguém. Isto é perfeitamente possível. Existem provas tangíveis que o demonstram: tudo isto se apóia completamente na realidade.

O que isto quer dizer é que uma pessoa temerosa sempre corre perigo: está sempre contraída. Vive, por assim dizê-lo, em uma só habitação da casa, enquanto o resto das habitações ficam disponíveis e podem ser ocupadas por outros inquilinos.

de vez em quando, as almas superiores entram em um corpo humano, mas por motivos muito diferentes. Alguns atos de compaixão não se podem realizar sem estar em um corpo. Imaginemos, por exemplo, que uma casa se incendie e que não aparece ninguém disposto a salvá-la. A multidão contempla o incêndio, impotente; ninguém se atreve a entrar na casa em chamas. de repente se adianta um homem, apaga o incêndio e consegue salvar a alguém que estava apanhado dentro. Mais tarde, quando tudo terminou, aquele mesmo homem se pergunta como foi capaz de fazê-lo. Está seguro de ter obrado e atuado sob a influência de um poder desconhecido: sabe que não foi obra dela, que alguém mais o fez. Nesses casos é que o homem é incapaz de fazer provisão do valor necessário para uma boa causa, uma alma superiora pode entrar no corpo humano e cumprir a tarefa. Mas estas coisas acontecem poucas vezes.

Como aos seres superiores resulta difícil encontrar ventres adequados, algumas vezes têm que esperar centenas de anos até seu nascimento seguinte. E, coisa surpreendente, estas almas aparecem sobre a Terra quase ao mesmo tempo. Por exemplo, o Buda e Mahavira nasceram ambos na Índia faz 2,500 anos. Ambos nasceram no Bihar, e na mesma época estavam pressentem outros seis seres iluminados na mesma região do Bihar. Seus nomes não são conhecidos porque não iniciaram a nenhum discípulo, porque não tiveram seguidores (é o único motivo); mas eram seres do

mesmo calibre que o Buda e Mahavira. E realizaram um experimento muito atrevido: nenhum deles iniciou a nenhum seguidor. Uma destas pessoas foi Prabuddha Katyayana; outro Ajit Keshkambal, e outro foi Sanjay Vilethiputra. Também viveu então Machali Gosal, e outros. Oito pessoas do mesmo gênio e da mesma potencialidade nasceram naquele período de tempo na região do Bihar. Com todo mundo ao seu dispor, estas oito almas esperaram muito tempo para nascer naquela pequena região do Bihar. E quando chegou a oportunidade, chegou para todos de uma vez.

Está acostumado a acontecer (e também acontece com as almas malvadas) que se produz uma cadeia de nascimentos de almas boas. Ao mesmo tempo que o Buda e Mahavira nasceu Sócrates na Grécia, seguido ao pouco tempo pelo Platón e Aristóteles. Para a mesma época nasceram na China Confucio, Lao Tse, Chuang Tse e Mencio (Meng Tse). Aproximadamente na mesma época nasceram em partes diferentes do mundo umas pessoas incríveis. Todo mundo estava cheio de pessoas fascinantes. Parece que as almas dessas pessoas levavam algum tempo esperando, e que lhes surgiu por então uma oportunidade; apareceram ventres disponíveis para elas.

Quando acontece que há ventres disponíveis, aparecem muitos ventres disponíveis de uma vez. É como o florescimento das novelo. Quando chega a temporada, encontramos-nos que se aberto uma flor, depois vemos uma segunda flor, e logo uma terceira. As novelo estão esperando florescer. Chega o alvorada, e assim que se levanta o sol sobre o horizonte a flor se abre. As flores aconteceram toda a noite esperando, e quando saiu o sol, abriram-se.

Às almas inferiores acontece exatamente o mesmo. Quando se desenvolve na Terra um entorno adequado, nascem em cadeia. Por exemplo, em nossos tempos nasceram na mesma época pessoas como Hitler, Stalin e Mao. Estas pessoas tão horríveis deveram esperar milhares de anos para nascer: não lhes resultava muito fácil encontrar ventres. Stalin matou ele sozinho a uns seis milhões de pessoas na União Soviética, e Hitler matou a uns dez milhões de pessoas.

Os sistemas para matar que inventou Hitler não tinham precedentes na história da humanidade. Organizou assassinatos em massa como não o tinha feito ninguém até então. Tamerlán e Genghis Kan parecem uns principiantes a seu lado. Hitler inventou câmaras de gás para realizar lhes assassinar em massa. Parecia-lhe muito chato e caro matar às pessoas uma a uma e desfazer-se depois de seus cadáveres; por isso, inventou sistemas engenhosos para o assassinato em massa. Também existem outros meios para o assassinato em massa (como vimos, por exemplo, nos recentes distúrbios comunais do Ahmadabad e em outras partes), mas são métodos muito custosos.

Além disso, matar às pessoas uma a uma é muito trabalhoso e leva muito tempo. Matar pessoas uma a uma não dá resultado: mata-se a uma aqui e nasce outra em outra parte. De modo que Hitler fazia colocar a cinco mil pessoas de uma vez em uma câmara de gás, e, com apenas apertar um botão, estas cinco mil pessoas se evaporavam. Não se derramava uma gota de sangue nem terei que cavar uma só tumba. Tudo era muito eficiente.

Ninguém pode acusar ao Hitler de derramar sangue. Se Deus segue repartindo justiça segundo os princípios antigos, encontraria ao Hitler completamente inocente. Não derramou nenhuma gota de sangue; não atravessou nenhum peito com sua espada; limitou-se a inventar um método engenhoso para matar, um método indescritível. Colocava às pessoas em uma câmara de gás, apertava um botão elétrico e a gente se evaporava. Não ficava nenhum vestígio de sua existência. Pela primeira vez na história, Hitler se desfazia da gente do mesmo modo que nós fazemos ferver a água e a evaporamos. Converteu em fumaça a dez milhões de pessoas!

A uma alma como a do Hitler lhe resulta muito difícil encontrar um corpo novo em pouco tempo. E é bom que lhe resulte tão difícil; do contrário, a Terra teria um grande problema. Hitler terá que esperar muito tempo, pois é extremamente difícil que se produza de novo uma concepção de qualidade tão baixa.

O que significa nascer por uma concepção inferior? Significa que várias gerações de antepassados dos pais têm uma larga cadeia acumulada de más obras. Em uma só vida não é possível acumular tanto mal para explicar a concepção de uma pessoa como Hitler. Quanto mau, quantos assassinatos pode cometer um homem em uma vida para produzir um filho como Hitler? Para que um filho como Hitler escolha a seus pais, faz falta uma larga cadeia de más obras, de obras realizadas pelos pais durante centenas,

milhares, milhões de anos. Isso significa que só se uma pessoa trabalhasse em um matadouro continuamente durante milhares de anos poderiam seus gens, sua raça, voltar-se capazes de atrair a uma alma como a do Hitler.

O mesmo se cumpre com as almas boas. Às almas médias, correntes, não lhes resulta difícil nascer: em todas partes há ventres dispostos a receber a tais almas. Por outra parte, suas exigências são muito correntes. Têm os mesmos desejos: comer, beber, ganhar dinheiro, desfrutar de do sexo, aspirar à honra e à posição social: desejos correntes. Todo mundo anseia estas coisas; por isso, a alma não tem problemas para encontrar um ventre. Todos os pais podem brindar a qualquer alma a oportunidade de conseguir todas estas coisas correntes. Mas se uma alma quer viver em um corpo humano uma vida tão pura que lhe produza reparo incluso pisar a Terra com seus pés, se quer viver cheio de um amor tão total que não queira que ninguém se incomode por seu amor nem que seu amor se converta em uma carga para ninguém, então teremos que esperar muito tempo até que nasça tal alma.

A

HORA vamos preparar nos para a meditação vespertina. Antes vou deixar claras algumas costure. observei que lhes sentam muito perto de outros, e isso não lhes permite lhes sentar sem lhes preocupar da possibilidade de cair sobre outra pessoa. Esta situação não lhes permite aprofundar. assim, o primeiro que têm que fazer é lhes separe uns de outros. Os que queiram lhes deitar podem fazê-lo. Inclusive mais adiante, durante a meditação, se sentirem que seu corpo vai cair ao chão, não o sujeitem. Soltem completamente, deixem cair o corpo.

Agora, apaguem as luzes.

O primeiro: fechem os olhos. Relaxem o corpo... Relaxem o corpo completamente, como se não ficasse corpo. Sintam que toda a energia de seu corpo está acontecendo dentro... sintam que vós estão acontecendo dentro do corpo. Têm que retirar dentro toda sua energia.

Durante três minutos lhes farei sugestões de que seu corpo se está relaxando, e vós têm que senti-lo. Têm que sentir seu corpo e relaxá-lo. Sentirão pouco a pouco que pedistes sua sujeição do corpo; se o corpo começar a cair então deixem cair; não o sujeitem. Se cair para diante, deixem cair; se cair para trás, deixem cair. Por sua parte, não mantenham sujeito o corpo não. Soltem a sujeição a que têm o corpo submetido. Esta é a primeira etapa.

Agora lhes farei sugestões durante três minutos. Do mesmo modo, farei-lhes depois sugestões para sua respiração e, depois, para seus pensamentos. Ao final, passaremos dez minutos perdidos no silêncio.

Seu corpo se está relaxando. Sintam: seu corpo se está relaxando...seu corpo se está relaxando... seu corpo se está relaxando... Solte, como se o corpo já não existisse. Renunciem a sua sujeição. Seu corpo se está relaxando... deixe todo controle sobre o corpo, como se seu corpo estivesse morto.

passastes dentro; a energia foi absorvida dentro: agora, o corpo fica atrás, como uma casca. O corpo se está relaxando... o corpo está completamente depravado... Solte. Sentirão que se foi, foi-se, foi-se. Deixem cair se ele quiser. O corpo está depravado, como se agora estivessem mortos, como se o corpo já não existisse, como se o corpo tivesse desaparecido.

Relaxem também a respiração. Sua respiração se está relaxando... sinta que sua respiração se está relaxando... sua respiração se relaxou por completo... Soltem... soltem o corpo; soltem também a respiração. Sua respiração se relaxou.

Também seus pensamentos se estão ficando em silêncio... os pensamentos se estão ficando em silêncio... Sintam que seus pensamentos ficam totalmente em silêncio... sintam dentro: os pensamentos se estão acalmando. O corpo está depravado, a respiração está relaxada, os pensamentos estão em silêncio...

Tudo está em silencio dentro de vós. Estamo-nos afundando neste silêncio; estamo-nos afundando; estamos caindo cada vez mais fundo, como o que cai em um poço, cada vez mais fundo... do mesmo modo caímos cada vez mais fundo no vazio, no Shunya. Soltem, soltem sua sujeição completamente... Sigam lhes inundando no vazio,

sigam lhes inundando... Dentro só ficará a consciência, que arde como uma chama, observando como uma simples testemunha.

Lhes limite a lhes manter como testemunhas. Sigam observando dentro... Fora, tudo está morto; o corpo ficou totalmente inerte. A respiração é mais lenta, os pensamentos são mais lentos; em nosso interior, estamos caindo no silêncio. Sigam observando, sigam observando, observando continuamente: surgirá um silêncio muito mais fundo, um silêncio muito mais profundo. Nesse estado de observação, eu também desaparecerei; só ficará uma luz acesa, uma chama que arde.

Agora ficarei calado dez minutos, e vós seguirão desaparecendo dentro, cada vez mais fundo. Renunciem a sua sujeição, soltem. Lhes limite a seguir observando. Durante dez minutos, sede observadores, testemunhas.

Tudo está em silêncio... Olhem dentro, seguir olhando dentro. Que dentro só exista observação. A mente se está ficando cada vez mais em silêncio... Verão seu próprio corpo tendido a certa distância, como se fora o corpo de outro. Separarão-lhes do corpo, como se tivessem abandonado o corpo. Parece que é outro o que respira.

Entrem mais ainda, entrem mais fundo... Sigam observando, sigam olhando dentro, e a mente se afundará por completo em um nada. Afundem mais, entrem mais fundo... sigam observando... a mente se ficou completamente em silêncio.

O corpo fica atrás, o corpo está como morto. Apartamo-nos que corpo. Soltem, soltem por completo; não lhes guardem nada, como se estivessem mortos dentro de vós. A mente se está ficando ainda mais em silêncio... o corpo jaz longe; afastamo-nos que corpo... A mente se ficou em silêncio total...

Olhem dentro. O eu há desaparecido por completo; só fica a consciência, só fica o conhecimento. Todo o resto desapareceu...

Respirem fundo várias vezes, devagar. A mente está agora em silêncio total. Observem todas e cada uma das respirações, e sentirão que a mente fica ainda mais em silêncio. Sua respiração também parecerá distanciada de vós, separada de vós. Respirem com suavidade e devagar. Observem o longe que está a respiração... observem quão distanciada está de vós.

Respirem fundo várias vezes, devagar. Depois, abram os olhos devagar. Não faz falta que lhes apressem para lhes levantar. Se forem incapazes de abrir os olhos, não faz falta que lhes dêem pressa. Abram os olhos devagar e com suavidade, e depois aparece em exterior um momento.

Nossa meditação vespertina terminou.

CAPÍTULO 4

VOLTAR Para A FONTE

Ou

N AMIGO PERGUNTOU: Segundo I9o que há dito, podemos triunfar sobre a morte por meio da meditação ou do sadhana. Mas acaso não se produz o mesmo estado quando estamos dormidos? E, em tal caso, por que não se pode vencer à morte por meio do sonho?

L

Ou PRIMEIRO QUE SE DEVE ENTENDER é que a idéia de triunfar sobre a morte não quer dizer que exista um pouco chamado morte ao que podemos vencer. Triunfar sobre a morte significa, simplesmente, que chegamos ou seja que não há morte. Saber que a morte não existe é vencê-la. Não há uma coisa chamada morte a que podemos vencer. Assim que sabemos que não há morte, cessa nossa batalha constante e perdida contra a morte. Existem alguns inimigos, e existem outros que em realidade não existem mas

sim só o parecem. A morte é um destes inimigos que não têm uma existência real: só parece que existe.

assim, não suponham que o triunfo significa que a morte existe em alguma parte e que a venceremos. Seria como um homem que se voltasse louco e que ficasse a lutar contra sua própria sombra, até que alguém lhe dissesse: "Olha-o bem: a sombra não tem substância. Não é mais que uma aparência". Se o homem olhasse a sombra e se desse conta do que fazia, riria de si mesmo: só então poderia saber que venceu à sombra. Vencer à sombra significa simplesmente saber que não existia nem a menor sombra com a que lutar: qualquer que o tentasse se voltaria louco. que luta contra a morte, perderá; que conhece a morte, vencerá-a.

Isto também significa que, se não haver morte, então em realidade nós não morremos nunca, sejamos conscientes disso ou não. As gente do mundo não se dividem em gente que morrem e em gente que não morrem: não, não é assim. Neste mundo ninguém morre nunca. Mas sim é verdade que há dois tipos de pessoas: os que conhecem esse fato e os que não o conhecem: esta é a única diferença.

No sonho chegamos ao mesmo lugar onde chegamos na meditação. A única diferença é que no sonho estamos inconscientes enquanto que na meditação estamos plenamente conscientes. Se alguém se voltasse plenamente consciente em pleno sonho, teria a mesma experiência que na meditação.

Por exemplo, se anestesiarmos a uma pessoa e em seu estado inconsciente a tiramos uma maca a um jardim cheio de flores formosas, com o ar cheio de fragrância, onde brilha o sol e cantam os pássaros, essa pessoa seria completamente inconsciente de todo isso. Quando voltássemos a levá-la ao ponto de partida e se recuperasse da anestesia, se lhe perguntássemos se gostou do jardim, não seria capaz de nos dizer nada. Depois, se a levarmos a mesmo jardim quando estivesse plenamente consciente, conheceria tudo o que estava ali presente quando a levaram ali anteriormente. Em ambos os casos, embora a pessoa foi levada a mesmo lugar, no primeiro caso estava inconsciente do belo entorno, enquanto que no segundo caso era plenamente consciente das flores, da fragrância, do canto dos pássaros, do sol nascente. Assim, embora em estado inconsciente chegarão, sem dúvida, tão longe como em estado consciente, chegar a alguma parte em estado inconsciente é como não chegar.

No sonho chegamos ao mesmo paraíso ao que chegamos na meditação, mas não somos conscientes disso. Viajamos cada noite a esse paraíso e retornamos depois... inconscientemente. Embora nos acaricia a fresca brisa e a encantadora fragrância desse lugar, e os cantos dos pássaros ressonam em nosso ouvido, nunca somos conscientes disso. E, apesar de retornar deste paraíso sendo completamente inconscientes disso, podemos dizer: "Esta manhã me sinto muito bem. Sinto-me muito tranquilo. Esta noite dormi bem".

por que lhes sentem tão bem? O que aconteceu que bom quando dormistes bem? Não pode tratar-se simplesmente do hecho de ter dormido: sem dúvida, devem ter estado em alguma parte; deve-lhes ter acontecido algo. Mas, pela manhã, não têm conhecimento disso, além de uma vaga sensação de bem-estar. que dormiu profundamente de noite se levanta refrescado pela manhã. Isto mostra que a pessoa chegou em seu sonho a uma fonte refrescante, embora em estado inconsciente.

que é incapaz de dormir bem de noite se encontra mais cansado pela manhã que ao deitar-se na noite anterior. E se uma pessoa passa vários dias sem dormir bem, resulta-lhe difícil sobreviver, pois se rompe sua conexão com a fonte da vida. É incapaz de chegar ao lugar onde lhe resulta essencial chegar.

O pior castigo possível no mundo não é a morte: a morte, como castigo, é fácil de suportar; passa em uns momentos. O pior castigo que se inventou no mundo é não deixar dormir à pessoa. Até em nossos tempos há países como a China e Rússia onde se impede de dormir aos prisioneiros. Os torturas que tem que padecer um prisioneiro se não lhe permite dormir durante quinze dias são inimagináveis: quase se volta louco. fica a difundir a informação que de outro modo não teria comunicado ao inimigo. Começa a falar, completamente inconsciente das conseqüências.

Na China se inventaram métodos sistemáticos. impede-se aos prisioneiros dormir durante seis meses. Em conseqüência, voltam-se completamente loucos. Esquecem por completo os quais são, como se chamam, qual é sua religião, de que cidade ou povo são,

qual é seu país: esquecem-no tudo. A falta de sonho introduz em suas consciências um transtorno completo, um caos. Nesse estado lhes pode fazer aprender algo.

Quando os soldados americanos que caíram prisioneiros na Coréia retornaram dos campos de prisioneiros da Rússia e da China, a falta de sonho os tinha deixado em umas condições tão terríveis que, quando saíram, estavam abertamente contra os Estados Unidos e a favor do comunismo. Primeiro se impedia de dormir a estes soldados e, quando suas consciências ficavam transtornadas, lhes doutrinava no comunismo. Quando suas identidades ficavam sumidas no caos, lhes dizia por meio de sugestões repetidas que eram comunistas. Desta forma, antes de sua liberação aqueles soldados tinham sofrido uma lavagem de cérebro completo. Os psicólogos americanos que tratavam a estes soldados ficavam desconcertados.

Se se privar de sonho a uma pessoa, esta fica isolada da fonte mesma da vida. No mundo seguirá crescendo o ateísmo na mesma proporção em que o sonho se siga fazendo mais ligeiro. Nos países nos que a gente tem um sonho ligeiro, o ateísmo aumentará mais. E nos países nos que a gente dorme mais profundamente, aumentará mais o teísmo. Mas este teísmo e ateísmo são uma coisa completamente estranha para o homem, pois surgem de um estado inconsciente. A pessoa que dormiu profundamente passa o dia seguinte em paz, enquanto que a que não dormiu profundamente passa o dia seguinte inquieta e agitada. Como vai poder ser receptiva ante Deus uma mente inquieta e agitada? Uma mente alterada, insatisfeita, tensa e iracunda se nega a aceitar a Deus, nega sua existência.

A primeira causa do incremento do ateísmo no Ocidente não é a ciência: o problema arranca do caráter desordenado e caótico do sonho. Em Nova Iorque, ao menos trinta por cento dos habitantes não podem dormir sem tranqüilizadores. Os psicólogos acreditam que, se esta situação prevalecer durante cem anos mais, nenhuma só pessoa será capaz de dormir sem meditação.

Há pessoas que perderam por completo a capacidade de dormir. Se uma pessoa que perdeu esta capacidade nos perguntasse como dormimos e nós lhe respondêssemos: "Quão único faço é apoiar a cabeça no travesseiro e dormir ", não nos acreditaria. Pareceria-lhe impossível, e suspeitaria que há algum truque que ela não conhece, pois ela também apóia a cabeça no travesseiro e não passa nada.

Pode chegar um tempo, Deus não o queira, dentro de mil ou dois mil anos, em que todo mundo tenha perdido a capacidade de ter um sonho natural, e a gente se negará a acreditar que mil ou dois mil anos antes a gente se limitava a apoiar a cabeça no travesseiro e ficava dormida. Tomarão por uma ficção, por um relato mítico dos Puranas. Não se acreditarão que era verdade. Dirão: "Isto não é possível, porque o que não é verdade entre nós, como pode ser verdade entre outros?"

Faço-lhes ver tudo isto porque faz três ou quatro mil anos a gente fechava os olhos e entrava em estado de meditação com tanta facilidade como dormimos hoje em dia. dentro de dois mil anos será difícil dormir em Nova Iorque: já é difícil na atualidade. está-se voltando difícil em Bombay e, logo será difícil também na Dwarka: é questão de tempo. Hoje nos resulta difícil acreditar que houve uma época em que uma pessoa fechava os olhos e entrava em estado de meditação; porque hoje, quando lhes sentam com os olhos fechados, não chegam a nenhuma parte: os pensamento seguem dando voltas dentro de vós e ficam onde estão.

No passado era fácil praticar a meditação para os que estavam perto da natureza, como o é atualmente o sonho para os que vivem perto da natureza. Primeiro desapareceu a meditação; agora está desaparecendo o sonho. Se perderem primeiro as coisas conscientes; depois destas, perdem-se as coisas inconscientes. Com o desaparecimento da meditação o mundo se tornou quase irreligioso, e quando desaparecer o sonho o mundo se voltará completamente irreligioso. A religião não tem esperanças em um mundo sem sonho.

Não lhes poderão acreditar o estreita, o profundamente que estamos conectados com o sonho. O modo em que uma pessoa vive sua vida depende completamente de como sonha. Se não dormir bem, toda sua vida seria um caos: todas suas relações pessoais se enredariam; tudo se voltaria venenoso, cheio de raiva. Pelo contrário, se uma pessoa dormir profundamente, em sua vida haverá frescura: fluirão continuamente a paz e a alegria. Suas relações pessoais, seu amor; tudo se apoiará na serenidade. Mas se perder o sonho, todas suas relações pessoais porão-se a rodar. Afundarão-se

suas relações com sua família, com sua mulher, com seu filho, com sua mãe, com seu pai, com seu professor, com seus alunos: com todos. O sonho nos leva a todos a um ponto de nosso inconsciente onde todos estamos imersos em Deus; embora não por muito tempo. Até a pessoa mais sã só alcança seu nível mais profundo durante dez minutos de suas oito horas diárias de sonho. Durante esses dez minutos está tão completamente perdida, inundada no sonho, que não tem nem sequer um sonho.

O sonho não é total enquanto a pessoa está sonhando: não deixa de oscilar entre o estado de sonho e o de vigília. O sonho é um estado em que a pessoa está meio dormida e médio acordada. Ter um sonho significa que, embora tenhamos fechados olhos, não estamos dormidos: as influências externas ainda nos afetam. As pessoas com que tratamos de dia seguem conosco de noite em nossos sonhos. Os sonhos ocupam o estado intermédio entre o sonho e a vigília. E há muitas pessoas que perderam a capacidade de dormir: limitam-se a ficar no estado dos sonhos sem alcançar nunca o estado de sonho. E não importa que não recordemos pela manhã o que sonhamos durante a noite. Nos Estados Unidos se estão levando a cabo muitas investigações sobre o sonho. Uns dez grandes laboratórios realizaram experimentos com milhares de pessoas durante oito ou dez anos.

Os americanos estão dando amostras de interesse pela meditação porque perderam o sonho. Acreditam que a meditação possivelmente sirva para lhes devolver o sonho, que possivelmente possa levar a suas vidas um pouco de paz. Por isso não vêm na meditação mais que um tranqüilizador. Quando Vivekananda introduziu pela primeira vez a meditação nos Estados Unidos um médico o visitou e lhe disse: "desfrutei enormemente de sua meditação. É, decididamente, um tranqüilizador não químico. Não é um medicamento, mas faz dormir: é magnífico." A influência crescente dos iogues nos Estados Unidos não se deve a eles mesmos: a causa verdadeira é a falta de sonho. Os americanos têm o sonho transtornado, e por isso a vida nos Estados Unidos está cheia de tristeza, de depressão, de tensão. Por isso vemos que nos Estados Unidos há uma necessidade crescente de tranqüilizadores: para fazer dormir de lacuna maneira às pessoas.

Cada ano se gastam milhões de dólares em tranqüilizadores nos Estados Unidos. Dez grandes laboratórios estão realizando investigações com milhares de sujeitos aos que pagam para que passem noites de sonho bastante incômodo e molesto. conectam-se todo tipo de eletrodos e milhares de cabos ao corpo dos sujeitos e os estudam desde todos os ângulos para descobrir o que acontece dentro deles.

Um descobrimento incrível que puseram que manifesto estes experimentos é que o homem passa quase toda a noite sonhando. Ao despertar, algumas pessoas diziam que não tinham sonhado, enquanto que outras diziam que sim tinham sonhado. A única diferença era que as que tinham melhor memória recordavam ter sonhado, enquanto que as que tinham pior memória não o recordavam. tirou o chapéu, não obstante, que uma pessoa completamente sã era incapaz de cair em um sonho profundo e sem sonhos durante dez minutos.

É possível detectar os sonhos com máquinas. Certos nervos do cérebro permanecem ativos em nossos estado de sonhos, mas quando cessa o sonho os nervos deixam de ser ativos, e a máquina indica que se produziu um intervalo vazio. O intervalo vazio mostra que, naquele momento, a pessoa não estava nem sonhando nem pensando, estava perdida em alguma parte.

É interessante que as máquinas seguem registrando movimentos dentro da pessoa enquanto esta se encontra no estado de sonhos, mas assim que cai no sonho sem sonhos a máquina mostra um intervalo vazio. Não sabem onde foi parar a pessoa nesse intervalo. assim, o sonho sem sonhos significa que a pessoa chegou a um lugar mais à frente do alcance da máquina. É nesse intervalo quando a pessoa entra no divino.

A máquina é incapaz de detectar este espaço intermédio, este vazio. A máquina registra a atividade interna enquanto a pessoa esteja sonhando; depois, chega o intervalo vazio e a pessoa desaparece em alguma parte. E depois, ao cabo de dez minutos, a máquina fica a registrar de novo. É difícil determinar onde esteve a pessoa nesse intervalo de dez minutos. Aos psicólogos americanos os intriga muito este intervalo vazio; por esta razão, consideram que o sonho é o major dos mistérios. A

realidade é que, depois de Deus, o sonho é o único mistério. Não existe nenhum outro mistério.

Dormem todos os dias, mas não têm idéia do que é o sonho. A pessoa passa toda sua vida dormindo, mas nada troca: não sabe nada do sonho. O motivo pelo qual não sabem nada do sonho é que quando o sonho está ali, vós não estão. Recordem: vós só estão enquanto o sonho não esteja. Assim, só chegam a conhecer tanto como conhece a máquina. Do mesmo modo que no intervalo vazio a máquina se detém e não é capaz de chegar ali onde foi transportada a pessoa, vós não podem chegar ali tampouco, porque vós tampouco atravessam esse intervalo vazio, o sonho segue sendo um mistério: está fora de seu alcance. Isto é assim porque a pessoa só cai no sonho profundo quando deixa de existir em seu conscientiza do "eu sou". E portanto, quando o ego cresce, o sonho se reduz cada vez mais. A pessoa egoísta perde sua capacidade de dormir porque seu ego, o eu, não deixa de afirmar-se a si mesmo as vinte e quatro horas do dia. É o eu que se acordada, é o mesmo eu que caminha pela rua. O eu se mantém tão presente durante todas as vinte e quatro horas que, no momento de ficar dormido, quando chega o momento de soltar o eu, a pessoa é incapaz de livrar-se dele. Evidentemente, resulta-lhe difícil ficar dormida. Enquanto exista o eu, o sonho é impossível. E, como vos pinjente ontem, enquanto exista o eu, é impossível entrar no divino.

Entrar no sonho e entrar no divino é exatamente uma mesma coisa: a única diferença é que através do sonho um entra em Deus em estado inconsciente, minta que através da meditação um entra em Deus em estado consciente. Mas esta diferença é muito importante. Podem passar milhares de vidas entrando em Deus através do sonho, mas não chegarão a conhecer Deus. Mas se entrarem na meditação embora seja por um momento, terão alcançado o mesmo lugar que levam alcançando no sonho profundo durante milhares e milhões de vidas (embora sempre em estado inconsciente), e isto transformará completamente sua vida.

O mais interessante é que assim que uma pessoa entra em estado de meditação, quando entra nesse vazio onde o leva o sonho profundo, já nunca fica inconsciente: nem sequer quando dorme. Quando Krishna diz no Gita que o iogue permanece acordado quando todos outros estão dormidos, não quer dizer que o iogue não durma nunca. Em realidade, ninguém dorme tão bem como um iogue. Mas inclusive em seu sonho mais profundo, aquela parte dela que entrou no estado de meditação se mantém acordada. E o iogue entra no sonho todas as noites nesse estado acordado. Então, a meditação e o sonho se convertem para ele em uma mesma coisa: não fica nenhuma diferença entre as duas coisas. portanto, sempre entra no sonho com consciência plena. Quando uma pessoa entra em si mesmo por meio da meditação, já nunca pode encontrar-se em estado inconsciente quando dorme.

Ananda viveu muitos anos com o Buda. Passou anos dormindo perto do Buda. Uma manhã perguntou à a Buda:

-passei anos vendo dormir. Não te move nenhuma só vez; passas toda a noite em uma mesma postura. Seus membros ficam ali onde estavam quando te deitou de noite; não há o menor movimento. Muitas vezes me levantei de noite para observar se te tinha movido. passei noites inteiras te observando. Suas mãos, seus pés, ficam em uma mesma posição; nunca te move. Leva uma espécie de registro de seu sonho de toda a noite?

-Não preciso chegar nenhum registro –respondeu o Buda- Durmo em estado consciente, de modo que não tenho necessidade de me mover. Se quiser, posso fazê-lo. Trocar de postura não é um requisito do sonho, é um requisito da mente inquieta.

Uma mente inquieta não é capaz de ficar em um só lugar durante toda uma noite, e muito menos durante o dia. O corpo manifesta constantemente sua inquietação, até dormindo de noite.

Se observarem a uma pessoa que dorme de noite, verão que está constantemente inquieta, todo o tempo. Verão que move as mãos de maneira muito parecida com como as move quando está acordada de dia. De noite, entre sonhos, verão que corre e ofega de maneira muito parecida com as pessoas acordadas; sente-se cansada, sem fôlego. De noite, entre sonhos, luta de maneira muito parecida com como luta de dia. Está iracunda de noite como de dia. Está cheia de paixão de dia, e também de noite. Não existe nenhuma diferença fundamental entre o dia e a noite de uma pessoa assim, salvo o fato de que de noite se deita esgotada, inconsciente; todo o resto

segue funcionando como sempre. Por isso disse o Buda: "Posso me mover de noite se quiser, mas não tenho necessidade de fazê-lo".

Mas não nos damos conta... Um homem sentado em uma cadeira não deixa de mover as pernas. Ihe perguntem: "por que se movem suas pernas? É compreensível que se movam quando anda, mas por que se movem quando está sentado em uma cadeira?" Assim que Ihe digam isto, o homem fará parar suas pernas imediatamente. Depois ficará imóvel durante um segundo, mas não será capaz de explicar por que o fazia. Isto mostra o modo em que a inquietação interior provoca agitação em todo o corpo. Dentro está a mente inquieta; não é capaz de estar quieta, em uma mesma postura, nem por um momento. Fará que todo o corpo esteja em movimento: as pernas tremerão, a cabeça girará; até sentado, o corpo trocará de postura.

Por isso lhes resulta tão difícil ficar sentados e quietos em meditação embora só seja dez minutos. E o corpo lhes pede desde mil pontos diferentes que lhes agitem e lhes movam. Não advertimos isto até que ficamos sentados praticando com atenção a meditação. Então nos damos conta de que corpo é o nosso: não quer ficar quieto em uma postura nem por um segundo. A confusão, a tensão e a excitação da mente agitam todo o corpo.

No sonho profundo desaparece tudo durante uns dez minutos; embora estes dez minutos não estão ao alcance de todos, a não ser só dos que estão completamente sãs e em paz. Outros alcançam entre um e cinco minutos de sonho deste tipo; a maioria das pessoas só alcançam um ou dois minutos de sonho profundo. O pouco suco que recebemos nesse minuto em que alcançamos a fonte da vida o aplicamos para funcionar em nossas vinte e quatro horas seguintes. O pouco azeite que recebe o abajur nesse breve período o utilizamos para tirar adiante nossas vidas durante vinte e quatro horas. O abajur da vida se alimenta da quantidade de azeite que recebe. Esta é a razão pela que arde tão pouco o abajur: não se recolhe azeite suficiente para que o abajur da vida esquilo com força, para que possa converter-se em uma luz brilhante.

A meditação lhes leva pouco a pouco até a fonte da vida. portanto, já não se trata de que dela tirem um punhado de alimento, encontram-lhes, simplesmente, na fonte mesma. assim, já não se trata de que recarreguem seu abajur com mais azeite: têm a sua disposição todo o mar de azeite. Então começam a viver nesse mesmo mar. Com a vida desse tipo, desaparece o sonho; não no sentido de que já não voltem a dormir, a não ser no sentido de que, mesmo que estão dormidos, há alguém dentro que segue plenamente acordado. Por conseguinte, já não existem os sonhos. O iogue se mantém acordado; dorme, mas não sonha nunca; seus sonhos desaparecem por completo. E quando desaparecem os sonhos, desaparecem os pensamentos. O que chamamos pensamentos no estado de vigília se chamam sonhos no estado de sonho. Só existe uma pequena diferença entre os pensamentos e os sonhos: os pensamentos são sonhos ligeiramente mais civilizados, enquanto que os sonhos têm um caráter algo primitivo. Um dos dois é o pensamento primitivo.

Em concreto, os meninos, ou os membros das tribos aborígenes, só são capazes de pensar com imagens, não com palavras. Os primeiros pensamentos dos homens sempre são em imagens. Por exemplo, quando um menino pequeno tem fome não pensa em palavras: "Tenho fome". O menino pode visualizar o peito de sua mãe; pode imaginar-se a si mesmo mamando do peito. Pode encher do desejo de aproximar-se do peito, mas não pode formar as palavras. A formação das palavras começa muito mais tarde; as imagens aparecem antes.

Também nós utilizamos imagens para nos expressar quando não conhecemos uma língua determinada. Se forem a um país estrangeiro cuja língua não conhecem e querem beber água, podem lhes levar a boca a mão cavada, e o estrangeiro entenderá que têm sede; pois quando faltam as palavras surge a necessidade das imagens. E o mais interessante é que as línguas faladas são diferentes em diferentes lugares, mas a linguagem das imagens é universal, pois a linguagem de imagens de todos os homens é o mesmo.

inventamos palavras diferentes, mas as imagens não são nossa invenção. As imagens são a língua universal da mente humana. Por isso, as pinturas se entendem em qualquer lugar do mundo. Não faz falta trocar a língua para compreender uma escultura do Khajuraho ou um quadro do Leonardo. A escultura do Khajuraho a entenderá um chinês, um francês ou um alemão, como a entendem vós. E se visitarem o museu do

Louvre, na França, não lhes resultará difícil entender os quadros que se exibem ali. Possivelmente não entendam os títulos, pois estão escritos em francês, mas não lhes custará trabalho entender os quadros. A linguagem das imagens é uma linguagem de todos.

A linguagem das palavras é útil durante o dia, mas não é útil de noite. De noite voltamos a ser primitivos. No sonho deixamos de ser como somos. Perdemos nossos títulos, nossos estudos universitários, tudo. Somos transportados ao ponto onde esteve uma vez o homem primitivo. Por isso surgem imagens de noite, no sonho, e de dia aparecem palavras. Se queremos fazer o amor durante o dia, podemos pensá-lo em palavras, mas de noite não há maneira de expressar o amor se não ser por meio de imagens.

Não parece que os pensamentos tenham tanta vida como os sonhos. Nos sonhos aparece ante nós toda a imagem. Por isso nos diverte mais ver um filme apoiado em uma novela que ler a mesma novela. A única explicação disto é que a novela está na linguagem das palavras, enquanto que o filme está na linguagem das imagens. Do mesmo modo, vocês gostam mais estar aqui e me escutar em pessoa. Vocês não gostariam tanto escutar este bate-papo gravado em uma cinta, porque aqui está presente a imagem, e na cinta só há palavras. A linguagem das imagens está mais próximo a nós, é mais natural. De noite as palavras se convertem em imagens; essa é a única diferença.

O dia que desaparecem os sonhos, também desaparecem os pensamentos; o dia que desaparecem os pensamentos, também desaparecem os sonhos. Se o dia estiver vazio de pensamentos, a noite estará vazia de sonhos. E recordem que os sonhos não lhes permitem dormir e que os pensamentos não lhes permitem despertar. Procurem entender ambas as coisas: os sonhos não lhes deixam dormir e os pensamentos não lhes deixam despertar. Se desaparecerem os sonhos, o sonho será total; se desaparecerem os pensamentos, o despertar será total. Se o despertar é total e o sonho é total, então é que não existe grande diferença entre ambos. A única diferença é que os olhos se têm abertos ou fechados e que o corpo trabalha ou repousa. que despertou totalmente, dorme totalmente, mas sua consciência se mantém exatamente igual em ambos os estados. A consciência é uma, inalterável; só troca o corpo. O corpo acordado, trabalha; o corpo dormido, repousa.

Ao amigo que perguntou por que não se alcança a Deus no sonho, eu lhe respondo lhe pode alcançar, se nos mantivermos acordados inclusive no sonho. assim, meu método de meditação é um método de sonho: dormir em atenção, entrar no sonho com atenção. Esta é a razão pela que lhes peço que relaxem o corpo, que relaxem a respiração, que acalmem seus pensamentos. Tudo isto é uma preparação para o sonho. portanto, está acostumado a acontecer que alguns amigos ficam dormidos durante a meditação. A razão é clara: é uma preparação para o sonho. E, quando se preparam para o sonho, ficam dormidos sem dar-se conta. Por isso repito eu a terceira sugestão: permaneçam acordados dentro de vós, permaneçam conscientes dentro; deixem que o corpo esteja totalmente depravado, deixem que a respiração esteja totalmente relaxada, mais relaxada do que está acostumado a estar durante o sonho. Mas permaneçam acordados dentro de vós. Deixem que sua consciência esquilo dentro de vós como um abajur para não ficar dormidos.

As condições de partida da meditação e do sonho são iguais, mas existe uma diferença na condição final. A primeira condição é que o corpo se relaxe. Se padecerem insônia, o primeiro que lhes ensinará o médico será a lhes relaxar. Pedirá-lhes que façam o mesmo que lhes peço eu: relaxem o corpo, não permitam que fique nenhuma tensão em seu corpo; deixem o corpo completamente solto, como um penugem de algodão. Viram alguma vez como dorme um cão ou um gato? Dormem como se não estivessem. Viram alguma vez a um menino pequeno dormido? Não há tensão em nenhuma parte: seus braços e suas pernas permanecem incrivelmente soltos. Observem a um jovem e a um velho: verão-o tudo tenso neles. De maneira que o médico lhes pediria que lhes relaxassem por completo.

Uma mesma condição se aplica ao sonho: a respiração deve ser relaxada, profunda e lenta. Devem ter advertido que, quando correm, a respiração se acelera. Do mesmo modo, quando o corpo se cansa com o trabalho, a respiração se acelera e aumenta a circulação do sangue. Para dormir, a circulação do sangue deve fazer-se

mais lenta (a situação deverá ser exatamente quão contrária ao correr). A segunda condição é, pois: relaxar a respiração.

Quando os pensamentos se aceleram, o sangue tem que circular rapidamente no cérebro; e, quando acontece isto, o sonho se faz impossível. É condição para o sonho reduzir o fluxo de sangue ao cérebro. Por isso nos servimos de travesseiros, para reduzir o fluxo de sangue ao cérebro. Sem travesseiro, a cabeça jaz ao mesmo nível do corpo, e, por isso, o sangue flui na mesma proporção por todo o corpo, da cabeça aos dedos dos pés. Quando se levanta a cabeça, ao sangue custa ascender; reduz-se seu fluxo no cérebro e circula pelo resto do corpo. Por este motivo, quanto mais lhe custe à pessoa ficar dormida, mais travesseiros deverá ficar sob a cabeça para levantá-la. Quando se reduz o fluxo de sangue, o cérebro se relaxa e à pessoa resulta fácil ficar dormida.

Com o fluxo rápido de pensamentos, o sangue também tem que fluir mais depressa; porque para que se mova um pensamento, este precisa apoiar-se no fluxo do sangue. As veias do cérebro começam a trabalhar mais depressa. Devem ter advertido que quando uma pessoa se zanga, lhe encham as veias. Isto se deve a que as veias têm que fazer mais sitio para que circule mais sangue por elas. Quando a cabeça se tranqüiliza, também diminui a pressão sangüínea.

Com a ira, a cara e os olhos ficam vermelhos. Isto se deve ao incremento do fluxo de sangue pelas veias. Nesse estado, os pensamentos se movem tão depressa que o sangue tem que circular também mais depressa. E também a respiração se acelera. Quando o sexo se apodera da mente, a respiração se faz muito pesada e o sangue flui mais depressa. Como os pensamentos se movem muito rapidamente, a mente começa a funcionar tão depressa que todas as veias do cérebro começam a encher-se de sangue que flui a grande velocidade.

portanto, as condições primeiras para a meditação são quão mesmas as aplicáveis ao sonho, relaxar o corpo, relaxar a respiração, soltar os pensamentos. As condições primeiras se cumprem igualmente para o sonho e para a meditação. A diferença é a condição final. No sonho, ficamos dormidos profundamente; na meditação, ficamos plenamente acordados: isso é tudo.

assim, nosso amigo tem feito bem ao expor esta pergunta. Existe uma relação profunda entre o sonho e a meditação, entre o samadhi e o sushupti, o sonho profundo. Existe, não obstante, uma diferença muito significativa entre ambos: a diferença de um estado consciente com um estado inconsciente. O sonho é inconsciência, a meditação é despertar.

Outro amigo perguntou: No que se diferencia o que você chama meditação da autohipnósis?

L

A DIFERENÇA É QUÃO MESMA existe entre o sonho e a meditação. Também devem compreender isto.

O sonho propriamente dito vem de maneira natural, enquanto que o sonho induzido por meio de um esforço é a autohipnósis. Esta é a única diferença. A palavra hypnos significa sonho.

Hipnose significa tandra, sonho. O primeiro é o tipo de sonho que chega por si mesmo, o segundo é cultivado, induzido. Se alguém tiver dificuldades para dormir, terá que fazer algo a respeito. Se um homem se deitar e começa a pensar constantemente que se está ficando dormido, e se este pensamento entra em seu ser e se apodera de sua mente, o corpo começará a responder também em consequência. O corpo começará a relaxar-se, a respiração começará a desacelerar-se, a mente começará a tranqüilizar-se.

Se se produzir dentro do corpo um entorno adequado para o sonho, o corpo começará a funcionar devido a esta circunstância. Ao corpo não lhe interessam os fatos; o corpo é muito obediente. Se tiverem fome todos os dias às onze, e seu relógio se ficou parado às onze da noite anterior, olharão o relógio e seu estômago lhes dirá: "É hora de comer"; embora possivelmente não sejam mais que as oito da manhã. Ainda não são as

onze; faltam três horas para as onze; mas se o relógio assinala as onze, o estômago se queixará de fome, porque o estômago funciona mecanicamente. Se estão acostumados a lhes deitar a meia-noite, e se por acaso seu relógio está adiantado duas horas, começarão a lhes sentir sonolentos assim que o relógio dê as doze, embora só sejam as dez. O corpo dirá imediatamente: "São as doze. É hora de deitar-se!"

O corpo é muito obediente. quanto mais são está o corpo, mais obediente é. Um corpo são é um corpo obediente. Um corpo doente é um corpo que deixou que obedecer: temos sonho, mas o corpo se nega a dormir; temos fome, mas o corpo não quer comer. Um corpo que deixa de obedecer é um corpo doente, e o corpo que obedece é um corpo são, porque o corpo nos segue como uma sombra. A dificuldade surge quando o corpo deixa de obedecer. O autohipnotismo significa simplesmente que terá que dar instruções ao corpo, que terá que obrigá-lo a obedecer as ordens.

A maioria de nossas enfermidades são só um engano. Quase cinqüenta por cento de nossas enfermidades são falsas. A causa de que no mundo haja mais doentes não é que aumentem as enfermidades, mas sim aumenta a falsidade do homem. Procurem entender bem isto. Ao aumentar os conhecimentos e as condições econômicas, deveria descender o número de enfermidades. Mas isto não aconteceu, pois seguiu aumentando a capacidade do homem para mentir. O homem não só minta a outros, mas também também se minta a si mesmo. Também cria novas enfermidades.

Por exemplo, se um homem tiver sofrido grandes quebras nos negócios e está ao bordo da quebra, possivelmente não queira aceitar que está em quebra, e por isso pode ter medo de ir ao mercado: sabe que terá que enfrentar-se com seus credores. de repente, descobre que o dominou uma enfermidade que o obriga a guardar cama. É uma enfermidade criada por sua mente. Sua vantagem é dupla. Agora pode dizer a outros que sua enfermidade lhe impede de atender a seu negócio (já se convenceu a si mesmo disso, e agora pode convencer também a outros), e agora esta enfermidade é incurável. Inicialmente, esta enfermidade não é tal enfermidade, mas quanto mais tratamentos recebe o homem, mais doente ficará.

Se a medicina não consegue lhes curar, saibam bem que sua enfermidade não é curável por meio da medicação. A causa da enfermidade se encontra em alguma outra parte; não tem nada que ver com a medicação. Podem amaldiçoar à medicina e dizer que os médicos são uns estúpidos porque não encontram o tratamento adequado para vós; podem provar a medicina ayurvédica ou a naturopatia; podem recorrer à alopatia ou à homeopatia: nada dará resultado. Nenhum médico pode lhes servir de nada, pela singela razão de que um médico só pode tratar uma enfermidade verdadeira; não pode controlar uma enfermidade falsa. E o mais interessante é que lhes trabalham em excesso em produzir enfermidades como estas e que querem que perdem.

mais de cinqüenta por cento das enfermidades femininas são falsas. As mulheres aprenderam desde sua infância uma fórmula: só recebem amor quando estão doentes, e não de outro modo. Quando a esposa está doente, o marido não vai a seu trabalho, toma uma cadeira e se senta junto à cama dela. Possivelmente se esteja amaldiçoando a si mesmo por fazê-lo, mas o faz. Assim, sempre que uma mulher quer receber cuidados de seu marido, cai doente em seguida. Por isso nos encontramos que as mulheres estão doentes quase sempre. Sabem que, estando doentes, podem dominar a toda a casa.

A pessoa doente se converte em um ditador, em um tirano. Se a pessoa disser: "Apaguem a rádio!", apagam-na imediatamente. Se a pessoa disser: "Apaguem as luzes e lhes deite", ou "Fica todos em casa; que não saia ninguém", os familiares fazem o que diz. Quando major seja a tendência ditatorial de uma pessoa, mais doente ficará; pois quem está disposto a ferir os sentimentos de um doente? Mas isto é perigoso. Desta forma, estamos contribuindo em realidade à enfermidade. É bom que um marido se sente junto a sua esposa quando esta está sã; é compreensível. Mas, certamente, não deve deixar de ir ao escritório quando ela está doente, fomentando assim sua enfermidade. É uma solução muito custosa.

Uma mãe não deve emprestar muita atenção a seu filho quando este cai doente; do contrário, o menino cairá doente sempre que quiser que lhe emprestem atenção. Quando o menino cai doente, não lhes preocupem tanto por ele para que não se estabeleça em sua mente nenhuma associação entre enfermidade e amor. O menino não deve captar a impressão de que sempre que cair doente sua mãe o acariciará e lhe

contará contos. Pelo contrário, a mãe deve mimar ao filho quando este esteja feliz, para que o amor se associe à alegria e à felicidade.

associamos o amor à desgraça, e isso é muito perigoso, porque significa que, sempre que alguém necessite amor, chamará à desgraça para que possa vir depois o amor. Mas nunca se encontra ao amor pela enfermidade. Recordem: a enfermidade produz lástima, não amor, e ser objeto de lástima é insultante, é muito degradante. O amor é uma coisa completamente diferente. Mas não temos consciência do amor.

O que quero dizer é que o corpo segue nossas sugestões: se queremos estar doentes, o pobre corpo cai doente. O hipnotismo é útil para curar estas enfermidades. O que quer dizer isto é que as enfermidades falsas se curam com remédios falsos, não com a medicina verdadeira. Se podemos nos fazer acreditar em nós mesmos que estamos doentes, também podemos nos fazer acreditar em nós mesmos que estamos sãs e nos liberar da enfermidade. Hoje em dia, em quase todos os hospitais dos países desenvolvidos têm em sua palmilha um perito em hipnotismo. No Ocidente, o médico trabalha em equipe com o perito em hipnotismo, pois existe uma série de enfermidades ante as quais o médico é completamente impotente, e que só pode tratar um perito em hipnotismo. Este some ao paciente em um sonho hipnótico e lhe sugere que se sente bem.

Sabia que só três por cento das serpentes são venenosas? Mas é corrente que um homem se mora inclusive pela mordida de uma serpente não venenosa se acreditar que a serpente pode matar a um homem. Por este motivo, os mantras e os exorcismos também podem servir para tratar uma mordida de serpente. O canto de mantras e os exorcismos são, em outras palavras, seudotécnicas. Uma serpente venenosa remói a um homem. Quão único faz falta é convencer o de que o veneno da serpente foi anulado. Isso bastará: o veneno já não terá nenhum efeito. É como se não tivesse havido nenhum veneno. E se a pessoa se convencesse plenamente de que o tinha mordido uma serpente, morrerá. Não morreria pela mordida da serpente, mas sim pela crença de que o tinha mordido uma serpente.

H

E OUVIDO CONTAR O SEGUINTE:

Uma vez aconteceu que um homem passou a noite em uma estalagem. Jantou de noite e à manhã seguinte ficou em caminho cedo. Um ano mais tarde chegou à mesma estalagem. O hospedeiro se surpreendeu ao vê-lo.

-Está bem? –perguntou ao viajante.

-Estou bem. por que? O que passou?

-Estávamos muito preocupados –disse o hospedeiro- Verá; a noite que passou aqui, caiu uma serpente na panela e a guisaram com a comida que lhes serviram. Outras quatro pessoas que comeram daquela comida morreram pouco depois. Não sabíamos o que te tinha passado, pois te partiu muito de amanhã. Estávamos muito preocupados com ti.

Quando o viajante ouviu isto, disse:

-Como? Uma serpente em minha comida!

E caiu morto. Tinha passado um ano! E morreu de medo.

E

L HIPNOTISMO É MUITO ÚTIL para estas enfermidades. O hipnotismo significa simplesmente que a falsidade que criamos a nosso redor pode ser neutralizada por outra falsidade. Recordem: se lhes cravastes no pé um espinho imaginário, não tentem tirá-la com um espinho de verdade: seria perigoso. Em primeiro lugar, não tiraria o espinho imaginário; e, o que é mais, a verdadeira lhes fará mal no pé. Para tirar um espinho falso terá que usar um espinho falso.

assim, que relação há entre a meditação e o hipnotismo? Só esta: o hipnotismo é necessário para tirar os espinhos falsos que se cravam em seu corpo.

Um exemplo de hipnotismo é quando lhes digo que sintam que o corpo se está relaxando. Isto é hipnotismo. Em realidade, vós mesmos têm suposto que o corpo não pode relaxar-se. O hipnotismo é necessário para anular este suposto, e não em outro caso. Se não fora por seu falso suposto, o corpo se relaxaria com que sentissem uma só vê que o corpo está depravado. As sugestões que eu lhes dou não estão destinadas em realidade a relaxar seus corpos, a não ser a lhes tirar de cima a crença de que o corpo não pode relaxar-se. Isto não se pode conseguir a não ser criando em vós a contracrença de que o corpo se está relaxando. Seu falso conceito se neutralizará com este falso conceito, e quando seu corpo se relaxe, vós saberão que está depravado. A relaxação é uma qualidade muito natural do corpo, mas lhes enchestes que tanta tensão que agora têm que fazer algo para lhes liberar disso.

Este é o alcance do hipnotismo. Quando começam a sentir que o corpo se está relaxando, que a respiração se está relaxando, que a mente se está acalmando, isto é hipnose. Mas só até este ponto. O que vem a seguir é meditação; até este ponto não há meditação. A meditação começa depois disto, quando estão no estado de consciência. Quando são conscientes de seu interior, quando começam a ser testemunhas de que o corpo está depravado, de que a respiração está relaxada, de que os pensamentos cessaram ou de que seguem movendo-se, quando começam a observar, a observar simplesmente, esta observação, estas estado de testemunhas, é meditação. O que passa antes disto é hipnose.

assim, a hipnose é um sonho cultivado. Quando não temos sonho, induzimo-nos o sonho. Fazemos um esforço; convidamos ao sonho. Também podemos convidar ao sonho se nos prepararmos para ele e passamos a um estado em que nos soltamos. Mas a meditação e a hipnose não são uma mesma coisa. Vos rogo que o compreendam. Enquanto sentem o que eu lhes sugiro, isso é hipnose. Quando sentem que cessam minhas sugestões e começa a consciência, isso é o começo da meditação. A meditação começa com a chegada da estado de testemunhas.

A hipnose é necessária porque lhes provocastes um estado de hipnose inversa. Em términos científicos, isto não é hipnotizar, é deshipnotizar. Já estamos hipnotizados, embora não somos conscientes de como nos hipnotizamos nem de que meios nos servimos para produzir este estado de hipnose. vivemos a maior parte de nossas vidas sob a influência da hipnose. E quando estamos dispostos a ser hipnotizados, não nos damos conta do que fazemos. Passamos assim toda nossa vida. Se isto ficar claro, romperá-se o influxo hipnótico; e quando se rompe este estado hipnótico, será possível passar ao interior, pois a hipnose é, essencialmente, um mundo de irreabilidade.

Por exemplo, um homem está aprendendo a montar em bicicleta. Para praticar, fica em marcha em uma estrada larga. A estrada mede dezoito metros de largura, e há um marco no bordo. Embora o homem queria montar com os olhos enfaixados por essa estrada tão larga, seria muito difícil que se chocasse com o marco. Mas o homem ainda não sabe montar em bicicleta.

Não olhe a estrada nem por um momento; seus olhos detectam em primeiro lugar o marco e o medo de se chocar com o marco se apodera dele. Isso é tudo. Assim que se apodera dele este medo de se chocar com o marco, está hipnotizado. Quando digo que fica hipnotizado quero dizer que já não vê a estrada: começa a ver só o marco. assusta-se, e o guidão de sua bicicleta começa a girar para o marco. quanto mais gira o guidão, mais se assusta ele. Naturalmente, o guidão girará para o ponto onde tenha enfocada sua atenção, e sua atenção está enfocada no marco, porque ele tem medo de se chocar com ele. Assim, a estrada desaparece de sua vista e só fica o marco. Hipnotizado pelo marco, desvia-se para ele. quanto mais se desvia, mais se assusta; quanto mais se assusta, mais se desvia. Por fim, choca-se com o marco.

Qualquer pessoa inteligente que visse isto poderia perguntar-se como é possível que o homem me chocasse com o marco em uma estrada tão larga. Como é que não pôde apartar-se dele? Evidentemente, estava hipnotizado. concentrou-se no marco para livrar-se de aterrissar sobre ele, e isto fez que não visse mais que o marco. Quando sua mente se fixou no marco, suas mãos fizeram girar automaticamente a bicicleta nessa direção, porque o corpo segue a nossa atenção. quanto mais se assustava, mais tinha que concentrar-se no marco. Ficou hipnotizado pelo marco; seu medo o arrastou para ele, e acabou se chocando com ele.

Na vida estamos acostumada cometer os mesmos enganos que preferiríamos evitar. Ficamos hipnotizados por eles. Por exemplo, um homem teme perder a paz de espírito e zangar-se. Nesta situação, zanga-se vinte e quatro vezes cada vinte e quatro horas. Quando mais medo tem a zangar-se, mais se sentirá hipnotizado pela ira. Então procurará desculpas para estar zangado as vinte e quatro horas do dia.

Outro homem, temente olhar às mulheres formosas porque poderiam excitá-lo sexualmente, verá mulheres formosas as vinte e quatro horas do dia. Com o tempo, até as mulheres feias lhe parecerão formosas; até os homens começarão a lhe parecer mulheres. Se vir de costas a um sadhu que leva o cabelo comprido, procurará ver se se trata de um homem ou de uma mulher. Por fim, até as mulheres das fotografias e dos pôsteres começarão a atrai-lo, a hipnotizá-lo. Esconderá fotografias de mulheres nuas no Gita e no Corán, e as olhará sem perguntar-se sequer como pode deixar-se hipnotizar assim por simples linhas e cores. Sempre quis salvar-se das mulheres, e agora as teme; agora vê mulheres em todas partes. Quando vai ao templo ou à mesquita, ou a qualquer outra parte, não vê mais que mulheres. Também isto é hipnose.

Uma sociedade que está contra a sexualidade acaba por voltar-se sexual. Quando uma sociedade é oposta à sexualidade, quando abomina da sexualidade, toda sua mente se voltará sexual, pois ficará hipnotizada por aquilo mesmo que critica: toda sua atenção ficará concentrada nisso. Quanto mais fala de castidade uma sociedade, mais lascivas e luxuriosas serão as pessoas que nasçam em seu seio. O motivo é que ao falar da castidade a mente se centra na sexualidade. Tudo isto é hipnose (criada por nós mesmos), e vivemos dentro dela. Todo mundo está enredado nesta hipnose. E é difícil rompê-la, pois a hipnose aumenta com todos os intentos de rompê-la que fazemos por nossa parte.

Só Deus sabe quantos tipos de hipnose criamos já e quantos seguimos nos criando. E depois vivemos com eles. Devemos rompê-los para que possamos despertar. Mas para romper toda esta rede de falsidade devemos descobrir métodos falsos.

Em certo modo, todo sadhana, toda prática espiritual, serve para eliminar a falsidade que nos rodeia. Assim, todo sadhana é falso. Os métodos que se inventaram em todo mundo para nos ajudar a alcançar a Deus são falsos, porque nunca nos separamos que ele. Só nos separamos que ele com o pensamento.

É como se um homem dorme na Dwarka e sonha que está na Calcuta. E em seu sonho começa a preocupar-se: sua mulher está doente e ele está na Calcuta: deve retornar a Dwarka. Começa a perguntar a uns e a outros, a consultar os horários de trens, a inteirar-se dos aviões que pode tomar para retornar a Dwarka assim que possa. Mas qualquer sugestão que lhe façam sobre o modo de retornar a Dwarka estará equivocada, causará-lhe problemas, porque seu ponto de partida não é Calcuta. Nunca foi a Calcuta: só era um sonho, uma hipnose. Qualquer meio que alguém lhe indique para retornar a Dwarka não servirá mais que para lhe causar problemas.

Nenhum caminho tem significado algum: todos os caminhos são falsos. Embora o homem retorne a Dwarka, a rota que seguiria seria falsa. Não é capaz de encontrar o caminho de volta porque não pode existir nenhum: ele nunca foi sequer a Calcuta. O que significa para ele encontrar um caminho de volta? O trem que tomará para ir a Dwarka será tão falso como sua estadia na Calcuta. Se for à estação do Howrah, compra um bilhete e tomada um trem que se dirige a Dwarka, todo isso será falso. Todas as estações pelas que acontecerá sua viagem de volta serão falsas. Assim, chegaria a Dwarka e despertaria feliz. Mas se surpreenderia ao saber que não tinha ido nunca a nenhuma parte, que tinha estado em sua cama todo o tempo. Portanto, como retornou? Sua idéia foi falsa, como também foi sua volta.

Ninguém saiu nunca de Deus, que é a realidade última. É impossível, porque só ele é: não há maneira de sair dele. Todas as saídas são falsas, todas as voltas são falsas. Mas como já saímos em nossa viagem imaginária, temos que retornar: não há outro caminho. Temos que encontrar o meio de retornar. Mas quando tiverem retornado descobrirá que todos os métodos eram falsos, que todo sadhana era falso. O sadhana só era necessário para nos fazer voltar do sonho. Quando tivermos compreendido isto, então é possível que não terei que fazer nada e que descubram de repente que retornastes. Mas isto é difícil de compreender, porque criem que já estão na Calcuta. Podem dizer: "O que diz é certo, mas eu já estou na Calcuta. Insígnia me o caminho de volta!".

E

STA PERGUNTA É, precisamente, do tipo das que faria o homem que viajou a Calcuta. eu gostaria de perguntar a este amigo: “perdeste alguma vez a Deus?”. Pois se disser que encontrei a Deus, isso significa que o tinha dado por perdido. Já está encontrado. Mesmo que nos parece que o perdemos, ele segue ainda conosco. Quão único acontece é que estamos hipnotizados e que, por isso, parece-nos que o perdemos. Por conseguinte, se alguém disser: “Sim, encontrei a Deus”, equivoca-se. Segue sem compreender que nunca chegou a perdê-lo. portanto, os que chegam a conhecer deus nunca dizem que encontraram a Deus. Dizem: “Nunca o perdi”.

O dia em que o Buda ficou iluminado, a gente se reuniu a seu redor e a perguntou:

-O que alcançaste?

O Buda respondeu:

-Não alcancei nada. Simplesmente, cheguei a ver o que não tinha perdido nunca. encontrei o que já tinha

Os aldeãos que ouviram isto tiveram piedade dele e lhe disseram:

-Que lástima! trabalhaste em vão.

-Sim –disse o Buda-, nesse sentido é certo que trabalhei em vão. Mas agora já não tenho necessidade de trabalhar: essa vantagem ganhei. Agora não irei procurar nada, agora não vagarei para alcançar nada, agora não empreenderei nenhuma viagem: isso ganhei. Agora sei que estou onde já estava.

Só vamos em nossos sonhos. Nunca chegamos realmente aos lugares onde nos parece que chegamos. Por isso, em certo sentido, todas as religiões são falsas; todos os sadhanas ou práticas espirituais são falsos; todos os iogas são falsos. São falsos no sentido de que todos são métodos para retornar. Mas, contudo, são muito úteis.

Um chamán de povo que elimina o veneno das serpentes recitando mantras é muito útil para os que foram mordidos por uma serpente, embora tenham sido mordidos por uma serpente falsa. Sem ele, a gente morreria pela mordida de uma serpente que não estava ali.

Em meu bairro viveu uma vê um homem assim. Já morreu. Vinha a vê-lo gente desde muito longe para que lhes tirasse o veneno de serpente. Era um homem muito hábil; tinha amestrado algumas serpentes. Quando vinha a vê-lo uma pessoa a que tinha mordido uma serpente, ele aplicava suas habilidades chamánicas e lhe perguntava que tipo de serpente era, onde a tinha mordido, se a serpente estava morta ou viva... depois de recolher toda esta informação, punha em jogo seu truque e chamava à serpente. Tinha-o calculado tudo: a que serpente terei que soltar, com que sinal, etcétera. Ao cabo de uma hora, mais ou menos, entrava pela porta, assobiando, uma serpente que se atia à descrição. Todo aquilo causava sensação: o homem mordido pela serpente ficava assombrado.

A pessoa a que remói uma serpente estranha vez é capaz de ver nem de entender nada com claridade: Que serpente o mordeu? Como era? Onde estava? Está tão afligida pelo fato de ter sido mordido que, enquanto isso, a serpente desaparece. Se tinham matado à serpente, o chamán invocava à alma desta para que acompanhasse à serpente dele. Depois, brigava e insultava à serpente por ter mordido a aquele homem. A serpente humilhava a cabeça em terra pedindo perdão. Enquanto isso, ia passando o efeito do veneno que tinha absorvido a vítima. Em seguida o chamán dizia à serpente que extraíra o veneno. A serpente se aproximava imediatamente ao homem que tinha sido mordido e aplicava sua boca à ferida, e a vítima se recuperava.

Por desgraça, aconteceu uma vez que uma serpente mordeu ao filho deste homem. Teve então um grande problema, pois nenhum de seus tratamentos dava resultado. Acudiu correndo para mim e me disse:

-Rogo-te que me ajude. Tenho um grande problema. Suplico-te que me diga o que posso fazer. Uma serpente mordeu a meu filho, e ele conhece o segredo de minhas

serpentes amestradas. O que desgraçado sou! Rogo-te que me diga o que posso fazer. Estou impotente. Meu filho não sobreviverá!

Eu fiquei surpreso. Perguntei-lhe:

-Mas e seu tratamento? A gente vem a verte de longe para que as cure!

-Isso está muito bem –disse-, mas até eu mesmo teria um grande problema se me mordesse uma serpente: não seria capaz de me salvar a mim mesmo. Eu conheço os truques do ofício; não me poderia em mãos de ninguém que me tratasse como eu trato às pessoas.

O moço morreu. Aquele homem não foi capaz de salvar a seu filho.

Fazem falta meios falsos para eliminar a falsidade. E estes meios têm um significado próprio. São significativos porque nós temos cansado em falsidades. portanto, não lhes incomodem em perguntar: ao princípio, trata-se, em efeito, de hipnotismo. As primeiras etapas são hipnotismo, sonho; só a etapa final é meditação, e essa é a que tem um valor precioso. antes de que possam alcançar esta etapa, é necessária toda esta preparação: é necessária para que possam sair da falsidade em que lhes perdestes.

Não perguntem alguma vez: “encontreste a Deus, ou não? Todo isso é um engano: Quem vai encontrar o? O que terá que encontrar? O que é, é. O dia que cheguem ou seja isto, verão que não perdestes nada nunca, que não fostes nunca a nenhuma parte. Nada se destruiu nunca, nada morreu nunca. O que é, é. Esse dia terminarão todas as viagens, tudo o que é ir a alguma parte.

E agora esta pergunta: O que significa “a liberação do ciclo do nascimento e da morte?

L

A LIBERAÇÃO DO CICLO DO NASCIMENTO e da morte não significa que não vades voltar a nascer aqui outra vez. Significa que já não há nem que ir a nenhuma parte nem vir de nenhuma parte, em nenhum plano. Então ficam arraigados ali onde estão. O dia que acontece isto, brotam por toda parte os mananciais da alegria. Não podemos conhecer a alegria se estivermos em um plano imaginário; só podemos encontrar a alegria se estivermos onde estamos de verdade. Só podemos ser felizes sendo o que somos; nunca podemos ser felizes sendo o que não somos. assim, seguir o ciclo do nascimento e da morte significa que estamos vagando por lugares ilusórios: estamos perdidos em alguma parte onde não estivemos nunca, jamais. Estamos vagando por alguma parte onde não devemos estar nunca, jamais, enquanto que perdemos que vista o lugar onde estamos em realidade. De modo que a liberação do nascimento e da morte significa voltar aonde estamos, voltar para casa.

Entrar em Deus significa estar exatamente onde estamos em realidade. Não se trata de que algum dia vades encontrar lhes com Deus em alguma parte e lhe vades saudar dizendo: “Graças ao céu que te encontrei!” Não existe um Deus como este, e se por acaso lhes encontram com um, saibam bem que tudo é hipnotismo. Um Deus assim será sua criação, e lhes encontrar com ele será tão falso como foi o perdê-lo. Não é assim como encontrarão algum dia a Deus.

Nossa língua está acostumada resultar enganosa, pois a expressão “encontrar a Deus” ou “alcançar a Deus” dá a impressão de que seremos capazes de ver deus cara a cara. Estas palavras são muito enganosas. Ao as escutar, temos a impressão de que alguém vai se manifestar, de que manteremos um contato visual com ele, de que poderemos abraçá-lo. Isto é errôneo. Se alguma vez lhes encontrarem com um Deus assim, cuidado! Um Deus assim terá sido criado totalmente por sua mente: será fruto da hipnose.

Todos temos que sair da hipnose, de todos os condicionamentos, e voltar sobre nossos próprios passos até o ponto em que não há sonho, em que não há hipnose, em que estamos completamente conscientes, arraigados em nosso próprio ser. O conhecimento que teremos então será o conhecimento de que a existência é uma, indivisível. O nome desse conhecimento é Deus.

Nos preparemos agora para a meditação matutina. Falarei mais deste tema em nossa meditação vespertina. Ihes separe um pouco os uns dos outros. E não falem: Ihes separe em silêncio. Deixem um pouco de espaço livre entre vós. Os que queiram deitar-se, podem fazê-lo: devem deixar espaço suficiente para que se deitem. Em inclusive em plena meditação, se alguém chegar ao ponto de cair, deve cair: não deve impedir-se a si mesmo cair.

Sim: subam ao corrimão, mas deixem sítio livre entre vós... Pois, mais tarde, se Ihes caírem em cima de alguém Ihes sentirão mau, e o outro também se distrairá. portanto, Ihes separe. Sim: baixem aqui.

Fechem os olhos... Os meninos não devem falar: passarão dez minutos sentados em silêncio. Fechem os olhos... deixem o corpo depravado... deixe o corpo completamente depravado como se não houvesse vida no corpo. Deixem que passe dentro toda a energia. Toda a energia do corpo está acontecendo dentro... fluindo para dentro... nos estamos encolhendo dentro de nós, e o corpo ficará como uma casca que pendura por fora. Pode cair, ou pode ficar sujeito, mas será algo externo, como a roupa. Passem dentro... e deixem o corpo depravado. Agora Ihes farei sugestões. as sintam comigo.

Sintam que o corpo se está relaxando... o corpo se está relaxando... o corpo se está relaxando. Sintam, e deixem o corpo completamente depravado. O corpo é muito obediente. Quando o sentirem de todo coração, converterá-se quase em um cadáver. Sintam que o corpo se está relaxando... o corpo se está relaxando... o corpo se está relaxando... o corpo se está relaxando... o corpo segue relaxando-se. Soltem, soltem toda sujeição... não sigam sujeitando o corpo de dentro, soltem completamente... retirar todo controle sobre ele, como se o corpo não fora seu; agora, tudo o que Ihes passe, passará. Se cair, cairá; se o perderem, perderão-o. Ihes aparte dele por completo... retirem dele suas sensações.

O corpo se está relaxando. O corpo se está relaxando... o corpo se está relaxando... o corpo se está relaxando... o corpo se está relaxando... o corpo se está relaxando... o corpo se está relaxando... o corpo se está relaxando... se cair, que caia. O corpo se relaxou... como se se converteu por completo em um cadáver... como se o corpo se partiu... o corpo já não está... nos separamos que ele... nos apartamos que ele.

A respiração se está relaxando. Sintam que a respiração se segue relaxando... a respiração se está relaxando... a respiração se está relaxando... a respiração se está relaxando... a respiração se está relaxando... a respiração se está relaxando... a respiração se está relaxando... a respiração se segue relaxando... a respiração se segue relaxando. Soltem... soltem também a respiração... entrem mais dentro. A respiração se relaxou... a respiração se relaxou... a respiração se relaxou... a respiração se relaxou. entrastes mais ainda detrás da respiração... a respiração se relaxou.

Os pensamentos também se estão relaxando. Os pensamentos também se estão relaxando... os pensamentos também se estão relaxando. Ihes aparte também dos pensamentos... soltem também os pensamentos. Os pensamentos também se estão relaxando... os pensamentos também se estão relaxando... os pensamentos também se estão relaxando... os pensamentos também se estão relaxando... os pensamentos também se estão relaxando... os pensamentos também se estão relaxando... os pensamentos também se estão relaxando... os pensamentos também se estão relaxando. Soltem também os pensamentos. Os pensamentos se estão relaxando... os pensamentos se estão relaxando... os pensamentos se estão relaxando... os pensamentos se estão relaxando... os pensamentos se estão relaxando.

O corpo se relaxou, os pensamentos se relaxaram; agora passem dez minutos simplesmente acordados dentro de vós... passem dez minutos simplesmente acordados dentro de vós. Durante dez minutos, tudo morreu; dentro, ficamo-nos acordados como uma chama. O corpo está longe... a respiração se ouça ao longe... os pensamentos se tranqüilizaram... dentro, nossa consciência está acordada observando-o tudo. Não fiquem dormidos: sigam acordados dentro de vós.

Sigam acordados dentro... sigam observando dentro... sigam observando... convertíeis em observadores, e começará uma profundidade repentina... começará um silêncio repentino... começará um vazio. Agora, durante dez minutos, Ihes limite a sigam observando dentro em silêncio.

L

A MENTE SE FICOU EM SILÊNCIO... a mente se ficou em um silêncio completo. Sumergios mais fundo nas profundidades... como se caíssem a um poço profundo. Sigam caindo... siga caindo. Sigam acordados dentro e sigam lhes convertendo em um vazio. Sigam conscientes dentro, sigam acordados, e sigam observando. E tudo morreu... o corpo ficou longe; a respiração ficou longe; os pensamentos desapareceram. Só ficamos nós. Sigam observando acordados... sigam observando... a mente seguirá esvaziando-se mais...

Respirem fundo várias vezes, devagar, e voltem da meditação. Abram os olhos devagar e com muita suavidade. Nossa sessão matutina terminou.

CAPÍTULO 5

Encontrem seu próprio Caminho

Ou

N AMIGO PERGUNTOU: Há dito que não há verdade maior que a morte. Também há dito alguma vez que aquilo que chamamos morte não existe. Qual das duas afirmações é verdadeira?

A

MBAS SÃO VERDADEIRAS. Quando digo que não há verdade maior que a morte, estou lhes fazendo ver que o fenômeno da morte é uma realidade enorme nesta vida, no que chamamos "vida" e no que entendemos por "vida"; em termos de nossa personalidade, que consiste no que eu descrevo como "o eu" Esta personalidade morrerá; o que chamamos "vida" morrerá também. A morte é inevitável. Sem dúvida, vós morrerão e eu morrerei, e esta vida também se destruirá, ficará reduzida a pó, apagada.

Quando digo que não há verdade maior que a morte, quero lhes recordar o fato de que todos vamos morrer. E quando digo que a morte é completamente falsa, quero lhes recordar que dentro deste "eu", dentro de "vós", há alguém que não morrerá nunca. E também há uma vida que é diferente do que vós criem que é a vida: uma vida sem morte. Ambas as coisas são verdadeiras: são verdadeiras de uma vez. Se supuserem que só uma delas é verdadeira, não serão capazes de compreender toda a verdade.

Se alguém disser que a sombra é uma realidade, que a escuridão é uma realidade, tem razão. A escuridão existe, e também existe a sombra. E se outra pessoa diz que a escuridão não existe, também tem razão. O que diz é que a escuridão não tem uma existência positiva. Se lhes pedir que me tragam um par de sacos de escuridão não seriam capazes de fazê-lo. Uma habitação está cheia de escuridão; mas se lhes pedem que dela tirem a escuridão, não serão capazes de fazê-lo. Ou se eu lhes digo: "Se ali houver escuridão, façam o favor de me trazer isso não poderão fazê-lo. por que? Porque a escuridão tem uma existência negativa; a escuridão é, simplesmente, a ausência de luz.

Embora a escuridão existe, entretanto não é mais que a ausência de luz. assim, se alguém dissesse que não há escuridão, tem razão. Existe a presença de luz e existe a ausência de luz, mas não existe a escuridão como tal. Por esta razão podemos fazer o que quisermos com a luz, mas com a escuridão não podemos fazer nada. Se querem eliminar a escuridão, terão que acender a luz; se querem produzir escuridão, terão que apagar a luz. Não se pode fazer nada diretamente com a escuridão.

Vão correndo por uma estrada. Sua sombra aparece detrás de vós; corre também com vós. Todos podem ver a sombra; ninguém pode negar sua existência. Mas também pode dizer-se que não há sombra, porque não tem entidade própria. A sombra existe porque seu corpo detém a luz do sol. Quando seu corpo detém a luz, forma-se uma sombra; quando têm o sol sobre a cabeça, não se forma sombra, porque os raios do sol não se detêm. Se fizéssemos uma figura humana de vidro, não apareceria nenhuma sombra, porque os raios atravessariam o cristal.

Quando se bloqueia a luz, forma-se uma sombra; a sombra não é mais que uma ausência de luz. portanto, se uma pessoa disser que a sombra existe, não se equivoca. Mas esta é uma verdade pela metade. Deveria acrescentar, além disso, que a sombra não existe. Em tal caso a verdade fica completa. Isto significa que uma sombra é algo que existe mas, de uma vez, não existe. Mas com nossa maneira de pensar não somos capazes de ver nada se não o dividirmos em duas partes independentes.

Uma vez julgaram a um homem acusado de cometer um assassinato. Tinha matado a outro homem, e os que tinham visto cometer o crime se apresentaram como testemunhas. Uma testemunha disse:

-O crime se cometeu ao ar livre e brilhavam as estrelas no céu. Eu via as estrelas e vi o crime.

A seguir se apresentou outra testemunha ocular que disse:

-O crime se cometeu dentro da casa, perto da porta junto a uma parede. Há manchas de sangue na parede, e, como eu estava junto à parede, também me manchou de sangue a roupa. Este assassinato se cometeu dentro da casa.

O juiz estava confuso. Como podiam dizer a verdade os dois? Evidentemente, um dos dois mentia. O assassino pôs-se a rir. O juiz lhe perguntou do que ria. O assassino disse:

-Direi-lhe que ambos têm razão. A casa estava ao meio construir: ainda não se levantou o telhado. viam-se as estrelas. O assassinato se cometeu a céu aberto, mas perto da porta, junto à parede que está manchada de sangue. A casa estava quase terminada: tinham construído as paredes; só faltava o telhado. De modo que ambos têm razão.

A vida é tão complicada que até as coisas que parecem contraditórias resultam verdadeiras. A vida é muito complexa. A vida não é como acreditam: contém muitas contradições; é muito vasta.

Em certo sentido, a morte é a maior das verdades, pois o modo em que vivemos terá fim; morreremos, deixando de ser como somos, e o marco que criamos também será destruído. Aqueles aos que consideramos como todo nosso mundo (nossa esposa ou marido, nosso filho, nosso pai, nosso amigo) morrerão também. Mas, ao mesmo tempo, a morte é uma falsidade, porque há algo que reside dentro do filho que não é o filho, e que não morrerá nunca. Há algo que reside dentro do pai que não é o pai, e que não morrerá nunca. O pai morrerá, é obvio, mas dentro dele há algo mais que o pai, além da relação familiar, que não morre.

O corpo morrerá, mas há algo dentro do corpo que não morre nunca. Ambas as coisas são verdadeiras de uma vez. assim, é preciso ter presente ambas as coisas para compreender a natureza da morte.

Ou

TRO AMIGO PERGUNTOU: As coisas que queremos suprimir, tais como as cadeias da fé cega ou da superstição, ficam confirmadas ainda mais em seus bate-papos. Segundo o que diz, parece ser que há vida depois da morte, que há deuses e fantasmas, que existe a transmigração da alma. Nesse caso, será difícil livrar-se das superstições. Não se reforçarão ainda mais?

É preciso compreender duas coisas neste sentido. A primeira é que se algo se tomar como superstição sem estudá-lo e investigá-lo devidamente, isso equivale a criar uma superstição ainda maior: é amostra de uma mentalidade altamente supersticiosa. Uma pessoa acredita que há fantasmas e espíritos malignos e vós a chamam supersticiosa, e isso lhes faz lhes sentir muito entendidos. Mas a pergunta é: o que é a

superstição? Se alguém acreditar que há fantasmas e espíritos malignos sem investigá-lo, isso é superstição; e se outra pessoa acredita que não existem tais coisas, também isso é superstição. A superstição é acreditar algo sem saber se for certo. Uma pessoa não é supersticiosa pelo mero feito de que tenha crenças opostas às suas.

que acredita em Deus pode ser tão crédulo como o não crente. Devemos compreender a definição de superstição. Significa acreditar cegamente em algo sem comprová-lo. Os russos são uns supersticiosos ateus; os hindus são uns teístas supersticiosos: ambos caem na fé cega. Os russos nunca se preocuparam de descobrir se for verdade que Deus existe: limitaram-se a acreditá-lo assim; e os hindus tampouco procuraram descobrir se for verdade que Deus existe antes de acreditá-lo assim. portanto, não cometam o engano de acreditar que só os teístas são supersticiosos: os ateus também têm suas próprias superstições. Parece contraditório: como pode existir uma superstição científica?

Se tiverem estudado geometria, devem conhecer a definição do Euclides que diz que a linha tem longitude mas não tem grossura. E bem, acaso pode haver algo mais supersticioso que isto? Nunca existiu uma linha sem grossura. Aos meninos lhes ensina que o ponto não tem nem longitude nem grossura; e até o maior dos científicos parte do suposto de que o ponto não tem longitude nem grossura. Pode existir um ponto sem longitude nem grossura? Todos estamos acostumados a usar as cifras do um aos nove. Bem poderíamos nos perguntar: é que isto não é uma superstição? por que nove cifras? Nenhum cientista pode explicar por que se usam nove cifras. por que não sete? O que tem de mau o sete? por que não três? Alguns matemáticos (Leibniz foi um deles) as arrumaram com apenas três cifras. Leibniz disse: ao um, dois, três, segue-lhes o dez, onze, doze, treze; depois vem o vinte, vinte e um, vinte e dois, vinte e três. Assim era seu sistema de numeração; dirigia-se muito bem com ele, e desafiou aos que não estavam de acordo com ele a que demonstrassem que estava equivocado. Pôs em tecido de julgamento a necessidade de nove cifras.

Mais tarde, Einstein disse que tampouco eram necessárias sequer três cifras e que bastava com dois; seria difícil arrumar-lhe com solo uma cifra, mas dois são suficientes. A necessidade de nove cifras nas matemática é uma superstição científica. Mas o matemático tampouco está disposto a renunciar a ela. Diz: "Como podemos trabalhar com menos de nove cifras?" assim, isto não é mais que uma crença; não tem mais significado que isto.

De um ponto de vista científico acreditam que são verdade centenas de coisas que, em realidade, são superstições. Os cientistas também são supersticiosos, e em nossos tempos se estão dissipando as superstições religiosas enquanto aumentam as superstições científicas. A diferença entre as duas consiste, simplesmente, em que se perguntarem a uma pessoa religiosa como chegou a conhecer a existência de Deus, dirá-lhes que está escrito no Gita, enquanto que se lhe perguntam como chegou ou seja que a aritmética funciona com nove cifras, dirá-lhes que está escrito no livro de tal ou qual matemático.

Que diferença há entre as duas? As respostas de certo tipo se encontram no Gita, no Corán; as respostas de outro tipo se encontram em um livro de matemática. Que diferença há? Isto demonstra que temos que compreender o que é realmente a superstição. A superstição é aquilo no que acreditam sem ter um conhecimento disso. Aceitamos muitas coisas e rechaçamos muitas coisas sem saber nada delas: também isto é supersticioso.

Suponham que em um povo um homem é poseído por um espírito. As pessoas cultas dirão que é uma superstição. Suponhamos que as pessoas sem cultura são supersticiosas: já as tachamos que supersticiosas porque estas pessoas singelas, como são incultas, são incapazes de apresentar nenhum argumento que apóie sua crença. Assim, todas as pessoas cultas do povo sustentam que o conto de que este homem está poseído por um espírito é falso; mas não sabem que em uma universidade como a do Harvard, nos Estados Unidos, há um departamento em que se levam a cabo investigações sobre os espíritos e os fantasmas. O departamento publicou inclusive fotografias destes seres. Não têm nem idéia de que na atualidade alguns cientistas muito respeitados realizam sérias investigações sobre os fantasmas e os espíritos, e obtiveram tais resultados que mais tarde ou mais cedo chegarão a dar-se conta de que eram eles, os homens cultos, os que eram supersticiosos, e de que embora aqueles aos

que chamavam supersticiosos não sabiam nada daquilo no que acreditavam, o que diziam era verdade.

Se lerem ao Ryon ou ao Oliver Lodge, surpreenderão-lhes, Oliver Lodge foi um cientista que recebeu o prêmio Nobel. Ao longo de toda sua vida fez investigações sobre os fantasmas e os espíritos. antes de morrer deixou escrito um documento no que dizia: "Todas as verdades da ciência que tenho descoberto não são, nem muito menos, tão verdadeiras como os fantasmas e os espíritos. Mas não temos conhecimento deles porque os supersticiosos cultos não se preocupam de inteirar-se dos descobrimentos que se produzem no mundo."

Se uma pessoa disser que é capaz de ler a mente de outro, dizemos que é uma superstição. Na Rússia, onde há cientistas aos que poderíamos chamar "rigorosos", há um homem chamado Fiodev. É um grande cientista russo. comunicou seus pensamentos de Moscou, sem médios visíveis, à mente de uma pessoa que estava no Tiflis, a mil e quinhentos quilômetros de distância. Isto se examinou cientificamente e se comprovou que era certo. Os cientistas realizam investigações deste tipo porque cedo ou tarde resultarão úteis nas viagens espaciais. No caso de uma avaria mecânica em uma espaçonave, que sempre é possível, os cientistas poderão ficar em contato com os tripulantes por estes meios. De outro modo, a espaçonave poderia perder-se para sempre. Com este fim os cientistas russos estão realizando investigações intensivas sobre a telepatia e obtiveram resultados assombrosos.

Fiodev realizou suas investigações com a colaboração de um amigo dele. Seu amigo estava no Tiflis, a mil e quinhentos quilômetros, e se tinha escondido depois de um arbusto, em um parque, provido de um aparelho de rádio, e Fiodev e ele estavam em contato. Ao cabo de certo tempo, o amigo informou ao Fiodev de que tinha chegado um homem que se sentou no banco número dez. Pediu ao Fiodev que enviasse a aquele homem a mensagem de que dormisse em três minutos. O homem estava plenamente acordado; estava fumando e cantarolando a sós. Fiodev começou a lhe enviar sugestões (tal como faço eu). "Está-te relaxando; está-te relaxando." A uma distância de mil e quinhentos quilômetros. Fiodev lhe enviou intensamente durante três minutos esta sugestão: "Durma; durma." Ao cabo de três minutos exatamente, o homem que estava sentado no banco ficou dormido e lhe caiu o cigarro das mãos.

Mas podia tratar-se de uma coincidência. Era possível que o homem que se sentou no banco estivesse cansado e se ficou dormido. De maneira que o amigo disse ao Fiodev que o homem se ficou dormido, em efeito, mas que podia tratar-se de uma coincidência, assim pediu ao Fiodev que despertasse exatamente sete minutos mais tarde. Fiodev enviou a aquele homem sugestões de que despertasse, e exatamente sete minutos mais tarde o homem abriu os olhos e se levantou. O homem do banco era um desconhecido; não tinha idéia do que estava passando, e o amigo do Fiodev o abordou e lhe perguntou se havia sentido algo estranho.

-Sim -disse o homem-, certamente que sim. Estou muito sentido saudades. Tinha vindo aqui para esperar a uma pessoa, e de repente senti que meu corpo estava a ponto de ficar dormido. Perdi o controle e fiquei dormido. E depois tive uma forte sensação de que alguém me dizia: "te levante, te levante. te levante dentro de sete minutos!". Não entendo nada.

O homem não tinha a menor ideia do que tinha acontecido.

A comunicação do pensamento sem nenhum meio visível se converteu em uma realidade científica, mas uma pessoa culta o chamaria superstição. É possível que um doente seja curado de uma cidade distante: não é muito difícil. Também é possível curar uma mordida de serpente desde milhares de quilômetros de distância: não tem grande dificuldade. Mas há muitos tipos diferentes de superstições. E recordem que a superstição da pessoa culta sempre é mais perigosa que a da pessoa inculta, porque a pessoa culta não considera que sua superstição seja uma superstição. Para ela, é uma consequência a que chegou depois de muita reflexão.

Este amigo nos diz agora que temos que romper as cadeias da superstição. Ihes assegure primeiro de que existem cadeias, do contrário podem romper também os braços e as pernas a alguém. Só se podem romper cadeias quando há tais cadeias. E se não haver nenhuma? Devem lhes assegurem também de que o que tomam por uma cadeia que deve romper-se não resulta ser um adorno que terão que reconstruir. Todas estas coisas devem estudar-se com muito cuidado.

Eu estou contra a superstição por completo: devem suprimi-las superstições de todo tipo. Mas isto não significa que esta supressão seja minha superstição. Não significa que devamos nos pôr às suprimir sem as compreender claramente, que devamos nos empenhar nas romper sem uma reflexão adequada. Tal supressão arbitrária também se converteria em supersticiosa.

Cada época tem suas próprias superstições. Recordem: as superstições também têm suas modas. As superstições adotam uma forma nova em cada época. O homem abandona as superstições antigas e adota outras novas, mas nunca se libera delas para sempre; modifica-a e as troca. Mas não nos damos conta disso nunca.

Por exemplo, houve uma época em que corria a superstição de ter por religioso ao homem que se aplicava o tilak, o sinal na frente. O que tem que ver a aplicação do tilak com a religiosidade? Mas assim se entenderia. E o que não se aplicava o tilak era pontuado de irreligioso. Esta velha superstição já não está de moda. Agora temos novas superstições, igualmente néscias. Ao homem que leva gravata lhe considera distinto: que não a leva é tido por vulgar. É o mesmo: não há nenhuma diferença. A gravata substituiu ao tilak, e o homem segue sendo o mesmo. Que diferença há?

A gravata não é melhor que o tilak. Possivelmente seja pior ainda, pois ao menos a aplicação do tilak tinha um significado. A gravata não tem significado algum neste país, embora possivelmente o tenha em algum outro país. A gravata é útil nos países frios, pois serve para proteger a garganta do frio. Nesses países, o homem que não pode proteger do frio a garganta deve ser pobre, evidentemente. O homem endinheirado pode protegê-la garganta com uma gravata; mas quando alguém fica uma gravata ao pescoço em um país quente como o nosso nos dá um pouco de medo: perguntamo-nos se for um homem endinheirado ou um louco!

O fato de que uma pessoa seja enriquecida não significa que tenha que padecer o calor ou levar aquele laço ao pescoço. A gravata é um laço; a gravata é um nó corrediço. Levá-la em ao algum país frio tem sentido, mas levá-la em um país quente não tem o menor sentido. Apesar do qual, o homem que tem certo conceito de sua dignidade (o magistrado, o advogado, o político) sai com seu laço ao pescoço. E estas mesmas pessoas tacham de supersticiosos aos que levam o tilak! Bem poderíamos lhes perguntar: "Acaso não é também uma superstição levar gravata? Em virtude de que princípio científico lhes atastes esse laço ao pescoço?" Mas a gravata é aceitável porque é uma superstição desta época, e o tilak é inaceitável porque é uma superstição de outra época.

Como pinjente antes: assim como a gravata tem algum significado para os habitantes dos países frios, a aplicação do tilak também pode ter um significado; mas é absolutamente perigoso e errôneo dizer que se trata de uma superstição sem refletir sobre isso. Possivelmente não tenham pensado por que se aplica o tilak. Está acostumado a se aplicar por superstição; mas quando a gente o aplicava originalmente, tinha certa explicação científica. Em concreto, o tilak se aplica na frente, no ponto situado entre os olhos onde está situado o agya chakra, o chakra do terceiro olho. Este ponto se esquentava assim que se pratica um pouco a meditação, mas se esfria aplicando madeira de sândalo. A aplicação da madeira de sândalo é uma técnica muito científica, mas que já se perdeu: às pessoas já não lhe interessa essa ciência. Agora já ninguém se aplica madeira de sândalo, embora saiba o que é o agya chakra, pratique ou não pratique a meditação.

É estranho ver gente que leva gravata nos países quentes. O costume de levar gravata pode ter uma base científica nos países frios, e, do mesmo modo, o tilak tem um significado científico para o que medita sobre o agya chakra, pois a madeira de sândalo esfria esse ponto. Quando se medita sobre o agya chakra, produz-se um estímulo e essa zona se esquentava: terá que esfriá-la; do contrário podem produzir-se danos no cérebro. Mas se nos propuséssemos eliminar todos os tilak, o tiraríamos, é obvio, a todos os que o levam sem sentido, mas também o tiraríamos da frente ao pobre homem que possivelmente o tenha aplicado por razões pessoais. E se não o quer tirar, chamaremos-lo supersticioso.

O que quero dizer é que não há maneira de determinar o que é supersticioso e o que não o é. Em realidade, uma mesma coisa pode ser uma superstição em certas circunstâncias e pode ser científica em circunstâncias diferentes. Uma coisa que pode

parecer científica em certas circunstâncias pode parecer acientífica em um conjunto diferente de circunstâncias.

Por exemplo, no Tíbet existe o costume de banhar-se uma vez ao ano, coisa muito racional, porque no Tíbet não há pó e, como o clima é frio, a gente não sua, pelo qual não precisam banhar-se. Banhar-se todos os dias seria daninho para seus corpos: faria-lhes perder muito calor corporal. E como poderiam recuperar esse calor? No Tíbet seria muito custoso estar desabrigadas. Se uma pessoa passasse todo o dia desabrigada, necessitaria quarenta por cento mais de mantimentos para recuperar as calorias que perderia. Em um país como a Índia, o homem que anda nu é respeitado, pois lhe considera um asceta. Mahavira era razoável: ia nu; e em um país quente como este, quanto mais calor desprende o corpo, mais afresco se sente em seu interior. Mas se chegasse ao Tíbet um seguidor da Mahavira nu, mereceria que o encerraram em um manicômio. Aparecer assim no Tíbet será completamente acientífico, uma estupidez. Mas assim acontece sempre.

Quando vem à Índia um lama tibetano, não se banha nunca. Uma vez convivi com Bodas Gaya com uns lama tibetanos. Cheiravam tão mal que era um tortura estar sentado a seu lado. Quando perguntei a que se devia aquilo, responderam-me: "Seguimos a regra de nos banhar só uma vez ao ano." Aqui é onde estabeleço a diferença entre a superstição e a ciência. O que é uma ciência no Tíbet é uma superstição na Índia. Aqui, estes lamas cheiram mal sem dar-se conta de que seus corpos suam muito nem de que há muito pó.

Não nos damos conta, mas há países onde não há nada de pó. Quando Krushev veio à Índia pela primeira vez o levaram a Agra para que visse o Taj Mahal, e pelo caminho viu que se formava um redemoinho de pó. Fez parar o carro, apeou-se e ficou no centro do redemoinho. Estava muito contente. Disse: "Que sorte! Nunca tinha tido uma experiência como esta." Não nos parecia uma sorte nos ver rodeados de tanto pó. Mas em seu país há montões de neve, não de pó. Era uma experiência fascinante para ele, como o é a neve para nós. Quanto nos emociona caminhar pela neve no Himalaya! portanto, não lhes ponham a romper coisas porque criam que são cadeias, sem considerar antes a época, as circunstâncias e sua utilidade.

A mentalidade científica é a que sempre titubeia. A pessoa que tem mentalidade científica nunca toma uma decisão precipitada dizendo-se: "Isto é correto e aquilo é errôneo". Sempre se diz: "É possível que isto seja correto, mas vou investigar ainda mais." Até ao final de suas investigações não toma uma decisão afirmando com certeza: "De acordo; isto é errôneo: vamos suprimir o." A vida é tão misteriosa que não podemos afirmar nada de uma maneira tão definitiva. Quão único podemos dizer é: "De momento conhecemos até aqui, e à luz destes conhecimentos parece que tal e tal coisa é errônea." Isso é tudo. A pessoa com atitude científica dirá: "À luz da informação de que dispomos até o momento, hoje não parece que tal e tal coisa seja correta; mas, com uma nova informação, pode parecer correta amanhã." Esta pessoa não toma nunca uma decisão precipitada sobre o que é correto e o que é errôneo. Sempre segue investigando com mentalidade inquisitiva e humilde.

Manter uma superstição produz agrado, e também produz agrado quebrantá-la. O agradável de manter uma superstição é que nos economiza o trabalho de pensar: acreditam o que acreditam todos outros. Nem sequer queremos nos perguntar a explicação nem por que é assim. por que nos incomodar? Limitamo-nos a seguir à multidão. Ter superstições é cômodo.

E também há pessoas que se dedicam a quebrantar as superstições: também isso é muito cômodo. A pessoa que quebranta as superstições dá a impressão de ser racional sem sê-lo verdadeiramente. Não é fácil ser racionais: para ver as coisas racionalmente terá que pôr em tensão todos os nervos. O homem estuda tão atentamente as coisas que lhe resulta difícil fazer afirmações categóricas. Dirá: "Em tais circunstâncias é válido não banhar-se no Tíbet, enquanto que em tais outras circunstâncias é uma superstição absoluta não banhar-se na Índia." A pessoa que pensa racionalmente falará deste modo.

Por outra parte, o reformista social não se preocupa do que diz: preocupa-se de suprimir coisas; quer suprimir certas coisas. Eu lhe digo: adiante; suprime. Há muitas coisas que devem ser suprimidas; mas o primeiro que terá que suprimir, entretanto, é a irreflexão. O primeiro que terá que suprimir é a tendência a obrar sem pensar racionalmente as coisas antes. O que significa isto é que se destruïrem algo sem pensá-

lo devidamente, essa destruição não tem valor. Terá que implantar a tendência a pensar racionalmente, e terá que suprimir a tendência a acreditar irreflexivamente. Isto nos levará a ver contextos diferentes, significados diferentes. Desta forma, empreenderemos uma busca intensiva; pensaremos e raciocinaremos. Assim, consideraremos todas as possibilidades.

O psicanálise é muito popular no Ocidente, e o mais interessante é que o psicanálise está realizando o mesmo trabalho que desempenham os médicos bruxos de toda a vida nos povos. Atualmente existe na França uma seita ativa fundada pelo Cuvier se apóia nos mesmos princípios do médico bruxo, com a diferença de que Cuvier é um cientista e utiliza terminologia científica. Pelo resto, tudo é o mesmo: não há diferença alguma.

Surpreenderá-lhes saber que quando um sadhu, um asceta lhe mediquem, um homem corrente do povo sem conhecimentos de medicina, entrega em nome de Deus um pingo de cinza a um doente, dizemos que é uma superstição. Mas tem a mesma eficácia que produz a mesma proporção de curas que o tratamento alopático. É muito interessante: a mesma proporção. estão-se realizando muitos experimentos neste sentido.

Em um hospital de Londres se realizou um experimento único. Um conjunto de cem pacientes que padeciam uma mesma enfermidade se dividiu em dois grupos. A cinquenta pacientes lhes injetou a medicação habitual, e aos outros cinquenta lhes injetou água. E o maravilhoso foi que a proporção de pacientes curados foi a mesma em ambos os grupos. De modo que surgiu uma pergunta: O que passa aqui?

Em vista deste experimento, fez-se necessário examinar mais de perto a questão. E o que ficou claro foi que a idéia, a sensação de que se está recebendo um medicamento, tem um efeito mais capitalista que o medicamento mesmo. Além disso, nem sequer o medicamento, a administração do medicamento mesmo, tem tanto efeito como a idéia de quão caro é o medicamento e da fama que tem o médico. Um médico menos conhecida fracassa em seu tratamento, não porque não conheça sua profissão, a não ser, simplesmente, porque não é muito conhecido. O médico famoso impressiona imediatamente ao paciente. Com seu traje ostentoso, sua consulta bem instalada, suas minutas, seu carro grande, a necessidade de pedir hora com muito adiantamento, a multidão de pacientes, a cauda: todo isso nos impressiona tanto que não importa muito que saiba ou não o que nos está dando.

A verdade é que para ser um bom médico não faz falta ter grandes conhecimentos de medicina; o que faz falta é ter excelentes conhecimento da arte da publicidade. A questão é o melhor ou pior que o médico se saiba anunciar. O que arroja benefícios é a publicidade, não a medicina.

Recentemente se publicaram umas estatísticas médicas segundo as quais na França há umas oitenta mil médicas e umas centenas sessenta mil curandeiros. Quando o paciente se cansa dos médicos titulados o curam os que não sabem medicina. Mas sabem tratar a um paciente. Por isso vemos que se praticam tantas "patías". Não vos estranha que abundem tanto as "patías" nesta era da ciência? Até a naturopatia dá resultado: um emplastro de argila no ventre dá resultado; um enema de água dá resultado; os amuletos do médico bruxo dão resultado. Até a homeopatia, que não consiste mais que em pequenas pílulas de açúcar, dá resultado. Todo isso dá resultado, como a alopátia.

Por isso surge a pergunta: como se cuera o paciente? Se um curandeiro de aldeia receita um pouco de pó e padre a seus pacientes, teremos que pensar com cuidado; teremos que nos preocupar de se convier ou não romper estas superstições. O homem que leva um estetoscópio ao pescoço e que tem um carro grande também é capaz de curar a seus pacientes por métodos científicos. Mas aqui também intervém uma magia: a magia do carro, do estetoscópio.

Eu conheço um curandeiro. Não tem nenhum título universitário, mas curou a muitos pacientes que eu lhe enviei, pacientes que tinham sido despejados por outros médicos. É preparado; tem uma notável compreensão da natureza humana. Em realidade, assim é como chega um a ser médico titulado! Quando um visita sua clínica para receber um tratamento, ele realiza o diagnóstico de tal modo que ao paciente lhe

desaparece a metade da enfermidade enquanto o médico lhe diagnostica. É um médico extremamente hábil; intimida a todos outros médicos.

Tem uma sala de consultas grande, imponente e de aspecto sério, com uma grande mesa em que faz tender-se ao paciente. Sobre o peito do paciente pendura uma coisa parecida com um estetoscópio. Este artefato está conectado a dois tubos transparentes cheios de água colorida. Quando aplica ao peito do paciente o artefato semelhante a um estetoscópio, os batimentos do coração do coração fazem saltar a água do tubo. O paciente vê saltar a água e se convence de que se encontra em presença de um grande médico: nunca tinha visto um médico como este. O que utiliza é uma espécie de estetoscópio, embora não o aplica aos ouvidos: observa a ascensão e a baixada da água nos tubos, e isto convence ao paciente de que este não é um médico corrente.

Sabe por que os médicos alopáticos escrevem as receitas com uma letra tão ilegível? O motivo é que se fossem capazes de ler, descobriria que são uma coisa tão corrente que poderia comprá-la inclusive no mercado; por isso, a receita se escreve intencionalmente de tal modo que vós não podem lê-la. Em concreto, se apresentassem de novo essa mesma receita ao médico, não seria capaz de entender o que tinha escrito ele mesmo. Outra coisa interessante é que os nomeie de tudo os remédios têm que estar escritos em latim e em grego. O motivo é singelo: se tivesse que escrever em inglês, em hindi ou em gujarati, jamais lhe pagaria dez ou quinze rupias por uma injeção: saberia que não era mais que uma decocción de sementes de cominho.

Todos estes são truques mágicos. É o mesmo que o popular que administra a seus pacientes um pingo de cinza. Mas tampouco isto seria eficaz se tivesse o aspecto de pessoa corrente. Mas se vai vestido com uma túnica ocre, terá maior efeito. E se o homem tem fama de honrado, de virtuoso, de amável e de sincero, o pingo de cinza terá muito mais efeito. Se se souber que não pede dinheiro, que nem sequer toca nunca o dinheiro, então a cinza terá um efeito eletrizante. Assim, o que tem um efeito não é a cinza, são outros fatores que intervêm. Terá que estudar com cuidado se se deve seguir permitindo que se pratiquem estas curas; pois se se proíbem estas curas, será preciso encontrar outras, igualmente falsas, para que as substituam. O processo não tem fim.

É necessário fazer que a pessoa pense racionalmente para que não se provoque enfermidades falsas a si mesmo. Enquanto sigam contraindo-se enfermidades falsas, seguirão aparecendo médicos falsos. Se eliminarem os antigos métodos falsos, aparecerão outros novos; e se eliminarem estes, nascerão outros. Existem tantos tipos de tratamento no mundo que não há maneira de decidir qual é o correto: todos afirmam que são úteis para curar as enfermidades. E suas afirmações são válidas: curam as enfermidades, em efeito.

quanto mais aprofundamos no psiquismo humano, mais claro fica que a enfermidade está em alguma parte da mente humana. Enquanto a enfermidade se encontra na mente humana, seguirão existindo também os tratamentos falsos. Por esta razão, não me preocupa tanto eliminar os tratamentos falsos: preocupa-me mais pôr fim à enfermidade na mente humana. Se desaparecer a enfermidade na mente humana, se se acordada a consciência do homem, se este se voltar judicioso, não estará rodeado de problemas molestos. Se forem recolher a cinza, não é porque em um povo haja um homem que a reparte. Não: se o homem a repartir, é porque vós estão desejosos de recolhê-la.

Ninguém se converte em sua líder por si mesmo: são vós os que não são capazes de viver nem um instante sem um líder; este é o motivo pelo que alguém tem que converter-se em líder. Se eliminarem a um líder, encontrarão a outro, e se este é eliminado, encontrarão a um terceiro. E, em realidade, enquanto estão eliminando a um líder; já lhes terão informado de quem querem como novo líder. Por isso, os líderes de todo o mundo conhecem bem a necessidade de seguir dirigindo partidos de oposição. Sabem, com confiança, que quando o povo se cansa de um líder escolhe automaticamente ao segundo, e que quando se cansa do segundo o substitui pelo terceiro. Por isso funciona em todo mundo o bipartidismo. A gente é igual em todas partes.

Nas últimas eleições eu estava no Raipur. meu amigo, que vive no Raipur a muito tempo tempo, tinha saído eleito várias vezes como deputado, mas aquela vez tinha sido derrotado. Em seu lugar saiu eleito outro meu amigo, completamente desconhecido e

que tinha chegado ao Raipur recentemente. Perguntei a meu amigo como tinha acontecido aquilo. Como tinha podido perder seu banco a favor de um recém-chegado?

-Está muito claro –me disse- A gente se acostumou muito a mim. Esse homem é uma cara nova: a gente não o conhece ainda. Não há de que preocupar-se: quando ele se converta também em personagem familiar, também ficará derrotado. Terei que esperar a que chegue o momento de novo. Por então se tornaram a esquecer de mim, e então terei vantagem.

No fundo, não é questão de eliminar a este líder ou a aquele, de suprimir esta superstição ou aquela: essa não é a questão. A questão é produzir no homem uma mudança fundamental. A mentalidade científica não será muito partidária da superstição, mas a superstição seguirá existindo enquanto o homem esteja satisfeito com sua cegueira. Se o homem não está preparado para abrir os olhos, então deverá existir a cegueira.

E me deixem que lhes pergunte uma coisa: quais de entre nós estamos dispostos verdadeiramente a abrir os olhos? Nenhum de nós está disposto a ver com os olhos abertos, pois com os olhos abertos podem ver verdades que não queremos ver. Por isso fechamos os olhos e vemos o que nos diga nossa fantasia. Têm aberto alguma vez os olhos e observastes com atenção como é a vida? Isso não querem fazê-lo, pois então veria coisas terríficas.

Cada pessoa se considera a si mesmo absolutamente piedosa, um mahatma. Se abrisse os olhos e olhasse com atenção, descobriria com horror à major dos pecadores escondido dentro de si mesmo. Não quer ver isso, é obvio, porque então lhe resultaria difícil ser um mahatma, e por isso se fecha os olhos a si mesmo. E não só isso: ao fazê-lo, recorre às pessoas que podem lhe ajudar a fechar os olhos: atrai a seu redor a todas as pessoas que podem vir a lhe dizer que é um grande mahatma. Assim segue recolhendo seguidores. Reúne a seu redor a todas as pessoas que contribuem a conseguir que siga cego.

E existem muitos truques maravilhosos para atrair às pessoas; praticam-se uns enganos incríveis neste sentido. Um dos truques para atrair às pessoas é gritar constantemente: "Não lhes aproximem de mim! Não quero ter a ninguém a meu lado!" As pessoas a impressiona tremendamente este truque. Vão em massa ao lado de uma pessoa assim. quanto mais as rechaça, maior mahatma se acreditam que é. Um mahatma corrente receberia bem às pessoas, mas este levanta o fortificação e rechaça às pessoas. Não manifesta interesse por ninguém.

ouvi falar de um homem que levava vários anos passeando-se por uma praia de Califórnia. converteu-se em uma espécie de atração. Diziam dele que era um homem tão simples que se alguém lhe dava a escolher entre um bilhete de dez dólares e uma moeda de dez centavos, agarrava a moeda de dez centavos. Assim de inocente era. Um homem, movido pela curiosidade, foi ver o cinco ou seis vezes e sempre o encontrava rodeado de uma multidão. A gente lhe perguntava: "Amigo, o que prefere: isto ou isto?", e ele tomava em seguida a moeda de dez centavos, dizendo que gostava, que gostava de seu brilho. A gente tomava por um homem muito singelo.

Ao homem curioso lhe resultava difícil acreditar-se que depois de tantos anos aquele sujeito não conhecesse os bilhetes de dez dólares. Era muita inocência! Uma tarde, quando se havia dissolvido a multidão, aquele homem curioso abordou ao sujeito e lhe disse:

-Levo vinte anos observando-o e me surpreende ver o que durou este jogo. Segue você sem reconhecer os bilhetes de dez dólares?

O sujeito riu e disse:

-Do primeiro dia sabia o que era um bilhete de dez dólares, mas, se o tivesse dado a entender, o jogo teria terminado ali mesmo. Não reconhecendo o bilhete, recolhi moedas de dez centavos de milhares de espectadores. Se reconhecer um bilhete, será o único bilhete que chegaria a minhas mãos: essa gente não me daria nenhum bilhete mais. De modo que, se quero ganhar dinheiro de verdade, devo desprezar a riqueza; e os bilhetes se irão acumulando por si mesmo. Entendo bem toda a operação; meu trabalho parte bem. Alguns dias recolho até quinhentos dólares da gente. O jogo seguirá adiante com toda segurança.

Ao que chamam mahatma conhece também o valor do dinheiro, embora se lhe falamos de dinheiro dirá que nem sequer o toca nunca. Mas seu discípulo, que está a

seu lado, recolhe as oferendas e as guarda na caixa forte: porque o mahatma não toca nunca o dinheiro!

O que se pode fazer se uma pessoa quer seguir cega? Quem será tão parva de fazer algo a respeito? O personagem da praia não tem a culpa da malícia. Os que produzem a malícia são os que o abordam. O pobre sujeito tem que representar sua farsa pela malícia deles. Direi-lhes uma coisa: se não o tivesse feito ele, outro teria feito o mesmo. E a gente é tola: sempre que puderem, seguirão fazendo o que fizeram com aquele sujeito; querem que alguém os estorvo o dinheiro. Por este motivo, seguirão-se representando essas farsas. Só poderá dar-se o fim quando começarmos a destruir a tolice do ser humano.

assim, não lhes preocupem muito de romper as cadeias da superstição, pois se a pessoa que leva a cadeia segue sendo a mesma, forjará-se outras. Não é capaz de viver sem cadeias. As pessoas deste tipo criarão cadeias novas.

Todas as religiões aspiram a romper estas cadeias, e cada religião cria uma cadeia nova. O mundo viu muitas religiões novas. Todas elas se estabeleceram para introduzir reformas; todas elas proclamaram sua intenção de erradicar todas as superstições estabelecidas, mas, enquanto se suprimem as superstições, em realidade não se suprime nada. Naturalmente, os que estão fartos das superstições antigas as substituem por outras novas e ficam muito contentes, pois têm a impressão de que produziram uma mudança.

Em realidade, a pessoa inteligente nunca se aferra a nada; nem sequer a nenhuma crença, nem muito menos a uma superstição. Vive inteligentemente; não se agarra a nada. Nunca cria nenhuma cadeia, porque sabe que a vida em liberdade produz uma alegria imensa. Não lhes vós criem nenhuma cadeia.

De modo que a verdadeira questão é despertar em cada indivíduo a consciência suficiente para que produza nele o desejo de ser livre, de voltar-se inteligente, de voltar-se autorrealizado, de encher-se de consciência. Se se pudesse reduzir a tendência a viver cegamente (a converter-se em seguidor, em sectário, em crentes em alguém), todas as superstições se desmoronariam. Mas nesse caso não aconteceria que se derrubaria uma superstição enquanto sobrevivia outra: derrubariam-se todas, desapareceriam todas de uma vez. De outro modo, durariam para sempre.

O que devemos entender é que não se consegue nada com uma simples mudança de roupas. Que cada um leve a roupa que prefira. Se alguém quer levar roupas de cor ocre, que as leve: por que impedir-lhe? Se alguém quer levar roupas negras, que as leve. O que terá que advertir é que uma mudança de roupa não equivale a uma mudança de vida. Quando nos demos conta disto, já não temos necessidade de trocar de roupa, pois a pessoa que nos faça trocar de roupa a substituirá imediatamente por roupa de outro tipo.

Um sannyasin, vestido com roupas de cor ocre, foi visitar o Gandhi e lhe disse que suas idéias o tinham impressionado muito e que também ele queria servir à pátria. O que lhe respondeu Gandhi foi muito significativo. Disse-lhe:

- Esta bem, mas em primeiro lugar tem que renunciar a suas roupas ocres, porque seriam um obstáculo para seu trabalho. Em geral, a gente está ao serviço dos que levam roupas ocres, em lugar de ser ao contrário.

Isto era muito certo. Mas quando Gandhi lhe fez renunciar às roupas ocres, recomendou-lhe a seguir que ficasse roupas de kadhi, de algodão fiado em casa.

Agora, os que levam roupas de kadhi fazem coisas que antes não faziam nem sequer os que levavam roupas ocres. O que é o que trocou? Agora, os que levam roupas de kadhi aceitam que outros estejam a seu serviço. As pobres gente que levavam as roupas ocres não aceitaram nunca tanto serviço por parte de outros como o que aceitam agora os que levam as roupas de kadhi. De modo que o kadhi resultou muito custoso para este país. O sannyasin estava muito contente de haver-se liberado de sua superstição a respeito das roupas ocres; mas agora leva roupas de kadhi; agora está obstinado à superstição do kadhi. Que diferença há?

A verdadeira questão não é fazer que a gente deixe uma coisa e obrigá-la a tomar outra. A questão é chegar a compreender a mentalidade mesma que se aferra às coisas.

Gandhi não agudizó a inteligência daquele homem; aquele homem ficou tão néscio como antes. Não lhe fez mais que trocar de amortecedora, e o homem ficou muito contente com isso. Mas o que tinha trocado? Assim foram sempre as coisas.

Nos últimos cinco mil anos a história da humanidade foi muito desventurada. No intento de derrubar umas superstições não trocamos nunca ao homem: limitamo-nos a eliminar a superstição, mas o homem cria a seguir uma superstição nova. Seja I que seja o que lhe ofereçamos, joga-se sobre isso. “Está bem –diz-; assim seja. Deixarei a outra superstição e aferrarei a esta!” E nos sentimos muito contentes porque aceitou nossa superstição.

Estava acostumado a vir a me visitar um jovem. Falava das escrituras dia e noite. sabia-se de cor os Upanishads, o Gita, veda-os. Eu lhe disse:

-Deixa de tolices. Não vais alcançar nada com isto!

Ele se zangou muito comigo, mas seguiu me visitando. A pessoa que se zanga muito conosco nunca deixa de nos visitar, pois o aborrecimento também estreita os laços pessoais. Estava zangado comigo, sem dúvida, mas seguia vindo. Passou o tempo, seguiu escutando minhas palavras, e algo o comoveu. Um dia se aproximou de mim e disse:

-Fiz um pacote com o Gita, os Upanishads e os Veda e os atirei tudo a um poço.

-Quanto te hei dito eu que os atirasse? –perguntei-lhe.

-Tinha que esvaziar minha prateleira para fazer sítio para seus livros –disse ele- Agora estou plenamente de acordo com seus livros.

-Mas isto tem feito mais difíceis as coisas –disse eu-. Não trocou nada. O único que te dizia eu era que não estivesse de acordo com nenhum livro. Nunca te pedi que atirasse aqueles livros e que aferrasse a meus. O que é o que trocou?

Os que chamam gurús ficam muito contentes quando a gente compartilha as superstições que eles propõem. Assim é como, embora sigam trocando as superstições, o homem segue sendo supersticioso.

De modo que eu disse ao jovem que atirasse meus livros ao mesmo poço.

-Como é possível? –disse-me ele.

Assegurou-me que não era capaz de fazer tal coisa. Assim que eu lhe disse:

-Então, tudo se ficou como estava. Agora, meu livro se converteu em seu Gita. O que tinha de mau o Gita do pobre Krishna? Se tinha a necessidade de carregar com algo, seu Gita era suficiente: cobria suas necessidades; era muito mais grosso que meu livro; proporcionava-te o lastro suficiente. No que trocaram as coisas agora? Quando acusei eu a Krishna? Quando crucifiquei eu a Krishna?

Assim foram sempre as coisas, e assim seguem sendo. O que acontece é simplesmente, que o homem segue sendo o mesmo: só trocam seus brinquedos. “Sim: se alguém adotar meu brinquedo, isso é bom; eu adoro que alguém tenha adotado por fim minhas idéias. Meu ego se satisfaz ao ver que alguém começou a acreditar por fim em mim mais que na Krishna.” Mas assim não se troca à humanidade; isto não pode beneficiar nunca à humanidade. O que deve nos preocupar é o modo de romper, de dentro, esta mentalidade humana que se aferra às coisas. Como pode superar o homem sua cegueira?

Eu faço esta sugestão a nosso amigo: não te proponha eliminar as superstições; pelo contrário, troca a mentalidade supersticiosa. Troca essa mente que engendra a superstição, para que possa nascer um homem novo. Mas é um trabalho árduo; requer muito esforço. Não é tarefa fácil. É preciso manter uma atitude muito científica para levá-la a cabo.

Não lhes apressem tanto em negar a existência dos fantasmas e dos maus espíritos. São muito mais reais que vós. Não há nenhuma falsidade em sua existência; mas terão que estudá-lo. E está acostumado a acontecer que os que têm medo aos fantasmas começam também a duvidar de sua existência. Isso dizem; e não porque se tornaram muito entendidos: o único motivo é a satisfação de seus desejos. Não querem que existam os fantasmas, porque se existirem os fantasmas é difícil passear pelos becos escuros. Por isso se repetem em voz alta: “os fantasmas não existem. Não! São superstições: vamos suprimir as superstições!” O que estão dizendo é que lhes dão muito medo os fantasmas. Se de verdade existissem os fantasmas, estes causariam muitos problemas, de modo que não devem existir: isto é o que desejam. Uma mentalidade como esta nunca conseguirá que os fantasmas não existam.

Se os fantasmas existirem, é que existem. Que o criamos ou não, não troca as coisas. O que existe, existe, e é melhor que o investiguemos, pois o que existe está relacionado conosco de uma maneira ou de outra: é lógico que assim seja. Por isso, é

mais apropriado compreendê-los, reconhecê-los, e encontrar maneiras de ficar em contato com eles, descobrir o modo de relacionar-se com eles. Não é coisa fácil.

O espaço vazio que vêm entre vós e outra pessoa não está necessariamente vazio. Ali pode haver alguém. Possivelmente não o vejam: isso é outra questão. Mas a idéia de que ali poderia haver alguém pode nos assustar. Por isso não deixamos espaços vazios; por isso nos aproximamos os uns aos outros. Sempre temos medo aos espaços vazios: por isso enchemos nossa habitação de móveis, de calendários, de imagens de deuses e deusas, de algo. Os espaços vazios, as casas vazias, assustam-nos. Enchemos de pessoas, de móveis, para que não fique nenhum espaço vazio. Mesmo assim, fica muito espaço vazio que não está vazio de tudo. E tem sua ciência própria.

Se alguém quer trabalhar neste sentido, pode fazê-lo. pode-se trabalhar sistematicamente sobre este tema. É uma ciência independente; tem suas leis e seus métodos próprios, Mas não digam nunca que estas coisas existem ou que não existem, antes de ter começado a trabalhar neste tema. É melhor deixar pendente sua decisão, postergar suas conclusões de momento: digam, simplesmente, que não sabem.

Se a uma pessoa com mentalidade científica lhe pergunta se existem ou não os fantasmas, uma resposta sua característica seria a seguinte: "Não sei, pois ainda ou o estudei. Tampouco olhei ainda dentro de mim sequer. Como posso descobrir se existem ou não os fantasmas? Nem sequer sou capaz de me encontrar a mim mesmo!" portanto, não lhes apressem a responder sim ou não. que oferece uma resposta rápida é supersticioso. Sigam pensando, sigam procurando. Em realidade, a pessoa inteligente responde com muitos hesitações.

Uma vez perguntaram ao Einstein como distinguia ele a um cientista de uma pessoa supersticiosa. Einstein respondeu:

-Se a uma pessoa supersticiosa lhe fazem cem perguntas, estará preparada para oferecer cento uma respostas. E se a um cientista lhe fazem cem perguntas, afirmará que ignora por completo a resposta de noventa e oito. As outras dois responderá: "Disto sei um pouco, mas meus conhecimentos não são definitivos: podem trocar amanhã".

Recordem que a mentalidade científica é a única mentalidade inocente. A mentalidade supersticiosa não o é. Mas as aparências indicam o contrário. Parece que a mentalidade supersticiosa é muito singela, mas não o é: é muito complexa e ardilosa. A maior astúcia da mentalidade supersticiosa é afirmar coisas das que não tem conhecimentos. A pessoa que tem esta mentalidade nem sequer sabe nada a respeito de uma pedra que está à porta de sua casa, mas em sua ânsia de demonstrar que seu Deus é verdadeiro e que o nosso é falso está disposta a sair a matar às pessoas. Nem sequer é capaz de explicar o que é uma pedra... E se não ser capaz de demonstrar que a pedra é muçulmana ou hinduista, como será capaz de demonstrar que Deus é hinduista ou muçulmano? Mas sairá a matar às pessoas! E recordem que recorrer à violência demonstra que os motivos de tais atos estão arraigados na superstição.

A gente nunca chega às mãos por questões relacionadas com o conhecimento: é impossível. Quando existe uma luta, podem estar seguros de que intervém a superstição, pois a pessoa supersticiosa quer demonstrar por meio da luta que tem razão: não dispõe de outros meios. Se um homem caísse sobre mim e me pusesse uma espada ao pescoço, me dizendo: "me diga que tenho razão, ou te corto a cabeça", poderá me cortar a cabeça, é obvio, mas não demonstrará com isso que tem razão. Ninguém demonstrou nunca que tem a razão a apóie de cortar a cabeça a outra pessoa.

Embora todos os muçulmanos se reunissem e matassem a todos os hinduistas, não demonstrariam que tem a razão, do mesmo modo que os hinduistas não demonstrariam que têm razão se se unissem para passar a faca a todos os muçulmanos. Quão único demonstrariam seria sua estupidez, nada mais. demonstrou alguma vez a espada a verdade de algo? Mas é o único meio ao alcance a pessoa supersticiosa. A que outro meio pode recorrer para dizer que tal coisa é verdade? Não tem conceitos; não investigou nunca; não tem provas; não tem orientação. Só sabe uma coisa: a força pode mais que a razão.

As gente de todo o mundo estão obrando assim. Não estou dizendo que só sejam os líderes religiosos os que estejam realizando tais atos de violência: os políticos fazem o mesmo. A razão na disputa entre a Rússia e os Estados Unidos se determinará soltando bombas de hidrogênio: está claro, não há outro meio. É exatamente o mesmo tipo de estupidez. É este o modo de determinar qual dos dois tem razão? Como se pode

determinar se Marx tiver a razão ou não? Será por meio da espada? Ou soltando a bomba de hidrogênio? Como será? Terá que determinar-se por meio do pensamento, mas o homem ainda não tem liberdade para pensar, segue cegado pela superstição.

Recordem, pois, que o que eu considero importante não é romper as cadeias; o que considero importante é eliminar a mentalidade supersticiosa que cria essas cadeias. Se se mantiver essa mentalidade, então por muitas cadeias que ela rompam criará outras novas. E recordem que as novas ataduras são muito mais atrativas, mais agradáveis, mais dignas de aferrar-se a elas. E recordem também outra coisa: a cadeia nova sempre é mais forte que a antiga, porque nosso conhecimento do modo de forjar cadeias também se desenvolveu mais, avançou mais. Estou acostumado a pensar que os que se dedicam a eliminar as superstições não conseguem mais que proporcionar superstições muito mais resistentes que substituem às velhas e gastas: não fazem mais que isto.

O que terá que descartar é a mentalidade supersticiosa, do contrário esta seguirá engendrando superstições. Ihes volte racionais e façam que outros se voltem também racionais. Ser racionais significa pensar, procurar, investigar. Não falem até que tenham a experiência adequada, e até então estejam dispostos a reconhecer que sua experiência não tem por que ser necessariamente correta. A gente pode ter experiências diferentes amanhã. É possível, inclusive, que vós tenham que viver experiências diferentes, e não é seguro que a que tiveram não fora uma alucinação.

assim, enquanto essa experiência não se verificou com dúzias de experiências, é melhor que não digam nada a respeito. Por isso, os cientistas realizam um experimento, repetem-no mil vezes, fazem que outras mil pessoas o repitam, e só então chegam a alguma conclusão. E inclusive então não terminam de chegar a uma conclusão definitiva. que quer chegar a uma conclusão com pressas não é capaz de pensar. A pessoa que tem pressa por chegar a uma conclusão definitiva se enche indevidamente de superstição. E todos temos muita pressa.

Um amigo nos perguntou tudo o que busca o conjunto da humanidade sem ter sido capaz de encontrá-lo! Perguntou-nos: Existe Deus? O que é o jivatman, a alma individual? Onde está o moksha? Quem criou o céu? Existe o inferno? por que apareceu o homem sobre a Terra? Qual é o objetivo da vida?

T

IENE TANTA PRESSA que quer saber tudo isto imediatamente. Uma pessoa que tem tanta pressa se voltará supersticiosa sem dúvida alguma. A busca requer grande paciência, uma paciência enorme: não importa que não encontremos em uma vida o que procuramos, o que importa é que sigamos procurando. Em realidade, para a pessoa racional, o importante não é alcançar, a não ser procurar. Para a pessoa supersticiosa o importante é alcançar, procurar não tem nenhuma importância.

A pessoa supersticiosa deseja angustiosamente saber como pode alcançar. Não lhe importa muito descobrir primeiro se existir Deus ou não. Não lhe interessa a busca de Deus: não é prato de seu gosto. Diz: "Busquem vós e me mostrem isso Por isso se dedica a procurar um gurú.

que se dedica a procurar um gurú tem muitas probabilidades de acabar voltando-se supersticioso: não parará até que acabe assim. Em realidade, procurar um gurú equivale a dizer: "Você encontraste algo; agora lhe rogamos que nos ensine isso. Como já o encontraste você, para que vamos buscá-lo nós? Inclínamos a seus pés. Rogamo-lhe que nos entregue o que alcançaste." A idéia é que outra pessoa lhes ponha a mão na cabeça e lhes faça conhecer deus. Por isso há gente que vaga de um sítio a outro aceitando mantras, fazendo-se iniciar, pagando cotas, lavando os pés a outros, servindo a outros, com a esperança de poder fazer seu o que alcançou outro. Isto não pode acontecer nunca. Aqui se manifesta claramente o domínio da mentalidade supersticiosa.

Nunca poderão fazer seu o que alcançou outro. Outra pessoa ficou a procurar e encontrou, e vós querem ter o de balde? E recordem que se essa pessoa procurou, enquanto procurava deveu dar-se conta de que alguém alcança procurando, e não perguntando. Por isso, não pretenderá ter discípulos. Só querem ter discípulos os que

ainda não alcançaram eles mesmos. Estão pendentes de outro gurú superior. Há uma larga série de gurús, cada um dos quais espera tirar algo do anterior.

Muitos gurús morreram já, mas há pessoas que seguem pendentes deles com a esperança de que lhes darão algo. Há uma larga cadeia de gurús, que se remonta milhares e a milhões de anos, e todos estão pendentes os uns dos outros com a esperança de que alguém lhes dê algo. Este é o selo da mentalidade supersticiosa.

A característica da mentalidade inquisitiva, o sinal de uma mente reflexiva, é que se diz a si mesmo: "Se existir Deus, buscarei-o. Se consigo encontrá-lo, será por meus próprios méritos, por direito próprio. Se o encontrar alguma vez, será por minha dedicação de toda uma vida, por meu sacrifício, por minha meditação. Será fruto de meu próprio esforço."

Recordem: se alguém oferecer a Deus de balde, a pessoa que pensa racionalmente o rechaçará. Dirá-se: "Não está bem aceitar algo que não é fruto de meu próprio esforço. Tenho-o que alcançar por meu próprio esforço." E tenham em conta que existem algumas costure que só se podem alcançar pelo próprio esforço. Deus não é algo que se enfaixa no mercado, uma mercadoria que se encontra em qualquer parte. A verdade não é um artigo que se enfaixa em umas lojas de departamentos, onde qualquer pode ir comprar a. Mas sim tem abertas lojas deste tipo.

Há lojas, há bazares, que têm um letreiro exposto que diz: "Aqui se encontra a Verdade Autêntica." Até a verdade pode ser autêntica ou falsa! Em cada uma destas lojas há um letreiro que diz: "Aqui vive o autêntico professor. Todos outros que vivem em outras partes são imitações. Esta é a única loja autêntica. Compre aqui! nos permita que lhes brindemos nossos serviços!" E assim que tenham entrado em uma destas lojas, o proprietário se empenhará em não lhes deixar partir. Todos estes danos são obra da mentalidade supersticiosa.

Eu gostaria de lhes dizer: confiem no que procuram, não no que pedia a outros. Não alcançarão a divindade pedindo a outros, a não ser conhecendo. Tampouco lhes criam nunca o que dizem outros. Alguém a pode ter alcançado (sempre é possível, é obvio); por isso, tampouco sejam incrédulos: também isso é superstição. Não sejam nem crédulos nem incrédulos. Se se apresentar alguém ante vós dizendo que alcançou a divindade, lhe digam: "Parabéns. Deus foi muito compassivo contigo ao te permitir encontrá-lo. Mas te rogo que não me ensine isso. me deixe que o eu encontre também, do contrário seguirei estando coxo".

Se lhes levarem até um destino onde outro chegou andando antes que vós, chegarão coxos. Os pés se fortalecem andando. Chegar a um destino não é tão importante; o verdadeiramente importante é que o viajante se fortalece no caminho. Alcançar algo não tem tanta importância como a transformação do que o alcançou.

Deus, o conhecimento ou o Moksha não são coisas pré-fabricadas. São o fruto da oferenda de nossa vida, de uma vida de esforço e de sadhana. É como a flor definitiva que chega por si mesmo. Mas se forem ao mercado só encontrarão flores de plástico. Duram mais tempo. Só terá que lhes tirar o pó: duram mais tempo e enganam. Mas a quem enganam? As flores de plástico podem enganar a outros. Podem enganar aos que passam pela rua: os transeuntes podem acreditar-se que têm flores de verdade na janela, mas vós não podem lhes enganar, pois as comprastes vós mesmos.

Para ter flores de verdade terá que semear as sementes, terá que dedicar um esforço, terá que cuidar as novelo. Depois, as flores saem por si mesmos: ninguém as traz. A experiência do definitivo é como a flor; nosso sadhana é como a planta. Se cuidarmos a planta, a flor chegará por si mesmo. Mas nós temos pressa. Dizemos: "Deixa de novelo: basta com que nos dê a flor!"

Algumas vezes, quando os meninos tem um exame na escola, não resolvem o problema de aritmética: limitam-se a copiar a solução que lêem nas últimas páginas do livro de aritmética. Embora a resposta que escrevem é absolutamente correta, está totalmente equivocada. Como pode ser correta a resposta de uma pessoa que não seguiu o método? Sua resposta é absolutamente correta (têm escrito "cinco"), e os que seguiram o método também têm escrito "cinco". Mas vêem a diferença entre a resposta dos que seguiram o método e a dos que a copiaram que livro? E que diferença há se a copiaram que Gita ou do Corán?

Embora a resposta que dão ambos os grupos é a mesma, não é a mesma: existe uma diferença fundamental. A verdadeira questão não em encontrar a resposta; a

verdadeira questão não é encontrar o "cinco"; a verdadeira questão é aprender o modo de encontrar essa resposta. E o que copiou que as últimas páginas do livro não aprendeu isto. Não aprendeu aritmética; só encontrou a resposta.

Se tiverem aprendido algo em alguma parte, se tiverem recebido algo de alguém, se tiverem ouvido algo a alguém e lhes têm obstinado a isso, então se trata de um Deus copiado do livro. Então é um Deus inerte, morto, inútil, imprestável, sem vida. Uma religião cobra vida vivendo-a, não copiando as respostas de algum livro.

Mas todos somos ladrões. Brigamos aos meninos pequenos e lhes advertimos que não devem roubar. O professor também deixa claro que seus alunos não devem copiar as respostas das últimas páginas do livro, que não devem roubar em alguma parte as respostas. Mas se se perguntasse se todas suas próprias respostas eram roubadas ou não, pareceria-lhe que também suas respostas eram roubadas.

Aquele ao que chamam gurú é um ladrão; o discípulo é um ladrão; o professor é um ladrão. Todas as respostas da vida são roubadas. Ninguém pode encontrar a paz nem a felicidade a base de respostas roubadas. A felicidade se alcança seguindo o processo através do qual brotam de dentro as flores das respostas. Não podem pedir-se emprestadas.

CAPÍTULO 6

O amor é perigoso

Ou

N AMIGO PERGUNTOU: por que pensar na morte? Temos a vida: vamos viver a. Vivamos o presente. por que nos pôr a pensar na morte?

H

A PERGUNTADO BEM. Mas o fato mesmo de que pergunte por que nos enchamos de idéias de morte, ou de que recomende que vivamos o presente sem pensar sequer na morte, já demonstra que ele mesmo não pode livrar-se de pensar na morte. A morte é um fato tão enorme que não é possível passá-lo por alto, embora nós tentamos não pensar na morte ao longo de nossas vidas: não porque não valha a pena pensar nela, mas sim porque a idéia mesma da morte é aterradora. A idéia mesma de que "eu morrerei" faz que um calafrio nos percorra as costas. Naturalmente, fará-lhes tremer quando lhes estiverem morrendo, mas até antes, se a idéia se apoderar de suas mentes, fará-lhes tremer até a medula.

O homem tentou sempre esquecer-se da morte, tentou não pensar nela. organizamos toda nossa vida de tal modo que a morte não resulte visível. Todos os esforços e os planos humanos dirigidos a falsificar a morte têm um êxito aparente, mas este êxito nunca é real, pois a morte está ali. Como escaparão dela? Onde lhes esconderão? Embora dela fujam, acabarão lhes encontrando com ela. Onde quer que fujam, tomem o rumo que tomem, acabarão chegando a ela. aproxima-se um pouco mais cada dia, pensem nela ou não, dela fujam ou não. Ninguém pode escapar de um fato.

A questão não é que a morte seja algo que só acontecerá no futuro, e que, portanto, não devamos pensar nela agora. Também isto é um conceito errôneo. A morte não acontecerá no futuro: a morte já está acontecendo em todo momento. Embora se completará no futuro, em realidade está tendo lugar em todo momento. Estamos morrendo neste mesmo momento. Se passarmos uma hora aqui, teremos

morrido uma hora. Possivelmente demoremos setenta anos em morrer por completo, mas esta hora formará parte do processo. Durante uma hora também estaremos morrendo. Não é que ao cabo de setenta anos um se mora de repente: a morte nunca acontece de maneira foto instantânea. Não é um sucesso repentino; é um desenvolvimento que começa com o nascimento.

Em concreto, o nascimento é a primeira parte da morte, e a morte é a última parte. Esta viagem começa com o nascimento. O que chamamos o dia do nascimento é, em realidade, o primeiro dia da morte. A viagem levará tempo, mas continuará.

Por exemplo, um homem parte da Dwarka caminho da Calcuta. O primeiro passo de sua viagem será tão importante para chegar a Calcuta como o último passado da viagem. O último passo será tão útil para levá-lo a Calcuta como o último. E embora o primeiro passo, por si mesmo, não pode levá-lo até a Calcuta, o último passo tampouco pode fazê-lo por si mesmo. Isto significa que quando deu seu primeiro passo para a Calcuta começou a chegar a Calcuta. A cada passo que dava, Calcuta se aproximava cada vez mais. Possivelmente digam que demorou seis meses em chegar a Calcuta, mas a realidade é que só obrigado a que começou a chegar seis meses antes pôde chegar seis meses depois.

O que eu gostaria de lhes dizer em segundo lugar é o seguinte: não criam que a morte se encontra em algum momento futuro. A morte está presente em todo momento. E o que é o futuro? É o total de todos nossos presente. Estamos-lhes somando coisas constantemente. É como quando esquentamos água. Ao primeiro grau, a água se esquentava, mas ainda não se converteu em vapor. E o mesmo acontece quando a água se esquentava dois graus. A água se converterá em vapor quando se esquentava até os cem graus; mas começou a aproximar-se do estado de vapor no primeiro grau, e seguiu no segundo, no terceiro, e assim sucessivamente. Mas a água não se converte em vapor nem sequer quando está a noventa e nove graus: isso só acontecerá quando chegarem aos cem.

Não lhes ocorreu pensar que o centésimo grau também é um grau, do mesmo modo que o primeiro grau também é um grau? A viagem do nonagésimo nono grau até o centésimo é igual à viagem do primeiro grau ao segundo: não há diferença. Assim, que sabe lhes advertirá no primeiro grau que a água se converterá em vapor, embora vós não vejam que a água se está convertendo em vapor. Naturalmente, pode dizer que a água se está esquentando, mas acaso se está convertendo em vapor? Podemos nos enganar até o nonagésimo nono grau pensando que a água ainda não se está convertendo em vapor, mas quando chegar ao centésimo grau é seguro que se converterá em vapor. Cada grau a aproxima cada vez mais ao ponto de ebulição.

portanto, não tem sentido que tentem lhes salvar da morte ou postergá-la dizendo que a morte se encontra no futuro. A morte está acontecendo em todo momento; estamos morrendo todos os dias. Em realidade, virtualmente não existe nenhuma diferença entre o que chamamos viver e o morrer. O que chamamos viver não é mais que um sinônimo de morrer gradualmente. Não lhes digo que pensem no futuro; o que lhes digo é que observem o que já está acontecendo agora mesmo. Nem sequer lhes digo que pensem.

Este amigo perguntou: "por que pensar na morte?" Eu não digo que pensem. Pensar não lhes levará a nenhuma parte. Recordem: não é possível conhecer nenhum feito a apóie de pensar. Em realidade, pensar é uma maneira de falsear os fatos. Olham uma flor, e se começarem a pensar nela não conhecerão nunca a flor, porque quanto mais lhes dedicam a pensar nela, mais se separará de vós. Adiantam-lhes em seus pensamentos enquanto a flor segue ali. O que tem que ver a flor com o que estão pensando? Uma flor é um fato. Se querem conhecer uma flor, não pensem nela: olhem a flor.

Existe uma diferença entre pensar e ver, e é uma diferença significativa. Ocidente dá muita importância ao pensamento. Por isso chamaram "filosofia" a sua ciência do pensamento. A filosofia é o pensamento conceptual. Nós chamamos à mesma ciência darshan. Devemos compreender isto um pouco melhor. Nós chamamos darshan e eles a chamaram filosofia, e existe uma diferença fundamental entre ambas. Os que acreditam que "filosofia" e "darshan" são sinônimos não sabem nada. Não são sinônimos. Por isso não há uma filosofia hindu nem tampouco há um darshan ocidental.

Ocidente tem uma ciência do pensamento: apóia-se na investigação, a lógica, a análise. Ao oriente lhe interessam outras coisas. O Oriente tem descoberto que existem certos feitos que não se podem conhecer nunca a apóie de pensar neles. Estes fatos terão que ver-se, terão que viver-se. E existe uma diferença enorme entre viver e pensar.

O homem que pensa sobre o amor pode chegar a escrever uma tese sobre ele, mas o apaixonado o vive, vê-o, embora possivelmente não seja capaz de escrever uma tese sobre ele. E se alguém pede a um apaixonado que lhe diga algo sobre o amor, este pode fechar os olhos, pode encher-se de lágrimas e pode lhe responder: "Você arena que não me pergunte isso. O que posso dizer do amor?" que pensou sobre o amor se passará horas inteiras explicando-o, mas possivelmente não saiba nada do amor.

Pensar e ver são dois processos completamente diferentes. Por isso não lhes digo que devam pensar na morte. Nunca poderão conhecer a morte a apóie de pensar nela. Terão que vê-la. O que lhes digo é isto: a morte está aqui, agora mesmo, dentro de vós, e vós têm que vê-la. O que eu chamo "o eu" se está morrendo constantemente. Este fenômeno da morte terá que ser visto, este fenômeno da morte terá que ser vivido, este fenômeno, este "eu morro, eu morro", terá que ser aceito.

Fazemos tudo o que podemos por demonstrar a falsidade da morte; inventamos mil maneiras de demonstrar sua falsidade. É verdade que podemos nos tingir as cãs, mas assim não se demonstra que a morte seja uma mentira: chega inevitavelmente. Até debaixo do tintura, as cãs seguem sendo brancas. São sinais de que a morte começou a aproximar-se, de que tem que chegar com segurança. Como podemos demonstrar que é falsa? Por muito que nos dediquemos a demonstrar sua falsidade, não trocaremos as coisas: está-se aproximando inexoravelmente. Quão único troca é que nós podemos deixar de sabê-lo.

O que eu lhes pergunto é isto: como pode saber o que é a vida o que nem sequer conheceu a morte? Minha postura é que a morte está na circunferência, e a vida está no centro. Se não conhecermos sequer a circunferência, como poderemos chegar a conhecer alguma vez o centro? E se fugirmos da circunferência, nunca nos aproximaremos do centro. Se lhes assustarem das paredes exteriores de uma casa e fogem, como poderão chegar a entrar alguma vez no interior da moradia? A morte é a periferia e a vida é o tempo que está em seu centro. Se fugirmos da periferia, também fugimos da Vida. que chega a conhecer a morte a desvelará e, com o tempo, começará a conhecer também a vida.

A morte é a porta de entrada ao conhecimento da vida. Fugir a morte é fugir também a vida. Assim, quando eu lhes digo: "Conheçam a morte", compreendam os fatos, não lhes estou pedindo que pensem.

Também devemos compreender outra coisa interessante. Pensar significa repetir mentalmente o que já sabemos. O pensamento não é original nunca, embora nós estamos acostumados a dizer que os pensamentos de tal e tal pessoa são muito originais. Não: o pensamento não é original nunca. Os pensamentos nunca podem ser originais. O darshan, a visão, pode ser original.

Os pensamentos sempre estão debulhados. Se eu lhes pedir que pensem nesta rosa, o que pensarão? Não farão mais que reiterar o que já sabem a respeito das rosas. O que outra coisa podem fazer? O que outra coisa podem fazer com o pensamento? Poderia acaso aparecer em seus pensamentos um só ponto de vista inusitado e original a respeito de uma rosa? Como seria isso possível?

Pensar não é mais que reiterar os pensamentos. Poderão lhes dizer: "A rosa é muito formosa"; mas quantas vezes ouvistes isto já? Ou poderão lhes dizer: "A rosa é tão formosa como o rosto de minha amada". Quantas vezes terão ouvido isto também? Quantas vezes o têm lido? Ou poderão lhes dizer: "A rosa é muito fresca". Mas quantas vezes ouvistes ou lido isto também? Do que servem os pensamentos? Como seria capazes de entrar no ser dessa rosa a apóie de pensar nela? O ato de pensar só lhes pode levar até o que tenham na memória a respeito das rosas. Por isso, o pensamento nunca é original. Nunca pode existir um pensamento original: só os que vêem são originais.

A primeira condição para olhar uma rosa é que a pessoa que a olhe não pense. Deve eliminar de sua lembrança os pensamentos; deve ficar vazio e viver nesse momento com a flor. Deixem que a flor esteja a um lado e estejam vós ao outro lado, e

que não haja nada entre os dois: nada que tenham ouvido, nada que tenham lido, nada que tenham conhecido nunca. Nada que tenham conhecido nunca deve interpor-se. Nada deve interpor-se entre os dois. Só então começará a entrar em seu ser o desconhecido que se encontra dentro da rosa. Quando não encontrar nenhum obstáculo entre os dois, entrará em vós, e então vós não sentirão que querem conhecer a rosa, sentirão que são um com a rosa. Então conhecerão a rosa desde sua interioridade.

que vê penetra dentro de um objeto, enquanto que o pensador dá voltas a seu redor: por isso, o pensador não alcança nada; só o que vê alcança. que vê penetra no interior, porque não fica nenhum muro entre ele e o objeto que tem diante: o muro se derruba, desaparece.

Uma vez, Kabir pediu a seu filho Kamaal que fora ao bosque e trouxesse um pouco de feno para o gado de ambos. Kamaal obedeceu e ficou em caminho. Saiu de amanhã; mas chegou a hora do meio-dia e Kamaal não tinha retornado ainda, e Kabir se inquietou. E chegou a tarde, e Kamaal tampouco deu sinais de vida. Kabir estava cada vez mais inquieto. Logo chegou o crepúsculo e se aproximava pôr-do-sol, e por fim, Kabir saiu em busca do Kamaal acompanhado de alguns fiéis seguidores deles.

Quando legaram ao bosque se encontraram ao Kamaal de pé entre a erva espessa, com os olhos fechados, ondulando-se como uma folha de erva movida pela brisa. Kabir se aproximou dele, pô-lhe a mão no ombro e lhe perguntou:

-O que faz aqui?

Kamaal abriu os olhos. Voltou em si, deu-se conta do que tinha acontecido e pediu desculpas imediatamente. Kabir disse:

-Mas o que tem feito aqui tanto tempo? É muito tarde!

-Sinto-o muito –respondeu Kamaal-, mas quando cheguei aqui, em vez de segar a erva me pus a olhá-la. E ao olhá-la fixamente, não se quando me aconteceu, mas eu também me converti em uma folha de erva. Logo caiu a tarde e eu estava aqui; tinha-me esquecido por completo de que “eu sou Kamaal e vim a segar erva.” Converti-me na mesma erva. Havia muito gozo em ser a erva, um gozo que não tinha tido nunca ao ser um Kamaal. Me alegro de que viessem, porque eu não sabia o que acontecia. A brisa não movia a erva, a brisa me movia : o colhedor e o que tinha que segar tinham desaparecido.

Viram de verdade alguma vez a sua esposa, a seu filho, com quem tem vivido tantos anos? Viram-nos alguma vez? Eles passam pela mente as coisas que fez ontem sua esposa, e este pensamento se interpõe entre ela e vós. Recordam como lhes brigou quando saíam de casa pela manhã para ir ao escritório, e o pensamento volta a interpor-se entre ambos. Vem-lhes à cabeça o que disse ela quando estavam jantando, e o pensamento se interpõe entre ambos. Sempre têm pensamentos; não viram nunca. E por isso não há relações entre o marido e a esposa, entre o pai e o filho, entre a mãe e o filho. As relações se produzem quando já não há pensamentos e quando começou o darshan, a visão. Então é quando têm lugar de verdade as relações, porque então não há nada que as obstaculize.

Recordem que uma relação pessoal não supõe que exista um terceiro fator que uma às duas pessoas. Enquanto exista algo intermédio que uma às duas pessoas, também está presente o obstáculo. O que une também separa. O dia que não existe nada que uma, quando só ficarem as duas pessoas, quando não ficar nada intermédio, esse dia o que fica em realidade é só um: então já não são dois.

A relação pessoal não significa que estejamos unidos a alguém; a relação pessoal significa que já não existe nada entre a outra pessoa e nós, nada intermédio, nem sequer para nos unir. assim, desaparecem os dois rios e se fundem em um. Isto é o amor. A visão lhes conduz ao amor; a visão é a fonte do amor. E o que não amou não conheceu nada nunca. Por muito que tenha pretendido conhecer uma pessoa, só o conheceu através do amor.

portanto, quando digo que terá que conhecer a morte, quero dizer que também teremos que amar a morte. Teremos que ver a morte. Mas a pessoa que tem medo à morte, que a foge, como pode amar à morte, como pode ter seu darshan, como pode ver alguma vez a morte? Quando se aparece a morte ante ele, lhe volta as costas. Fecha os olhos; não permite nunca que se apareça a morte ante ele, cara a cara. Tem medo, está assustado; por isso é incapaz de ver a morte absolutamente, e tampouco é capaz de amá-la. E a pessoa que ainda não foi capaz de amar a morte como poderá amar alguma

vez a vida?, pois a morte é um sucesso muito superficial, e a vida é um fenômeno muito mais profundo. que fugiu o primeiro degrau como poderá chegar alguma vez às águas profundas do gozo?

Por isso lhes digo que a morte terá que viver-se, terá que conhecer-se, terá que ver-se. Terão que lhes apaixonar por ela; terão que olhá-la aos olhos. E assim que a pessoa olhe à morte aos olhos, começa a observá-la, penetra nela, maravilha-se. Descobre, com grande assombro: “Que grande mistério se oculta na morte! O que eu chamava morte, pelo que fugia, encerra em realidade dentro de si a fonte da vida suprema.” Por isso lhes digo: entrem de boa vontade na morte para que possam alcançar a vida.

Há um dito do Jesus que é incrível. Jesus há dito: “Porque o que queira salvar-se perecerá, e o que entregue a vida não será destruído. que se perca se encontrará, e o que fique a salvo se perderá.” Se uma semente quer salvar-se, apodrecerá-se; o que outra coisa lhe espera? E se uma semente se aniquila a si mesmo na terra, se desaparecer, converterá-se em árvore. A morte da semente se converte em vida para a árvore. Se a semente se protegesse a si mesmo dizendo-se: “Tenho medo: poderia morrer. Não quero desaparecer. por que vou desaparecer?” Nesse caso, nem sequer seguirá sendo semente, nem muito menos se converterá em árvore. O medo à morte faz nos encolher.

Quero lhes dizer uma coisa mais que possivelmente não lhes tenha ocorrido. Só o que tem medo à morte tem ego, pois o ego supõe uma personalidade estreita, um nó apertado. que tem medo à morte se encolhe em seu interior. Tudo o que tem medo tem que encolher-se em seu interior, e tudo o que se encolhe se converte em um nó. produz-se um complexo dentro da pessoa.

O sentimento do eu é o sentimento da pessoa que tem medo à morte. Quando uma pessoa penetra na morte, nem tem medo à morte, não foge dela, começa a vivê-la, então seu eu desaparece, seu ego desaparece. E quando desaparece o ego só fica a vida. Podemos expressá-lo assim: só morre o ego, não a alma. Mas como nós seguimos sendo egos, surge uma grande dificuldade. Em realidade, só pode morrer o ego; só o ego tem morte, porque é falso. Terá que morrer. Mas aferramos a ele.

Imaginem, por exemplo, que se levanta uma onda no mar. Se a onda quer sobreviver como onda, não pode fazê-lo: está destinada a morrer. Como pode sobreviver uma onda como onda? Tem que morrer. A não ser que se converta em gelo. Se se voltar sólida, pode sobreviver. Mas até em uma sobrevivência deste tipo a onda já não existe e fica o gelo: um gelo que é uma onda, fechada, desagregada do mar. Recordem que uma onda não é independente do mar: é um com o mar. Convertida em gelo, se independiza do mar, separa-se, solidifica-se. A onda se ficou geada.

Como onda, era um com o mar; mas se converte em um bloco de gelo, sobreviverá, é obvio, mas ficará desagregada do mar. E quanto tempo sobreviverá nesse estado? Tudo o que está gelado acabará por fundir-se, sem dúvida. Uma onda pobre se fundirá um pouco antes, enquanto que uma onda rica demorará algum tempo mais: o que outra coisa lhe espera? Os raios do sol demorarão algum tempo mais em fundir uma onda grande, enquanto que uma onda menor se fundirá antes. Não é mais que uma questão de tempo, mas a fusão tem que acontecer. A onda se fundirá e se queixará muito, porque assim que se funda desaparecerá. Mas se a onda, ao voltar a cair ao mar, forçasse-se a si mesmo a deixar de existir como entidade independente, se chegasse ou seja que ela é, em realidade, o mar, então não se trataria do desaparecimento da onda. assim, desapareça ou não, existe ainda, porque sabe: “Não sou uma onda: sou o mar”. Quando desaparece como onda, ainda existe em estado de repouso. Quando se levanta, encontra-se em estado de atividade. E o repouso não é menos agradável que a atividade. Em realidade, é mais agradável ainda.

Existe um estado de atividade e existe um estado de repouso. O que nós chamamos samsara, o mundo, é o estado de atividade, e o que chamamos moksha, a liberação, é o estado de repouso. É como uma onda inquieta que se choca com o vento e que luta com ele, e que depois se afunda no mar e desaparece. Ainda existe. O que era antes no mar segue sendo-o, mas agora está em repouso. Mas se uma onda se afirmasse a si mesmo como onda, seria como se estivesse cheia de ego, e então teria que desagregar do mar.

Quando chegam a acolher a idéia do "eu sou", como podem ser com o resto de tudo? Se optarem por ser com o tudo, então se perde o eu. Por isso insiste o eu: "te desagregue de tudo". E que interessante é que o fato de lhes desagregar do todo lhes fazer ser desgraçados! E então, uma vez mais, o eu diz: "te relacione com o tudo." Assim de tortuoso é o eu. O eu diz primeiro: "te desagregue de tudo, te isole; você é diferente de tudo. Como vais seguir unido?" Desta maneira, o eu se separa, mas então se encontra com problemas, pois assim que o eu se separa de tudo, sente-se desgraçado; seu fim se aproxima. Em conto a onda chega a acreditar-se independente do mar, começa a morrer; sua morte se aproxima. Então empreenderá a luta por proteger-se da morte.

Enquanto foi um com o mar, não existiu a morte, pois o mar não morre nunca.

Recordem que pode existir um mar sem uma onda, mas uma onda não pode existir sem o mar. Não podemos conceber uma onda sem o mar: o mar estará presente na onda. Mas o mar pode existir sem uma onda. Quando as ondas formam parte integral do mar, existem em paz e em repouso. Mas assim que uma onda aspira a salvar do mar, surgem dificuldades: dissocia-se do mar e começa sua morte.

Por este motivo, que tem que morrer quer amar. O motivo pelo que todos nós (que vamos morrer) estamos tão desejosos de amar é que o amor é o meio mais evidente para conectar. Por isso ninguém quer viver sentindo-se desgraçado, sem amor. Todos procuramos o amor: que alguém queira receber nosso amor, que alguém queira nos entregar amor. E para a pessoa que não encontra amor, este se converte em um problema. Mas nos perguntamos alguma vez qual é o significado do amor?

O amor é um intento de reconstruir de novo, parte para parte, unindo diversas partes, a relação com o todo que temos quebrado. Assim, um tipo de amor é aquele pelo qual tentamos reconstruir nossa relação perdida com o tudo a apóie de acrescentar diversas partes. Isto é o que chamamos amor. E existe outro tipo de amor no qual retrocedemos em nosso intento de nos desagregar de tudo. Isto é o que chamamos oração. Por isso, a oração é o amor absoluto. E tem um significado totalmente distinto. Não significa que estejamos tentando recompor os pedaços; significa que deixamos que nos desagregue de tudo. A onda anunciou: "Eu sou o mar", e agora não tenta conectar-se com cada uma das demais cheire.

Recordem que a onda mesma se está morrendo, e que as demais cheire próximas também se estão morrendo. Se esta onda tenta relacionar-se com as demais cheire, terá problemas. Por isso, o que nós chamamos amor é muito doloroso, porque é uma onda que tenta relacionar-se com outra onda. A onda e a outra onda se estão morrendo, mas estabelecem uma relação entre ambas com a esperança de que unindo-se entre si possivelmente possam salvar-se. Esta é a razão pela que convertemos o amor em segurança. assim, o homem tem medo de viver só. Quer ter uma esposa, um marido, um filho, uma mãe, um irmão, um amigo, uma sociedade, uma organização, uma nação. São empenhos do ego; são intentos de reunir-se de novo com o tudo por parte do que se desagregou dele.

Mas todos estes intentos de união são convites à morte, pois aquele com o que estabelecem uma união está igualmente rodeado da morte, igualmente rodeado do ego... O mais curioso é que o outro quer voltar-se imortal unindo-se a vós, e que vós querem lhes voltar imortais lhes unindo ao outro. E a realidade é que ambos ides morrer. Como poderão lhes voltar imortais? Uma união assim dobrará a morte; não servirá de elixir.

Os casais de amantes desejam que seu amor se volte imortal; cantam-no dia e noite. sempre se têm escrito poesias sobre o amor que se faz imortal. Como podem desejar a união imortal duas pessoas que vão morrer? A união destas duas pessoas só serve para que a morte seja o dobro de real, nada mais. O que outra coisa pode ser? E ambos se estão fundindo, estão-se afundando, estão-se desvanecendo: por isso estão assustados, preocupados.

A onda criou sua organização própria. diz-se: "Tenho que sobreviver." criou nações; criou seitas hinduistas, muçulmanas: ondas que criam suas organizações próprias. E a realidade é que todas estas organizações vão desaparecer: a única organização verdadeira é o mar que têm debaixo. E a organização do mar é uma coisa completamente diferente. A onda pertence a ela, mas isso não quer dizer que se uma ao mar; quer dizer, mas bem, que a onda sabe: "Não sou diferente em nada do mar".

Desta forma eu lhes digo que o homem religioso não pertence a nenhuma organização: nem se aferra a uma família, nem tem um amigo, um pai ou um irmão.

Jesus pronunciou umas palavras muito fortes. Em realidade, só os que alcançaram o amor podem pronunciar umas palavras tão fortes; as pessoas débeis no amor não são capazes das pronunciar. Um dia, Jesus estava no mercado rodeado por uma multidão. Sua mãe, María, foi ver o. Alguém gritou entre a multidão:

-Deixem passo, deixem passo à mãe do Jesus. Deixem que se aproxime.

Quando Jesus o ouviu, disse em você alta:

-Se estão deixando passo à mãe do Jesus, não o façam, porque Jesus não tem mãe.

María se deteve, atônita. Jesus se dirigiu à multidão e disse:

-Enquanto tenham mãe, pai, irmão, não poderão lhes aproximar de mim.

São umas palavras muito duras. Resulta-nos impossível imaginar sequer que uma pessoa tão cheia de amor como Jesus pudesse pronunciar tais palavras: "Eu não tenho mãe. Quem é minha mãe?" Enquanto María ficava quieta e atônita, Jesus seguiu dizendo:

-Dizem que esta mulher é minha mãe? Eu não tenho mãe. E recordem: enquanto tenham mãe, não poderão lhes aproximar de mim.

O que passa aqui? Uma onda que tente unir-se a outra onda não será capaz de aproximar-se do mar. Em realidade, as ondas se unem entre si e criam uma organização com o único fim de evitar ir ao mar. A onda, sozinha, tem mais medo a desaparecer, a chegar a desaparecer de verdade. Mas a verdade é que já está desaparecendo.

Mas quando se reúnem umas poucas ondas se sentem mais tranquilizadas; cria-se uma organização de certo tipo; cria-se uma multidão. Por isso, ao homem gosta de viver entre uma multidão; quando fica sozinho, tem medo. A onda, em sua solidão, fica completamente sozinha: deslizando-se, caindo, desvanecendo-se, a ponto de desaparecer, sentindo-se alinhada por ambos os lados: a um lado o mar, ao outro o resto das ondas. Por isso cria uma organização, cria uma cadeia.

O pai se diz: "Eu desaparecerei, mas isso não importa: deixarei detrás de mim a meu filho." A onda se diz: "Eu desaparecerei, mas deixarei uma olita: esta sobreviverá detrás de mim; a cadeia continuará; meu nome ficará". Por esta razão, o pai se sente desgraçado quando não tem um filho: isto significa que não poderá organizar sua imortalidade. Ele desaparecerá, é obvio, mas quer produzir outra onda que seguirá mais adiante, que ao menos levará a identidade da onda da que procede. Assim, à primeira onda não importa desaparecer: deixa a outra onda detrás de si.

Podem ter advertido que as pessoas que realizam uma atividade criativa (os pintores, os músicos, os poetas, os escritores) não se preocupam muito de ter filhos, pela singela razão de que encontraram um substitutivo. Suas pinturas sobreviverão, suas poesias sobreviverão, suas esculturas sobreviverão; não se preocupam de ter filhos. Por isso, os cientistas, os pintores, os escultores, os escritores e os poetas não se preocupam muito de ter filhos. O único motivo disso é que encontraram um filho de outro tipo. criaram uma onda que seguirá adiante muito depois de que eles tenham desaparecido. Em realidade, encontraram um filho que durará ainda mais que os seus, porque inclusive quando tiverem desaparecido seus filhos perdurará o livro do escritor.

O escritor não se preocupa muito de ter um filho, de ter descendência. Mas isso não significa que esteja despreocupado, quão único significa é que encontrou uma onda duradoura; deixa de preocupar-se com as ondas menores. Por isso não lhe interessa ter família; criou uma família de outro tipo. Também ele aspira ao mesmo grau de imortalidade. Dirá-se, portanto: "O dinheiro se perderá, a riqueza se perderá, mas minha obra, meus textos, sobreviverão; e isto é, precisamente, o que ele deseja.

Mas também se perderam textos escritos. Nenhum texto dura para sempre, embora, é obvio, dura certo tempo. Quem sabe quantos textos se perderam já, e quantos se perdem cada dia? Tudo se perderá. Em realidade, no mundo das ondas, por muito que se prolongue a si mesmo uma onda, tem que perder-se à larga. A onda tem que enfrentar-se à extinção: de nada lhe serve prolongar-se a si mesmo.

assim, se lhes virem vós mesmos como ondas, quererão evitar a morte; seguirão assustados, com medo. Eu lhes digo: olhem a morte. Não devem evitá-la, nem temê-la, nem fugi-la. Olhem. E com apenas olhá-la descobrirá que o que parecia a morte visto desde este lado resulta ser a vida quando entram nela um pouco.

portanto, a onda se converte no mar; desaparece seu medo à extinção. Agora bem, não deseja converter-se em gelo sólido. Então, no tempo de que dispõe, dança no céu, regozija-se sob os raios do sol, é feliz. E quando volta a cair ao mar, é igualmente feliz em seu estado de repouso. Assim é feliz na vida, é feliz na morte; porque sabe que "o que é" nunca nasce nem nunca morre. O que é, é; só trocam as formas.

Todos somos ondas no mar da consciência. Alguns, a maioria, convertemo-nos em gelo. O ego é como gelo, duro como uma pedra. Que surpreendente é que um líquido como a água possa voltar-se duro como o gelo e a pedra! Quando surge em nós um desejo de nos congelar, a consciência (que por outra parte é muito singela e fluída) gela-se e se converte em um ego. Todos estamos cheios do desejo de nos congelar, e por isso recorremos a meios de muitos tipos para tentar ficar gelados, solidificados.

Existem leis segundo as quais a água se converte em gelo, e também existem leis que regem a formação do ego. A água tem que esfriar-se para converter-se em gelo, tem que perder seu calor, tem que voltar-se fria. quanto mais se esfria, mais dura fica. A pessoa que quer criar um ego também tem que esfriar-se, tem que perder seu calor. Por isso falamos de "uma bem-vinda cálida". Uma bem-vinda sempre é cálida; uma bem-vinda fria não tem sentido.

O amor significa calor; um calor frio não tem sentido. O amor nunca é frio; contém calor. Em realidade, o calor sustenta a vida; a morte é fria, está por debaixo de zero. Por isso o sol é o símbolo da vida, o sol é o símbolo do calor. Quando sai pela manhã desaparece a morte; tudo se volta temperado e quente. As novelas floresce e os pássaros ficam a cantar. O calor é o símbolo da viúva, o frio é o símbolo da morte. Assim, que quer criar um ego tem que esfriar-se, e para esfriar-se tem que perder todas as coisas que dão calor. Tem que perder tudo o que dá calor a seu ser. Por exemplo, o amor dá calor, o ódio produz frio. portanto, pelo ego, a gente tem que renunciar ao amor e aferrar-se ao ódio. A piedade e a simpatia contribuem com calor, a crueldade e a falta de piedade contribuem com frio.

Assim como existem leis que regem o congelamento da água, também existem leis que regem o congelamento da consciência humana. aplica-se uma mesma lei: seguir esfriando-se. Algumas vezes dizemos que tal pessoa é muito fria: nela não há calor; volta-se dura como uma pedra. E recordem que quanto mais cálida é uma pessoa, mais singela é. Então sua vida tem uma liquidez que lhe permite fluir dentro de outros, e que permite a outros fluir dentro dele. A pessoa fria se volta dura, incapaz de fluir, fechada por toda parte. Ninguém pode entrar nela, nem tampouco pode entrar ela dentro de ninguém. O ego é como o gelo sólido, e o amor é como a água, líquida, fluída. A pessoa que tem medo à morte fugirá dela. Seguirá congelando-se, pois esse medo a morrer, a desaparecer, fará-o contrair-se, e seu ego se manterá, voltando-se mais duro, mais forte.

Alojei-me vários dias como hóspede em casa de meu amigo. É muito rico; possui muitos bens. Mas uma coisa me desconcertou: nunca falava com amabilidade a ninguém. Pelo resto, era um bom homem. Desconcertava-me muito ver que era muito brando interiormente, mas era muito duro por fora. O criado tremia ante ele; seu filho tremia ante ele; sua mulher tinha medo de vê-lo. A gente o pensava muito antes de visitá-lo. Mesmo que chegavam a sua porta titubeavam antes de chamar o timbre, perguntando-se se deviam entrar ou não.

Quando passei uns dias com ele e cheguei a conhecê-lo bem, perguntei a que se devia todo aquilo.

-Em realidade, é um homem muito singelo –lhe disse. Ele me respondeu:

-Tenho muito medo. É perigoso estabelecer uma relação pessoal, pois se estabelecer uma relação com alguém, cedo ou tarde começa a te pedir dinheiro. Se for amável e carinhoso com sua esposa, os gastos se multiplicam. Se não ser severo com seu filho, pede-te cada vez mais dinheiro para seus gastos. Se falas com amabilidade a seu criado, também ele quer comportar-se como um amo.

portanto, tinha que levantar seu redor um sólido muro de frieza, que espantasse a sua esposa, que espantasse ao filho. Quantos pais têm feito isto?

A verdade da questão é que logo que existe nenhum lar onde o pai e o filho se tratem com amor. O filho recorre ao pai quando necessita dinheiro; o pai vai ver o filho quando quer lhe soltar um sermão; os dois não se reúnem em nenhuma outra ocasião. Não existe nenhum ponto de reunião entre o pai e o filho. O pai tem medo e se rodeou

de um muro sólido. O filho também tem medo; move-se às escondidas do pai. Não existe nenhuma harmonia entre os dois. Quanto mais medo tem uma pessoa, quanto mais se preocupa de sua segurança, mais se solidifica. A fluidez é muito perigosa, produz insegurança.

Esta é a razão pela que temos medo a nos apaixonar. Só quando estudamos à pessoa e nos asseguramos a fundo chegamos a nos apaixonar. Isso quer dizer que primeiro nos asseguramos de que a pessoa não representa nenhum perigo para nós e depois nos apaixonamos. Por isso inventamos os matrimônios: primeiro nos casamos, primeiro tomamos todas as medidas necessárias, e depois nos apaixonamos, porque o amor é perigoso. O amor é fluido, dá entrada a outra pessoa. É perigoso apaixonar-se por uma pessoa estranha: pode escapar de noite com todos nossos objetos de valor! Assim, investigamos a fundo quem é essa pessoa, a que se dedica, de onde são seus pais, que caráter tem, que qualidades tem. Tomamos todas as medidas, tomamos todas as precauções sociais possíveis; só depois disto aceitamos contrair matrimônio com a pessoa.

Somos gente assustadas; queremos assegurá-lo tudo primeiro. Quando mais nos asseguramos, mais duro e mais frio se volta o muro de gelo que nos rodeia e que encolhe todo nosso ser. Nossa separação do divino se produziu por um único motivo: porque não somos líquidos, porque nos tornamos sólidos. Esta é a única causa da separação: não fluímos, ficamos-nos como blocos; não somos água, somos como gelo sólido. Quando nos voltamos fluidos, já não existirá a separação; mas só nos voltamos fluidos quando aceitamos ver e viver a morte, quando aceitamos que a morte existe.

Quando vimos e reconhecemos que a morte existe, por que temos que ter medo algum? Quando a morte está ali com segurança, quando a onda sabe com segurança que tem que desaparecer, se a onda tiver descoberto que o nascimento mesmo contém à morte, se a onda tiver chegado ou seja que sua desintegração começou no momento mesmo em que foi criada, ali termina a questão. Por que converter-se então em gelo? Em seguida aceitará ser uma onda enquanto tenha que sê-lo, e aceitará ser o mar enquanto tenha que sê-lo. Isso! Aqui termina a questão! Nesse instante se aceita tudo. Nessa aceitação, a onda se converte no mar. Então desaparece toda inquietação por seu desaparecimento, pois a onda sabe que existia antes de sua extinção e que seguirá existindo até depois de desaparecer; não como o eu, mas sim como o mar sem limites.

C

UANDO LAO TSE ESTAVA a ponto de morrer, alguém lhe pediu que revelasse alguns segredos de sua vida. Lao Tse disse:

O primeiro segredo é que ninguém me venceu em toda minha vida!

Quando os discípulos ouviram isto, emocionaram-se muito. Disseram-lhe:

-Nunca nos havia dito isto! Nós também queremos vencer. Rogamo-lhe que nos ensine o modo de consegui-lo.

-Equivocaste-lhes –respondeu Lao Tse- ouvistes outra coisa. Eu hei dito que ninguém pôde me vencer nunca, e vós dizem que também vós querem vencer. As duas coisas são completamente opostas, embora pareça que significam o mesmo. No dicionário, no mundo da linguagem, têm um mesmo significado: a pessoa que não conheceu a derrota é vitoriosa. Eu só hei dito que ninguém pôde me vencer, e vós falamos de vencer. Fora daqui! Jamais compreenderão minhas palavras.

Os discípulos lhe suplicaram:

-Mesmo assim, rogamo-lhe que nos explique isso. Insígnia nos como fazê-lo. Como é que alguma vez lhe venceram?

Lao Tse disse:

-Ninguém me venceu porque eu sempre estava vencido. Não há maneira de vencer a um homem vencido. Eu nunca fui vencido nunca quis a vitória. Em realidade, ninguém foi capaz de lutar comigo. Se alguém pretendia me desafiar, já me encontrava vencido, e não poderia dar o gosto de me vencer. O que produz alegria é vencer ao que quer ser vencedor. Que gosto pode dar vencer ao que nem sequer quer ganhar?

E

N REALIDADE, DESTRUIR O EGO de outra pessoa nos produz prazer porque assim reforçamos o nosso. Mas se um homem já se deu por vencido, que gosto pode dar destruir a essa pessoa? Nosso ego não se emocionaria absolutamente. quanto mais conseguimos derrubar o ego do outro se converte na força do nosso. Mas o ego desta pessoa da que falamos já está derrubado.

Por exemplo, pretenderão vencer a um homem em uma briga, e antes de que o ele derrubem se tende no chão; e antes de que lhes sentem sobre ele, ele lhes convida a que lhes sentem sobre ele. Em que situação ficarão então? Queria pôr-se a correr! O que outra coisa poderia fazer? Os espectadores poriam-se a rir e lhes diriam: "Adiante: sente-se em cima dele! Ponha cômodo! por que põe-se a correr?" Quem pareceria mais tanto: que se sinta sobre o outro, ou o que não deixava de rir, com uma risada que lhes ressonaria nos ouvidos para toda a vida?

assim, sempre que alguém pretenda desafiar a aquele homem, ele se tendia imediatamente no chão e lhe dizia: "Adiante: sente-se sobre mim. vieste a isso, não? Adiante, pois. Não te inquiete, não te incomode: não faz falta que te canse. Vêem e sente-se sobre mim".

L

AO TSE ACRESCENTOU:

-Mas vós me perguntam outra coisa. Vós querem que lhes explique o modo de vencer. Se pensarem em vencer, perderão. que alberga a idéia de vencer sempre perde. Em realidade, a derrota começa com a idéia mesma da vitória. E ninguém foi capaz de me ofender –acrescentou Lao Tse.

-Rogo-te que nos diga também o segredo disto, porque tampouco nós gostamos que nos ofendam –disse um discípulo.

-Voltam a cometer um engano. Ninguém foi capaz de me ofender porque nunca desejei as honras. Lhes ofenderão sempre porque estão cheios do desejo de honra. Não me expulsaram nunca de nenhuma parte porque sempre me sentei perto da porta onde a gente se tira os sapatos. Nunca me pediram que me além de um sítio porque sempre me fiquei ao final, onde ninguém podia me enviar a um posto inferior. Eu estava muito contente de estar ao final: isso me economizava problemas de todo tipo. Ninguém me jogou dali nem me apartou no último posto. Ninguém queria estar naquele posto. Eu estava a minhas largas em meu posto; sempre estive a minhas largas em meu posto. Ninguém veio a me jogar de meu posto.

T

AMBIÉN DIZ Jesus: "Eu lhes digo que os últimos serão os primeiros". O que quer dizer isto?

Por exemplo, Jesus diz: "Se alguém lhes der uma bofetada na bochecha direita, lhe apresentem Isto esquerda significa que não lhe façam tomar-se sequer a moléstia de lhes buscar a outra bochecha: façam vós. Jesus diz: "Se alguém vier a te vencer, te deixe vencer. Se te derrubar uma vez, cai você duas vezes". E Jesus diz: "Se um homem te tirar o manto, lhe dê também sua camisa". por que? Porque é possível que ao homem lhe dê vergonha te tirar também a camisa. E Jesus diz: "Se alguém te pedir que leve nas costas sua carga uma milha, ao final da milha te ofereça a levá-la mais longe".

O que significa isto? Significa que aceitando totalmente as circunstâncias da vida, tais como a insegurança, o fracasso, a derrota e, ao final, a morte, vencemo-las a todas. Do contrário, estas circunstâncias não conduzem a nenhuma parte, salvo à morte. Em último extremo, a morte é nossa derrota total. Até depois das derrotas maiores sobrevivem; apesar de estar derrotados, seguimos existindo. Mas a morte nos aniquila por completo.

A morte é a maior das derrotas; por isso queremos matar a nossos inimigos: não há outro motivo. A morte é a derrota definitiva; depois dela, o inimigo não tem nenhuma possibilidade de vencer nunca mais. O impulso de matar ao inimigo procede de nosso desejo de lhe infligir a derrota definitiva. depois da morte já não pode ficar vencedor, pois já não existe.

A morte é a derrota final, e todos queremos fugir dela. E recordem também que a pessoa que tenta fugir de sua própria morte procurará produzir a morte a outros. quanto mais consegue matar a outros, mais vivo se sentirá ele. Por isso, a causa de toda a violência do mundo é completamente diferente da que está acostumado a acreditar a gente. A causa desta violência não são as diferenças de idéias das pessoas (que uns não queiram beber água sem filtrar ou que outros comam depois de pôr-do-sol); não, não é nada disto.

A causa fundamental da violência é que o homem mata a outros para esquecer-se de sua própria morte. Quando mata a outros, acredita que ninguém pode matá-lo a ele, pois ele tem o poder de matar. Hitler, Genghis Kan e outros como eles mataram a milhões de pessoas para poder dizer-se a si mesmos: "Ninguém pode me matar, pois eu Mato a milhões de pessoas". Tentamos nos liberar de nossa própria morte, tentamos confirmar nossa independência a apóie de matar a outros. Supomos que, dado que nós somos capazes de matar a gente, quem poderá nos matar a nós?

No mais fundo, isto é fugir a morte. No mais fundo, a pessoa violenta foge da morte. E o que quer salvar-se a si mesmo da morte nunca pode ser não violento. Só o que declara: "Aceito a morte, pois a morte é uma das circunstâncias da vida, é uma realidade", pode ser uma pessoa não violenta. Ninguém pode negar a morte. Onde nos esconderemos dela? Onde nos refugiaremos?

O sol começa a ficar assim que sai. O pôr-do-sol é tão real como a saída do sol; só se diferenciam no sentido. No ocaso, o sol chega exatamente ao ponto onde estava à alvorada, mas à alvorada estava no este, enquanto que no ocaso está no oeste. O nascimento está a um lado, a morte está ao outro. O que sobe por um lado desce pelo outro. O orto e o ocaso estão unidos; em realidade, o ocaso está oculto no orto. A morte está oculta no nascimento. Ninguém que saiba isto pode negar o de nenhum modo. Quando sabe, aceita-o tudo. Então vive esta verdade. Conhece-a, vê-a e a aceita.

Com a aceitação chega a transformação. Quando eu falo de vencer à morte, quero dizer que assim que uma pessoa aceita a morte ri, porque chegou ou seja que a morte não existe. Só se forma e se desfaz o envoltório externo. O mar sempre existiu; só a onda cobrou forma e se desintegrou depois. A beleza sempre esteve presente; as flores apareceram e se murcharam. A luz sempre brilhou; o sol saiu e ficou. E o que brilhava com a saída do sol e com sua posta sempre estava presente, antes do orto e depois do ocaso. Mas só chegaremos a ver isto quando tivermos visto a morte, quando tivermos tido a visão da morte, quando nos tivermos encontrado com a morte, quando nos tivermos encontrado a morte cara a cara: nunca antes.

Assim, nosso amigo nos pergunta: "por que pensar na morte? por que não nos esquecer dela? por que não nos limitar a viver?" Eu queria lhe dizer que ninguém viveu esquecendo a morte, nem ninguém pôde viver assim. E o que despreza a morte também despreza a vida.

É como se tivesse na mão uma moeda e dissesse: "por que me preocupar da outra cara da moeda? por que não me limitar a esquecê-la?" Se eu renunciar à cruz da moeda, também perco a cara, pois ambas compõem as duas caras da mesma moeda. Não é possível ficar uma cara da moeda e atirar a outra à rua. Como seria possível? Se ficar uma cara, ficarei automaticamente com a outra. Se tiro uma cara, atirarei ambas as caras; se ficar uma, ficarei as duas. Em realidade, ambas as som dois aspectos de uma mesma coisa. O nascimento e a morte são dois aspectos de uma mesma vida. O dia que alguém se dá conta disto, não só perde seu aguilhão a morte, mas também também desaparece a idéia de não morrer. Então chega ou seja um que o nascimento está ali e que também está ali a morte. Ambas compõem a felicidade.

Todas as manhãs nos levantamos e vamos trabalhar. Uns vão cavar sarjetas... A gente faz trabalhos diferentes; alguns suam todo o dia. Levantar-se pela manhã é agradável, mas acaso não é igualmente agradável dormir de noite? Se uns loucos ficassem a convencer às pessoas de que não dormisse de noite, então a gente tampouco

se levantaria pela manhã, pois a pessoa que não dormisse tampouco seria capaz de despertar pela manhã. Toda a vida se deteria. Alguém poderia ter medo a deitar-se, afirmando: "Despertar pela manhã é tão agradável que é melhor ficar dormido, para não danificar o encanto de despertar". Mas sabemos que isto é ridículo: dormir é a outra cara da moeda do despertar.

que dorme bem despertará bem. que se acordada bem dormirá bem. que vive bem morrerá bem. que morre bem dará bons passos em sua vida futura. que não morre bem não viverá bem. que não vive bem não morrerá bem. Será um desastre; tudo se voltará feio e distorcido. O medo à morte é responsável pela aparição da fealdade e da distorção.

Se a alguém o dominasse o medo a ficar dormido, a vida lhe faria difícil. Uma vez um homem me trouxe para sua mãe, uma senhora anciã. Disse-me que a sua mãe dava muito medo ficar dormida. Eu lhe perguntei:

-A que se deve isto?

-Tem cansado doente recentemente –me disse ele-, e acredita que pode morrer enquanto dorme. Tem medo de não voltar-se para despertar se ficar dormida, e por isso tenta acontecer toda a noite acordada. Temos um grave problema. Não se recupera de sua enfermidade porque não dorme de noite, pelo medo a morrer e não voltar-se para despertar. Rogo-te que faça algo para liberar a deste medo; do contrário, o problema é grave.

Em certo modo, dormir é como morrer todos os dias. Estamos vivos todo o dia; estamos mortos toda a noite. Isto é como morrer por partes, como morrer um pouco cada dia. Inundamo-nos em nosso interior de noite e saímos afrescos pela manhã. Quando chegamos aos setenta ou aos oitenta anos de idade, o corpo está desgastado. Então toma a morte. E com ela, o corpo experimenta uma mudança completa. Mas temos muito medo à morte, embora não é mais que um sonho profundo.

Sabem que o corpo sofre uma mudança todas as noites e que fica diferente todas as manhãs? A mudança é tão mínimo que vós não o advertem. A mudança não é total; é uma transformação parcial. Quando lhes deitam de noite, cansados e esgotados, seu corpo está em um estado determinado, e quando despertam pela manhã está em um estado diferente. Pela manhã, o corpo se sente fresco e rejuvenescido; está cheio de energia, disposto a enfrentar-se com as atividades de um novo dia. Agora lhes sentem capazes de cantar canções novas, coisa que não podia fazer a noite anterior. Então estavam cansados, quebrados, esgotados. Mas nunca lhes perguntastes por que há tanto medo à morte.

Quando despertam pela manhã lhes sentem contentes, porque no sonho só troca uma parte de seu corpo; mas a morte, por sua parte, produz uma mudança completa. Todo o corpo se volta inútil e surge a necessidade de adquirir um corpo novo. Mas temos medo à morte, e por isso toda nossa vida se ficou completamente paralisada. Todos os momentos estão cheios do medo à morte. Por causa deste medo, criamo-nos uma vida, uma sociedade, uma família que tem um mínimo de vida e um máximo de medo à morte. E o temente à morte não pode viver nunca: ambas as coisas não podem produzir-se de uma vez. Só a pessoa que está preparada para encontrar-se com a morte de uma maneira absolutamente espontânea está preparada também para viver. A vida e a morte são dois aspectos de um mesmo fenômeno. Por isso eu lhes digo: olhem a morte. Não lhes peço que pensem na morte, pois esta maneira de pensar lhes confundirá. O que farão se lhes põem a pensar na morte?

A uma pessoa doente e desgraçada pode lhe resultar grato pensar que tudo termina com a morte. Este pensamento lhe resulta grato ao homem, mas não por isso é certo. Recordem: não criam nunca que o que lhes parece agradável é necessariamente certo, porque o que lhes parece agradável não depende da verdade, depende do que vós considerem conveniente. À pessoa desgraçada, cheia de problemas, doente e dolorida lhe parece que deveria encontrar-se com a morte total, que não deveria deixar nada detrás de si; pois se sobreviver alguma parte dele, isso significaria, evidentemente, que sobreviveria ele; ele, a pessoa desgraçada e doente.

Um amigo perguntou: Algumas pessoas se suicida. O que pode dizer delas? Não têm medo à morte estas pessoas?

T

AMBIÉN TÊM MEDO À MORTE. Mas têm mais medo à vida que à morte. A vida lhes parece mais dolorosa que a morte; por isso querem terminá-la. O fato de que ponham fim a suas vidas não significa que encontrem nenhum gozo na morte; mas, como a vida lhes parece pior que a morte, preferem a morte. que é desgraçado, que está cheio de dores, acreditará-se de boa vontade que a morte o leva tudo (inclusive a alma), que a morte não deixa nada detrás de si. Evidentemente, não quer salvar nenhuma parte de si mesmo, pois em tal caso não salvaria mais que sua desgraça e sua dor.

que tem medo à morte e quer salvar-se, aceita de boa vontade a fé na imortalidade da alma. Todas estas coisas são conveniências; não fazem nada mais que demonstrar o que nos interessam nossas conveniências. Aceitar estas coisas nos resulta cômodo, isso é tudo. Por isso trocamos de crenças muitas vezes. A pessoa que era atéia em sua juventude se converte em teísta em seu vexe. Em realidade, a verdade é que as crenças trocam com os dores de cabeça.

Quando não nos dói a cabeça, temos um conjunto de crenças; quando nos dói a cabeça, trocamos estas por outro conjunto de crenças. É difícil determinar em que medida afetam as escrituras a seu sistema de crenças e em que medida os afeta seu fígado! "Não podemos saber se os afeta mais o gurú ou o fígado" Quando o estômago está revoltado, a pessoa tende a voltar-se atéia, e quando o estômago está bem tende a acreditar em Deus! Como pode acreditar uma pessoa que existe Deus quanto tem dor de cabeça? Se existir Deus e também existe a dor de cabeça, como conciliar a ambos?

Podemos fazer um experimento. Tomamos a cinqüenta homem aos que fazemos contrair enfermidades crônicas, e deixamos a outros cinqüenta com boa saúde. Fazemos que os cinqüenta primeiros vivam sumidos na desgraça e que os outros cinqüenta tenham felizes vidas. Descobrirão que o ateísmo aumentará no primeiro grupo e que o teísmo aumentará no segundo grupo. Não se trata de que acreditar em Deus provoque a felicidade: é que a mentalidade da pessoa desgraçada se volta atéia indevidamente. Recordem, pois, que se virem que aumenta o ateísmo pelo mundo, saberão que estará aumentando também a desgraça. Se virem que cada vez há mais gente que acredita em Deus, saberão que cada vez há mais gente feliz.

Digo-lhes, pois, que é muito provável que nos próximos cinqüenta anos a Rússia se volte teísta e a Índia se volte mais atéia ainda. As crenças não significam nada. Na Rússia, a gente lê ao Marx, enquanto na Índia lemos a Mahavira: isto não troca as coisas. As obras da Mahavira e as do Marx não estabelecem a menor diferença. Se as gente se fizessem cada vez mais felizes na Rússia, então nos próximos cinqüenta anos ressuscitaria o teísmo e começariam a soar os sinos nos templos russos. acenderiam-se os abajures e se cantariam as orações. Só uma mente feliz faz soar os sinos do templo, acende abajures e canta orações. A gente começaria a dar graças a Deus. Só uma mente feliz quer dar as graças a alguém, e a quem vai dar se as a não ser a Deus? Quando o homem não encontra motivos da presença de sua felicidade interior, agradece ao desconhecido, pois a isso tem que dever-se.

A mente infeliz quer expressar sua ira. E quando a pessoa não encontra nenhuma causa para sua infelicidade, com quem tem que zangar-se? Evidentemente, se cheia de ressentimento para o desconhecido. diz-se: "Todo este embrulho é culpa desse desconhecido, é culpa de Deus. Ou não existe ou se tornou louco".

O que estou dizendo é que nosso teísmo e nosso ateísmo, nossas crenças, são o resultado do que mais convém a nossa situação.

que quer fugir da morte se aferra, indevidamente, a alguma crença. Do mesmo modo, que quer morrer também se aferrará a alguma crença. Mas nenhum dos dois tem o desejo, o anseia de conhecer a morte. Existe uma grande diferença entre as conveniências e a verdade. Nunca pensem muito em suas conveniências. O pensamento sempre se refere às conveniências. A visão é sempre da verdade; o pensamento sempre se refere às conveniências.

Um homem é comunista. Faz muito ruído: tem que haver uma revolução; os pobres têm que deixar de ser pobres; terá que repartir a propriedade, etcétera. Mas lhe dêem um carro, uma casa grande e uma moça formosa para que se case com ela, e em

quinze dias verão um homem diferente. Ouvirão-lhe dizer: "O comunismo e todo o resto tolices!" O que passou a este homem? Suas conveniências conformaram sua maneira de pensar.

O outro dia lhe convinha pensar que terei que repartir a propriedade; agora não lhe convém pensar que terei que repartir a propriedade. Agora, a partilha da propriedade suporia repartir seu carro, repartir sua casa.

O homem que não tem uma mulher formosa bem pode dizer que também terá que socializar às mulheres. por que têm que ter alguns homens o monopólio das mulheres formosas? As mulheres devem pertencer a todos. Há pessoas que pensam assim. Neste mundo há pessoas que afirmam: "Hoje, a propriedade; amanhã, as mulheres". E isso não tem nada de estranho, porque vós já tratam às mulheres como se fossem de sua propriedade.

Se alguém disser: "Não está bem que uma pessoa vida em uma casa grande e outra em um barraco", então o que tem de estranho perguntar-se por que tem que ter um homem uma mulher bonita e outro não tê-la, já que a partilha deve ser igualitário? Estes são sinais de perigo. Estas perguntas têm que sair a reluzir cedo ou tarde. O dia que se reparta a propriedade, é seguro que saia a reluzir a questão de compartilhar às mulheres. Mas o homem que tem uma mulher formosa protestará, sem dúvida. Dirá: "como é possível? Que tolices dizem? Tudo isto é um engano!".

assim, as conveniências conformam nossa maneira de pensar, nossos pensamentos se formam pelas conveniências. Todos nossos pensamentos fomentam e alimentam nossas conveniências ou eliminam o que não nos convém. A visão é outra coisa. A visão não tem nada que ver com as conveniências. Recordem, pois, que a visão é um tapascharya, um compromisso pessoal profundo com o conhecimento da verdade. Tapascharya significa que a um não importam as conveniências; pelo contrário, a gente tem que conhecer o que é, seja como for.

De modo que não terá que pensar no fato da morte, a não ser vê-lo. Pensarão segundo suas conveniências; suas conveniências determinam sua maneira de pensar. Não é uma questão de conveniências. Temos que conhecer o que é a morte, temos que vê-la tal como é. Suas conveniências e inconveniências não trocam nada. O que é, seja o que seja, produz-se uma transformação em sua vida, porque não há morte. Só criem em sua existência enquanto não a conhecestes. A experiência da ignorância é a morte; a experiência da consciência é a imortalidade.

C

OMENTAREMOS ALGUMAS PERGUNTA mais na sessão vespertina. Agora nos sentaremos para praticar a meditação da manhã. A meditação representa uma morte. A meditação representa entrar no que é, aonde estamos. portanto, só entramos na meditação quando estamos preparados para morrer, e não de outro modo.

Sentem-se a certa distância uns de outros. Sentem-se deixando certo espaço a seu redor. Os que queiram deitar-se, podem fazê-lo ao princípio. E se alguém quer deitar-se durante a experiência, deve fazê-lo. E sentem-se a certa distância uns de outros para que ninguém lhes caia em cima se alguém se deitar ou cai.

Fechem os olhos... deixem relaxados os olhos e fechem as pálpebras... deixem os olhos relaxados e fechem as pálpebras. Relaxem o corpo... relaxem o corpo... relaxem o corpo... Deixem o corpo completamente depravado, como se não houvesse vida nele. Um dia, a vida lhes deixará: sintam soltando-a agora. Um dia, a vida, deixará-lhes por completo; embora queiram conservá-la, não ficará. Levem, pois, essa mesma vida muito dentro... peçam à vida que se retire muito dentro e deixem o corpo depravado.

Sigam relaxando o corpo por completo. Agora lhes farei algumas sugestões e vós as sentirão comigo. O corpo se está relaxando... sinta, o corpo se está relaxando... o corpo se está relaxando... o corpo se está relaxando. Sigam soltando-o, sintam que o corpo se está relaxando... o corpo se está relaxando... o corpo se está relaxando. O corpo segue relaxando-se... segue morrendo... segue morrendo. Seguimos nos deslizando dentro, ali onde está a vida. Soltem... soltem... soltem a onda, sede uns com o mar. Soltem o corpo completamente, deixem cair se quiser, não lhes preocupem com ele. Não o evitem... não mantenham nenhuma sujeição sobre ele... soltem...

Olhem com atenção este vazio... dentro de vós, olhem esse vazio. dentro desse mesmo vazio se desdobrará um grande espectro de felicidade... uma grande luz de felicidade encherá esse mesmo vazio. Pode surgir uma catarata, e só fluirá por toda parte felicidade, que lhes alaga por completo, todas suas fibras, todas suas partículas. Olhem com atenção esse vazio... e assim como se abre uma flor quando sai o sol, do mesmo modo brota a corrente de felicidade quando olham o vazio interior. Só impera a felicidade em tudo, por toda parte. Olhem... olhem dentro... deixem que broto essa corrente... olhem dentro... como se emanasse uma fonte de felicidade e a felicidade o alagasse tudo.

Agora, respirar fundo, devagar, várias vezes. Parecerá-lhes que a respiração está longe. Respirem fundo, devagar... sigam observando a respiração. A mente se acalmará ainda mais. Respirem fundo, devagar, várias vezes... respirem fundo, devagar, várias vezes... mais ainda mais... a mente se acalmará ainda mais. Depois, abram os olhos devagar... abram os olhos devagar... voltem da meditação.

Os que estão deitados ou têm cansado, respirem fundo, devagar... depois, abram os olhos... e lhes levante muito devagar e com cuidado.

CAPÍTULO 7

Eu ensino a vida Pela morte

Ou

N AMIGO PERGUNTOU: Está ensinando às pessoas a morrer? Está ensinando a morte? Deveria ensinar, mas bem, a vida.

T

IENE RAZÃO: em efeito, estou ensinando às pessoas a morrer. Estou ensinando a arte de morrer, porque o que aprende a arte de morrer também se converte em um perito na arte de viver. que acessa a morrer faz digno de viver a vida suprema. Só os que aprenderam a suprimir-se a si mesmos chegam também ou seja ser.

Podem parecer coisas opostas, porque temos suposto que a vida e a morte se opõem entre si, que são coisas contraditórias; mas não o são. estabelecemos entre ambas uma falsa contradição que produziu uns resultados nefastos. É possível que nada tenha feito tanto machuco à raça humana como esta contradição, e esta contradição se estendeu a muitos níveis de nossas vidas. Se tomarmos coisas que são, em essência, umas, e as dividimos em partes independentes (e não só independentes, mas também contraditórias), o resultado final só pode ser a criação de um homem esquizofrênico, louco.

Suponhamos que há um lugar onde vivem gente loucas. Surgiriam grandes dificuldades se essas gente acreditassem que o frio e o calor eram coisas não só independentes entre si, mas também contraditórias, pela singela razão de que o frio e o calor não são contraditórios, mas sim são graus diferentes de medir uma mesma coisa. Nosso conhecimento do frio e do calor não é absoluto, é muito relativo. Isto ficará claro com um pequeno experimento.

Sempre nos encontramos coisas quentes e coisas frias. Vemos também que o que está quente está quente, e que o que está frio está frio: não acreditam que uma mesma coisa possa estar quente e fria ao mesmo tempo. Agora bem: quando voltarem a suas casas, realizem um pequeno experimento. Tomem um recipiente com água quente,

outro recipiente com água fria e outro recipiente com água a temperatura ambiente. Coloquem uma mão na água quente e a outra na água fria. Depois, tirem ambas as mãos e as coloquem na água que está a temperatura ambiente. Uma mão sentirá que a água está fria e a outra sentirá que essa mesma água está quente. Está fria ou está quente? Uma mão dirá está quente, a outra dirá que está fria. Então, qual é o verdadeiro estado da água? Se uma mão sentir que a água está quente e a outra sente ao mesmo tempo que está fria, então teremos que nos dar conta de que a água não está nem fria nem quente: a sensação que produz de calor ou de frio depende de nossas mãos.

O calor e o frio são graus de uma mesma coisa; não são coisas diferentes. A diferença entre ambos é uma questão de quantidade, não de qualidade.

pensastes alguma vez na diferença entre a infância e a velhice? Estamos acostumados a pensar que são coisas opostas: a infância por um lado, a velhice por outro lado. Mas no que se diferencia, em realidade, a infância da velhice? A única diferença é uma questão de anos, a única diferença é uma questão de dias; a diferença não é qualitativa, só é quantitativa.

Pensemos, por exemplo, em um menino de cinco anos. Podemos chamá-lo “um velho de cinco anos”. O que teria de mau? Se dissermos “um menino de cinco anos” é só por um costume da língua. Se quisermos, podemos dizer (como se faz em inglês) que é “cinco anos velho” (five years old), o que também pode significar que é “um velho de cinco anos”. Um homem é um velho de setenta anos, enquanto que outro é cinco anos velho. Que diferença há? Se quisermos, podemos dizer que o homem de setenta anos é um menino de setenta anos: ao fim e ao cabo, o menino cresce até fazer-se velho. Mas quando observamos estas coisas por separado, parecem duas coisas contraditórias. Parece que a infância e a velhice são coisas opostas entre si. Mas, se fossem, o menino não poderia fazer-se velho alguma vez. Como poderia? Como podem duas coisas contrárias ser uma mesma? Viram alguma vez o dia ou a noite em que o menino se convertia em um velho? Podem assinalar sobre o calendário que em tal dia este homem era um menino e que em tal outro dia se converteu em velho?

Em realidade, o problema é... Por exemplo, há uns degraus que levam a terraço. Vêem os degraus inferiores e vêem os degraus superiores, mas possivelmente não vejam os degraus intermédios. Pode lhes parecer que os degraus inferiores e os superiores são independentes, que estão apartados uns de outros. Mas o que é capaz de ver toda a escada negará tal distinção. Dirá: “A diferença entre os degraus do fundo e os degraus superiores só é aparente, pela existência dos degraus intermédios. O degrau do fundo está conectado com o degrau superior”.

A diferença entre o inferno e o céu não é uma questão de qualidade: a única diferença é de quantidade. Não criam que o inferno e o céu são coisas contrárias, diametralmente opostas entre si. A diferença entre o inferno e o céu é quão mesma entre o frio e o calor, entre o degrau inferior e o superior, entre o menino e o velho.

Existe uma diferença do mesmo tipo entre o nascimento e a morte; de outra maneira, que nascesse nunca poderia morrer. Se o nascimento e a morte fossem coisas opostas, como poderia terminar na morte o nascimento? Só podemos chegar até o ponto que nos é inerente. O nascimento se desenvolve até chegar à morte. Isto significa que o nascimento e a morte são dois extremos de uma mesma coisa. Semeamos uma semente: esta se desenvolve até converter-se em planta, e depois se converte em flor. acreditastes alguma vez que existia uma oposição entre a semente e a flor? A flor se desenvolve da própria semente, que se converte em flor. O desenvolvimento é inerente à semente.

O nascimento se converte em morte. Só Deus sabe por que necedad e em que época desafortunada se fixou na mente humana a idéia de que o nascimento e a morte são duas coisas independentes. Queremos viver; não queremos morrer, mas não sabemos que a morte forma parte da vida. Quando chegamos à conclusão de que não queremos morrer, desde esse mesmo momento é seguro que nossas vidas estarão cheias de problemas e de dificuldades.

Toda a humanidade se tornou esquizofrênica. A mente do homem se desagregou em partes, em fragmentos; e isto se deve a um motivo. Temos suposto que a totalidade da vida está dividida em partes, e enfrentamos entre si a estas partes. O homem é o mesmo, mas nós criamos divisões dentro dele e decidimos, além disso, que estas

divisões se opõem entre si. Fizemos isto em todas as esferas. Dizemos a uma pessoa: "Não tenha ira; aprende a perdoar", sem nos dar conta de que a diferença entre a ira e o perdão também é uma questão de graus, como a diferença entre o frio e o calor, entre a infância e a velhice. Podemos dizer que a ira, reduzida a seu nível mais baixo é o perdão: não existe uma dicotomia entre ambos. Mas os antigos preceitos da humanidade nos ensinam: "Libra lhe da ira e pratica o perdão", como se a ira e o perdão fossem umas coisas tão diferentes que fora possível deixar a ira e conservar o perdão. A única conseqüência que pode ter tal coisa é dividir ao homem em fragmentos e lhe produzir problemas.

Todos nossos antigos sistemas de crenças dizem que a sexualidade e o brahmacharya, a castidade, opõem-se entre si. Nada pode estar mais equivocado que isto. O brahmacharya é o nível mais desço da sexualidade. A sexualidade, diminuída, reduzida, é o brahmacharya. A distância entre os duas não é uma questão de inimizade nem de contradição. Recordem: neste mundo não existe absolutamente a contradição. Em realidade, não pode existir nunca a contradição no mundo; pois, se existisse, não haveria maneira possível de unificar os opostos. Se o nascimento e a morte fossem entidades independentes, o nascimento seguiria seu próprio curso e a morte seguiria o seu: não se encontrariam em nenhum ponto. Assim como duas linhas paralelas não se encontram em nenhuma parte, tampouco se encontrariam nunca o nascimento e a morte.

O nascimento e a morte estão entrelaçados, são dois extremos de um processo ininterrupto. O que quero dizer quando digo isto é que se quisermos que o homem se salve da loucura em um futuro próximo, teremos que aceitar a vida em sua totalidade. Já não podemos nos permitir criar divisões e enfrentar entre si as partes.

É muito estranho que o que diz: "A sexualidade se opõe ao brahmacharya; portanto, nos liberemos da sexualidade" acabe por destruir-se a si mesmo em seus intentos de liberar-se da sexualidade. Esta pessoa não poderá alcançar nunca o brahmacharya. Enquanto se esforça por eliminar de sua vida a sexualidade, sua mente permanecerá fixada unicamente na sexualidade: não poderá alcançar o brahmacharya nunca, de maneira nenhuma. Sua mente estará submetida para sempre a uma grande tensão e agitação: isso mesmo será sua morte. Sua vida lhe resultará uma carga muito pesada. Voltará-se pesado e não será capaz de viver absolutamente, nem sequer um momento. Terá um grande problema.

Se o olharem deste modo (e esta é a realidade), então o que lhes digo é que a sexualidade e o brahmacharya estão relacionados entre si, do mesmo modo que o estão os degraus inferiores e os superiores. Quando o homem sobe pela escala da sexualidade, chega ao brahmacharya. O brahmacharya não é mais que a sexualidade reduzida a seu grau mais baixo. A pessoa chega a um ponto onde quase sente que todo se ficou vazio: chega ao fim último. portanto, não há contradições na vida, não há tensões. Em tal caso, não há inquietação na vida. assim podemos viver uma vida natural.

Estou falando do modo de viver uma vida muito natural, em todos os aspectos. Não vivemos de maneira natural a nenhum nível, pois aprendemos os modos de vida antinaturais. Se dissessem a uma pessoa: "Só deve caminhar com o pé esquerdo, porque o pé esquerdo representa a religião, o correto. Não caminhe com o pé direito, porque o pé direito representa o incorreto..." Se a pessoa se acreditasse isto... e há muitas pessoas que acreditariam, sempre se encontraram pessoas dispostas a acreditar em idéias tão estúpidas. Então lhes encontraria com pessoas que aceitariam que caminhar com o pé esquerdo é correto e que caminhar com o pé esquerdo é incorreto. Em seguida começariam a cortar o pé direito e a tentar caminhar com o pé esquerdo. Não poderiam caminhar.

Só podemos caminhar pelo movimento mistura de ambas as pernas. A perna não caminha nunca sozinha, por si mesmo, embora só adiantamos uma perna cada vez. Quando caminham, só levantam uma perna cada vez, o que pode produzir a falsa impressão de que só caminham com um pé. Mas não esqueçam que o que está quieto, que está em repouso, é tão importante como o que se move. O dia que a pessoa alcança o brahmacharya, a sexualidade em repouso desempenha um papel importante nesse lucro, do mesmo modo que a perna direita estática desempenha um papel

importante no movimento para diante da perna esquerda. A perna esquerda seria incapaz de mover-se sem a ajuda da direita.

A sexualidade que se ficou em repouso se converte no ponto de apoio para o surgimento do brahmacharya quando a sexualidade deixou que mover-se. Se se arrancar o ponto de apoio da sexualidade, se se romper, conseguirá-se sem dúvida suprimir a sexualidade, mas isso não servirá para alcançar o brahmacharya. Pelo contrário, a pessoa ficará suspensa no limbo, do mesmo modo que tudo os antigos ensinamentos deixaram à humanidade suspensa no limbo. O que vemos no nosso redor não é mais que o movimento do passo com a perna esquerda e com a direita, do pé esquerdo e do direito.

Na vida tudo está integrado. A diversidade aparente é como as notas de uma grande sinfonia. Se eliminarmos algo, encontrarão-lhes em dificuldades. Alguém pode dizer que a cor negra representa o mal. Por isso ninguém pode ir vestido de negro em umas bodas: pode ir de negro quando morreu alguém. Há pessoas que acreditam que o negro é um signo do mal, e há pessoas que acreditam que o branco é um signo de pureza. Não é mau estabelecer tais diferenças em um sentido simbólico; mas se alguém dissesse: “nos liberemos do negro; eliminemos o negro da superfície da Terra”, então, recordem: ficaria muito pouco branco, pois a brancura do branco só destaca com toda sua nitidez sobre um fundo negro.

O professor escreve com giz branco em uma pizarra negra. Está louco? por que não escreve em uma parede branca? Naturalmente, podemos escrever em uma parede branca, mas as letras não destacariam. O branco se manifesta pelo fundo negro; em realidade, o negro está fazendo que destaque o branco. Recordem: o branco do homem que recomenda a inimizade com o negro se voltará indevidamente apagado, insípido.

Quando alguém recomenda não manifestar a ira, seu perdão será impotente. A força do perdão se encontra na ira; só o que pode ter ira tem a capacidade de perdoar. Quanto mais feroz seja a ira, maior será a grandeza de ânimo do perdão. Em ausência da ira, o perdão parecerá completamente esvaído, absolutamente carente de vida, morto.

Se se destruir a sexualidade de uma pessoa (e existem médios para destruir a sexualidade), então, recordem: assim não se converterá em um brahmacharya, em uma pessoa casta; converterá-se, simplesmente, em uma pessoa impotente. E existe uma diferença fundamental entre ambas as coisas. Existem médios para eliminar a sexualidade, mas a pessoa não pode converter-se em um brahmacharya a apóie de eliminar o sexo: assim só pode voltar-se impotente. Transformando o sexo, aceitando-o, dirigindo sua energia para um nível superior, podemos alcançar sem dúvida o brahmacharya. Mas recordem que o brilho que vêem nos olhos de um brahmachari, de uma pessoa casta, é o brilho da energia sexual mesma. A energia é a mesma, mas se transformou.

O que quero dizer é que as coisas que chamamos opostas não são opostas: a vida se rege por uma ordem muito misteriosa. Devem ter visto um montão de tijolos ante uma casa em construção. Todos os tijolos são iguais. Mas quando o arquiteto, o construtor, constrói um arco para pôr uma porta na casa, dispõe os tijolos estabelecendo uma oposição. Os tijolos são iguais, mas ao construir o arco os dispõe opondo-os uns aos outros para que se sustentem entre si. Não poderia construir o arco se começasse a construir em um extremo para chegar ao outro: o arco cairia imediatamente.

Os tijolos que se apóiam só em um lado do arco não têm força; não se encontram com uma resistência que os sustente. Sempre que se produz uma resistência, cria-se uma força. Toda força surge da oposição; toda energia se produz a partir da resistência. Na vida, a criação da energia, da potência, apóia-se no princípio da polaridade. Todos os tijolos são iguais, mas se dispõem um a um estabelecendo uma oposição.

Deus, divino arquiteto da vida, é muito inteligente. Sabe que a vida se esfriaria imediatamente, dissolveria-se em seguida, se os tijolos não se dispõem estabelecendo uma oposição entre uns e outros. Por isso dispõe a ira frente ao perdão, a sexualidade frente ao brahmacharya, e assim se cria uma energia, pela resistência presente entre os términos. E essa energia é a vida. dispõe os tijolos do nascimento e da morte juntos, um frente ao outro, e assim se cria uma porta de acesso à vida que passa por meio de ambos. Há pessoas que dizem: “Só aceitaremos o tijolo da vida; não aceitaremos o tijolo da morte”. Está bem. Como querem. Mas se não aceitarem a morte, morrerão

nesse mesmo instante, porque então todos os tijolos que ficam serão iguais. Só ficarão os tijolos da vida, e se derrubarão imediatamente.

Este engano se repetiu muitas vezes, e, por isso, o homem padeceu e esteve angustiado há dez mil anos. empenha-se em colocar todos os tijolos por um lado; não quer tijolos no lado oposto. "Eliminem a polaridade", diz. "Se acreditarem em Deus, então não acreditaremos em nada mais. Então não acreditaremos no samsara, no mundo terrestre. Se houver Deus, então não há samsara; então não podemos aceitar não o mundo temporário. Não podemos estar na praça do mercado, não podemos nos ocupar de nossos negócios; como acreditam em Deus, faremo-nos monges e viveremos no bosque".

O homem que diz isto quereria criar seu mundo com os tijolos de Deus. Imaginam as conseqüências que teria que, por engano, as pessoas seculares se voltassem loucas e se fizessem monges? Desde aquele mesmo dia, as coisas não avançariam nem um centímetro; desde aquele mesmo dia o mundo ficaria em ruínas.

Em realidade, o homem que se fez monge não tem idéia de que está sobrevivendo, de que seu pé esquerdo avança porque alguém, um secular, leva uma loja ali no mercado. Um pé está situado ali; por isso tem liberdade de movimento o monge. O fôlego vital mesmo do monge procede do secular. O monge se faz a ilusão de que vive por si mesmo, mas a realidade é que se alimenta exclusivamente do mundo temporário. Mas ele segue insultando ao secular, segue dizendo: "Renuncia ao mundo e te faça monge". Não se dá conta de que assim se produziria uma situação de suicídio universal, uma situação da que nem sequer ele poderia livrar-se: também ele morreria. Pensa em utilizar tijolos que estariam todos dispostos de um mesmo lado.

Também há pessoas que dizem o contrário. Dizem: "Não há Deus; só existe este mundo, e nada mais. Só acreditam na matéria". E, como só acreditam na matéria, também eles tentam criar um mundo próprio. Também eles chegaram a aquele lugar onde se produziria o suicídio universal. Pois se só existe a matéria e não há Deus, então desaparece tudo o que dá sabor à vida, o que dá encanto à vida, o que dá movimento à vida, o que nos anima a nos levantar.

Se acreditássemos que não há Deus, que não existe mais que a matéria, o que significado teria a vida? Então a vida se volta completamente inútil. Por isso há no Ocidente pessoas como Alfiate, Camus, Kafka e outros que falam muito do absurdo. Hoje em dia, todos os filósofos ocidentais dizem ao unísono que a vida é absurda. O que disse uma vez Shakespeare se tornou relevante de repente, e os pensadores ocidentais o estão repetindo no contexto da vida mesma: "Um conto contado por um louco, cheio de ruído e fúria, que não significa nada". Não pode haver nenhum significado, nenhum sentido, porque só juntastes tijolos de matéria, de nada mais que matéria. É normal que desapareça completamente o significado. Assim como o mundo perderia seu significado se só houvesse monges, também se perderia o significado se só houvesse seculares.

É interessante ver que o secular sobrevive graças ao asceta e que o asceta sobrevive graças ao secular, do mesmo modo que o pé esquerdo depende do pé direito e o pé direito depende do pé esquerdo. Esta dependência parece com primeira vista uma contradição, mas a um nível mais profundo não o é. Ambos os pés formam parte de um mesmo ser; alguém o mantém situado, o outro o faz mover-se.

Ninguém pode conhecer toda a verdade da vida sem ter compreendido corretamente esta contradição. A pessoa que, por sua oposição, empenha-se em lhe tirar a metade ainda não alcançou a inteligência suficiente. Podem lhe tirar a metade, certamente, mas assim que aconteça isso morrerá também a outra metade; pois, indubitavelmente, a segunda metade recebeu sua energia vital da primeira metade, e de nenhuma outra parte.

ouvi contar o seguinte: duas monges mantinham uma discussão, que podia resultar útil em um apuro. Seu amigo o outro monge estava acostumada opinar: "Para que necessitamos o dinheiro? Somos ascetas, para que necessitamos o dinheiro? Só os seculares têm dinheiro". Ambos estavam acostumados a propor diversos argumentos a favor de seus pontos de vista respectivos, e os argumentos de ambos pareciam corretos.

O maior mistério deste universo é que podemos apresentar um número igual de argumentos a favor de qualquer dos tijolos opostos que se utilizaram em sua criação, e a discussão é interminável porque ambos os tijolos se empregam por igual. Qualquer pode

dizer: "Olhem: o universo foi criado com meus tijolos", enquanto que outro pode alegar em contra do primeiro: "Não, o universo está feito com meus tijolos".

E a vida é tão vasta que poucas pessoas evoluem o suficiente para ver que toda a estrutura está formada de tijolos que se opõem. Outros só vêem os tijolos que têm ao alcance da vista. Dizem: "Tem razão: o universo foi criado pelos sannyas. Tem razão: Brahman é a fonte do universo. Tem razão, o universo é feito de atman". Outros dizem: "O universo é feito de matéria, é feito de pó, nada mais. Tudo acabará em pó: "pó é e em pó te converterá". Estas pessoas tampouco podem mostrar mais que tijolos que contemplam desde seu ponto de vista particular. Em todo este assunto não se impõe na discussão nem o teísta nem o ateu; não sai vitorioso nem o materialista nem o espiritualista. Não podem. Suas afirmações partem de uma visão dicotômica da vida.

De modo que aqueles duas monges mantinham uma viva discussão. A gente sustentava que era necessário ter dinheiro, enquanto que o outro não estava de acordo com isso. Uma tarde chegaram a um rio com muita pressa. Se fazia de noite. Um dos monges se dirigiu ao barqueiro, que já amarrava sua barco para retirar-se, e lhe disse:

-Rogo-te que não amarre ainda a barco: nos leve a outra borda do rio. faz-se de noite e devemos passar ao outro lado.

-Sinto-o –disse o barqueiro-: já terminei por hoje e agora tenho que voltar para minha aldeia. Levarei-lhes a outro lado amanhã pela manhã.

-Não –disseram os monges-, não podemos esperar até manhã. Nosso gurú, com o que vivemos, que nos ensinou tudo o que é a vida, está a ponto de morrer. Conforme dizem, não chegará a manhã. Convocou-nos. Não podemos passar aqui a noite.

-Está bem –disse o barqueiro-. Levarei-lhes a outro lado por cinco rupias.

O monge que era partidário de levar dinheiro riu e, olhando ao outro monge, disse-lhe:

-O que te parece, meu amigo? Levar dinheiro é inútil ou é útil?

O outro monge não fez mais que rir. O primeiro monge pagou cinco rupias ao barqueiro: tinha vencido. Quando chegaram à outra borda, o primeiro monge disse de novo:

-O que tem que dizer, meu amigo? Se não tivéssemos levado dinheiro, não teríamos podido cruzar o rio.

O segundo monge riu a gargalhadas. Disse:

-Se cruzarmos o rio não foi porque você levasse dinheiro, mas sim porque foi capaz de te desprender dele! Pudemos cruzar o rio, não porque você tivesse dinheiro, mas sim porque podia soltá-lo.

Assim, a discussão seguia em pé. O segundo monge acrescentou:

-Eu sempre hei dito que um monge deve ter o valor de soltar o dinheiro. Podíamos renunciar a ele: por isso pudemos cruzar o rio. Se te tivesse obstinado a ele, se não o tivesse solto, como teríamos cruzado o rio?

O problema seguia pendente. O primeiro monge riu também. Chegaram ante seu gurú. Perguntaram-lhe:

-O que podemos fazer? Esta questão se tornou muito problemática. O que aconteceu hoje ilustra muito claramente nossas diferenças. Um de nós acredita que pudemos cruzar o rio porque levávamos dinheiro em cima, e o outro acredita que pudemos cruzá-lo porque o soltamos. Mantemo-nos firmes em nossas posturas, e parece que ambos temos razão.

O gurú riu a grandes gargalhadas.

-Estão loucos os dois –disse- Estão caindo na mesma tolice em que tem cansado a humanidade há séculos.

-Que tolice é essa? –perguntaram os monges.

O gurú respondeu:

-Cada um de vós está olhando uma parte da verdade. É verdade que só puderam contratar a barco e atravessar o rio porque soltaram o dinheiro; mas também é verdade a outra parte: puderam deixar seu dinheiro porque tinha dinheiro que deixar. Naturalmente, é verdade que puderam atravessar o rio porque levava dinheiro em cima. Mas a outra parte é igualmente certa: se não tivessem levado dinheiro, não teriam podido passar. Passaram o rio porque soltaram o dinheiro. Assim, ambas as coisas são verdadeiras. Não há contradição entre ambas.

P

ERO NÓS CRIAMOS tais dicotomias a todos os níveis de nossas vidas. E o que acredita em uma das duas partes é capaz de apresentar um argumento convincente para apoiá-la. Não é difícil, pois, ao fim e ao cabo, cada pessoa conta ao menos com a metade da vida para apoiar-se. Está vivendo a metade de sua vida, o que não é pouco. É mais que suficiente para defendê-lo. Nada se poderá resolver base de discussões. Terá que investigar a vida, conhecê-la em sua totalidade.

É verdade que eu ensino a morte, mas isso não quer dizer que esteja contra a vida. O que quer dizer é que a morte é a porta de acesso ao conhecimento da vida, e também o reconhecimento da vida. O que quer dizer é que não vejo que a vida e a morte sejam opostas entre si. Posso chamá-lo "arte de morrer" ou posso chamá-lo "arte de viver": ambos os termos significam a mesma coisa. Depende de como o olhemos. Podem me perguntar: "por que não o chama "arte de viver"? Existem motivos para isso.

O primeiro é que nos apegamos à vida em extremo. E este apego se tornou muito desequilibrado. Também posso chamá-lo "arte de viver", mas não quero chamá-lo assim porque vós estão muito apegados à vida. Se lhes dissesse: "Devei aprendam a arte de viver", viria correndo porque quereria reforçar seu apego à vida. Eu o chamo "arte de morrer" para que possam recuperar seu equilíbrio. Se aprenderem a morrer, então terão ante vós a vida e a morte em condições de igualdade: converterão-se em seu pé esquerdo e em seu pé direito. Então alcançarão a vida definitiva. Em seu estado definitivo, a vida não contém nem nascimento nem morte, mas tem duas pernas, às que nós chamamos nascimento e morte.

Naturalmente, se existisse uma cidade cujos habitantes fossem uns suicidas, onde ninguém queria viver, eu não iria ali a falar da arte de morrer. Ali diria: "Aprende da arte de viver". E assim como eu lhes digo a vós: "A meditação é a porta da vida". Lhes diria: "Venham, aprendam a viver, pois enquanto não tenham aprendido a viver, não saberão morrer. Se querem morrer; deixem que lhes ensine a viver, pois quando tiverem aprendido a viver, terão aprendido também a morrer". Só então irão para mim os habitantes dessa cidade. Sua cidade é exatamente ao reverso: vós são os habitantes de uma cidade onde ninguém quer morrer, onde todos querem viver, onde a gente quer aferrar-se à vida com tanta força que a morte não lhes chegue nunca. Por isso estou obrigado a lhes falar da morte. Não é minha coisa; se o chamar "arte de morrer" é por vós. Sempre hei dito o mesmo.

Ou

NA VEZ, O BUDA CHEGOU A UM POVO. Era a madrugada, e o sol estava a ponto de aparecer pelo horizonte. Um homem lhe aproximou e lhe disse:

-Sou ateu: não acredito em Deus. Você o que opina? Existe Deus?

O Buda respondeu:

-Só Deus é. Não há nada mais que Deus em todas partes.

-Mas me haviam dito que você foi ateu! -disse o homem.

-Deveram-lhe informar mal -assegurou o Buda-.

Eu sou teísta. Agora o ouviste que minha própria boca. Sou o maior teísta que houve nunca. Deus é, e não há nada mais que Deus.

O homem ficou sob a árvore com uma sensação de desconforto. O Buda seguiu seu caminho.

Ao meio dia lhe aproximou outro homem e lhe disse:

-Sou teísta. Acredito absolutamente em Deus. Sou inimigo dos ateus. vim a te perguntar o que opina da existência de Deus.

O Buda respondeu:

-Deus? Nem o há, nem o pode haver nunca. Não existe Deus, absolutamente

O homem não dava crédito a seus ouvidos.

-O que está dizendo? –exclamou-. Ouvi dizer que tinha chegado ao povo um homem religioso e vem a lhe perguntar se existir Deus. E me responde assim?

-Eu, homem religioso? –replicou o Buda-. Eu, crente? Eu sou o maior ateu que houve nunca.

O homem ficou completamente confundido. Nós podemos compreender a confusão deste homem; mas Ananda, discípulos do Buda, estava terrivelmente intrigado, pois tinha ouvido ambas as conversações. inquietou-se muito; não entendia aquilo. o da manhã estava bem, mas pela tarde tinha surto um problema.

-O que lhe passou à a Buda? –perguntava-se Ananda- Pela manhã disse que era o major dos teístas, mas pela tarde há dito que era o major dos ateus.

Dedicou-se a interrogar à a Buda aquela noite, quando estivessem a sós. Mas aquela noite Ananda o esperava outra surpresa.

Quando caiu a noite se aproximou outra pessoa à a Buda e lhe disse que não sabia se Deus existia ou não. Aquele homem devia ser um agnóstico, uma pessoa que diz que não sabe se existir Deus ou não; que ninguém sabe e que ninguém poderia sabê-lo nunca. Disse-lhe, pois:

-Não sei se houver um Deus ou não. Você o que diz? O que crie?

O Buda respondeu:

-Se você não souber, eu tampouco sei. E seria bom que os dois guardássemos silêncio.

Quando este homem ouviu a resposta do Buda, também ele ficou confuso. Disse-lhe:

-Tinha ouvido dizer que estava iluminado; por isso acreditava que saberia.

-deveste ouvir mal –disse o Buda- Eu sou um homem absolutamente ignorante. Que conhecimento posso ter? Tentem lhes fazer cargo do que devia estar passando. Ananda. lhes ponha em seu lugar. Advertem sua dificuldade? Quando se fez de noite e todos se partiram, tocou os pés do Buda e lhe disse:

-É que quer me matar? O que faz?

-Quase morro! Nunca tinha estado tão alterado e tão inquieto como o estive hoje. O que é isso que estiveste dizendo todo o dia? Está em seu são julgamento? Está seguro de que sabe o que há dito hoje? Pela manhã há dito uma coisa, pela tarde há dito outra e de noite deste uma resposta completamente distinta à mesma pergunta.

O Buda disse:

-Essas respostas não eram para ti. Dava aquelas respostas a quem correspondia. por que as escutou? Parece-te bem ouvir o que digo a outros?

-Isto é o cúmulo! –disse Ananda-. Como podia deixar das ouvir? Eu estava presente, ali mesmo, e não tinha os tampados ouvidos! E como poderia acontecer que eu não queria te ouvir falar? eu adoro te ouvir falar, sem que me importe com quem fale.

-Mas por que está alterado? –Disse o Buda- Minhas respostas não eram para ti!

-Pode que não fossem –disse Ananda-, mas eu me encontro ante um dilema. Rogo-te que me responda agora mesmo: Qual é a verdade? por que deste três respostas diferentes?

Buda lhe explicou:

-Tinha que levá-los aos três a um ponto de equilíbrio. O homem que veio pela manhã era ateu. Sendo só ateu estava incompleto, pois a vida se compõe de términos opostos.

Tenham isto presente: a pessoa verdadeiramente religiosa é as duas coisas: atéia por uma parte e crente no divino por outra parte. Sua vida contém ambos os aspectos, mas ele harmoniza os dois términos opostos. Nessa harmonia mesma está a religião. E ao que só acredita em Deus lhe falta maturidade religiosa. Ainda não alcançou um equilíbrio em sua vida. Por isso, o Buda disse:

-Tinha que introduzir equilíbrio em sua vida. tornou-se muito pesado de um lado, e por isso eu tive que pôr algumas pedras no outro pires da balança. Além disso, também quis desestabilizá-lo, pois se tinha convencido de algum jeito de que não há Deus. Era preciso fazê-lo titubear em seu convencimento, pois o que chega a uma certeza, morre. A viagem deve prosseguir; a busca deve continuar.

que veio pela tarde era teísta. Eu tive que lhe dizer que eu era ateu porque também ele se desfocou; também ele tinha perdido o equilíbrio. A vida é um equilíbrio. que alcança este equilíbrio, alcança a verdade.

E

L MOTIVO PELO QUE LHE DIGO que devem aprender a arte de morrer é que sua vida se desfocou. Estão colocados com muita solidez na balança da vida e, por isso, tudo se converteu em pedra. A vida se solidificou; perdeu-se o equilíbrio.

Adiante: convidem também à morte. Lhe digam: "Vêem e sei você também minha convidada. Alojaremos-nos juntos". O dia em que a vida acessa a viver com a morte, transforma-se na vida suprema. O dia que damos a bem-vinda à morte, que a abraçamos, que a estreitamos contra nós, termina-se a questão! Esse dia desaparece o aguilhão da morte. O aguilhão se encontrava em nossa fuga da morte, em nosso meço a ela. Quando uma pessoa se adianta e abraça à morte, então a morte perde, a morte é vencida, porque o homem que abraça à morte, volta-se imortal. Agora, a morte não lhe pode fazer nada. O que pode lhe fazer a morte quando o homem mesmo está preparado para desaparecer?

Existem dois tipos de pessoas: às primeiras as busca a morte; as segundas procuram à morte. A morte procura os que fogem dela. E outros procuram à morte, mas esta os foge constantemente. Procuram à morte sem cessar, mas não a encontram. Que tipo de pessoa vocês gostariam de ser: a que foge da morte, ou a que a abraça? A pessoa que foge a morte seguirá derrotada; toda sua vida será a longa história de uma derrota. que abraça à morte triunfará imediatamente sobre ela; já não existirá a derrota em sua vida. Então sua vida se converte em uma viagem triunfal.

Sim: eu ensino a arte mesmo de morrer. Estou-lhes ensinando a morrer para que possam alcançar a vida. Sabem um segredo? Quando uma pessoa aprende a viver às escuras, quando aceita a escuridão absoluta, a escuridão se converte em luz para ele. Sabem que quando uma pessoa toma veneno com amor, com alegria, como se tomasse néctar, o veneno se converte em néctar para ele? Se não souberem, devem descobri-lo. Uma das verdades mais profundas da vida é que quando uma pessoa aceita o veneno com amor, o veneno deixa de ser veneno para ele: converte-se em néctar. E quando uma pessoa aceitou a escuridão mesma de todo coração, descobre com assombro que a escuridão se converteu em luz. E quando uma pessoa recebe a dor com os braços abertos. Descobre que já não há dor: para ele só fica felicidade.

Ao que aceita sua estado de agitação e aceita viver com ela lhe abrem de par em par as portas da paz e da tranqüilidade. Isto parece uma contradição. Mas recordem que o que diz que quer alcançar a paz nunca pode ter paz, porque dizer "quero alcançar a paz" é, em realidade, procurar a agitação. O homem já é inquieto de dele; mas ainda existem alguns que se criam uma nova inquietação dizendo: "Queremos ter paz".

Uma vez foi a ver-me um homem. Disse-me:

-estive no ashram da Ramana, no Pondicherry, e no ashram da Ramakrishna: todos estão cheios de hipocrisia. Ali não pude encontrar nada mais que isso. Eu procuro a paz e não a encontro em nenhuma parte. Levo dois anos viajando em sua busca. Ouvi falar de ti no Pondicherry. De ali vim diretamente a verte. Quero a paz.

Eu lhe disse:

-Te levante e parte agora mesmo por essa porta; do contrário, também poderão dizer de mim que sou um hipócrita.

-O que quer dizer? –perguntou-me ele.

-Simplesmente, que vá –disse eu- E não volte a vista nunca mais para aqui. Será melhor que me ponha a salvo antes de que também me chame hipócrita .

-Mas eu vim a procurar a paz! –disse o homem.

-Te perca de vista: isso é tudo –disse eu- E vou perguntar te uma coisa: a quem perguntaste o modo de sofrer? Que gurú te iniciou na arte da agitação? A que ashram assististe para aprender a estar inquieto?

-Não fui a nenhuma parte –respondeu o homem.

Então eu lhe disse:

-É um sujeito tão preparado que até sabe te criar sua própria agitação mental. Então o que fica que te ensinar? seguiste um caminho para criar sua agitação: segue o caminho oposto e encontrará a paz. O que quer de mim? Não diga a ninguém que vieste para ver-me, nem por equívoco. Eu não tenho nada que ver com o que te passa!

-Rogo-te que me ensine o caminho para encontrar a paz –disse o homem.

-Está procurando caminhos para deixar de lhe agitar –lhe disse- Só há um caminho para alcançar a paz: estate em paz com a inquietação.

que aceita a inquietação em sua totalidade, que lhe diz: “Vêem, te aloje comigo. Sei minha hóspede nesta mesma casa”, descobre de repente que a inquietação o abandonou. Com a mudança de nossa atitude mental, a inquietação desaparece. Quando a gente aceita até a própria inquietação, sua mente se tranqüiliza. Como vai durar a inquietação se a mente está sintonizada com a paz?

Esta inquietação surge de uma atitude de não aceitação: inclusive da não aceitação da inquietação mesma. que diz que não quer aceitar a inquietação seguirá inquieto, pois essa mesma não aceitação é, em si mesmo, raspei-a do problema. Alguém diz: “Não quero aceitar a inquietação; não posso aceitar o sofrimento; não posso aceitar a morte; não posso aceitar a escuridão”. Muito bem: que não as aceite; mas seguirá rodeado de tudo o que não quer aceitar. Vejam, pelo contrário, o que passa quando aceitam, quando admitem algo que ninguém mais quer admitir. Descobrirão com grande surpresa que o que tinha por inimigo se converteu em seu amigo. Se convidarem a seu inimigo a que seja hóspede sua o que outra coisa pode fazer a não ser voltar-se seu amigo?

Se tiver passado três dias comentando com vós estas questões foi porque vi que tinham acudido aqui com o desejo de vencer à morte. Deviam acreditar que lhes ensinaria algum truque para não morrer nunca.

Um amigo tem escrito uma carta em que diz: vais ensinar nos a rejuvenescer nossos corpos? vais mostrar nos algum meio alquímico para nos voltar jovens de novo? Então valeria a pena gastar o dinheiro para ir ali.

Q

UIZÁS TENHAM VINDO VÓS também com a mesma idéia. Em tal caso, ficarão desiludidos, pois aqui lhes estou ensinando a arte de morrer. Digo-lhes: Morram! por que fugir da morte? Aceitem; lhe dêem a bem-vinda. E recordem que lhes estou entregando a chave mesma da vitória sobre a morte. Por muito que lhes submetam a um processo de rejuvenescimento, ainda terão que morrer. É seguro que o corpo morrerá.

O rejuvenescimento só pode atrasar um pouco mais a morte; é possível evitar assim a morte durante um pouco mais de tempo. Quão único supõe isto é que seus problemas se alargarão durante um período maior. Em vez de morrer depois de setenta anos, poderia morrer depois de setecentos anos. Os sofrimentos aos que de outro modo poderia ter dado fim ao cabo de setenta anos se alargariam durante setecentos anos. O que esperavam? Os males de setenta anos durarão setecentos anos. As disputas de setenta anos durarão até os setecentos anos. As disputas de setenta anos se alargarão durante setecentos anos: estenderão-se, multiplicadas, durante todo esse tempo. O que outra coisa esperavam que acontecesse?

Possivelmente não lhes tenha ocorrido, mas se de verdade lhes encontrassem com uma pessoa que lhes pudesse dar uma poção, lhes dizendo: “Tome isto e viverá setecentos anos”, vós lhe diria: “Espera um momento: deixa que o pense”. Não acredito que nenhum de vós se tomasse uma poção que alargasse a vida até os setecentos anos. O que querereria dizer isto? Quereria dizer: “Eu seguirei como sou. Este eu mesmo terá que viver setecentos anos”. E isso resultará muito custoso; teria graves conseqüências.

Se os cientistas descobrirem algum dia o modo de dar ao homem uma vida infinita (e este descobrimento não é impossível; não é muito difícil), então, recordem: a gente começará a busca um gurú que lhes ensine a morrer rapidamente. Assim como agora a gente procura gurús que sejam capazes de lhes rejuvenescer os corpos, a gente

procurará então a alguém que lhes ensine o segredo, a técnica da morte, para que não os possam liberar dela nem sequer os cientistas. Tentarão defraudar ao Estado livrando-se da vida.

Não compreendemos que uma vida larga não tem sentido. O sentido da vida se encontra em sua intensidade. Uma pessoa pode viver um só momento de uma maneira total, mais que o que pode alcançar outra em uma número infinito de vidas. É questão de viver, e só a pessoa que não tem medo à morte pode viver. Do contrário, como vai viver? O medo à morte faz tremer ao homem nunca está quieto; não deixa de correr.

advertistes que no mundo aumenta constantemente a velocidade? Tudo é veloz. O foguete é melhor que o carro de bois em certo sentido, pois o foguete pode nos levar mais depressa aos sítios; mas por que dar tanta importância à velocidade? Possivelmente não lhes tenham dado conta disso, mas a busca da velocidade por parte do homem é um intento de fugir de onde está. Onde está, está tão assustado, tem tanto medo, que quer partir. Parece-lhe que em qualquer outra parte estaria melhor que onde está.

Em toda a Europa e na América os fins de semana e as festas se converteram em uma grande moléstia. A gente se cansa mais nestes dias que em qualquer outro. O que querem é saltar ao carro e partir a toda pressa: a cem quilômetros, a duzentos quilômetros, a trezentos quilômetros, para fugir a uma paragem tranqüila, ao monte, a um povo de montanha, à praia. O que os move a partir tão depressa é que outros também correm, também têm pressa, e poderiam chegar antes ao mesmo sítio. Se lhes pergunta onde querem ir, não sabem. Mas uma coisa é segura: querem afastar do lugar onde estão; querem afastar-se de sua casa, de sua mulher, de seu trabalho.

O homem é incapaz de viver, por isso corre tanto de um lado a outro. Quer ter veículos cada vez mais potentes para correr mais. Lhe perguntem onde vai, onde quer ir, e lhes responderá: "Não lhe posso dizer isso agora mesmo, não tenho tempo. Tenho que chegar logo... temos que chegar à Lua; temos que chegar a Marte". Passamos correndo toda nossa vida. Do que fugimos? O que temos, por uma parte, ser incapazes de viver plenamente; e, por outra parte, o medo à morte é iminente, está presente? Ambas as coisas estão conectadas entre si. O homem que tem medo à morte não será capaz de viver sua vida: seguirá com o temor à morte. Então que solução há?

Perguntam-me: "Que solução há? Que remédio temos?" Eu lhes digo: aceitem a morte. Convidem à morte e digam: "Adiante, preocuparei-me da vida mais tarde: vêm você primeiro. Deixa que termine contigo primeiro para que possa deixar resolvida a questão de uma vez por todas. Depois viverei a gosto. Primeiro vou ocupar me de ti, e depois me assentará a viver comodamente". A meditação é o meio para aceitar a morte com esta atitude. A meditação é o meio, a meditação é a solução que permite transmitir à morte tal convite. que aceita a morte deste modo se detém imediatamente. Sua velocidade desaparece.

Observaste-lo alguma vez? Quando estão zangados e vão em bicicleta, pedalam mais depressa. Quando estão zangados e conduzem um automóvel, pisam mais o acelerador. Os psicólogos dizem que os acidente de automóvel não se devem ao mal estado das estradas a não ser à pessoa que pisa no acelerador: algo anda mal nessa pessoa. Tem os dentes apertados com ira e está pisando mais o acelerador, e de algum jeito deseja ter um acidente. Está cheio do desejo de se chocar com algo. A vida lhe parece tão monótona e tão inútil que quer lhe dar um pouco de emoção, um pouco de variedade, embora só seja chocando-se com algo, a falta de outra coisa. Acredita que isso o emocionará, fará-lhe sentir-se bem. Parece-lhe que terá a satisfação de saber que em sua vida aconteceu algo, que esteve totalmente vazia.

Na Europa e na América muitos criminosos declararam ante os tribunais que não tinham nada contra a pessoa a que mataram: quão único queriam era ver seus nomes em letras de molde, e aquela era a única maneira a seu alcance. O nome de uma boa pessoa não aparece nunca nos periódicos: ali só lerão os nomes dos assassinos e dos criminosos. Existem dois tipos de assassinos: os que cometem um único assassinato por causas pessoais e os que cometem assassinatos coletivos, os políticos. Só os nomes destes aparecem nos periódicos; outros é como se não existissem. Embora sejam bons cidadãos, seu nome não figurará nos periódicos; mas se derem uma punhalada a uma pessoa, sairão nos titulares.

Um criminoso confessa ante o tribunal: "Não tinha nenhuma inimidade contra aquela pessoa: não tinha visto nunca a aquele homem. Só lhe vi as costas e lhe cravei uma faca. Quando brotou o sangue da vítima, eu senti a satisfação de que por fim tinha feito algo do que falaria a gente. De que minha vida não tinha passado em vão. O caso aparece em todos os periódicos. Os tribunais, os juizes e os advogados importantes vestidos com togas negras discutem meu caso com toda seriedade. Quando vejo tudo isto, parece-me que também eu tenho feito algo, que não sou uma pessoa corrente".

A pessoa que foge a morte, temente a morte, ficou-se tão frustrada, tão triste e aborrecida, que está disposta a fazer algo. Mas o único que não faz é dar a bem-vinda à morte. Assim que uma pessoa dá a bem-vinda à morte, assim que aceita a morte, abre-se em sua vida uma porta nova, uma porta que o conduz até o divino.

No exterior do templo de Deus está escrita a palavra "Morrám", enquanto que dentro transborda o rio da vida. A gente vê o letreiro que diz: "Morrám" e volta atrás. Ninguém entra. É uma idéia muito boa, uma idéia muito inteligente; do contrário, haveria uma multidão fora e seria difícil viver. Por isso, no exterior do templo da vida há um letreiro que diz "Morra". Os que se assustam ao vê-lo, fogem. Por isso lhes hei dito que terá que aprender a morrer.

O maior secreto da vida é aprender a morrer, aprender a aceitar a morte. Deixem que mora o passado todos os dias. Morramos todos os dias. Não estamos deixando que mora o passado de ontem. O homem de setenta anos mantém vivos as lembranças felizes de sua infância. Sua infância não morreu ainda. O homem ainda conserva o desejo de retornar a sua infância. É tão velho que não pode mover-se, que está acamado, mas sua juventude não morreu ainda. Ainda pensa nas mesmas coisas. As imagens se seguem movendo ante seus olhos. Nunca aprovimos o valor de morrer, nunca deixamos que mora nada, e, em consequência, tudo se amontoa. Não deixamos o morto por morto; pelo contrário, acumulamo-lo como uma carga pesada, e então resulta impossível viver sob seu peso. Assim, uma das chaves da arte de morrer é esta: deixem o morto por morto.

Uma vez que Jesus passava junto a um lago aconteceu um incidente maravilhoso. Era de madrugada. O sol estava a ponto de sair e o horizonte acabava de avermelhar-se. Um pescador tinha arrojado sua rede ao lago para pescar. Quando começou a tirar a rede, Jesus pôs sua mão no ombro do pescador e lhe disse:

-Meu amigo, quer passar toda a vida pescando peixes?

O pescador já se expôs esta questão muitas vezes. Há alguém que não a exponha? Naturalmente, os peixes podem ser distintos, a rede pode ser distinta, o lago pode ser distinto, mas de todas maneiras se expõe a pergunta: "Tenho que passar toda minha vida pescando peixes?"

O pescador se deu a volta para ver quem era o homem que o fazia a mesma pergunta que ele se expôs. Olhou ao Jesus. Viu seus olhos serenos e alegres, sua personalidade. Disse-lhe:

-Não tenho outra possibilidade. No que outra parte poderei encontrar um lago? No que outra parte poderei encontrar peixes e arrojar a rede para pescá-los? Eu também me pergunto se seguirei pescando peixes o resto de minha vida.

Então disse Jesus:

-Eu também sou pescador, mas arrojarei minha rede em outro mar. Vêem, me siga se quiser; mas recorda: só o homem que tem valor para renunciar a sua rede velha pode arrojar uma rede nova. Deixa atrás a rede velha.

O pescador devia ser homem valoroso. Há muito pouca gente valorosa como ele. Deixou ali mesmo sua rede cheia de peixes. Deveu lhe passar pela mente o desejo de recolher, ao menos, a rede que já tinha enche, mas Jesus lhe disse:

-Só podem arrojar sua rede ao novo mar os que têm valor para deixar atrás a rede velha. Deixem a rede ali mesmo.

O pescador deixou sua rede e lhe perguntou:

-Me diga onde devo ir?

Parece homem valente! -disse Jesus- Tem capacidade para chegar a alguma parte. Vêem comigo!

Quando se aproximaram dos subúrbios do povo, chegou ante eles um homem que corria. Este deteve o pescador e lhe disse:

-Onde vai, louco? Seu pai, que estava doente morreu. Onde estava? Fomos te buscar ao lago e ali encontramos sua rede. Onde vai?

O pescador disse:

-Rogo-te que me conceda alguns dias para enterrar a meu pai e celebrar seu funeral. Depois voltarei para seu lado.

As palavras que respondeu Jesus ao pescador são enormemente maravilhosas. Disse-lhe:

-Néscio, deixa que os mortos enterrem aos mortos! Que necessidade tem que vá? Vêem. me siga. que morreu já está morto; por que incomodar-se sequer em enterrá-lo? Não são mais que truques para mantê-lo vivo. que já morreu, morreu para sempre. E há muitos mortos no povo. Eles enterrarão ao morto. Você vêem comigo.

O pescador duvidou um momento. Observando-o, Jesus lhe disse:

-Possivelmente te julguei mal quando acreditei que foi capaz de deixar sua rede velha.

O pescador se deteve um momento e, depois, seguiu ao Jesus. Jesus disse:

-É homem valente. Se for capaz de deixar atrás aos mortos, pode alcançar verdadeiramente a vida.

E

N REALIDADE, DEVE SOLTAR-SE TUDO o que morreu no passado.

Sentam-lhes em meditação, mas sempre vêm logo a me dizer que nunca dá resultado, que lhes seguem chegando pensamentos. Os pensamentos não chegam assim; a questão é: chegastes a deixá-los? Sempre seguem obstinados a eles, como lhes jogar a culpa? Se um homem tiver um cão, dá-lhe de comer, tem-no pacote em sua casa, e de repente um dia o solta, joga-o à rua, e o pobre cão volta uma e outra vez ao homem, teria a culpa o cão?

Todos estes dias destes que comer ao cão, acariciaste-lo, deste-lhe carinho, jogastes com ele, puseste-lhe um colar ao pescoço, tiveste-lo em sua casa. E de repente decidem meditar e dizem ao cão que se largue. Como pode ser? O pobre cão não tem idéia do que lhes passou que uma maneira tão repentina, de modo que se dá algumas voltas e volta para vós. Acredita que possivelmente estejam jogando com ele; por isso, quanto mais insistem em jogá-lo, mais brincalhão se volta, mais volta para vós. Parece-lhe que está acontecendo algo novo, que possivelmente o amo esteja de bom humor, e por isso se interessa cada vez mais pelo jogo.

Vêm a me dizer que os pensamentos não lhes deixam. Como vão deixar lhes? Alimentaste-los que seu próprio sangue. Ataste-los a vós mesmos; puseste-lhes um colar ao pescoço, com seu nome. Digam a alguém que o que pensa está equivocado: saltará contra vós, dizendo: "O que quer dizer?, o que o que penso está equivocado? Meus pensamentos não podem estar equivocados nunca!" De modo que o pensamento, que leva um colar com seu nome, volta para vós. Como vai ou seja seu pensamento que estão meditando? Dizem a seu pensamento: "Fora daqui! Comprido!" Mas o pensamento não se vai de qualquer jeito.

Alimentamos aos pensamentos. Alimentamos os pensamentos do passado, atamo-los a nós mesmos. Mas um dia, de repente, querem que lhes deixem. Não lhes deixarão em um só dia. Terão que deixar de lhes dar de comer, terão que deixar de cuidá-los.

Recordem: se querem deixar os pensamentos, deixem de dizer: "Meus pensamentos". Como poderão deixar algo que consideram seu? Se querem lhes tirar de cima os pensamentos, deixem de lhes interessar por eles. Como vão partir a não ser que deixem de interessados por eles? De outro modo, como vão ou seja que vós trocastes, que já não lhes interessam?

Tudas nossas lembranças do passado são pensamentos. Estamos-nos aferrando a toda uma rede deles. Não lhes permitimos morrer.

Deixem morrer seus pensamentos. Deixem morto o que está morto: não tentem mantê-lo vivo. Mas o estamos mantendo vivo...

Também isto forma parte da arte de morrer. Mantenham também presente esta chave: se querem aprender a arte de morrer, deixem o morto por morto. Nem sequer

faz falta que o conservem em sua memória. Ihe digam adeus, deixem partir. Ontem terminou ontem, agora já não existe; mas, apesar disso, mantém sua presa sobre nós.

Há outra pequena pergunta. Um amigo perguntou: O que é uma mente cheia de ilusões? O que é uma mente muito confusa? O que é a claridade mental?

D

EBEMOS COMPREENDER ISTO, pois será útil para a meditação, assim para aprender a arte de morrer. formulou uma pergunta muito significativa. Pergunta: "O que é uma mente confusa?" Mas aqui cometemos um engano: Dizemos "mente agitada". Aqui se encontra o engano. Qual é o engano? O engano é que estamos utilizando duas palavras ("mente" e "confusa"), e a verdade da questão é que não existe a mente confusa. Em realidade, o estado mesmo de confusão é a mente. Não existe uma mente confusa. A mente é confusão.

Não se trata de que a mente possa tranquilizar-se: a mente é, em si mesmo, a intranquilidade. E quando não há confusão, não se trata de que a mente se tranquilizou: é que a mente desapareceu.

Imaginar, por exemplo, que há uma tormenta no mar, que o mar está agitado. Diria que se trata de "uma tormenta agitada"? Diria alguém que é "uma tormenta agitada"? Lhes limitaria a dizer que é uma tormenta, pois, "tormenta" já é, de dele, sinônimo de "agitação". E quando se sossega a tormenta, dizem que a tormenta se ficou tranqüila? Quão único dizem é que a tormenta já não existe!

Para compreender a mente, recordem também que "mente" não é mais que um sinônimo de "confusão". Quando se faz a paz, não é que a mente se ficou em paz, a não ser, mas bem, que a mente já não existe absolutamente. Aparece um estado de n-mente. E quando já não existe a mente, então o que fica chama atman. O mar existe mesmo que não há tormenta. Quando desaparece a tormenta, fica o mar. Quando a mente confusa deixa de existir, o que fica é o atman, a consciência.

A mente não é uma coisa, não é mais que um estado de confusão, uma estado de desordem. A mente não é uma faculdade, não é uma substância. O corpo é uma coisa, o atman é outra coisa, e a falta de paz entre ambos se chama mente. Em estado de paz fica o corpo, fica o atman, mas já não há mente.

Não existe uma mente tranqüila. trata-se de um engano de expressão, devido à língua que nos criamos. Falamos de "um corpo doente", de "um corpo são". Isto é correto. Existem corpos doentes, claro está, e também existem corpos sãs. Ao desaparecer a enfermidade, fica um corpo são. Mas não é assim no caso da mente. Não existe "uma mente sã" e "uma mente doente". A mente é, por si mesmo, doente. Sua mesmo ser é a confusão. Seu mesmo ser é insalubre. Sua mesmo ser é uma enfermidade.

Não perguntem, pois, como podem liberar à mente da confusão, pois, como podem lhes liberar desta mente? Perguntem como pode morrer esta mente. Perguntem como podem eliminar esta mente. Perguntem o que podem fazer para que a mente deixe de existir.

A meditação é um meio para acabar com a mente, para despedir-se da mente. A meditação significa sair da mente. A meditação significa apartar-se da mente. A meditação significa a cessação da mente. A meditação significa apartar-se de onde reina a confusão. Ao nos apartar da confusão, a confusão se aquieta, pois o que a cria é nossa própria presença. Se nos apartarmos, deixa de existir.

Suponhamos, por exemplo, que duas pessoas têm uma briga. Você vieste a brigar comigo e estamos brigados. Se eu me apartar, como poderia continuar a briga? Cessaria, pois só pode continuar se eu participar dela. Vivemos em um plano mental; estamos pressentem ali onde reina a desordem, onde se produzem as agitações. Não queremos nos apartar dali, mas queremos levar ali a paz. Ali não pode haver paz. Tenham a bondade de lhes apartar: isso é tudo.

Assim que lhes apartem, a agitação cessará. A meditação não é uma técnica que sirva para levar a paz a sua mente; é, mas bem, uma técnica para lhes apartar da mente. A meditação é um meio para fugir, para lhes afastar das ondas da confusão.

Outro amigo formulou uma pergunta relacionada com a anterior. Também seria bom entender isto. perguntou: Que diferença há entre estar em meditação e praticar a meditação?

E

S A MESMA DIFERENÇA que já lhes estou explicando. Se uma pessoa está praticando a meditação, está tentando apaziguar uma mente confusa. O que fará? Tentará tranquilizar sua mente. Quando uma pessoa está em estado de meditação, não está tentando tranquilizar sua mente, mas bem, está apartando-se dela.

Se o sol apertar muito, se for insuportável, podem ver que um homem abre sua sombrinha; e as sombrinhas se podem abrir ao sol e a gente pode refugiar-se em sua sombra ou sob qualquer outra sombra para proteger-se. Mas não é possível abrir uma sombrinha dentro da mente. O único amparo possível seria um pensamento, e estes não trocam nada. Seria como se um homem tentasse permanecer sob o sol com os olhos fechados pensando que tem uma sombrinha sobre a cabeça e que não sente calor. Mas terá que sentir calor. O homem tenta fazer algo, tenta refrescar o sol. Tenta "praticar" a meditação. Mas há outro homem que, quando faz sol, limita-se a levantar-se, a passear-se por sua casa e a relaxar-se. Não se esforça por refrescar o sol: limita-se a apartar do sol.

Praticar a meditação significa fazer um esforço, um esforço por trocar a mente. E estar em meditação significa não fazer nenhum esforço por trocar a mente, a não ser passar dentro em silêncio.

Devem ter em conta a diferença entre ambas as coisas. Se fizer um esforço por meditar, a meditação não se produzirá alguma vez. Se tentam fazer um esforço lhes forcem, decidem-lhes a acalmar sua mente aconteça o que acontecer, não dará resultado, pois, ao fim e ao cabo, quem estará fazendo tudo isto? Quem estará dando essas amostras de decisão? Quem, a não ser vós?

Já estão confusos, inquietos do primeiro momento. Tentam lhes acalmar: isto significa que lhes buscam um novo problema. Estão sentados em tensão, dispostos, esquecendo-o tudo. quanto mais rígidos lhes põem, quantas mais dificuldades lhes encontram, mais tensos ficam. Este não é o caminho. Eu lhes peço que meditem porque a meditação é relaxação. Não têm que fazer nada: simplesmente, lhes relaxar.

Procurem entendê-lo. me deixem que lhes explique isso um pouco melhor com um pequeno exemplo. Utilizem como critério último. Um homem nada no rio. Diz que quer alcançar a outra borda. A corrente do rio é forte e ele agita os braços e as pernas tentando avançar a nado. cansa-se, fatiga-se, está esgotado, mas segue nadando. Este homem se está esforçando. Nadar é um esforço para ele. Praticar a meditação também é um esforço. Mas há outro homem. Em lugar de nadar, este se limita a flutuar. deixa-se levar pelo rio. Não agita os braços nem as pernas; simplesmente, deita-se no rio. O rio flui, e ele também flui. Não nada absolutamente, só flutua. Não faz falta nenhum esforço para flutuar; flutuar é um "não-esforço".

A meditação da que eu falo é como flutuar, não é como nadar. Observem a um homem que nada e a uma folha que flutua no rio. O prazer e a alegria da folha que frota não são deste mundo. Para a folha não há problemas, nem obstáculos, nem disputas nem moléstias. A folha é muito sábia. E no que se aprecia sua sabedoria? A folha é sábia porque tem feito do rio sua barco e agora navega sobre ele. A folha está preparada e disposta a ir ali onde queira levá-la o rio. Assim, a folha dobrou a força do rio. O rio não pode lhe fazer danifico porque a folha não luta contra o rio. A folha não quer oferecer nenhuma resistência; limita-se a flutuar.

Assim, a folha tem uma conformidade completa. por que? Porque agora procura estar conforme com o rio; limita-se a flutuar: isso é tudo. Que o rio a leve onde queira: assim seja. Tenham presente, pois, à folha que frota. Podem flutuar assim vós no rio da vida? Não deverão pensar sequer em nadar, nem sequer ter a sensação de que nadam; a mente não deve existir para nada.

observastes que um homem vivo se pode afogar em um rio enquanto que um morto flutua sobre a superfície? Ou perguntastes alguma vez no que consiste isto? O homem vivo se afoga, mas o morto não se afunda nunca. Sobe à superfície imediatamente. Qual é a diferença? O morto chega a um estado de não-esforço. O corpo morto não faz nada; não poderia fazê-lo embora quisesse. O corpo sobe à superfície e frota. O homem vivo se pode afogar porque o homem vivo faz um esforço por manter-se vivo. Ao tentá-lo, cansa-se, e quando se cansa se afoga. É sua luta o que o afoga, e não o rio. O rio não pode afogar ao homem morto porque este não luta. Como não luta, é impossível que fique sem forças. O rio não pode lhe fazer danifico. Por isso frota no rio.

A meditação da que lhes falo é semelhante a flutuar; não é semelhante a nadar. Têm que flutuar, simplesmente. Quando lhes digo que relaxem o corpo, quero dizer que têm que deixar que o corpo flutue. Então não mantêm nenhuma sujeição sobre o corpo; por conseguinte, não lhes atam à borda do corpo: soltam-no, flutuam. Quando lhes digo que soltem também a respiração, não lhes aferram à beira da respiração. Deixem também, flutuem com ela também. portanto, onde iremos? Se soltarem o corpo, passarão dentro; se lhes aferrarem ao corpo, sairão.

Como pode um entrar no rio se se aferrar à borda? Só poderá voltar para a borda. Se a gente deixar a borda, entrará diretamente no rio. assim, dentro de nós flui uma corrente de consciência divina, mas nos estamos aferrando à borda, à borda do corpo.

Soltem. Soltem também a respiração. Soltem também os pensamentos. Assim deixarão atrás todas as bordas. Onde irão? Começarão a flutuar em quão corrente flui dentro. que se deixa flutuar nessa corrente chega ao mar.

A corrente interior é como um rio, e o que se deixa flutuar nela chega ao mar. A meditação é como flutuar. que aprende a flutuar alcança o divino. Não nadem: que nada se perderá. que nada conseguirá, como máximo, deixar esta borda e chegar à outra. O que outra coisa pode fazer? Que mais pode conseguir um nadador? Irá de uma borda à outra. Esta borda lhes permite sair do rio, como a outra. Uma pessoa pobre, depois de muito nadar, pode chegar a fazer-se rica, como muito, e nada mais. depois de nadar muito, um homem que se sinta em uma cadeira pequena pode chegar a sentar-se em uma poltrona do Delhi, acaso pode conseguir algo mais?

Esta borda do rio lhes permite sair do rio, igual à outra. A borda da Dwarka está tão separada do rio como a do Delhi: não há nenhuma diferença. O nadador só pode alcançar a borda. Mas e o que frota? Nenhuma borda pode deter o que frota, porque se deixou levar pela corrente. A corrente o levará. Levará-o e o fará chegar ao mar, com toda segurança.

A mente mesma é chegar ao mar: o rio se converte no mar e a consciência individual se converte no divino. Quando se perde uma gota no largo mar, alcança-se o significado absoluto da vida, a felicidade suprema da vida, a beleza máxima da vida.

O definitivo é isto: a arte de morrer é como a arte de flutuar. que está preparado para morrer não nada nunca. Diz. "me leve onde queira. Estou preparado!".

Todo aquilo do que falei nestes quatro dias esteve relacionado com isto. Mas alguns amigos acreditaram que eu me limitava a responder a perguntas. Têm-me escrito uma e outra vez: "Rogamo-lhe que diga algo por ti mesmo. Não te limite a responder a perguntas". Como se fora outro o que dava as respostas!

O problema é que se voltam mais importantes os cabides que as roupas que penduram delas. O que dizem é: "nos mostre as roupas. por que te incomoda em pendurar as de cabides?". Mas, em todo caso, o que é o que estou pendurando dos cabides? O que eu tenha que dizer o pendurarei dos cabides de suas perguntas. Mas assim são nossas mentes.

H

E OUVIDO CONTAR O SEGUINTE:

Havia um circo cujo proprietário estava acostumado a dar aos macacos quatro plátanos pela manhã e três pela tarde. Uma manhã aconteceu que não havia muitos plátanos no

mercado, de modo que lhes deu três plátanos. Os macacos de declararam em greve. Disseram:

-Isto não pode ser! Queremos quatro plátanos pela manhã.

-Darei-lhes quatro pela tarde –disse o proprietário-; tomem três agora.

Os macacos insistiram:

-Isto não tinha acontecido nunca. Sempre tínhamos recebido quatro plátanos pela manhã. Queremos quatro plátanos agora mesmo!

-Tornaste-lhes loucos? -disse o proprietário- De todas maneiras, receberão sete plátanos em total.

-Não nos interessam suas contas –insistiram os macacos- O único que nos importa é que recebemos quatro plátanos todas as manhãs. Queremos quatro plátanos agora mesmo!

L

VOS AMIGOS ME ESCREVEM CONSTANTEMENTE: “Rogamo-lhe que diga algo por ti mesmo. Não te limite a responder às perguntas”. E falarei, mas a questão é do que falarei? As perguntas me servem unicamente de cabides; penduro delas o que tenho que dizer. Posso falar ou posso responder às perguntas. Que diferença há? Quem falará? Mas lhes parece que devo dizer minhas próprias coisas, porque sempre receberam quatro plátanos pela manhã

Em cada retiro de meditação estava acostumada falar quatro discursos e quatro sessões de perguntas e respostas. Esta vez aconteceu que vós convertestes todas as reuniões em sessões de perguntas e respostas. Mas isto não troca nada. Tenham presente a conta dos sete plátanos. Somem. Não faz falta contar um a um, que haja quatro pela manhã e três de noite ou ao contrário. Eu lhes dei os sete plátanos. Se lhes fizerem uma confusão com a conta, podem passar por cima o importante. Por isso hei dito ao final que sete plátanos. Hei dito tudo o que tinha que dizer.

O autor

L

A MAIORIA DE NÓS vivemos nossas vidas no mundo do tempo, entre lembranças do passado e esperanças do futuro. Só estranha vez tocamos a dimensão intemporal do presente, em momentos de beleza repentina, ou de perigo repentino, ao nos encontrar com uma pessoa amada ou com a surpresa do inesperado. Muito poucas pessoas saem do mundo do tempo e da mente, de suas ambições e de sua competitividade, e ficam a viver no mundo do intemporal. E muito poucas das que assim o fazem tentaram compartilhar sua experiência com outros. A Tse, Gautama Buda, Bodhidharma... ou, mais recentemente, George Gurdjieff, Ramana Maharshi, J. Krishnamurti: seus contemporâneos tomam por excêntricos ou por loucos; depois de sua morte, chamam-nos “filósofos”. E com o tempo se fazem legendários: deixam de ser seres humanos de carne e osso para converter-se possivelmente em representações mitológicas de nosso desejo coletivo de nos desenvolver deixando atrás as coisas pequenas e o anedótico, o absurdo de nossas vidas diárias.

Osho tem descoberto a porta que lhe deu acesso a viver sua vida na dimensão intemporal do presente (há dito que é “um existencialista verdadeiro”), e dedicou sua

vida a incitar a outros a que encontrem esta mesma porta, a que saiam deste mundo do passado e do futuro e a que descubram por si mesmos o mundo da eternidade.

Osho nasceu na Kuchwada, Madhya Pradesh, na Índia, em 11 de dezembro de 1931. Desde sua primeira infância, o seu foi um espírito rebelde e independente que insistiu em conhecer a verdade por si mesmo em vez de adquirir o conhecimento e as crenças que lhe transmitiam outros.

depois de sua iluminação aos vinte e um anos de idade. Osho terminou seus estudos acadêmicos e passou vários anos ensinando filosofia na Universidade do Jabalpur. Ao mesmo tempo, viajava por toda a Índia pronunciando conferências, desafiando aos líderes religiosos a manter debates públicos, discutindo as crenças tradicionais e conhecendo pessoas de todas as classes sociais. Lia muito, tudo o que chegava a suas mãos, para ampliar sua compreensão dos sistemas de crenças e da psicologia do homem contemporâneo. A finais da década dos 60, Osho tinha começado a desenvolver suas técnicas singulares de meditação dinâmica. Diz que o homem moderno está tão carregado das tradições defasadas do passado e das angústias da vida moderna que deve acontecer um processo de limpeza profunda antes de ter a esperança de descobrir o estado depravado, livre de pensamentos, da meditação.

Ao longo de seu trabalho, Osho falou que quase todos os aspectos do desenvolvimento da consciência humana. destilou a essência de tudo o que é significativo para a busca espiritual do homem contemporâneo, sem apoiar-se na análise intelectual a não ser em sua própria experiência vital.

Não pertence a nenhuma tradição: "Sou o começo de uma consciência religiosa totalmente nova", diz. "Vos rogo que não me conectem com o passado: nem sequer vale a pena recordá-lo".

Seus bate-papos dirigidos a discípulos e a buscadores espirituais de todo o mundo se publicaram em mais de seiscentos volúmenes e se traduziram a mais de trinta idiomas. E ele diz: "Minha mensagem não é uma doutrina, não é uma filosofia. Minha mensagem é uma certa alquimia, uma ciência da transformação, de modo que só os que estão dispostos a morrer tal como som e a nascer de novo a um pouco tão novo que agora nem sequer o podem imaginar... só essas poucas pessoas valentes estarão dispostas a escutar, porque escutar será arriscado.

"Ao ter escutado, destes o primeiro passo para o renascer. De maneira que esta filosofia não lhes podem jogar isso por cima como um casaco para presumir. Não é uma doutrina em que podráis encontrar o consolo ante as dúvidas que lhes atormenta. Não, minha mensagem não é nenhuma comunicação oral. É algo muito mais arriscado. Trata nada menos que da morte e do renascer". Osho abandonou seu corpo em 19 de janeiro de 1990. Sua enorme comuna na Índia segue sendo o maior centro de desenvolvimento espiritual do círculo e atrai a milhares de visitantes de todo o mundo que vão para participar de seus programas de meditação, de terapia, de trabalho com o corpo, ou simplesmente para conhecer a experiência de estar em um espaço búdico.

OSHO COMMUNE International

17 Koregaon Park
Pune 411 011 (MS)
Índia
Lhe: + 91 (212) 628 562
Fax: + 91 (212) 624 181
Email:

Osho Internacional

570 Lexington Ave
New York. N.Y. 10022 USA
Email:
Phone: 1 800 777 7743 (USA only)

